

ALEXSANDRO DE SOUSA E SILVA

# A CÂMERA E O CANHÃO

CINEMA, REVOLUÇÃO E GUERRA  
EM CUBA E PAÍSES AFRICANOS

AC  
ACERVUS

© Alexsandro de Sousa e Silva, 2022

O autor do livro é integralmente responsável pela veracidade dos dados, pelas opiniões e pelo conteúdo do trabalho aqui publicado.

### **Editoração**

Alex Antônio Vanin

### **Revisão**

A revisão dos textos foi de responsabilidade do autor.

### **Projeto gráfico**

Acervus Editora

### **Capa**

Alex Antônio Vanin

### **Imagens da 1ª Capa**

*Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 663, 1974. Parte da cena final, com o bombardeio de Madina Boé, na abertura da edição sobre a Revolução dos Cravos, para recordar o que representou as forças portuguesas em África.

### **Conselho Editorial da Acervus Editora**

Ancelmo Schörner (UNICENTRO)

Eduardo Knack (UFMG)

Eduardo Pitthan (UFFS – Passo Fundo)

Federica Bertagna (Università di Verona)

Helion Póvoa Neto (UFRJ)

Humberto da Rocha (UFFS)

João Vicente Ribas (UPF)

Roberto Georg Uebel (ESPM)

Vinícius Borges Fortes (IMED)

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

S586c Silva, Alexsandro de Sousa e  
A câmera e o canhão [recurso eletrônico] : cinema, revolução e guerra em Cuba e países africanos (1960-1991) / Alexsandro de Sousa e Silva. – Passo Fundo: Acervus, 2022.  
30 MB ; PDF.

ISBN: 978-65-86000-98-6.

1. Cinema e guerra. 2. Cuba - Política e governo, 1960-1991. 3. Arte e a guerra. 4. Países africanos - Política e governo, 1960-1991. 5. Representação política. I. Título.

CDU: 930.9

---

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

### **ACERVUS EDITORA**

Av. Aspirante Jenner, 1274 – Lucas Araújo

Passo Fundo | Rio Grande do Sul | Brasil

Tel.: (54) 99686-9020

acervuseditora@gmail.com

acervuseditora.com.br

ALEXSANDRO DE SOUSA E SILVA

# A CÂMERA E O CANHÃO

CINEMA, REVOLUÇÃO E GUERRA EM CUBA  
E PAÍSES AFRICANOS (1960-1991)



PASSO FUNDO  
2022

À minha companheira Daniele Zaratini,  
À dona Ana (*in memoriam*), exemplo de vida,  
E a todas as lutadoras e lutadores sociais do mundo.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida, pois, sem ela, eu não teria condições nem a segurança necessária para seguir com a pesquisa em territórios tão distintos. Que esta instituição siga financiando projetos de investigação acadêmica, para que o país contribua científica e humanamente para o mundo.

Sou muito grato à profa. dra. Maria Helena Rolim Capelato por sua orientação segura e pela possibilidade oferecida de exercitar a liberdade de pensamento, algo tão caro a ela e seus alunos e alunas. À profa. dra. Leila Leite Hernandez (Universidade de São Paulo, USP), à profa. dra. Mariana Martins Villaça (Universidade Federal de São Paulo, Unifesp) e ao prof. dr. Ignacio Del Valle Dávila (Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA), pela leitura atenciosa do trabalho e pelas referências compartilhadas em anos de diálogo.

Do mesmo modo, agradeço aos diversos professores e professoras que me ajudaram a repensar muitos aspectos do livro e colabo-

raram de alguma forma para que eu pudesse seguir com o projeto: Marcos Napolitano (USP), José Francisco dos Santos (Universidade Federal do Oeste da Bahia, UFOB), Eduardo Morettin (USP), Lúcia Ramos Monteiro (Universidade Federal Fluminense, UFF), Carolina Amaral de Aguiar (Universidade Estadual de Londrina, UEL), Carlos Serrano (USP), Tania Macedo (USP e Centro de Estudos Africanos, CEA), Fátima Bueno (USP), Gabriela Pellegrino (USP), Stella Maris Scatena Franco (USP), Rodrigo Patto Sá Motta (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG), Marcelo Prioste (Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP), Emi Koide (Universidade Federal do Recôncavo Baiano, UFRB), Maurício Cardoso (USP), Rafael de Bivar Marquese (USP), João Felipe Gonçalves (USP) e Maria Ligia Coelho Prado (USP).

Colegas da pós-graduação, acadêmicos, acadêmicas e profissionais diversos na América Latina e na Europa também contribuíram com esse meu processo de enriquecimento intelectual, possibilitando o andamento dos trabalhos por meio de suas dicas, conversas, oportunidades de apresentação de trabalho, compartilhamento e correção de materiais: Adriano de Almeida Cardoso, Fábio Souza, Ângela Maria de Souza e Silva, Jorge Magner Lourenço, Adriano Sousa, Daniela Capelato, Helena Wakim Moreno, Izabel de Fátima Cruz Melo, Leonam Monteiro, Carlos Suarez, Natalia Christofolletti Barrenha, Fausto Barreira Filho (*in memoriam*), Arthur Lira, Cristina Beskow, Daniel Cunha, Som Sunar, Geraldo Santos, Anaís Farine, Flavio Kactuz, Iceu Carlos, Sebastien Pruvost, Emmanuel Vincenot, Felipe Solís Poblete, Paulo Cunha e Maria do Carmo Piçarra.

Às muitas instituições responsáveis pelo abrigo e cuidado de documentos impressos e audiovisuais, espaços de inquestionável relevância para a pesquisa no Brasil: Cinemateca Brasileira (SP),

que se recuperará, certamente, dessa crise que a abalou, Biblioteca do Museu Lasar Segall (SP), Biblioteca Florestan Fernandes (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP), Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), Biblioteca da Faculdade de Educação (FEUSP) e Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio).

Durante a pesquisa de campo em Guiné-Bissau, tive a grande sorte de contar com pessoas muito generosas que facilitaram meus trabalhos: Fatumata Ionton Camara (Ministério da Educação), Raul de Azevedo Pereira Neto (Instituto Politécnico Nova Esperança), Gahité Fofana (Centre de Ressources Audiovisuelles en Guinée, Guiné-Conacri, CRAG), Sana na N’Hada, Flora Gomes e Suleimane Biai (cineastas de Guiné-Bissau), Fernando Leonardo Cardoso (Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual, INCA), Isabelle Diris (Centro Cultural Franco-Bissau-Guineense, CC-FBG), Carlos Cardoso (Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral, CESAC), Albano Mendes (Museu Etnográfico Nacional), funcionários e funcionárias da Imprensa Nacional, em especial ao diretor-geral Simão Abina (INACEP), e dos Arquivos Históricos de Guiné-Bissau (INEP): meu muito obrigado. Estendo meus agradecimentos às acadêmicas e acadêmicos Juciele Oliveira, Catarina Laranjeiro, Víctor Barros, Rui Jorge Semedo e Julião Soares Sousa, as/os quais conheci em virtude dessa viagem.

Em Angola, o apoio foi fundamentalmente institucional e os trabalhadores e trabalhadoras desses espaços foram muito prestativos/as quando precisei. Meus agradecimentos à Biblioteca Nacional de Angola, Jornal de Angola, Televisão Pública de Angola (TPA), Instituto Angolano de Cinema e Audiovisual (IACA) e seu órgão, a Cinemateca de Angola. Da mesma forma, minha

gradidão aos relevantes profissionais, sempre muito atenciosos e generosos no compartilhamento de materiais: Wanda Lara (Associação Tchiweka de Documentação) e Nguxi dos Santos (produtor e histórico câmara da TPA). Também agradeço ao Alessandro, pela gentileza em me situar no universo social de Luanda.

Em Cuba, também fui bem amparado por profissionais de Havana: Lázara Herrera (Oficina Santiago Álvarez, do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos, ICAIC), Daymar Valdés, Mauro e demais funcionários e funcionárias da Cinemateca de Cuba, Juan Carlos Sardiñas López (Fundação do Novo Cinema Latino-americano), Ángel González (Hemeroteca de Casa de las Américas), Margarita (Biblioteca do Instituto Cubano de Rádio e Televisão, ICRT), equipes da Biblioteca Nacional José Martí e do Instituto da Amizade dos Povos (ICAP, antiga sede da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina, OSPAAAL), prof. Julio Cesar González Pagés, e as cineastas Carla Valdés (Cuba) e Marina Arango Valencio (Ministério de Cultura, Colômbia). A todos e todas os/as mencionadas, meu muito obrigado.

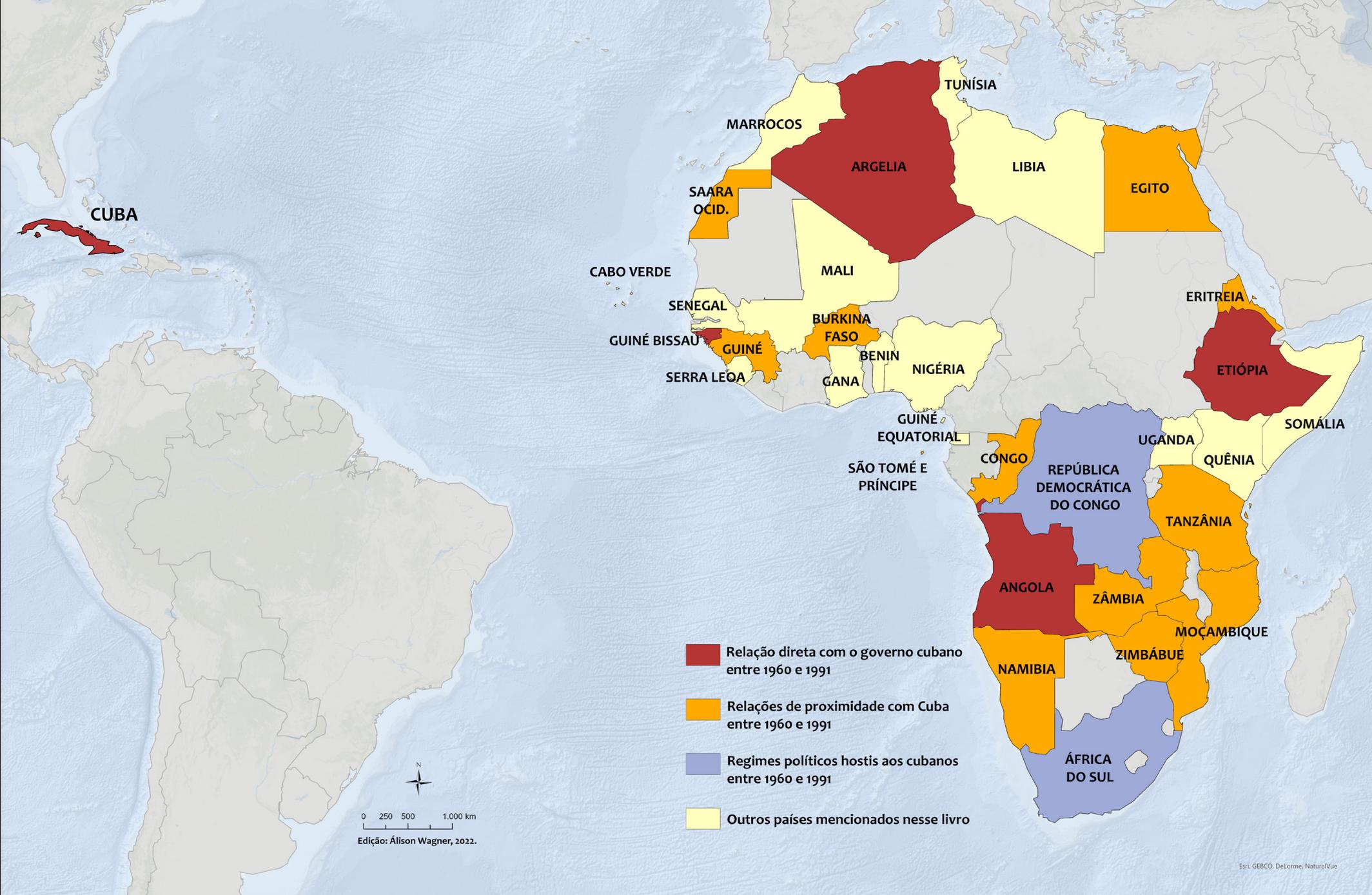
As conexões virtuais foram de grande valia para meu levantamento de bibliografias, por meio do acesso a textos internacionais, documentos digitalizados e audiovisuais. Instituições da Europa e Estados Unidos da América destacaram-se nesse quesito. Gratidão ao Institut National de l'Audiovisuel (INA), pela permissão ao acesso do conteúdo virtual, por meio do qual visualizei a maioria dos cinejornais cubanos e outros materiais audiovisuais. À Alexandra Elbakyan, criadora do *Sci-Hub*, e demais páginas virtuais congêneres pelo livre acesso a textos e livros que contribuíram para minha formação acadêmica e deram maior rigor ao texto. Também minha gradidão aos(às) responsáveis pela manutenção das páginas virtuais dos seguintes acervos: *Aluka Project*, *Jstor: Struggles for*

*Freedom*: <https://www.aluka.org/struggles>; Casa Comum, Fundação Mario Soares: <http://casacomum.org/cc/arquivos>; *Digital Archive International History Declassified Wilson Center: Cuba and Southern Africa*: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/collection/173/cuba-and-southern-africa>; *Estela and Ernesto Bravo Film and Video Collection in Digital Library of New York University*: [http://dlib.nyu.edu/findingaids/html/tamwag/tam\\_616/](http://dlib.nyu.edu/findingaids/html/tamwag/tam_616/) e *Mozambique History Net*: <http://www.mozambiquehistory.net/> (links acessados em: 25 mai. 2021).

Saudações aos e às colegas, amigos e amigas que tive no Curso Liberdade (Carapicuíba, SP) enquanto pré-vestibulando; na USP, como graduando e pós-graduando; nas universidades e espaços de investigação pelo mundo, na qualidade de investigador; nas escolas públicas de SP, no tempo em que fui professor; no Prestes Vestibulares (Carapicuíba, SP), na figura de coordenador e docente; e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Passos, como docente e pesquisador. Na reta final de produção deste livro, agradeço ao empenho de Alex Antônio Vanin, da Acervus Editora, e de Álisson Wagner Gomes da Silva, pelo mapa e a edição dos vídeos.

Quem vier a ler o presente trabalho e se recordar de algum contato comigo sobre o tema do livro, ou identificar material que tenha me indicado ou compartilhado, e não a/o tenha listado aqui, peço que se sinta contemplado/a nestes agradecimentos.

Por fim, agradeço à minha família: Ailton, Andreza, Manoel e dona Ana (*in memoriam*), que nos deixou durante a finalização deste trabalho. Também, sem dúvida alguma, à valiosa companhia de Daniele Zaratini, sempre presente em todas as fases, más e boas, de minha trajetória acadêmica-profissional e na elaboração deste livro.



Mapa elaborado por Alison Wagner a pedido do autor, com identificação dos principais países africanos que tiveram relações mediadas pela câmara e o canhão com o governo cubano de Fidel Castro entre 1960 e 1991.

Ao investigar a história não estamos passando em revista uma série de instantâneos, cada qual mostrando um momento do tempo social transfixado numa única e eterna pose: pois cada um desses instantâneos não é apenas um momento do ser, mas também um momento do vir-a-ser: e mesmo dentro de cada seção aparentemente estática, encontrar-se-ão contradições e ligações, elementos subordinados e dominantes, energias decrescentes ou ascendentes.

THOMPSON, E.P., *A miséria da teoria*, 1978.

Quantas sequências que parecem absurdas porque o trecho precedente do filme foi cortado! Esse filme desarticulado e parcelado, que não é senão a imagem de nossa ignorância, nós o transformamos, por uma formação deplorável ou viciosa, na imagem real da história da África tal como efetivamente se desenrolou.

KI-ZERBO, Joseph, *História Geral da África*, 1981.

## PREFÁCIO

O livro de autoria de Aleksandro de Sousa e Silva, que apresento aos leitores com grande prazer, é fruto de seu doutorado. Cabe informar, de início, que a pesquisa recebeu financiamento público do CNPq para sua realização. Ao se dedicar à análise da produção audiovisual sobre as ações do regime político de Fidel Castro em diferentes países da África entre 1960 e 1991, o historiador consolidou sua posição de especialista em história africana e latino-americana contemporâneas.

A investigação exigiu longa e minuciosa investigação presencial em arquivos e bibliotecas de São Paulo, Rio de Janeiro, Havana e em cidades africanas, ou seja, Luanda e Bissau. Além do material coletado em diferentes países, Aleksandro pesquisou, virtualmente, fontes em páginas com origem em Portugal, França e Moçambique.

Cabe salientar que, neste livro, o autor apresenta uma documentação inédita, que reúne um conjunto de películas de natureza diversa: ficções, documentários e cinejornais, além de revistas, roteiros e outras imagens. A partir do vasto material audiovisual,

Alexsandro mostra os vínculos do regime de Fidel Castro com movimentos de independência na África e com governos africanos.

Com o intuito de marcar a presença de Cuba no exterior, o governo cubano se valeu de cinejornais que mostravam, por exemplo, as viagens de Fidel Castro a países africanos e as visitas oficiais de líderes africanos a Cuba. Alexsandro procurou mostrar que as imagens cinematográficas, ou seja, o conjunto de filmes que foram produzidos pelos cubanos, tinham como objetivo fazer propaganda do regime socialista dentro e fora da ilha, entre outros interesses.

Através de um conjunto de documentários, ficções e cinejornais, realizados entre 1960 e 1991, o pesquisador procurou recuperar os contatos de Cuba com as regiões africanas a partir de imagens fílmicas, ou seja, partiu do pressuposto de que a produção audiovisual foi um meio expressivo para divulgar e legitimar as ações do regime de Fidel Castro nos países africanos.

*Maria Helena Rolim Capelato*  
Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	23
1. AS INTERSECÇÕES DA RELAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL ENTRE CUBA E PAÍSES AFRICANOS	41
2. A PRESENÇA CUBANA EM ÁFRICA: DO SAARA PARA O CONTINENTE	99
3. AS REPRESENTAÇÕES DA “LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA” NA DÉCADA DE 1970	159
4. CONFIGURAÇÕES AUDIOVISUAIS DAS “GUERRAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL” NA ÁFRICA AUSTRAL	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
REFERÊNCIAS	293
SOBRE O AUTOR	366



## APRESENTAÇÃO

Há 50 anos, em maio de 1972, Fidel Castro faria sua primeira viagem, junto a uma comitiva política e militar, rumo à Guiné-Conacri presidida à época por Ahmed Sékou Touré. O ato oficial teve cobertura cinematográfica à época, gerando alguns documentários cubanos e guineenses com narrativas oficiais. O governo cubano estava buscando reforçar laços diplomáticos com países do exterior após anos oferecendo assistência a movimentos de independência pelo continente africano e, no momento do deslocamento, o regime estava sob questionamento por parte de intelectuais estrangeiros em virtude de um caso grave de censura contra um poeta cubano em 1971. O entrecruzamento político e estético dos registros fílmicos de eventos como esse será o diapasão geral da presente publicação.

Este livro é resultado da tese de doutoramento “A câmera e o canhão: a circulação das imagens cinematográficas entre Cuba e países africanos (1960-1991)”, realizada entre 2016 e 2020 no Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da

Universidade de São Paulo, sob orientação da profa Maria Helena Rolim Capelato. À época, a pesquisa teve o financiamento do CNPq, fundamental para garantir o acesso a documentos de diferentes naturezas em distintos países.

O que o leitor e a leitora encontrarão nesta obra é uma história de constantes deslocamentos transatlânticos que desafia as lógicas nacionalistas e mesmo continentais de olhar o passado. Todo o desenvolvimento tem como base as análises de cinejornais, documentários, ficções e documentos impressos gerados a partir da produção e divulgação das obras audiovisuais, majoritariamente produzidos pelo governo cubano e suas forças armadas. Não se trata de esgotar o tema, mas de abrir novos caminhos que colocam interrogações sobre formas de representação de povos oprimidos.

O fundo histórico que possibilitou a produção fílmica e televisiva foi a intensa atividade cubana junto a movimentos de independência e governos estabelecidos no continente africano. Como principal mote dos vínculos, temos a questão militar. O governo de Fidel Castro prestou auxílio a diferentes grupos para combaterem forças de ordem colonialistas, inimigos políticos internos e regimes segregacionistas. Armas soviéticas e soldados cubanos foram os componentes mais relevantes mostrados no conjunto fílmico analisado, pois, onde havia um conflito armado com militares da ilha no apoio, geralmente havia uma câmera a fim de registrar as batalhas em imagem e som para uma variada produção audiovisual.

Duas instituições destacaram-se nesse processo. O ICAIC lançou diversas reportagens, exibidas no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, e documentários, com informações sobre distintos contextos africanos. Nomes como Santiago Álvarez, José Massip e Rigoberto López foram alguns dos responsáveis pelas narrativas ao longo de 30 anos. A segunda gira em torno da formação, con-

solidação e declínio dos Estúdios Cinematográficos das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (ECIFAR e, ao adentrar o mundo televisivo nos anos 1980, ECITVFAR), que teve no registro das atuações armadas em países africanos as principais produções de época. Diretores como Jorge Fuentes, Belkis Vega e Miguel Fleitas produziram considerável leva de ficções e documentários em torno da presença cubana em solos africanos. A maior parte das produções discutidas no livro é proveniente de ambos institutos.

Os *noticieros*, documentários e ficções constituem, portanto, os documentos históricos que privilegiamos ao longo do trabalho. Cada conjunto é predominante conforme a década. Nos anos 1960, os cinejornais foram a principal fonte audiovisual de informação sobre o que ocorria em países e colônias europeias em África, e seguiram com maior presença no contexto de independência em Angola em meados da década seguinte. Nesse mesmo período, consolidou-se gradativamente o polo cinematográfico dos militares e a produção de documentários sobre o continente africano. As ficções entraram em cena no último decênio estudado no livro, em especial com os ECITVFAR, que lançou telenovelas com episódios semanais, e o ICAIC, com um curta-metragem de animação (*N'Vula*, de Juan Padrón, 1981). Desse modo, percorremos grande parte desse acervo fílmico e procuramos apontar as principais características formais e políticas do material estudado.

Para a adaptação da tese para este livro, optamos por fazer as devidas correções, ajustes pontuais e trazer imagens em movimento que não eram possíveis disponibilizá-las no formato acadêmico convencional. Com a ajuda da Acervus Editora, procuramos tornar acessíveis outras imagens e cenas de alguns filmes e cinejornais estudados para fins de melhor exemplificação das reflexões realizadas em torno destes. O objetivo, evidentemente, não é violar o

direito das instituições produtoras, mas oferecer uma visão melhor documentada das cenas descritas textualmente e até estimular a que leitores e leitoras possam conferir as versões integrais do material mencionado.

Espero que a leitura seja-lhe aprazível e instigante, pois busquei descortinar uma rica história que ainda requer muito mais estudos e reflexões, ao invés de trazer a “palavra final” sobre o tema. Trata-se de um olhar cruzado entre América Latina e África, para além do fenômeno da escravidão mas sem desvencilhar-se dela.

*O autor*

# INTRODUÇÃO

A presente investigação analisa um conjunto de documentários, ficções e cinejornais, realizado entre 1960 e 1991, sobre os contatos de Cuba com regiões da África, a fim de compreender os significados das imagens fílmicas e discutir as relações estabelecidas entre os dois lados do Oceano Atlântico. A ideia principal que orienta nosso trabalho parte do pressuposto de que a produção audiovisual foi um meio expressivo para a divulgação e legitimação, na ilha e no exterior, das ações internacionais do regime político de Fidel Castro, processo histórico marcado por convergências e contradições entre este governo e diferentes grupos políticos africanos.

Os filmes, reportagens e séries para televisão construíram narrativas com o intuito de atribuir protagonismo ao Estado cubano e aos agrupamentos que o apoiavam. Houve atuação internacional de Cuba em alguns campos que tiveram grande repercussão, como a cooperação no âmbito educacional e na área médica. A filmografia, no entanto, deu maior destaque para o campo militar e às justificativas ideológicas para o combate ao colonialismo e ao “imperialismo”, isto é, às potências capitalistas, com intuito de conquistar

legitimidade nacional e internacional ao projeto político cubano de expansão e consolidação do socialismo.

O recorte temporal proposto neste livro tem como balizas obras fílmicas produzidas entre 1960, quando houve o predomínio de cinejornais, e 1991, com a preponderância de documentários e ficções. Nesse período, os cubanos buscaram contato com diversos países da África, e os principais intercâmbios foram realizados, em diferentes fases, com Argélia, Guiné portuguesa (Guiné-Bissau após 1974), Angola e Etiópia. Para melhor compreensão desses vínculos internacionais, dividimos o período em três momentos.

No primeiro, o governo cubano elegeu como principal interlocutora a Frente Nacional de Libertação (FLN) argelina. Os laços duraram, com maior intensidade, entre 1960, quando se iniciaram efetivamente as ações do governo revolucionário caribenho em apoio à guerrilha, até 1965, com o golpe militar que depôs o então presidente Ahmed Ben Bella, que havia assumido o cargo poucos anos após a independência da Argélia (1962) e de ocupar o posto de primeiro-ministro. Nessa conjuntura, houve contatos com o líder egípcio Gamal Abdel Nasser, bem como movimentos de independência em colônias e países subsaarianos. Além disso, Cuba marcou presença na “Guerra das Areias”, entre Argélia e Marrocos (1963), e na guerrilha do Congo-Léopoldville (1965).

O segundo momento se refere à ajuda cubana para a independência de Guiné-Bissau, entre 1965-1966 e 1974. A proximidade ganhou força com a participação de Amílcar Cabral, líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAI-GC), na chamada Conferência Tricontinental, em Havana (1966), e terminou com a emancipação guineense reconhecida por Portugal em 1974. Nesse período, Cuba enviou armas, combatentes e médicos para atuar nas “zonas libertadas” da então Guiné portu-

guesa, por meio dos países fronteiriços, principalmente Guiné-Conacri. Na mesma época, o regime cubano passou por turbulências internas, com consequências de ordem política, econômica e diplomática. Nesta circunstância, Fidel Castro foi obrigado a costurar novas (africanas) e reafirmar antigas (soviéticas) alianças internacionais.

No terceiro e último momento, Cuba ofereceu suporte de grandes proporções ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), desde a consolidação da independência em 1975, até a retirada dos soldados do país em 1991. Houve também participação cubana, entre 1977 e 1978, na Guerra do Ogaden ao lado de forças etíopes, contra os planos anexionistas da Somália. Os planos de cooperação civil e militar se estenderam, nesses dois países, até o final dos anos 1980. Angola exerceu papel importante na construção de uma nova rede “anti-imperialista” na África Austral, onde mobilizou, com auxílio castrista, forças militares em diversos países dessa região.

Em cada uma dessas fases, os vínculos não se restringiram aos mencionados países porque houve dinâmicas regionais próprias, retratadas nos audiovisuais em diferentes graus de publicidade. Os projetos dos militares cubanos em filmar as ações pelo continente africano tiveram grande importância para a construção de sentidos sobre esses contatos transcontinentais dentro do chamado Sul Global, demarcação geográfica e política dos territórios economicamente dependentes do Norte, muitos dos quais passaram e ainda passam por experiências de exploração colonial e neocolonial.

Neste livro, foram privilegiadas fontes audiovisuais de durações variadas, que mostram aspectos relevantes das relações entre Cuba e países africanos. As fontes primárias são compostas de cinejornais, documentários, animação e ficções; elas foram produzidas,

majoritariamente, nos dois principais polos de produção fílmica de Cuba: o ICAIC e os ECITVFAR.<sup>1</sup>

O ICAIC foi o principal responsável por gerir filmes na ilha, em diferentes formatos (curtas, médias e longas metragens). Cabe ressaltar que o Instituto, criado em 1959, foi a primeira instituição cultural do novo regime. Desde então, gerações de intelectuais e artistas fizeram carreira, dirigiram películas e alimentaram frequentes debates.<sup>2</sup> Devido à sua importância e longevidade, o Instituto é objeto de muitas pesquisas. Nesse sentido, compartilhamos as preocupações do crítico cubano Juan António García Borrero (2001) em sua observação sobre esses estudos, chamados por ele de “*icaicentristas*”, e a necessidade de destacar o “*cine submergido*”, isto é, a produção fílmica pós-1959 à margem da instituição (p. 11). Para ampliar a abrangência desta investigação, portanto, incluímos a cinematografia militar.

Os ECITVFAR também tiveram uma longa trajetória na ilha. Sua origem remete à Seção de Cinema do Departamento de Cultura do Exército Rebelde, que durou de 1959 a 1962, período no qual foram lançados curtas-metragens documentais. Em dezembro de 1961, os militares cubanos instituíram, dentro do recém-criado Ministério das Forças Armadas Revolucionárias (MINFAR), uma Seção Fílmica na qual formaram *corresponsales de guerra* e técnicos especializados em realização de filmes. Em 1962, iniciou-se a produção de curtas didáticos, em preto e branco inicialmente, e os cinejornais NOTIFAR.

A nomenclatura da instituição mudou para Estúdios Cinematográficos das FAR (ECIFAR) no final dos anos 1960, quando

<sup>1</sup> Na lista de fontes, elencamos os títulos identificados e os visualizados para esta pesquisa.

<sup>2</sup> Para uma história do ICAIC e sua relação com a política cultural do regime revolucionário cubano, cf. VILLAÇA, 2010.

já contava com uma considerável produção de documentários. Na década de 1980, passou a se chamar ECITVFAR; seu campo de atuação abrangue documentários e ficções voltados para a televisão. Os estúdios foram encerrados a partir do “Período especial em tempo de paz”, ou seja, durante a crise econômica da ilha no início dos anos 1990.<sup>3</sup>

Os cinejornais consultados fazem parte do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, o mais importante da América Latina, que possui 1.490 edições semanais e 3 extras. A direção institucional ficou a cargo do prolífico documentarista Santiago Álvarez, que revisou, segundo memórias de funcionárias/os do ICAIC, as versões finais de cada edição ao longo das décadas. O cineasta também foi responsável pela realização de mais de 500 edições (a maioria em toda a década de 1960); outros realizadores e realizadoras foram, por exemplo, Fernando Pérez, Miguel Torres e Vivian Argilagos a partir dos anos 1970. A narração em voz *over*, que remete à tradicional locução de notícias via rádio, possui certa uniformidade estilística ao longo dos anos, o que, junto ao labor dos diferentes realizadores, conferiu uma padronização a este audiovisual. Os *noticieros* têm, em média, 10 minutos de duração, excetuando as edições especiais com o dobro do tempo, e eram exibidos semanalmente, em preto e branco, antes de cada sessão de filmes em Cuba.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Segundo o catálogo da instituição, “*Dentre 1962 hasta 1981 se producen 219 filmes, entre estos 187 documentales y 32 filmes didácticos, además de la salida periódica de noticiero [NOTIFAR], revistas militares y programas FAR-VISION, como parte de su producción televisiva*”, além de séries documentais e ficcionais. Cf. ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISIÓN DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. XI. De acordo com Noguera (1999), os ECITVFAR “ *fueron desmantelados*” em 1993, “*a causa del ‘periodo especial’ [...] dando paso a TRIMAGEN, mediante la cual se producen materiales militares de uso interno, así como prestación de servicios a todo interesado que cubra los gastos en dólares*” (p. 452). Para este livro, fizemos as traduções para a língua portuguesa de excertos textuais em francês e inglês, e incluímos em nota de rodapé os respectivos trechos no idioma original.

<sup>4</sup> Os noticiários eram exibidos semanalmente porém, para facilitar a leitura deste traba-

Majoritariamente realizados pelo ICAIC e os ECITVFAR, os documentários catalogados constituem um repertório pouco explorado pela fortuna crítica. Além disso, incluímos os escassos títulos africanos dedicados a Cuba, geralmente com temática oficial. A produção documental cubana será, portanto, preponderante, uma vez que as cinematografias de África enfrentavam problemas estruturais para impulsionar a realização de filmes, abarcando temas cuidadosamente selecionados. A preocupação deste trabalho recai sobre as contradições e desencontros dentro do campo “anti-imperialista”. Por isso, não contemplamos a filmografia de nações e movimentos guerrilheiros alinhados com os Estados Unidos da América (EUA), como a África do Sul e a União pela Independência Total de Angola (Unita), que tocam em temas tratados na filmografia cubana mas por outro viés político-ideológico.

Abordaremos obras ficcionais lançadas pelos dois principais centros de realização em Cuba, isoladamente e em coproduções. As atuações conjuntas ocorreram entre si e com outras instituições, como o Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT) e o Laboratório Nacional de Cinema de Angola (LNC). Há também uma animação, *N'Vula* (Juan Padrón, 1981, ICAIC), que representa uma situação de guerra colonial em Angola.

Observando o conjunto das fontes audiovisuais por meio da cronologia disponível no Apêndice (“Filmografia Cuba-África, 1960-1991”), podemos assinalar que na década de 1960 houve uma prominência de cinejornais. Nos anos 1970, a quantidade de documentários e de reportagens cinematográficas cresceu, chegando ao seu ápice na segunda metade deste decênio. Já nos anos 1980, por

---

lho, apontamos ao longo dos capítulos os respectivos anos de exibição das edições. Quando tratarmos de questões pontuais, faremos indicações mais específicas, como a data da estreia da edição e o nome do/a realizador/a.

sua vez, constatamos a existência de um ciclo de obras ficcionais dedicadas a temas africanos, bem como sua redução nos *noticieros* e obras documentais. Os poucos títulos africanos que levantamos indicam momentos de maior proximidade da ilha caribenha com os regimes políticos de Argélia (1964, 1972 e 1973), Guiné-Conacri (1967 e 1972), Burkina Fasso (1987), Moçambique (1989) e Angola (entre 1977 e 1991).

Como fontes secundárias, recorreremos a diversos documentos impressos que nos ajudarão a mapear as principais questões políticas e a produção audiovisual, além de ações estatais no campo do cinema, como encontros de cineastas e exposições de filmes. Referimo-nos essencialmente a periódicos cinematográficos (em especial a revista *Cine Cubano*), jornais, catálogos de filmes e expedientes guardados em cinematecas. Essa documentação, acessada presencialmente em arquivos institucionais de Havana, Luanda, Bissau, São Paulo e Rio de Janeiro, ajuda-nos a inferir dados sobre as fontes audiovisuais inacessíveis. Virtualmente, acessamos materiais disponibilizados em outros países, como Portugal, França e Moçambique.

Este livro se propôs a analisar um conjunto substancial de obras fílmicas e está inserida em uma historiografia que se vale da análise fílmica como meio privilegiado para “apreender o sentido produzido pela obra” por meio da compreensão do “fluxo e refluxo” interno do filme (MORETTIN, 2011, p. 62). Apesar das relações entre Cinema e História não se resumirem a essa estratégia metodológica, recorreremos a ela porque tratamos de questões suscitadas a partir dos audiovisuais em foco.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Para uma historiografia selecionada das relações Cinema e História, cf. SORLIN, 1985; FERRO, 1992; NAPOLITANO, 2005; CAPELATO et al., 2011.

Esta preocupação nos leva a conferir a estrutura interna das fontes históricas, que orienta a disposição das imagens fílmicas e permite, a partir dela, traçarmos os elos com o recorte temporal proposto. Desta forma, discorreremos sobre os caminhos analíticos percorridos ao longo do texto para chegarmos a nosso objetivo.

Os cinejornais, ficções e documentários levantam questões e demandam formas analíticas específicas; evidentemente, não tratamos de explorar na falsa opção a “verdade” documental e a “falsidade” ficcional (NAPOLITANO, 2005). As leituras da realidade propostas pelas ficções estão articuladas com o *modus operandi* documental, com diversos pontos em comum na forma estética (câmera no ombro, *closes* das armas em posição de tiro, ponto de vista dos soldados, montagem hábil), pois as obras ficcionais chegaram à relação Cuba-África depois de uma produção consolidada de cinejornais e documentários.

Devido a essa proximidade estética e respeitando as particularidades formais de cada vertente, analisaremos as obras fílmicas de modo paralelo, dado o volume de material audiovisual e a necessidade de conferir a permanência de representações ao longo do tempo, com o objetivo de conferir as formas pelas quais a seleção e a organização das imagens pautam suas narrativas. Por esse motivo, imagens e excertos de filmes e reportagens foram escolhidos, analisados e eventualmente comparados com intuito de verificar a persistência de algumas representações.

Para fins de melhor desenvolvimento argumentativo, optamos por selecionar imagens e pequenas cenas das obras mencionadas, respeitando os direitos autorais, para apreender a composição interna do quadro e conferir como a montagem é atuante no material analisado. Devido a esta opção analítica, não analisaremos os filmes ou reportagens de maneira aprofundada e verticalizada,

para não haver desequilíbrio no estudo entre as fontes fílmicas em relação ao tema geral abordado.

No material analisado, a problemática da voz *over* se faz presente e, em alguns casos, ganha complexidade. Nos primeiros anos do cinejornal do ICAIC, o narrador conduz o olhar do espectador enquanto as imagens e as músicas são exibidas; com o crescente experimentalismo estético até o final dos anos 1960, ela sai de foco para, em meados dos anos 1970, retornar à orientação guiada dos relatos. O documentário segue a mesma tendência, de modo que a maioria dos filmes dos anos 70 e 80 é conduzida pelos comentários do narrador ou relatos em primeira pessoa. Dessa forma, fez-se necessário conferir as intervenções dessas vozes nas películas.

As fontes secundárias, por sua vez, darão respaldo às análises dos filmes, para conferir dados de audiovisuais inacessíveis (por meio de transcrições de diálogos e resumos, por exemplo) e trazer informações essenciais ao desenvolvimento do texto.

Para a livro, dialogamos com autoras/es que escreveram, a partir do final dos anos 1980, sobre as relações entre Cuba e os países africanos. Essa produção, com pouca presença de historiadores/as, está embasada em documentos produzidos pelo Estado, em memórias de sujeitos históricos e em periódicos. Esse é o caso de Carlos Moore, em sua obra *Castro, the Blacks and Africa* (1988), que apresenta uma memória crítica sobre o *não* lugar do negro na sociedade cubana e se refere às tensões que essa situação suscitou durante o estreitamento de laços oficiais do governo de Fidel Castro com países africanos.

No campo da ciência política, por sua vez, encontramos contribuições substantivas para o estudo do tema. Cabe mencionar como referência os livros do pesquisador ítalo-estadunidense Piero Gleijeses, em *Misiones en conflicto: La Habana, Washington y*

*África, 1959-1976* (2007, 1ª ed.: 2002) e *Visiones de Libertad: La Habana, Washington, Pretoria y la lucha por el sur de África (1976-1991)*, 2 tomos (2015a, 2015b, 1ª ed.: 2013). Valendo-se de fontes oficiais, periódicos e relatos de protagonistas, com predomínio de documentos dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, o autor apresenta dados até então inacessíveis, como informações privilegiadas sobre agentes históricos, informações sobre armamentos e deslocamentos de representantes diplomáticos, além de datas e locais precisos de determinadas batalhas.

Ambos os livros do cientista político foram publicados em Cuba, e cada um teve textos iniciais escritos por Jorge Risquet, que tratou de justificar com argumentos oficiais algumas passagens das respectivas obras. Ao longo do texto de *Misiones...*, o investigador mobiliza mais documentos do que em *Visiones...*, sendo que, em ambos os casos, as fontes cubanas foram autorizadas pelo governo com restrições, o que evidencia o cuidado com que o regime castrista trata a memória em torno da participação cubana das guerras africanas. De todo modo, os livros de Piero Gleijeses apresentam importantes elementos para quem estuda as relações transoceânicas entre Cuba e países africanos.

Alguns esforços superaram a falta de estudos sobre essas relações transoceânicas no âmbito cinematográfico. Mariana Villaça (2010), em sua obra sobre o ICAIC, apresenta sucintamente alguns vínculos entre cubanos e africanos ao tratar da questão negra em Cuba. Ao analisar a ficção *El otro Francisco* (Sergio Giral, 1973, ICAIC), por exemplo, a pesquisadora afirma:

Nos anos setenta, o negro era exaltado em Cuba como portador de uma bravura excepcional, decorrente da exploração escravista, como força produtiva (sem a qual Cuba jamais poderia ter se tornado

a primeira exportadora de açúcar) e como força militar (essencial nas guerras de independência do século XIX), num contexto em que esse apelo visava, também, atender aos compromissos militares assumidos pelo governo cubano na África em suas ações internacionalistas, a saber: o recrutamento e envio de tropas negras para Angola, a partir de 1975 (até 1988) e para a Etiópia, entre 1977 e 1979, em apoio a movimentos nacionais (p. 294).

Cabe, igualmente, mencionar o trabalho de Olivier Hadouchi (2012), que defendeu uma tese sobre os filmes “anti-imperialistas” em torno da “Tricontinental”. Para o autor, esse último termo significa não apenas o evento ocorrido em 1966, na cidade de Havana, mas “os ‘três continentes’ do terceiro mundo (África, Ásia e América Latina)” (p. 03, tradução nossa).<sup>6</sup> No entanto, o trabalho não leva em conta a complexidade das relações de Cuba com os países africanos, e nem mesmo a pretensão do regime castrista em querer intervir na correlação de forças entre URSS e EUA a partir daquele continente. Sem esse fundo histórico, carregado de tensões e disputas, não é possível compreender o significado da produção cubana durante o período em pauta.

Relevante também é a tese de Vella Voynova (2016) sobre o ICAIC. A autora procurou analisar o caráter “internacionalista” da instituição e seu papel na diplomacia cultural do regime cubano. Do ponto de vista das análises documentais, o trabalho careceu de aprofundamento e terminou por descrever algumas das relações internacionais do Instituto com países e movimentos estrangeiros.

<sup>6</sup> Excerto no original: « *Par l'expression 'tricontinentale', nous désignons les 'trois continents' du tiers-monde (l'Afrique, l'Asie et l'Amérique Latine), et surtout la Conférence de Solidarité Tricontinentale [...] qui devait renforcer l'unité du tiers-monde en lutte contre l'impérialisme, le colonialisme et le néo-colonialisme à l'échelle mondiale* ».

A partir desse levantamento bibliográfico, concluímos que o conhecimento sobre os filmes cubanos sobre África é muito limitado. Acreditamos que tal panorama possa ser explicado por duas razões.

A primeira é a ênfase dos estudos fílmicos sobre os “anos dourados” do ICAIC nos anos 1960. Nessa década, diversos filmes receberam o devido destaque pela ousadia formal e temática, como *Memorias del subdesarrollo* (Tomás Gutierrez Alea, 1968) e *Coffee Arábica* (Nicolás Guillén Landrián, 1968). Alguns diretores, como o próprio Alea e o documentarista Santiago Álvarez, tiveram projeção internacional com os prêmios obtidos na mesma década. Além disso, alguns temas receberam maior atenção oficial à época, como o ciclo de películas sobre os 100 anos do início da luta pela independência nacional, no qual destacamos os longas *Lucía* (Humberto Solás, 1968) e *La primera carga al machete* (Manuel Octavio Gómez, 1969).

Com o gradual fechamento político do regime ao longo da década, o caráter experimental dos filmes perdeu espaço, prevalecendo nas décadas posteriores obras alinhadas ao discurso oficial ou que passaram a abordar outras temáticas, sem avançar na ousadia estética. A maior parte da produção de documentários e ficções que analisamos foi realizada nesse período, quando os laços com regimes africanos foram ampliados e estreitados.

A segunda causa, e seguramente a principal, é a dificuldade de acesso aos filmes, séries e cinejornais. A produção fílmica dos ECI-TV-FAR é praticamente inacessível, e uma das razões foi explicada por Eduardo Nogueira (1999) nos seguintes termos: “*Al desaparecer estos estudios [1993], las copias de todos los films realizados fueron destruidas, dejando solamente una copia de archivo por película, situación que alarmó a muchos*” (p. 452).

O caso dos *noticieros* é igualmente emblemático. O Institut National de l'Audiovisuel (INA), órgão francês, está digitalizando as 1.493 edições desde 2013. Por se tratar de um processo demorado, trabalhoso, e por conta do estado das películas em Cuba, até a conclusão da pesquisa o acesso virtual aos materiais foi substantivo, porém incompleto. Isso pode explicar a ênfase dos estudos sobre filmes mais conhecidos e acessíveis, sobretudo obras dos anos 1960, quando se veiculou diversas matérias cinejornalísticas sobre contextos africanos. Tal obstáculo limitou a possibilidade de um olhar mais abrangente sobre o conjunto do cinema cubano.

Aos poucos retornam ou surgem investigações que destacam as conexões internacionais dos cinemas africanos. As obras de Guido Convents (2011), José Mena Abrantes (2015), Ros Gray (2015, 2016) e Filipa César, Tobias Hering e Carolina Rito (2017) dão alguns indícios sobre os trânsitos internacionais de cineastas de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, países nos quais Cuba teve sua importância. Este trabalho busca, portanto, contribuir para a melhor compreensão dos nexos internacionais de alguns regimes políticos africanos, por um lado, e, por outro, do próprio governo cubano.

Este livro se destaca no campo dos estudos sobre as relações internacionais entre Cuba e países da África por tratar de documentos fílmicos inéditos, de cinejornais a séries para televisão. A presença civil e militar no continente africano teve pouca atenção dos inúmeros autores que se dedicaram ao estudo da Revolução cubana de 1959 e ao regime de Fidel Castro, apesar de o continente africano ter sua importância geopolítica nos contatos com as demais regiões, como Europa e América Latina.

Um aspecto a ser considerado neste trabalho é a preocupação dos revolucionários de Cuba com o cinema desde os primeiros

meses de governo, uma vez que o ICAIC foi criado em março de 1959, para construção de narrativas autolegitimadoras sobre suas ações nacionais, além das esforços para a expansão do “anti-imperialismo” e, anos depois, também do “internacionalismo proletário”.<sup>7</sup> Estudar a presença cubana na África contribui para um novo olhar sobre a história do cinema daquele país. A desconstrução de imagens produzidas sobre países africanos representa um desafio, tendo em conta a experiência da escravidão na ilha e o problema do racismo, além de uma possibilidade de decifrar as lacunas e as tensões nessas imagens.

Dessa forma, esta pesquisa soma esforços para a reflexão crítica acerca das relações internacionais do continente africano com o socialismo internacional, movimento investigativo que vem ganhando espaço em distintas áreas do conhecimento nos últimos anos.<sup>8</sup> Por meio da reflexão da produção cubana sobre a África, almejamos compreender qual o lugar que o regime castrista buscava alcançar no contexto da chamada “guerra fria”.<sup>9</sup> Além disso,

<sup>7</sup> Entendemos “internacionalismo proletário” como a estratégia de países socialistas em criar um campo transnacional de ajuda mútua, civil e militar, com base nos pressupostos do marxismo de valorização da figura do “proletário” como agente principal da revolução, e também na aliança internacional com a União Soviética. No audiovisual cubano, a expressão ganha terreno a partir de 1972, quando Fidel Castro viaja por países africanos, Leste Europeu e URSS.

<sup>8</sup> Como exemplos, mencionamos filmes como *Cuba: uma odisséia africana* (Cuba, une odysée africaine, Jihan El Tahri, 2007, França), *Our Africa* (Alexander Markov, 2015, Rússia) e *Rostov-Luanda* (Abderrahmane Sissako, 1997, Angola, França, Alemanha, Maurítania); os estudos de Piero Gleijeses (2007, 2015a, 2015b); a mesa de debates “África e o socialismo” no evento “100 anos da Revolução Russa” (2017, Universidade de São Paulo, USP); a exposição *Red Africa: Things Fall Apart* (curadoria de Mark Nash 2016-2017, Inglaterra); e a mostra *África(s): cinema e revolução* (curadoria de Lúcia Ramos Monteiro, 2016, Brasil).

<sup>9</sup> É com ressalva que utilizamos o termo “guerra fria” para caracterizar o período 1945-1991. Como forma de reflexão sobre o contexto, citamos as linhas escritas pelo historiador Jean-Pierre Azéma (1996): “A Terceira Guerra Mundial – ao contrário do que temia a maioria dos franceses em 1946 – não ocorreu. Mas um instituto americano competente

buscamos entender de que forma esses documentos representaram a presença cubana nas lutas armadas anticoloniais, na consolidação e no apoio civil aos governos interlocutores. Levantamos alguns interesses, conflitos e contradições nas imagens apologéticas.

Interessa-nos compreender, ainda, como foi construída, em imagem e som, a inserção das regiões africanas no movimento mais amplo do “anti-imperialismo”. O projeto modernizador dos filmes cubanos vislumbra, muitas vezes, a transformação social de povos marcados pela ancestralidade e valores não ocidentais, e tal visão implica em construção de representações situadas histórica e ideologicamente. Em síntese, buscamos saber como essa “África” foi construída pela filmografia selecionada.

Procuramos mostrar em que medida os imaginários construídos sobre os povos africanos convergem com as propagandas políticas produzidas pelos movimentos próximos a Cuba. Para conferir legitimidade à posição anticolonialista e nacionalista, esses grupos políticos mobilizaram aspectos do passado, como os levantes sociais contra o colonialismo europeu. Na ilha, essas estratégias também foram usadas para justificar a consolidação do poder a partir de comparações entre experiências históricas diversas.

Procuramos, também, discutir as formas de exposição das manifestações artísticas e culturais referentes às sociedades africanas para o público cubano, majoritariamente afrodescendente. Apresentamos reflexões sobre o racismo na ilha e algumas apropriações que voluntários negros em África fizeram dos discursos oficiais,

---

na matéria registrou que entre 1945 e 1983 surgiram 130 conflitos armados que fizeram, por baixo, cerca de 20 milhões de mortos. Por certo, essas guerras são em geral chamadas de ‘periféricas,’ pois têm como teatro e como objeto de disputa os países do Terceiro e do Quarto Mundo. A violência foi apenas banalizada, sobretudo através do prisma dos meios de comunicação; e sabemos que, aqui e ali, a utilização sistemática desta ou daquela utopia religiosa ou cultural provocou e ainda provoca no momento atual uma ida total aos extremos” (p. 431-432).

uma vez que as autoridades políticas recorreram à memória nacional da escravidão quando buscavam legitimar a presença cubana no continente.

Mapeamos o elenco de responsáveis pela produção de imagens sobre a guerra: diretores, produtores, atores, cinegrafistas. Nesse último grupo, destacamos a figura dos *corresponsales de guerra*, que mediarão os contatos entre africanos de diversos países e o público cubano a partir de duas armas: a câmera e as armas.

A divisão dos capítulos foi estruturada de modo a abranger os principais aspectos dessas relações Sul-Sul. O primeiro capítulo é panorâmico e busca compreender determinados fenômenos históricos que relacionam diplomacia e cinema entre Cuba e países africanos nas décadas de 1960 e 1970, com algum alcance nos anos 1980. Trataremos de algumas práticas e representações do intercâmbio internacional, como as formas fílmicas das visitas oficiais, o trabalho dos *corresponsales de guerra*, os estereótipos sobre as culturas africanas e intercâmbios no campo cinematográfico.

O capítulo dois trata das relações políticas e cinematográficas no norte africano, com aberturas para incursões diplomáticas cubanas no lado subsaariano do continente, durante as décadas de 1960 e 1970. Os vínculos com Egito e Argélia, depois República do Congo, Congo-Léopoldville, Guiné-Conacri e Tanzânia serão objeto de atenção por meio de análises de *noticieros* e documentários. No período, ocorreu o início da expansão das “zonas de contato” (Mary Louise-Pratt) na África em uma etapa do desenvolvimento da “consciência planetária” (Edward Said), cujo ápice marcou os intercâmbios de Cuba com o governo argelino de Ahmed Ben Bella (1962-1965) e possibilitou a construção de redes de contatos para, posteriormente, viabilizar o suporte militar a outros grupos político e militares da região.

A problemática das representações dos “líderes revolucionários” nos anos 1970 será o principal tópico do terceiro capítulo. Elas marcam a consolidação da segunda etapa da presença cubana em África, durante o apoio à guerra de independência da Guiné-Bissau entre 1965 e 1974, e a transição para a terceira e última fase, no apoio cubano a Angola, de 1975 a 1991. Fidel Castro em Cuba, Amílcar Cabral na Guiné portuguesa, Mengistu Haile Mariam na Etiópia e Samora Moisés Machel em Moçambique foram objetos de configurações fílmicas em diversos *noticiários*, documentários e ficções, quando a produção buscou reforçar (ou questionar) o papel das lideranças na condução dos respectivos processos para a construção e a consolidação do Estado.

O quarto e último capítulo se dedica à presença cubana em Angola e na África Austral entre 1975 e 1991, período que abrange os governos de Agostinho Neto (1975-1979) e José Eduardo dos Santos (a partir de 1979). Como a produção fílmica sobre os temas africanos cresceu no período, abordaremos diversas questões, como a representação dos aliados e inimigos nas frentes de combate, a centralidade do aspecto militar nas narrativas, as formas de mobilização do passado, a questão do racismo na ilha e o apoio de Cuba no campo da educação a países do “Terceiro Mundo”. Encerraremos o capítulo com reflexões sobre as tensões sociais no pós-guerra, com o retorno dos soldados cubanos ao país.

# AS INTERSECÇÕES DA RELAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL ENTRE CUBA E PAÍSES AFRICANOS

Ao longo de décadas de relações políticas cubanas no continente africano, a produção audiovisual mediou os contatos e apresentou estratégias para a legitimação do regime de Fidel Castro dentro e fora do país por meio de ações conjuntas, circulação de imagens e ideias, e formação de quadros especializados. Neste capítulo, apresentamos um panorama sobre distintos níveis de aproximação transoceânica: viagens diplomáticas, repertório imagético, intercâmbio de filmes e de conhecimento técnico e de produção cinematográfica.

## 1.1. AS NARRATIVAS VISUAIS DAS VISITAS DIPLOMÁTICAS

Parte das edições do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* sobre questões da África retrata o trânsito de representantes do governo cubano e de líderes africanos que lutavam pela descolonização e pela construção do Estado nacional. O mapeamento desse duplo trânsito nos ajuda a mensurar a importância das relações internacionais



durante o regime de Fidel Castro e a compreender o significado dessa política externa nos primeiros trinta anos do governo revolucionário.

Existe uma convenção narrativa dos *noticieros* e documentários que exhibe rituais de Estado, a partir da recepção, trânsito e despedida de autoridades políticas estrangeiras. Com esse objetivo, exhibe-se a chegada do visitante na aterrissagem do avião até sua partida no mesmo veículo, ou seja, a moldura padrão dos relatos audiovisuais. A visita como um todo retrata gestos cordiais e harmoniosos por parte de representantes da nação anfitriã, sugerindo ambientes de prosperidade, paz e acolhimento.

Tais imagens podem ser interpretadas como publicidades das ações estatais. Maria Helena Capelato (2008), em sua pesquisa sobre a propaganda política, afirma que uma de suas características consiste em “transmitir a sensação de proteção que o governo oferecia” (p. 71). Com relação a essas cenas, o “espectador almejado” é o “povo”, que, por meio da grande tela, tem a sensação de proximidade com os líderes ao acompanhá-los nos percursos. Muitos regimes políticos recorreram a meios de comunicação de massa com a finalidade de “conquistar ‘corações e mentes’” para seus projetos de nação. A produção fílmica aqui referenciada buscou criar, por meio de uma “direção imposta” dos sentidos, um consenso social sobre a atuação do regime no exterior, em especial no continente africano.

O padrão narrativo apresentado é similar ao que orientou o documentário *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (Moussa Kémoko Diakité, 1972, Sily-Film), que exhibe a primeira viagem do líder cubano a Guiné-Conacri, país africano presidido por Sékou Touré, em maio de 1972 (Imagens 01-04).



## IMAGENS 01-04

Commandant  
Fidel Castro en  
République de  
Guinée.

(Moussa Kémoko  
Diakité, 1972, Sily-  
Film); início e final  
da visita do líder à  
Guiné-Conacri.

A padronização visual desses “rituais políticos”, nos termos evocados por Claude Rivière (1989), tornou-se convenção estética nos cinejornais e documentários, com a imagem do avião abrindo e encerrando as matérias. Ao exibir o veículo, é comum aparecer com destaque a nacionalidade da companhia aérea, seja soviética (como nas Imagens 01 e 03), cubana ou africana, com propósito de demonstrar ao público a autonomia tecnológica e a “eficácia” logística no campo “anti-imperialista”, em relação às potências capitalistas.

A celebração dessa “soberania dos ares” foi realizada no *noticiário* n. 27 (1960) por meio de uma curta matéria que noticiou a inauguração da linha aérea entre Havana e Praga: “[Que] *El mundo no sea tan ancho ni tan ajeno*”, diz a voz *over* enquanto o veículo sobrevoa a câmera. A matéria seguinte exibe a chegada de uma delegação da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN) a Cuba; ou seja, comemora-se a possibilidade de expansão e estreitamento de laços com o mundo.

Os noticiários registraram encontros entre lideranças cubanas e africanas desde o início dos anos 1960. Cabe mencionar, como exemplo, a viagem de Raúl Castro ao Egito de Gamal Abdel Nasser, e a presença de Fidel Castro ao lado de Nikita Krushev (URSS) e Kwame N’Krumah (Gana), quando estiveram em Nova Iorque para uma sessão da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1960. Dentre os presidentes africanos que visitaram Cuba, Sékou Touré, de Guiné-Conacri foi o primeiro a pisar na ilha, no mesmo ano, e o argelino Ahmed Ben Bella fez o mesmo dois anos depois. Nessa década, ambos foram retratados nos cinejornais pela cordial recepção por parte das altas autoridades cubanas.<sup>1</sup>

Representantes oficiais da Argélia, Egito, Marrocos, Mali, Congo-Léopoldville e Gana, em Cuba, tiveram presença registrada

<sup>1</sup> *Noticiário ICAIC Latinoamericano* n. 10, 18 e 20 (1960) e n. 124 (1962).

em outras edições do cinejornal. Essas mostras diplomáticas sintetizam a expansão da “zona de contato” de Cuba com o mundo africano na primeira metade da década de 1960.<sup>2</sup>

Reuniões do Movimento dos Países Não Alinhados e a organização da Tricontinental estão entre os encontros mais importantes entre autoridades cubanas e africanas mostrados nos *noticieros* no mesmo decênio. O presidente cubano Osvaldo Dorticós foi à Sérvia, na Iugoslávia, em 1961, e ao Cairo, em 1964, para participar das duas primeiras Conferências de Líderes de Estado ou Governo do Movimento Não Alinhado, onde esteve ao lado de diplomatas da Guiné-Conacri, Sudão e Etiópia.<sup>3</sup> A cobertura desses encontros, cuja importância em Cuba encontrará maior ressonância nos anos 1970 e 1980, foi curta e pouco comentada.

Por sua vez, a Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina, conhecida como Conferência Tricontinental, ocorreu em janeiro de 1966 na cidade de Havana e reuniu delegações estrangeiras, dentre elas grupos guerrilheiros africanos, para criar uma rede mundial nos “três mundos”.<sup>4</sup> Imagens do

<sup>2</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 20, 25 e 27 (1960), n. 48 (1961), n. 101 (1962), n. 164 e 165 (1963) e n. 240, 243, 246 274, 278 e 285 (1965).

<sup>3</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 66 (1961), n. 225 e 227 (1964). A organização era chamada à época de Movimento de Países Não Comprometidos em Pactos Militares, conforme caracterizado pelos cinejornais.

<sup>4</sup> O marroquino Mehdi Ben Barka preparava-se para assumir a presidência do Comitê Preparatório da Conferência, quando foi sequestrado e, desde então, segue desaparecido. Há indícios de envolvimento da França e Marrocos no crime. Em 1965, foi substituído por Youssef El Sabai, do Egito, que foi secretário-geral do encontro internacional. Cinejornais acompanharam a apuração do caso Ben Barka. *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 278, 282 e 285 (1965) e n. 330 (1966). Na Conferência Tricontinental, 80 delegações de 79 países fizeram-se presentes, sendo 25 da América Latina, 27 da Ásia e 27 da África. Deste último continente, constam representantes de movimentos de Angola, Guiné portuguesa e Moçambique, com os quais Cuba esteve em contato na mesma década e veremos nos próximos capítulos. Cf. Lista dos participantes, 23 p., em espanhol, doc003458, Associação Tchiweka (Luanda).

evento foram exibidas com trechos do discurso de encerramento por Fidel Castro. O líder visitou as montanhas do Escambray ao lado de representantes estrangeiros, incluindo Amílcar Cabral, do PAIGC.<sup>5</sup>

No entanto, após a Tricontinental, seguiram-se anos sem exposição de vínculos diplomáticos de Cuba com países da África. As atenções foram voltadas aos problemas internos da ilha, dentre os quais destacamos a fracassada safra de 1 milhão de toneladas de cana de açúcar em 1970, a contestação da “via armada” para a revolução após a vitória da Unidade Popular chilena em 1970 e, com grandes repercussões, o “caso Padilla” em 1971, quando o poeta Herberito Padilla foi preso e forçado a ler uma “autoconfissão”, resultado de um recrudescimento do autoritarismo e da limitação da atividade intelectual. O atribulado contexto fez com que cineastas alinhados ao regime cubano recorressem a estratégias narrativas próximas ao realismo socialista para a construção de uma legitimidade do poder (MISKULIN, 2009, p. 208-220; VILLAÇA, 2010, p. 213-217; COSTA, 2011, p. 178-189).

Carlos Moore (1988) destaca um *turning point* na relação entre Cuba e países africanos nesse mesmo período, após anos sem maiores destaques à África. A mudança ocorreu com a ida de Fidel Castro a Guiné-Conacri, Serra Leoa e Argélia em maio de 1972, o que gerou em Cuba uma propaganda “como se o primeiro homem tivesse pisado na lua” (p. 290, tradução nossa).<sup>6</sup> No *Noticiero*

<sup>5</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 291 e 292 (1966). Imagens do discurso de encerramento, proferido por Fidel Castro, foram exibidas nas edições n. 364 (1967) e n. 409 (1968). Até 1965, houve repressão a rebeldes armados, ação chamada oficialmente de “Luta contra bandidos”, nas montanhas do Escambray. O “passeio” foi uma propaganda da recente vitória militar em Cuba aos visitantes.

<sup>6</sup> Excerto no original: “In Cuba, the media treated the event as though the first man had set foot on the moon”. A estreia de ... Y el cielo fue tomado por asalto... ocorreu em dezembro de 1973, conforme o *noticiero* n. 601. Vale lembrar que o documentário *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (1972), supracitado, trata da mesma viagem. Pelo

*ICAIC Latinoamericano*, a passagem do mandatário por Conacri e Argel foi divulgada nas edições n. 557 e 568 (1972). Porém, fora no documentário ... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (Santiago Álvarez, 1973, Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos, ICAIC) que a viagem assumiu conotação épica, uma celebração do “internacionalismo proletário”, considerada em Cuba, desde então, como a principal virtude dos regimes socialistas.

Esta consigna, que remete à figura do operário, não significou que a presença desta classe social fez-se presente com regularidade na filmografia estudada. Do mesmo modo, o “camponês” também aparece pouco. A principal mudança que se observa é a ênfase na “batalha contra o imperialismo”, onde a imagem do africano negro uniformizado e armado passa a ser mais frequente, e na “luta contra o subdesenvolvimento”, com algum destaque sobre os processos de mecanização na cidade e no campo. Do mesmo modo, as guerrilhas camponesas, destacadas na propaganda política em Cuba até finais dos anos 1960, perdem lugar para a defesa da guerra convencional, com maior poder de fogo.

Meses antes do mencionado filme, o longa *Soy hijo de América... y a ella me debo* (Santiago Álvarez, 1973, ICAIC) retratou a viagem do líder cubano ao Chile de Salvador Allende em 1971 e concebeu a estrutura dramática que obras posteriores seguiram: a presença constante do líder cubano em tela, interagindo com os anfitriões e o público. Acreditamos que ambas as narrativas deram maior protagonismo ao mandatário, tendência observada ao longo dos anos 1960 porém intensificada neste momento em obras dedicadas à África, em virtude das pressões internacionais contra o fechamento político do regime cubano.

---

lado argelino, *Fidel Castro en Algérie* (coletivo, 1972, Office des Actualités Algériennes, OAA, Ministère de l'Information et la Culture, MIC) fez a cobertura local.

... *Y el cielo...* mostra a visita de Fidel Castro por Guiné-Conacri, Serra Leoa, Argélia, Hungria, Bulgária, Romênia, Polônia, Tchecoslováquia, República Democrática Alemã (RDA) e, na última escala, União Soviética. Letreiros reiteram concepções ideológicas relacionadas ao marxismo, como a crítica ao “nacionalismo chauvinista” e a defesa do “internacionalismo”. A organização das imagens fílmicas das visitas é pautada na exposição dos rituais de Estado que mencionamos acima, além das referências ao filme *Outubro* (*Oktyabr*, Sergei Eisenstein, 1927, Sovkino).

Na metade da narrativa, aparece a passagem do mandatário cubano pelos países africanos. Sékou Touré recebe Fidel e o conduz pelo país, passando por escolas, espetáculos de dança e eventos públicos. Houari Boumédiène faz o mesmo, ao longo do percurso pela Argélia. Essa estratégia convencional de recepção a visitantes será retribuída em Cuba a diversos líderes de Estado africanos que estiveram na ilha ao longo dos anos 1970 e 1980. A Tabela 1 lista os cinejornais e os nomes de autoridades que estiveram no país caribenho nesse período, e expõe o dinamismo nas relações diplomáticas Sul-Sul.

Tabela 1: Relação de líderes de Estado ou autoridades políticas que visitaram Cuba e que foram temas de reportagens do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, 1972-1989.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Guiné-Bissau e Cabo Verde tiveram gestão de partido único entre 1973 e 1980, com Aristides Pereira como secretário-geral. No entanto, cada país teve seu presidente até o golpe de Estado liderado por João Bernardo “Nino” Vieira em 1980 na Guiné: pelo lado guineense, Luís Cabral; entre os cabo-verdianos, Aristides.

PRESIDENTE OU AUTORIDADE POLÍTICA	País	NOTICIERO ICAIC LATINOAMERICANO
S.A. James Pratt	Serra Leoa	n. 573, 07.09.1972
Houari Boumédiène	Argélia	n. 653, 18.04.1974
Julius Nyerere	Tanzânia	n. 676, 26.09.1974
Kenneth Kuanda	Zâmbia	n. 707, 29.04.1975
Marien Ngouabi	República Popular do Congo (Brazzaville)	n. 727, 18.09.1975
Agostinho Neto	Angola	n. 772, 31.07.1976
Miguel Anjos Trovoadá	São Tomé e Príncipe	n. 781, 30.09.1976 e n. 782, 07.10.1976
Luis Cabral	Guiné-Bissau	n. 785, 28.10.1976
Lopo do Nascimento, “Primer Ministro de la República Popular de Angola”	Angola	n. 792, 14.12.1976
Samora Machel	Moçambique	n. 835, 11.10.1977 e n. 836, 20.10.1977
Mengistu Haile Mariam	Etiópia	n. 863, 28.04.1977
Joachim Yhomby Opango	República Popular do Congo (Brazzaville)	n. 866, 16.05.1978
Manuel Pinto da Costa	São Tomé e Príncipe	n. 892, 23.11.1978
José Eduardo dos Santos	Angola	n. 962, 22.03.1980
João Bernardo Vieira (“Nino”)	Guiné-Bissau	n. 1065, 20.03.1982
Samora Machel	Moçambique	n. 1075, 29.05.1982
Denis Sassou Nguesso	República Popular do Congo (Brazzaville)	n. 1082, 17.07.1982
Thomas Sankara	Burkina Fasso	n. 1197, 06.10.1984
Mengistu Haile Mariam	Etiópia	n. 1208, 22.12.1984
Chadli Bendjedid	Argélia	n. 1229, 20.05.1985
Julius Nyerere	Tanzânia	n. 1249, 30.09.1985
Robert Mugabe	Zimbábue	n. 1250, 09.10.1985
Kenneth Kuanda	Zâmbia	n. 1251, 14.10.1985
José Eduardo dos Santos	Angola	n. 1346, 12.08.1987
Yoweri K. Museveni	Uganda	n. 1370, 23.01.1988
Joaquim Alberto Chissano	Moçambique	n. 1381, 08.04.1988
Mousa Traoré	Mali	n. 1427, 24.02.1989
José Eduardo dos Santos	Angola	n. 1468, 08.12.1989

A exposição audiovisual das visitas de líderes e representantes oficiais a Cuba, conforme listadas na Tabela 1, buscou evidenciar uma suposta harmonia “anti-imperialista” entre o bloco socialista (Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Etiópia, Burkina Fasso) e os demais países Não Alinhados (Argélia, Tanzânia, Zâmbia entre outros). Tal construção omite, entretanto, as discrepâncias políticas entre si e, da mesma forma, não evidencia que havia políticas diplomáticas e econômicas compartilhadas, uma vez que todos comercializavam e tinham vínculos com os campos socialista e capitalista.

Líderes de grupos guerrilheiros que lutavam pelo poder político na África também eram destacados nos cinejornais quando visitavam Cuba ao longo das décadas: Gastón Soumialot (“Conselho Supremo da Revolução”, Congo-Léopoldville, 1965), Amílcar Cabral (PAIGC, 1966), Sam Nujoma (Organização Popular do Sudoeste Africano, SWAPO, 1977), Mohamed Abdelaziz (Frente Polisário, 1982) e Oliver Tambo (Congresso Nacional Africano, ANC, África do Sul, 1986). Assim como os representantes de Estado, os líderes de movimentos legitimados por Havana também recebiam tratamento destacado no cinejornal.<sup>8</sup>

O trabalho de identificação de cada representante africano e a contextualização do país representado tinham como objetivo não apenas informar o público, mas também tornar reconhecíveis figuras políticas da África e expor uma visão da ilha como lugar privilegiado no âmbito internacional. Cuba era retratada como um território de paz, amizade, ausência de racismos e com um povo “satisfeito” com seus representantes nacionais.

<sup>8</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 264 (1965), n. 364 (1967), n. 816 (1977), n. 1072 (1982) e 1275 (1986).

Fidel Castro visitou diversos países em África nos anos 1970 e 1980 e toda sua movimentação foi amplamente registrada em películas e exibida na ilha por meio de cinejornais e documentários.<sup>9</sup>

Dentre os eventos internacionais, o líder cubano esteve mais atuante nas Conferências dos Países Não Alinhados. Em 1973, retornou a Argel para participar da IV Conferência, quando Houari Boumédiène ocupou a secretaria-geral do Movimento entre 1973 e 1976. Fidel assumiu o posto entre 1979 e 1983, quando Havana sediou a VI Conferência em 1979, precedida por encontros de preparação. Seguiram novas reuniões e a VII Conferência ocorreu em 1983, na Índia, sempre com denúncias contra a opressão “neocolonialista”, o *apartheid* sul-africano e a fome na África.<sup>10</sup> Além desses encontros entre lideranças do Sul Global, Havana sediou eventos internacionais como o Festival Mundial da Juventude e os

<sup>9</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 754 (1976, encontro de lideranças em Guiné-Conacri) e n. 807 (1977, viagem à Somália). No plano do documentário, Santiago Álvarez foi o “repórter oficial” pelo ICAIC das seguintes viagens internacionais do líder cubano durante os anos 1970: Guiné-Conacri, Serra Leoa, Argélia, países do Leste Europeu e URSS (... *Y el cielo fue tomado por asalto...*, 1973), Guyana, Guiné-Conacri, Argélia, Vietnã do Norte e territórios do Vietnã do Sul (*Los cuatro puentes*, 1974), Líbia, Iêmen, Etiópia, Somália, Tanzânia, Moçambique e Angola (*El octubre de todos*, 1977) e Etiópia (*Y la noche se hizo arcoíris*, 1978).

<sup>10</sup> O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 624 (1973), o documentário cubano *Los cuatro puentes* (1974) e os argelinos *Conférence des Pays Non-Alignés* (Y. Bouchouchi e Mahmoud Tiemçani, 1973, Office National pour le Commerce et l'Industrie Cinématographique, ONCIC, MIC) e seu homônimo (Ali Marok e Larbi Lakhdar Hamina, 1973, OAA) fizeram a cobertura da V Conferência em 1973, na Argélia. Os *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 702 (1975), n. 867 (1978) e n. 934 (1979), além dos títulos *Hacia la sexta cumbre* (Eduardo Hernández Paredes, 1979, ECIFAR) e *La cumbre que nos une* (Santiago Álvarez, 1979, ICAIC), foram registros de reuniões de planejamento e a VI Conferência de 1979, em Cuba. *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1024 e 1072 (1981), n. 1077 (1982) e n. 1116 (1983) cobriram os encontros de preparação e a VII Conferência em 1983, na Índia. A edição n. 1390 (1988) exibiu uma reunião prévia à IX Conferência de 1989, na Iugoslávia. Não há registros sobre a VIII Conferência em 1986, no Zimbábue, que teve a presença de Fidel Castro, uma vez que não havia grande proximidade entre Cuba e o país africano, como veremos no Capítulo 3.

Estudantes, cerimônia juvenil ocorrida em 1978 que contou com delegações africanas.<sup>11</sup>

A reciprocidade entre autoridades de ambos os lados do Atlântico contrasta com a representação das viagens de Fidel Castro aos Estados Unidos. O *noticiero* n. 18 explicita esse contraste ao mostrar as diversas manifestações públicas a favor e contra Fidel durante sua presença no Harlem, bairro novaiorquino de predominância negra, quando discursou na ONU em 1960. Quase vinte anos depois, no documentário *El desafío* (Santiago Álvarez, 1979, ICAIC), que registrou outra presença de Castro naquela instituição, observou-se a mesma mobilização dos sentimentos políticos pelas ruas de Nova Iorque. Em ambas as vezes, houve momentos de tensão com autoridades estadunidenses desde a aterrissagem de Fidel no país norte-americano.

As viagens diplomáticas, encontros de líderes internacionais e eventos marcaram um dinamismo nas relações exteriores de Cuba a partir de 1972. O cinema tornou-se, portanto, um espaço privilegiado para a difusão desses intercâmbios oficiais, sobretudo dos principais aliados, em especial do continente africano.

## **1.2. IMAGENS FÍLMICAS DE REPRESENTAÇÃO DAS ÁFRICAS: REALIDADES DIVERSAS, PERSONAGENS EXOTICIZADOS, PÚBLICOS CIVILIZADOS**

A seguir, analisaremos algumas questões sobre a construção audiovisual em Cuba de temas relacionados à África. Iniciaremos com reflexões acerca das imagens registradas por câmeras cubanos e as fontes fílmicas internacionais. A seguir, veremos as estratégias da filmografia para desconstruir os estereótipos sobre aquele conti-

<sup>11</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 753 (1976), sobre reunião preparatória, e n. 877 (1978), dedicado ao evento.

nente e os problemas resultantes desse esforço. Por fim, discutiremos as formas de apresentação das culturas africanas em Cuba, que estiveram em diálogo com as representações do “folclore” cubano.

### 1.2.1. OS CORRESPONSALES DE GUERRA E A AUTENTICIDADE DAS IMAGENS

Uma parte significativa das imagens sobre a África provém de cinegrafistas cubanos.<sup>12</sup> Os chamados *corresponsales de guerra*, a cargo de profissionais, militares e civis, com treinamentos específicos para trabalhar em contextos de conflito bélico, produziram horas de filmagens, que foram distribuídas em documentários e em reportagens do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*.

A origem dos *corresponsales* cubanos está entrelaçada com a história do desenvolvimento da indústria audiovisual no Exército Rebelde logo após a vitória da revolução em 1959. Essa instituição bélica foi, posteriormente, denominada Ministério das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (MINFAR).

Desde essa época até o começo dos anos 1990, o setor cinematográfico militar desenvolveu-se e produziu diversos cinejornais, documentários, longas e séries de ficção, com títulos em coprodução com o ICAIC. Os cinegrafistas vestiam os mesmos uniformes dos soldados e, nesta tarefa, ganharam experiências relacionadas a coberturas de conflitos bélicos ocorridos, sobretudo, na África. Em suma, enquanto os soldados carregavam suas armas, os *corresponsales* levavam suas câmeras.

<sup>12</sup> Cabe ressaltar que a primeira filmagem na África por uma equipe cubana de cinema não ocorreu após a Revolução de 1959, mas anos antes, na Guiné Equatorial, para a realização de um filme ficcional intitulado *Bella, la salvaje* (1953), dirigido por Raúl Medina. Há retratos de caráter exótico sobre as cerimônias das comunidades ancestrais na então colônia espanhola.

A ideia de criar equipes militares de filmagem inspirou-se na obra do cineasta holandês Joris Ivens, cuja carreira se destacava por sua experiência em cobertura de conflitos internacionais, conforme noticiado em *Cine Cubano*: “*En los últimos treinta años no ha habido tierra del planeta donde el pueblo haya luchado por una nueva vida, en la que Ivens no haya realizado un documental antológico. Así, en 1936, fue España; en 1939, China; en 1954, Indonesia; y hoy, 1960, Cuba*”.<sup>13</sup> Ivens visitou a ilha em 1960 e, desde então, teve início o processo de formação de câmeras para coberturas de conflitos armados.

O documentarista José Massip participou desse processo e dirigiu, em 1960, o documentário *Cómo nació el Ejército Rebelde* pela Seção Fílmica do Exército Rebelde. Com o tempo, o desenvolvimento da cinematografia militar ganhou força. No final de 1961, foi criada a escola Frank País em Arroyo Arenas, Marianao, e o primeiro curso de formação dos *corresponsales de guerra* com alunos militares. O segundo curso ocorreu em 1962 na escola Osvaldo Sánchez em Tiscornia, Casa Blanca. Anos depois, surgiu a ideia de fazer a cobertura internacional dos conflitos armados na Argélia, Congo-Brazzaville e Vietnã.<sup>14</sup>

O envio de cinegrafistas militares cubanos para filmar o que ocorria no continente africano, bem como em muitas partes do mundo, visava os seguintes objetivos: apresentar uma “visão cubana” dos fatos registrados, afirmar o lugar de Cuba no mundo, evidenciar os esforços para “sair do subdesenvolvimento” em países pobres (uma possibilidade de alentar o público cubano diante da

<sup>13</sup> JORIS Ivens en Cuba. *Cine Cubano*, La Habana, n. 03, p. 24, 1960.

<sup>14</sup> No Capítulo 2, abordaremos as experiências dos *corresponsales* na Argélia e no Congo-Brazzaville. Na Introdução, havíamos nos referido ao desenvolvimento da cinematografia militar em Cuba; após a Seção Fílmica (1961), há uma renomeação ao final dos anos 1960 para ECIFAR e, no decênio de 1980, para ECITVFAR.

escassez) e reforçar a legitimidade do governo por meio de imagens positivas de suas ações no exterior.<sup>15</sup>

A filmagem das guerras tinha, também, a intenção de explorar o potencial das imagens para o apoio à política militar na África. Por isso, era importante ressaltar a autenticidade dos registros. Letreiros iniciais em filmes como *Etiópia, diario de una victoria* (Miguel Fleitas, 1979, ECIFAR, ICAIC) evidenciam essa preocupação: “*Este es un filme rigurosamente testimonial. Todas las operaciones militares fueron filmadas en el curso de la guerra*”.

Pensando nessa propaganda política realizada a partir de imagens em movimento, os suecos Furhammar e Isaksson (1976) pensaram as cenas de conflito militar dentro de uma “estética da guerra”, por causa da carga de erotização dos registros e por sua capacidade de transmitir sentimentos aos espectadores:

Exibições de violência e demonstrações de força têm em si qualidades excitantes. A capacidade física de superação, a precisão mecânica do tiro, a potência tipo máquina não são simples evidências de uma força incrível mas têm também uma qualidade eufórica. A estética do poder nos filmes de guerra tem seus próprios tons libidinosos: há curiosos elementos de êxtase sexual na penetração dos torpedos, no elegante rugir das parábolas descritas pelos foguetes, e na beleza apocalíptica dos incêndios depois dos ataques dos bombardeios (p. 151).

A revista *Cine Cubano* celebrou os 20 anos de cinema “revolucionário” na ilha. Entre os testemunhos, houve uma seção dedicada

<sup>15</sup> No Capítulo 2, abordaremos as experiências dos corresponsales na Argélia e no Congo-Brazzaville. Na Introdução, havíamos nos referido ao desenvolvimento da cinematografia militar em Cuba; após a Seção Fílmica (1961), há uma renomeação ao final dos anos 1960 para ECIFAR e, no decênio de 1980, para ECITVFAR.

aos *corresponsales de guerra* do ICAIC e dos ECIFAR e sobre as filmagens em territórios distintos.<sup>16</sup> Os relatos enfatizavam os perigos enfrentados na frente de combate e comemoravam o sucesso da “missão” em registrar os conflitos.

As homenagens aos câmeras cubanos seguiram anos depois. Em 1986, foi lançado o documentário *Corresponsales de guerra*, resultado da nova coprodução entre o ICAIC e os ECITVFAR, sob a direção de Belkis Vega, uma das poucas diretoras mulheres na filmografia estudada para este livro.<sup>17</sup> A introdução homenageia correspondentes falecidos em combate (“Morán”, “Barrion”, “Argelio”, “Junqueira”, “Lavín” e “René David”) por meio de suas respectivas fotografias, que são reproduzidas em tela ao som de uma narrativa em *over*:

Estas imágenes no estarían ante los ojos de ustedes si en mismo lugar donde ahora estamos sentados no hubiera habido una cámara y una persona dispuesta a no dejarlas pasar. Alguien obsesionado por detener el tiempo, llevárselo debajo el brazo hacia el futuro. Estos hombres han escogido el peligroso oficio de cazadores de imágenes en la guerra. Yo he sido uno de ellos, y de esa manera, con una alegría casi despreocupada por mi propia suerte, he dado mis pequeñas gotas de sudor y sangre para la revolución.

<sup>16</sup> Na edição, Fernando Pérez fala sobre as filmagens em Cuba e Angola, José Massip sobre Guiné portuguesa (após a independência, Guiné-Bissau), Miguel Fleitas sobre Vietnã e Angola e Raúl Booz sobre este último país. Cf. *Cine Cubano*, La Habana, n. 94, p. 111-122, 1979.

<sup>17</sup> A filmografia consultada foi majoritariamente dirigida por homens, sendo as mulheres exceções. No documentário cubano, constam os nomes das diretoras Belkis Vega, Rebeca Chávez e Estela Bravo. No *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, apenas Vivian Argilagos. Na ficção, Laura López somente. Para esta análise de *Corresponsales de guerra*, utilizaremos a versão em documentário.

O texto, lido pela voz do *corresponsal de guerra* Julio Simoneau, celebra os “caçadores de imagens na guerra”, ressalta o grau de periculosidade da profissão e o sacrifício pela “causa revolucionária”. Em muitos relatos, os perigos vividos na frente de combate são lembrados, de modo a enaltecer a “valentia” dos depoentes.

Dentre os territórios do continente africano que foram cenários de guerra, Guiné-Bissau e Angola receberam destaque no documentário. O câmara Delfín Jorge e o diretor José Massip relatam o processo de independência conduzida pelo PAIGC. O primeiro filmou imagens para o documentário *República en armas* (Jorge Fuentes, 1974, ECIFAR) e lembra o momento em que acompanhou o ataque do PAIGC a um quartel vazio. O tom bem humorado de seu relato sugere ausência de traumas por causa de seu trabalho. Massip, por sua vez, recorda a saída dos soldados portugueses de Guiné-Bissau em 1974 e afirma sentir “pena” daqueles jovens retornando para a Europa.

O filme encerra com o trabalho dos *corresponsales* em Angola. O diretor Jorge Fuentes e os câmeras Dervis Pastor Espinosa, Raúl Booz e Oscar Alfonso discorrem sobre os perigos vivenciados no campo de batalha e o sentido do trabalho nesse meio. Um detalhe a ser destacado é que, com exceção de Dervis Pastor, do ICAIC, os demais entrevistados e um falecido homenageado na narrativa, todos pertencentes aos ECITVVFAR, são os únicos negros do filme (Cenas 01, 02 e 03) em meio à maioria de personagens brancos apresentados ao longo do enredo.



**Jorge Fuentes**  
Director Cinematográfico  
ECITY-FAR



**Raúl Booz**  
Camarógrafo  
ECITY-FAR



**Oscar Alfonso**  
Animador  
ECITY-FAR



## CENAS 01, 02 E 03

*Corresponsales de guerra* (Belkis Vega, 1986, ICAIC, ECITVEAR): Jorge Fuentes, Raúl Booz e Oscar Alfonso, este sobre a morte de Lavín, na sequência sobre Angola.



## VER CENAS

Clique no ícone e assista aos trechos referidos.

De todos os testemunhos, há os menos entusiasmados com a memória da guerra. No último depoimento do filme, Oscar Alfonso (Cena 03) recorda outro câmara, Lavín, morto em terras angolanas. O cinegrafista afirma, com expressão emocionada, que a notícia da morte “*me golpeó, me golpeó bastante*”, o que explicita um raro momento de desabafo na filmografia cubana. Na sequência, imagens de um enterro e, no plano sonoro, um coral feminino que canta o refrão “... eu vou morrer em Angola, com armas de guerra na mão...” encerram o documentário *Corresponsales de guerra* com a questão da morte dos cubanos na frente de combate, tema tabu até meados dos anos 1980.

Além das guerras, os câmeras cubanos registraram outras situações no continente africano. O documentário *Círculo del infierno* (Rigoberto López, 1986, ICAIC, ECITV FAR, Instituto Cubano de Rádio e Televisão, ICRT) é um dos exemplos mais importantes. A narrativa retrata a situação da seca que atingiu Tanzânia, Burkina Fasso, Mali e Etiópia, e apresenta os esforços para superar a situação desesperadora das populações que viviam nas regiões afetadas. Em 1985, a equipe de filmagem cubana visitou os países numa jornada de 39 dias, sem registrar conflitos armados, porém retratando o drama da fome pelo interior do continente africano.

As imagens sobre a África mostradas em cinejornais e documentários tiveram origens diversas, cuja autoria raramente era identificada. Cuba se valeu de filmes de arquivos dos institutos de cinema de Angola e Moçambique para realizar documentários (são exemplos *La guerra en Angola*, Miguel Fleitas, 1976, ICAIC, ECIFAR, e *Nova sinfonia*, Santiago Álvarez, 1982, ICAIC), além das realizações conjuntas, como *Lejos de la patria* ou *Destacamento pedagógico* (Melchor Casals, 1982, ICAIC, Instituto Angolano de Cinema, IAC).

No geral, os recursos fílmicos mobilizados por cinejornais e documentários correspondem aos contextos sociais representados. Lembramos que um dos primeiros documentários produzidos em Cuba sobre um tema internacional foi lançado em 1961: *El Congo, 1960 (Estos fueron los hechos)* (Fausto Canel, ICAIC), com material de arquivo sobre a situação social e política do Congo-Léopoldville. No entanto, as imagens eram exibidas sem os devidos créditos, como mencionamos anteriormente. Uma notável exceção refere-se ao uso do cinejornal moçambicano *Kuxa Kanema* na narrativa do documentário *Nova sinfonia* (1982).

Em algumas reportagens, imagens de um contexto social foram utilizadas para ilustrar outras realidades. Cenas de *A luta continua* (Robert van Lierop, 1971), documentário dedicado à organização da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) nas chamadas “áreas liberadas” ao norte da ex-colônia, foram empregadas na reportagem cubana sobre a Guiné-Bissau na edição n. 594 (1973). Acreditamos que tal recurso ocorria devido à necessidade do regime de Fidel Castro em dar maior visibilidade ao PAIGC, grupo que, durante a luta pela independência, contou com o apoio cubano, o que não ocorreu com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), que teve pouco destaque no cinejornal à época.

Em outros momentos, houve um esforço dos narradores, por meio da voz *over*, em dar sentido às imagens e atestar a veracidade dos registros. O cinejornal n. 768 (1976), por exemplo, comenta imagens de homens negros apedrejando carros em movimento durante os protestos de Soweto, na África do Sul:

Los camarógrafos que filmaron estas escenas parece que solamente pudieron tomar aquellas en que los negros apedreaban los automóviles de los blancos racistas provocadores, y no los centenares de muer-

tos, entre ellos niños, que el Ejército sudafricano racista, con armas modernas ministradas por el imperialismo, causó entre los pobladores negros.

Esta observação tinha o propósito de oferecer significado às imagens, expondo ao público um sentido ideológico do registro. Em outros momentos, o comentarista explicita dilemas éticos de imagens como as mostradas na edição n. 779 (1976) do cinejornal cubano. Nesse número, foi noticiado um massacre na Rodésia por meio de imagens de corpos negros numa grande vala. Na oportunidade, o comentarista tenta justificar a exibição de um “autêntico documento” das atrocidades do segregacionismo rodesiano: *“Perdimos disculpas a los espectadores por estas imágenes impregnadas de horror; esta es la otra cara del fascismo, la verdadera cara del fascismo, y no debe ser olvidada”*.

No entanto, outras imagens eticamente duvidosas foram exibidas com as mesmas finalidades “legitimadoras”, porém sem comentários explicativos. No *noticiero* n. 409 (1968), dedicado às lutas sociais na África, há, em certo momento, o foco sobre seios de mulheres negras trabalhando com pilão, numa comunidade rural. O objetivo seria o de mostrar a vida “tradicional” no continente, fruto do “atraso” gerado por décadas de exploração colonialista. A fatura visual, no entanto, remete à iconografia colonial composta por fotografias e filmagens produzidas por europeus sobre as africanas e asiáticas, retratadas na chave da economia sexual do poder (VICENTE, 2017).

### 1.2.2. DESCONSTRUÇÃO E REITERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

No que se refere à construção de imaginários sociais por meio das obras fílmicas, duas formas de representação dos povos africanos

muitas vezes se alternavam: por um lado, a disposição dos filmes e cinejornais em denunciar os estereótipos e, por outro lado, a reiteiração de lugares comuns sobre a África, concomitantemente.

O *noticiero* n. 20 (1960), que exhibe a matéria sobre a visita a Cuba de Sékou Touré, presidente da Guiné-Conacri, expressa o desejo de criar uma nova imagem da África:

La Revolución destruye la falsa imagen de África creada por las mentirosas películas de Hollywood al estrechar relaciones con los pueblos africanos que luchan contra el colonialismo y el subdesarrollo. Como máximo exponente de la lucha de África por su liberación, el pueblo de Cuba recibe con gran alegría al Presidente de la República de Guinea Sékou Touré. Fidel y el Presidente Dorticós le dan la bienvenida.<sup>18</sup>

O argumento enfatiza a necessidade de desconstruir as representações “imperialistas” sobre a África veiculadas pelo cinema comercial, sobretudo nos EUA, e de valorizar as lutas sociais africanas. O narrador da matéria não menciona o caráter inaugural das relações diplomáticas de Cuba com países africanos, porém a visita causou forte comoção na comunidade afrodescendente cubana porque via, pela primeira vez, um presidente negro na ilha (MOORE, 1988, p. 94-96).<sup>19</sup>

<sup>18</sup> O discurso exposto no *noticiero* estava em consonância com o de Fidel Castro na ONU em 26 de setembro de 1960, quando afirmou: “*Si África renace, esa África que hoy estamos aprendiendo a conocer, no el África que nos enseñaban en las películas de Hollywood y en las novelas, no aquella África donde siempre aparecía la tribu semidesnuda, armada de lanzas, dispuesta a correr al primer choque con el héroe blanco, tanto más héroe cuanto más naturales de África mataba*”. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>. Acesso em: 25 mai. 2021. Cf. MOORE, 1988, p. 90. O *noticiero* n. 20 foi exibido pouco tempo depois, em out. 1960.

<sup>19</sup> Defensor do pan-africanismo, Touré foi presidente da Guiné-Conacri entre 1958 e

Há um desencontro entre a narração em voz *over* e o que se vê na matéria: enquanto o discurso se preocupa em legitimar a visita de Touré, como uma mostra de desconstrução da África construída pelo cinema comercial, o convidado é apresentado de forma distante e sem destaque (Imagens 05-08). Apesar disso, a menção à necessidade de desconstruir as imagens hollywoodianas passou a ser um tópico reiterado em Cuba e, nos anos 1960, encontrou lugar nos debates sobre a “descolonização cultural”.

Esta expressão foi compreendida, pelo regime cubano, como o processo de depuração da cultura para censurar os indícios que remetessem ao mundo ocidental capitalista. O tema ganhou maior visibilidade a partir do Congresso Cultural de Havana em janeiro de 1968. Enrique Pineda Barnet, por exemplo, denunciou que os meios de comunicação, o cinema em especial, eram utilizados como instrumentos de controle ideológico do “imperialismo”, no sentido que Vladimir Lênin atribuía ao conceito, isto é, como domínio econômico de algumas potências sobre as matérias-primas de países não-ocidentais para seu contínuo desenvolvimento (HERNANDEZ, 2008, p. 73).<sup>20</sup>

---

1984. Por meio de referendo, o território se negou a proposta de uma “União Francesa” e, assim, obteve a independência. No próximo capítulo, analisaremos as relações entre o país e o governo cubano.

<sup>20</sup> PINEDA BARNET, Enrique. La colonización del gusto y algunos asuntos a analizar para una descolonización y culturalización adecuada. *Cine Cubano*, La Habana, n. 48, p. 01-05, 1968.



## IMAGENS 05-08

*Noticiero ICAIC  
Latinoamericano,  
n. 20, 1960. Visita  
de Sékou Touré a  
Havana.*

O tema da “descolonização da cultura” gerou diversos artigos ao longo dos anos.<sup>21</sup> Cuba, definido como “país neocolonizado” antes da Revolução em 1959, começou a ser mostrado como o exemplo a ser seguido pelos movimentos que lutavam contra o colonialismo na África. A proposta de construção de uma “cultura nacional” e a legitimação da “violência revolucionária” como formas de emancipação dos explorados foram ideias que encontraram ressonância na obra de Frantz Fanon, em *Os condenados da terra* (1961). Entre 1966 e 1970, a revista *Cine Cubano* fez alusões ao livro em suas páginas. A filmografia estudada para este livro, por sua vez, não menciona o intelectual.<sup>22</sup>

A partir da ideia da “descolonização cultural”, houve reiteradas críticas ao personagem “Tarzan”, personagem representado como símbolo do poder colonialista, branco e civilizatório. A edição n. 393 (1968) do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, intitulada “*La hora de los hornos*”, foi dedicada ao mencionado Congresso

<sup>21</sup> A presença ideológica nos meios de comunicação de massa foi um tema reiterado na *Cine Cubano*: ÁLVAREZ, Santiago. Cultura y medios masivos de comunicación: el cine como uno de los medios masivos de comunicación. *Cine Cubano*, La Habana, n. 49-50-51, p. 07-11, 1968; GUEVARA, Alfredo. Reflexiones en torno a una experiencia cinematográfica II. El cine cubano: instrumento de descolonización. *Cine Cubano*, La Habana, n. 54-55, p. 04-07, 1969; VEGA, Pastor. Pequeña crítica ideológica a los llamados comics en América Latina; PÉREZ, Fernando. Walt Disney, una pedagogía reaccionaria; DORFMAN, Ariel; MATTERLART, Armand. Del buen salvaje al subdesarrollado; REBETZ, Rene. El comic, un sobornado testigo de la época; S/A. La cuota mensual de atrocidad; El indio, el negro y el latinoamericano en el dibujo animado norteamericano; Tarzan encuentra a Dios; LACASSÍN, Francis. Tarzan hace cine; La caída de un mito; FORLANI, Remo. Popeye; VERGARA, J. Penetración norteamericana en el entretenimiento infantil: el caso chileno. *Cine Cubano*, La Habana, n. 81-82-83, p. 01-103, 1973.

<sup>22</sup> ÁLVAREZ, Santiago. Leipzig: VIII Festival. *Cine cubano*, La Habana, n. 31-32-33, p. 134-137, 1966; VEGA, Pastor. Notas acerca de una razón violenta. *Cine cubano*, La Habana, n. 54-55, p. 70-73, 1969; Fernando Solanas y Octavio Getino responden a *Cine Cubano*. *Cine cubano*, La Habana, n. 56-57, p. 24-37, 1969; TORRES, Miguel Con Ousmane Sembene en el Festival Internacional de Moscú 1969. *Cine cubano*, La Habana, n. 58-59, p. 21-25, 1969; FANON, Frantz. Sobre la cultura nacional (fragmentos). *Cine cubano*, La Habana, n. 60-61-62, p. 59-67, 1970.

Cultural de Havana, e sua abertura exhibe uma cena de um filme sobre esse “herói”. Na caverna, uma mulher loira, trajada com peles, protege-se de leões enquanto, de cima das árvores, Tarzan consegue derrotar os vilões, todos negros, e ainda alvejar um leão com a lança.<sup>23</sup>

A voz *off* de Fidel Castro durante a exibição dessa sequência remete ao imaginário do personagem:

Tenemos nosotros [en Cuba] un pueblo que piensa. Que no está educado con películas de Tarzán [...] ¿Y no digo esto en detrimento del pueblo americano? Yo me recuerdo, cuando yo era muchacho veía las películas de Tarzán. ¿Qué veía? ¿El hombre blanco siempre fuerte, el hombre blanco siempre inteligente, el hombre blanco persiguiendo al negro, el negro siempre salvaje! ¿Qué mentalidad le crea esto a la gente? ¿Eh? ¿Junto el sentido racial, la idea de la superioridad del negro... del blanco sobre el negro, desprecio sobre el negro?

O discurso, pronunciado em 26 de julho de 1964 (MOORE, 1988, p. 165), é legitimado pela organização das imagens ficcionais mencionadas acima. O cinejornal expõe uma posição pública de condenação ao racismo, postura utilizada à época como arma política contra os Estados Unidos (*ibidem*, p. 59). Por sua vez, a revista *Cine Cubano* publicou uma série artigos que demonstrava o contínuo interesse em desconstruir o personagem.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Não foi possível identificar o filme original. A cena foi mostrada, anteriormente, no *noticiero* n. 218 (1964), que trata da discriminação racial nos EUA.

<sup>24</sup> La programación cinematográfica como factor de información y formación del público. Un ejemplo: Cuba. **Cine cubano**, La Habana, n. 49-50-51, p. 13-20, 1968; Entrevista con Ousmane Sembene. **Cine cubano**, La Habana, n. 60-61-62, p. 91, 1970; VVAA. **Cine Cubano**, La Habana, n. 81-82-83, p. 66-103, 1973; Notas sobre Greystoke: la leyenda de Tarzán el señor de los simios (Hugh Hudson, 1982) e o personagem Tarzan. **Cine Cuba-**

Outra forma de representação sobre o continente africano foi questionada no documentário *Los cuatro puentes* (Santiago Álvarez, 1974, ICAIC), filme sobre a visita de Fidel Castro à Guyana, Guiné-Conacri, Argélia e Vietnã: trata-se da divisão entre as chamadas “África muçulmana” e “África negra”. Nos letreiros do filme, aparecem os dizeres: “*Los imperialistas prefieren hablar de una (sic) Africa negra / una (sic) Africa islamica / una (sic) Africa no islamica / estas son divisiones artificiales / hoy el Sahara / es el puente de unión / y no de separación*”.<sup>25</sup>

Por um lado, o texto visa conferir ao deserto do Saara o estatuto de espaço de circulação e interação social, algo que a historiografia contemporânea endossa com base em uma série de estudos, além de escapar ao reducionismo que considera todo o território subsaariano com base na cor da pele. Por outro, em diversos momentos, a filmografia cubana considerou a imagem de pessoas negras como sendo de africanas, sem informações sobre a procedência dos representados, como analisaremos adiante.<sup>26</sup>

Na construção audiovisual sobre a África, encontramos algumas tendências em falar do continente como um todo, de modo generalizante. Uma dessas disposições refere-se à exibição de imagens dos povos em situação desfavorável, sobretudo crianças e mulheres. A exposição de corpos negros oprimidos evidencia um

---

no, La Habana, n. 111, p. 28, 93, 1985; GARCÍA, Juan A.; GARCÍA, José A. Desde la moviola: La leyenda de Tarzan. **Cine cubano**, La Habana, n. 116, p. 83-85, 1986; LEZCANO, José Alberto. La imagen de África en el cine norteamericano. **Cine Cubano**, La Habana, n. 123, p. 46-63, 1988.

<sup>25</sup> Diálogos de *Los cuatro puentes*, Cinemateca de Cuba.

<sup>26</sup> A historiadora Leila Hernández (2008) argumenta que a África possui vias históricas de circulação de mercadorias, incluindo escravizos, e entre elas as rotas comerciais transaarianas são fundamentais para compreender “a complexidade e o dinamismo das relações comerciais e culturais entre cidades de diferentes regiões do continente” (p. 33). Dedicaremos-nos ao tema do racismo em Cuba no Capítulo 4.

menor protagonismo dos subsaarianos e dá ensejo a olhares estereotipados sobre eles, uma vez que a iconografia da miséria é recorrente na construção de imaginários depreciativos sobre o chamado “Terceiro Mundo”.

As imagens estão presentes nas acusações contra regimes autoritários africanos aliados ao “imperialismo”, ambos responsáveis, segundo os filmes cubanos, pela extrema pobreza no continente. As denúncias contra o regime etíope de Haile Selassie no *noticiero* n. 852 (1978) e no documentário *Etiópia, diario de una victoria* (1979), por exemplo, são permeadas por imagens da degradação humana, incluindo nudez explícita de menores famintos. Tais representações terminam por reforçar a ideia de “humanidade à parte” de quem vive no continente, como foi historicamente retratado pelo pensamento ocidental (MBEMBE, 2017, p. 151).

Outra tendência generalizante refere-se à opção pela cantora sul-africana Miriam Makeba e o recurso a suas canções para musicalizar diversos *noticieros* dedicados à África, transformando-a em “embaixadora” do continente no cinejornal dos anos 1960 e 1970. Na edição 409 (1968), dedicado às guerrilhas africanas, há imagens das capas dos álbuns *The Many Voices of Miriam Makeba* (1962) e *Miriam Makeba – In Concert* (1967). Na reportagem, ouve-se as músicas *Liwa Wechi*, *Dubula*, *Unhome* e *Amampondo*. Esta última canção reaparece, com frequência, em *noticieros* sobre o continente e acabou se transformando, nesse audiovisual, numa espécie de “hino” da parte subsaariana do continente.

Observamos a recorrência de estereótipos nas representações sobre África no cinema cubano, apesar da vontade expressa pelo cinejornal de 1960 em “construir uma nova imagem” do continente. Em alguns momentos, há a exibição de pessoas negras em meio ao público de eventos internacionais, sem identificação da origem de

quem aparece em tela, o que sugere ser a pessoa africana por causa da cor da sua pele. A relação entre o negro e a África, como duas faces de uma mesma moeda, foi discutida por Achille Mbembe (2017), quem atesta que o vínculo foi obra de “um longo processo histórico de produção de questões de raça” (p. 75) desde o início da escravidão, passando pelo colonialismo europeu em África, até receber novos significados por intelectuais e movimentos políticos que reivindicaram o vínculo, em um esforço de restituir a humanidade amputada (*ibidem*, p. 306).

O *noticiero* n. 48 (1961) é um dos exemplos da relação entre o espaço geográfico e a cor da pele: a reportagem sobre as celebrações do 1º de maio em Cuba mostra, em seu início, a chegada de convidados estrangeiros. O narrador destaca a procedência dos visitantes: Europa, Ásia, América Latina e “*del África convulsa y rebelde*”. As imagens mostram pessoas desembarcando de alguns aviões e a menção à África ocorre justamente quando dois homens negros, trajados com paletó e gravata, surgem na matéria, que, a exemplo de outras, caracteriza-se por sua generalidade sobre o continente. Essa estratégia ocorre frequentemente por filmagens de contextos africanos diversos, sem maiores detalhes.

### 1.2.3. AS “ARTES AFRICANAS” E A MODERNIZAÇÃO NO CINEMA CUBANO

A manifestação artística “africana” mais reproduzida no cinema cubano foi a dança “folclórica”. O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* exibiu diferentes espetáculos internacionais caracterizando as respectivas “culturas nacionais” por meio de cenas dessa arte, e o destaque às de procedência africana assume lugar privilegiado em função das manifestações da cultura popular em Cuba, com raízes afrodescendentes. A edição n. 94 (1962) inaugurou o tema das

“danças africanas” por meio da exposição de trechos de um evento em Havana dedicado à II Conferência Afroasiática, que, por sua vez, ocorria no Cairo. A amalgamação do termo “afroasiático” remete aos esforços de países de ambos continentes, África e Ásia, para a formação de uma frente política desde a Conferência de Bandung, que aconteceu na Indonésia em 1955. No cinejornal, homens e mulheres com fenótipos e vestimentas que sugerem pertencer a povos do leste asiático e da África subsaariana, sem identificação da origem dos/as bailarinos/as, fazem coreografias coletivas.

O *noticiero* n. 140 (1963), por sua vez, traz excertos da apresentação do Conjunto de Coros e Danças da Guiné-Conacri em Budapeste, Bulgária, com atores e atrizes seminuas, em alusão às “tribos” africanas, além de instrumentos musicais artesanais, gestos corporais frenéticos e cantos incompreensíveis. Tais formas de expressão exibidas no cinejornal visavam o entretenimento, reproduzindo uma gama de incompreensões atribuída às culturais ancestrais em África, como ocorre na consciência Ocidental sobre o negro (MBEMBE, 2017, p. 58). O grupo artístico guineense volta a ser tema na passagem de Fidel Castro pela Guiné em maio de 1972, e na apresentação do coletivo em Cuba em agosto do mesmo ano.<sup>27</sup>

A forma fílmica de exibição dos espetáculos exibidos como “autenticamente africanos” e protagonizados por negros expressa uma visão evolucionista sobre esses povos. Grosso modo, o público desses espetáculos está vestido à maneira ocidental enquanto, no palco, vemos os/as artistas representarem seus “antepassados”. Há uma disparidade entre palco e plateia no que se refere às roupas e ao perfil racial.

<sup>27</sup> O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 557 (1972) e os documentários em *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (1972) e ... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (1974) exibem a apresentação do grupo de dança para Fidel Castro, Sékou Touré e comitivas. O coletivo da Guiné-Conacri aparece em Cuba na edição n. 572 (1972).



## IMAGENS 09-12

*Noticiário ICAIC  
Latinoamericano,*  
n. 317, 1966;  
divulgação do  
Primeiro Festival  
da Cultura Negra  
em Dakar.



O *noticiário* n. 317 (1966) é um dos exemplos mais significativos desse contraste. O Primeiro Festival da Cultura Negra de 1966 em Dakar, no Senegal, foi noticiado na matéria. Nessa reportagem, o público, trajado elegantemente (Imagens 09 e 12), assiste a um espetáculo do grupo da Guiné-Conacri (Imagem 11).

Antes da dança, pequenas estátuas de madeira, exibidas em um museu, aparecem na tela (Imagem 10). Assim como as exposições representavam um passado estático, as danças “tradicionais” simbolizavam, nos palcos, um estágio “superado” da evolução humana. Esta visão evolucionista entre os povos não era nova. A relação dos movimentos vanguardistas europeus dos anos 1910-1920 com a chamada “arte africana” baseou-se na aspiração europeia em recuperar a “fonte da vida” e as promessas de eternidade, perdidas desde a modernização (MBEMBE, 2017, p. 80). A imagem da mulher assistindo à dança com binóculos na plateia e a das jovens seminuas no espetáculo expressa a “distância civilizacional” entre plateia e palco, ressaltando que o “público em potencial” esperado para esse tipo de reportagem não pertencia àquele universo seminudado.

Binóculos e o *zoom* da câmera: ambos exibem a dança “tribal” como se fossem “microscópios” sobre o passado, orgulhosos do “estágio” alcançado de modernidade. Assim como intelectuais das elites africanas, Amílcar Cabral por exemplo, haviam pensado o “salto” do “tribalismo” para o socialismo. Essa foi uma das bases da “doutrina” que Fidel Castro defendia sobre o continente africano (MOORE, 1988, p. 323-324). Apesar da exposição das pequenas estátuas na matéria supracitada, é pouco recorrente na filmografia analisada a presença de objetos que remetam às culturas africanas.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Na edição n. 165 (1963), Fidel Castro é presenteado com uma pele de serpente e a bandeira do Senegal. No cinejornal n. 231 (1964), vemos imagens da exposição “Arte popular

O cinema cubano evitou tratar dos modos de vida de povos específicos. A identidade cultural de africanos/as passou a ser definida a partir das fronteiras nacionais herdadas do período colonial, sem levar em conta que a maioria dos grupos sociais foi separada em territórios distintos nesse processo. A estratégia entrava em consonância com as novas elites que assumiram o poder após as independências e que iniciou o “combate ao tribalismo”. Tal foi a palavra de ordem da Frelimo na construção do Estado nacional, conforme observado no documentário *Maputo, meridiano novo* (Santiago Álvarez, 1982, ICAIC). A criação e existência de “tribos” eram atribuídas ao colonialismo, sem levar em conta as raízes endógenas desses povos.

Homi Bhabha (1998) lembra-nos que o estereótipo pode ser compreendido como um fetiche, marcando uma alteridade ambivalente entre o já supostamente conhecido (por isso a necessidade da repetição como estratégia para criação de uma verdade) e o fascínio pelo seu mistério, suscitado pela fantasia primária (p. 105-127). As exibições das “danças folclóricas” na filmografia buscam, portanto, demonstrar ao público expressões “autênticas” da cultura “nacional” e “africana” como contrapontos às representações dos filmes comerciais que os cubanos pensavam combater, mas ao final não estavam tão distante daqueles.

O uso do exotismo como forma de aproximação entre países socialistas não se restringe à relação entre Cuba e o continente

---

argelino”, com peças artesanais produzidas no país muçulmano. O *noticiero* n. 435 (1968), de homenagem a Fernando Ortiz, especialista em culturas africanas em Cuba e responsável pelo conceito de transculturação para entender o encontro entre distintos povos, expõe tambores e máscaras de madeira guardadas em um depósito. O cinejornal n. 828 (1977) traz a mostra “Somos Internacionalistas”, com objetos (marfins decorados, estátuas, animais selvagens empalhados) oriundos dos países africanos com os quais Cuba mantinha relações de cooperação civil e militar à época, como Angola e Etiópia. Máscaras encerram o documentário *Nova sinfonia* (1982), cujo enredo trata de Moçambique.

africano. O cineasta russo Alexander Markov, durante a finalização de *Our Africa* (2016) a partir de documentários soviéticos sobre o continente africano, afirmou que as danças foram um elemento de atração para a audiência: “Em uma centena de filmes, podemos assistir dançarinos africanos. E isto é muito importante, porque foi um elemento de atração por parte desses filmes para o público soviético” (MARKOV *apud* NEDIAN, 2012, tradução nossa).<sup>29</sup> Assim como na URSS, acreditamos que a exibição das danças também tinha como objetivo atrair a audiência cubana, além de reafirmar o olhar ocidentalizado sobre a África e o caráter “folclórico” das expressões corporais e artísticas daqueles povos.

Os espetáculos folclóricos de alguns países africanos, como o exemplificado nas exibições do grupo da Guiné-Conacri, eram similares aos de Cuba quando os filmes se referiam às tradições de matriz africana na ilha. Tal similaridade permite evidenciar as tensões entre o legado histórico das culturas populares e as políticas culturais determinadas pelos dois lados do Atlântico.

Documentários cubanos dos anos 1960 e 1970 encenaram as heranças africanas e fizeram versões “modernizantes” das danças. *Historia de un ballet* (José Massip, 1962, ICAIC) retrata elementos do *yoruba* por meio de comentários sobre os gestos corporais e instrumentos musicais, porém o destaque do filme é dado ao Conjunto Nacional de Dança Moderna, do Teatro Nacional de Cuba, que fez uma leitura modernizante da mencionada cultura. Além disso, houve mudança de título do documentário, que no original chamava-se *Suite Yorubá*. Com a mudança do título, esvaziou-se o sentido ancestral na origem do espetáculo, como numa espécie “higienização”, para adequar a “cultura cubana” frente ao panteão ocidental.

<sup>29</sup> Excerto no original: “*In a hundred films, we can watch African dancers. And this is very important, because it was an element of attraction of these films for Soviet audience.*”

Há outros exemplos nos quais podemos observar o mesmo processo. O *noticiero* 291 (1966), que trata da Conferência Tricontinental em Havana, mostra uma apresentação carnavalizada de personagens vestindo a roupa de ritualização dos *abakuás*, considerados um dos grupos religiosos mais agressivos desde séc. XIX. Na reportagem, eles dançam em meio às mesas dos convidados estrangeiros.<sup>30</sup> Nos anos 1970, os documentários *Sulkary* (Melchor Casals, 1974, ICAIC), *Okantomi* (1974) e *Panorama* (1975), da mesma forma que *Historia de un ballet*, mostra-nos danças que remetem ao passado cubano e à cultura popular, desde um ponto de vista “modernizante” das raízes africanas.<sup>31</sup>

A questão do culto à ancestralidade foi um tópico pouco discutido nos filmes e cinejornais sobre a África. Um dos raros momentos encontra-se no documentário *Madina Boé* (José Massip, 1968, ICAIC, Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina, OSPAAAL), que exhibe cenas alusivas às crenças religiosas de soldados do PAIGC, na Guiné “portuguesa”. O diretor, ao comentar sobre o processo de produção do filme, deixa transparecer a dubiedade sobre a religiosidade africana, considerada aliada porém “transitória”, portanto, destinada a desaparecer com o tempo:

El film debe mostrar el *anacronismo* de la magia y la guerra moderna. En África la guerra de liberación

<sup>30</sup> Cabe destacar que a sociedade masculina *abakuá* era a “mais temida e odiada pelo governo” cubano. Cf. MOORE, 1988, p. 305, tradução nossa. Excerto no original: “*The Abacúá brotherhood, most feared and hated by the government* [...]”.

<sup>31</sup> Os mencionados documentários fazem parte de um conjunto de filmes de Melchor Casals. Iniciado em *Rítmicas* (1973) e *Plásmasis* (1974, ambos ICAIC), esse conjunto buscou formas fílmicas para melhor expressar a estrutura coreográfica. TRUJILLO, Marisol. El documental de arte: valorización de su presencia en el cine cubano. *Cine Cubano*, La Habana, n. 93, p. 118-119, 1979.

no puede esperar por el advenimiento de una conciencia materialista homogénea. Mientras tanto, la magia no anulará la condición revolucionaria del combatiente. Por el contrario, será un *aliado transitorio* provisto por una tradición cultural que ha servido al colonizado de base de resistencia a la culturalización que el colonizador ha tratado de imponerle (grifos nossos).<sup>32</sup>

A “magia” como “aliada transitória” do anticolonialismo justificou a presença de manifestações de religiosidade no filme, como na cena carregada de simbologia: a de Braima, o caçador. O soldado, de origem fula, encena a preparação para a caça de um antílope, com gestos de manuseio sobre o corpo e a arma, além de imitação de sons do quadrúpede, como forma de atraí-lo. A trilha musical é composta por um violão dedilhado com escalas musicais que remetem ao universo muçulmano. Todo o rigor de encenação e sonoridade mostra que José Massip mobilizou conhecimentos da cultura local com um objetivo outro: metaforizar a “caça” aos portugueses na Guiné.

Em alguns *noticieros*, o choque entre religiosidade e modernidade torna-se mais explícito. Na edição n. 435 (1968), sobre o II Colóquio sobre a cultura africana na América Latina e o Caribe, há uma homenagem ao prestigiado intelectual Fernando Ortiz, com imagens do evento internacional dedicado à sua obra e, também, da visita de convidados estrangeiros a um espaço religioso. Os visitantes, muitos deles negros e todos com roupas “ocidentalizadas”, acompanham de forma apática, em sua maioria, o evento. Já os frequentadores assíduos do espaço, por sua vez, eram pessoas pobres e

<sup>32</sup> MASSIP, José. Memorias de un viaje a África. Fragmentos. *Cine Cubano*, La Habana, n. 54-55, p. 77, 1969.

demonstraram adesão à cerimônia com danças e expressões corporais. O contraste entre os dois grupos compõe um quadro descompassado entre os “níveis civilizatórios”.

Outra leitura dos cultos ancestrais em Cuba vemos na edição n. 519 (1971), em reportagem intitulada “*Quemando tradiciones*” que, em sua abertura, condena as “tradições negativas” no país por meio de imagens de bruxaria e escuridão. Cânticos que remetem ao culto *yoruba* ocupam a rápida cena seguinte, enquanto vemos um folheto religioso com oração católica, que faz parte de suas práticas ancestrais. Por fim, uma mulher negra recolhe as folhas, dizendo à câmera que não tinha culpa, pois “*sólo vendo oraciones*”. O olhar condenatório sobre estas expressões culturais estava alinhado com a repressão aos cultos públicos no país, à época.

Estas reiteradas formas de representar as culturas de origem africana, ressaltando seu “atraso” em relação à modernidade, construíram imaginários sobre esses universos. A propósito dessa questão, Bronislaw Baczko (1985) afirma que os imaginários “intervêm, ativamente, na memória coletiva, para a qual os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram” (p. 312). Achille Mbembe (2017), por sua vez, explica que a engrenagem racial, nascida com a modernidade, esteve na base das atribuições de sentidos sobre o que era considerado “aceitável” e “figurável” às culturais que se encontravam fora da jurisdição Ocidental (p. 28).

O documentário *Círculo del infierno* (1986) mostra a persistência da visão ambivalente no cinema cubano sobre a ancestralidade no continente africano e a modernidade tecnológica nos moldes ocidentais. O filme registra as consequências sociais da seca pelo interior de alguns países subsaarianos. Visitando um agrupamento do povo *massai*, na Tanzânia, o narrador tece uma crítica à

representação carregada de estereótipos sobre os povos africanos enquanto vemos os detalhes do colar e brincos de uma mulher:

Fotos sensacionalistas nos han mostrado como curiosas arestas hostiles a los visitantes, deformando el aspecto externo de su cultura en la que se expresa un auténtico sentido de la belleza, enraizado en las tradiciones y las condiciones reales de su vida como pueblos nómadas.

No entanto, ao comparar o povoado e a capital tanzaniana Dar Es Salaam, percebemos uma hierarquização, a partir de modelos ocidentais, entre as regiões:

Parecería que tan solo dos horas de vuelo nos separaban de los masai, en las planicies de Arusha, y estos edificios que en la capital de Tanzania dan sede a una de las más importantes universidades de África: la Universidad de Dar Es Salaam. Pero la diferencia de tiempo es mucho mayor. En realidad, habíamos viajado del pasado precolonial y la obra de la colonización y su herencia hasta los presentes esfuerzos africanos por transformar su realidad.<sup>33</sup>

O sentido de “preservação” de aspectos das culturas ancestrais e mesmo sua “atualização” era compartilhado por movimentos socialistas africanos nos anos 1970. O escritor angolano Luandino Vieira, em visita a Havana em 1978, relacionou nacionalidade e culturas locais: *“Preservar todo lo referente a nuestra cultura nativa es muy positivo para nuestra revolución en la inteligencia de reforzar*

<sup>33</sup> O elogio à modernidade encontra seu limite no documentário *Círculo del infierno* (1986), no qual se denuncia os gastos com armamento nos países ricos e o lucro excessivo obtido por meio da exploração comercial de nações africanas empobrecidas, endividadas e tomadas pela seca.

*la unidad nacional. Esto ha sido así determinado por la dirección del MPLA y por la conciencia de los angolanos [...]*”<sup>34</sup> Dessa forma, pode-se notar que representantes dos regimes políticos em Cuba e em países africanos procuravam afirmar a nacionalidade em detrimento das especificidades culturais dos povos subsaarianos.

Entretanto, as referências à África mudaram de sentido ao longo dos anos 1970, a partir a visita de Fidel Castro ao continente em 1972 e, de modo mais evidente, com a participação de Cuba nos conflitos militares em Angola a partir de meados da década. No cinejornal n. 744 (1976), sobre as “raíces africanas”, o mandatário ratificou que a ilha era um país “*latinoafriano*” por meio de afirmações como “*La sangre de África corre abundante en nuestras venas*” e “*somos hermanos de los africanos*”. Com isso, buscava-se conferir legitimidade para essa relação histórico-nacional entre Cuba e a África subsaariana.

O registro das danças no documentário *Nova sinfonia* (1982) também revela essa mudança de configuração: nos eventos comandados por Samora Machel em Moçambique, espectadores e dançarinos residiam em povoados no interior do país. No filme não houve a demarcação entre “público civilizado” e “palco barbarizado”, característica da forma de exposição das culturas africanas, conforme analisamos anteriormente, uma vez que ambos estavam em simbiose.

O sentido e a importância da religião em Cuba foram igualmente modificados. Orunade Sijuwade Olobuse II, autoridade *yoruba* da Nigéria, visita a ilha, como mostra a reportagem na edição n. 1339 (1987). À época, o regime de Fidel Castro passou a valori-

<sup>34</sup> LÓPEZ PEGO, Rigoberto. Soy angolano y trabajo con fuerza. Entrevista con Luandino Vieira: la información más completa que se haya publicado sobre el cine angolano. *Cine Cubano*, La Habana, n. 94, p. 167, 1979.

zar as questões religiosas como forma de fortalecer as relações exteriores e também explorar o potencial turístico do país, mediado pelas religiões.<sup>35</sup> No entanto, a folclorização das heranças africanas permaneceu, como revela a edição n. 1251 (1985) do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, dirigido por Lázaro Buría, em matéria dedicada à visita de Kenneth Kuanda, da Zâmbia, antecedida por três reportagens sobre o folclore cubano, de modo a relacionar a África “real” e a África “imaginada” como estratégias de legitimação do “internacionalismo proletário”.

### 1.3. A CIRCULAÇÃO DE IMAGENS E IDEIAS ENTRE CUBA E PAÍSES AFRICANOS

#### 1.3.1. OS FESTIVAIS DE CINEMA: ESPAÇOS DE INTERAÇÃO

A circulação das imagens em movimento entre Cuba e outras partes do mundo se intensificou a partir da Revolução em 1959. Os itinerários formados a partir da interação da ilha com os Estados Unidos, por uma parte, e dos cubanos com os europeus, por outra, foram objeto de muitos estudos. No entanto, intercâmbios entre o país caribenho e o continente africano não foram abordados na mesma proporção. Na tentativa de preencher esta lacuna, propusemo-nos a apresentar e discutir eventos, exposições de filmes e algumas interações entre figuras do meio cinematográfico nesse espaço transcontinental.

<sup>35</sup> Vale recordar que em 1985, foi publicado o livro *Fidel e a religião*, escrito por Frei Betto a partir de uma entrevista feita com o líder, escrito por Frei Betto a partir de uma entrevista feita com o presidente cubano e no qual se expõe um mandatário mais tolerante religiosamente.

As primeiras menções sobre o contato com a África aparecem na revista *Cine Cubano* de maneira fragmentada e residual. Imagens de africanos anônimos ilustram artigos em algumas edições. Apenas em 1967, com a repercussão do filme *A batalha de Argel* (*La bataille d'Alger*, Gillo Pontecorvo, 1965, Casbah Film) em Cuba, foram dedicadas mais páginas da revista sobre os cinemas realizados na África.

Assim como ocorreu com os primeiros eventos sobre o cinema latino-americano nos anos 1960 (DEL VALLE DÁVILA, 2014, p. 43-52), os festivais internacionais foram os acontecimentos que possibilitaram os primeiros contatos entre Cuba e países do continente africano. Dentre eles, destacamos inicialmente o Festival de documentários de Leipzig, na República Democrática Alemã (RDA). As edições IV (1961), VII (1964) e VIII (1965) foram oportunidades em que filmes cubanos e argelinos foram exibidos e premiados. A revista cinematográfica cubana acompanhou os conterrâneos nesses encontros.<sup>36</sup>

Os Festivais de Cinema de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia, ganharam destaque os encontros entre cineastas de distintos continentes. O festival de 1962 sediou o primeiro *Symposium* das Jovens Cinematografias de Ásia, África e América Latina, que reuniu representantes destes territórios. O segundo ocorreu em julho de 1964, com destaque a nomes da América Latina, do Leste Europeu

<sup>36</sup> Dossier Documentales cubanos en el Festival de Leipzig; CORTAZAR, Octavio. Documentales exhibidos en el Festival de Leipzig; PÉREZ, Manuel. Nuestro cine documental en Leipzig; OCTAVIO GÓMEZ, Manuel. El documental visto por los documentalistas. *Cine Cubano*, La Habana, n. 06, 1962, p. 35-43; Cuba en el Festival de Leipzig; Entrevista con Santiago Álvarez. *Cine Cubano*, La Habana, n. 26, p. 01-05, 1965; ÁLVAREZ, Santiago. Leipzig: VIII Festival. *Cine Cubano*, La Habana, n. 31-32-33, p. 134-137, 1966. Além de Leipzig no início dos anos 1960, Fabián Núñez (2009) recorda que outro espaço dedicada ao cinema africano é a região italiana de Ligúria, por meios das “Resenhas” organizadas pelo Columbianum, que também realizaram as Ressegns del cinema latino-americano (p. 185-186).

e URSS, sem menções a filmes asiáticos ou africanos. A última referência ao festival tchecoslovaco foi em 1973. Ao longo das coberturas desses eventos, o cinema africano perde espaço.<sup>37</sup>

O Primeiro Festival Internacional de Cinema de Países da África e Ásia em Tashkent, na Uzbequistão soviética, em outubro de 1968, o 6º Festival Internacional de Cinema de Moscou de 1969, e o Festival Cultural Panafricano de Argel de 1969 foram novos momentos de reunião entre cubanos e africanos. Em Moscou e Argel, o destaque foi o senegalês, pioneiro do cinema em África, Ousmane Sembène. O diretor mostrou conhecimentos sobre as produções fílmicas na América Latina e apresentou a situação dos cinemas africanos, nos âmbitos da produção, distribuição, idiomas e público. Apareceu pela última vez na revista em 1979, ainda que se mantivesse atuante até os anos 2000.<sup>38</sup>

Em dezembro de 1973, aconteceu um encontro de diretores de cinema dos “três mundos”, o primeiro de uma série de eventos interligados. O inicial Encontro do Cinema do Terceiro Mundo, como foi denominado à época, contou com 26 cineastas africanos, 10 latino-americanos e 5 da “Ásia” (Oriente Médio), e ocorreu em Argel. O segundo teve menor representatividade (2 africanos, 1 argentino e 1 sírio), na Universidade de Buenos Aires (mai. 1974). O terceiro e último, Encontros Internacionais por um Novo Cinema

<sup>37</sup> El XIII Festival Cinematográfico Internacional de Karlovy Vary. **Cine Cubano**, La Habana, n. 07, 1962, p. 07-17; Karlovy Vary'64; Paso libre a las jóvenes cinematografías! **Cine Cubano**, La Habana, n. 22, 1964, p. 11-19; PÉREZ, Fernando. Karlovy Vary: Muestra de cine social; GONZÁLEZ, José Antonio. Karlovy Vary: Simposium del joven cine. **Cine Cubano**, La Habana, n. 78-79-80, p. 27-37, 50-54, 1973.

<sup>38</sup> TORRES, Miguel Con Ousmane Sembene en el Festival Internacional de Moscú 1969; MASSIP, José. Tashkent: breve crónica de un festival. **Cine Cubano**, La Habana, n. 58-59, p. 01-17, 21-25, 68-73, 1969; TIMOSSI, Jorge. Entrevista con Ousmane Sembene. **Cine Cubano**, La Habana, n. 60-61-62, p. 89-93, 1970; SEMBENE, Ousmane. La influencia del cine mudo soviético en los cineastas africanos. **Cine Cubano**, La Habana, n. 93, p. 14-16, 1979.

em Montreal (jun. 1974), reuniu 6 nomes da África, 17 da América Latina e nenhum “asiático”. Este último evento contou com a participação de maioria proveniente dos EUA e do Canadá, o que evidencia que as relações Sul-Sul são, muitas vezes, mediadas por países do Norte Global.<sup>39</sup>

Nesta ocasião, houve críticas abertas a Cuba por parte de alguns participantes, sobretudo de Guido Aristarco e Guy Hennebelle, por causa do alinhamento cubano à URSS. Como resposta, Julio García Espinosa manifestou-se afirmando que tal veredito estava “*desvinculado de las situaciones y luchas concretas atravesadas por los países latino-americanos o del Tercer Mundo*” (MESTMAN, 2013-2014, p. 66). Acreditamos que o cineasta reivindicava uma leitura “contextualizada” das lutas políticas, não só da ilha, mas do “terceiro mundo” também, dando a entender que tais críticos não conheciam, nem vivenciavam, as dificuldades de tais realidades.

O saldo positivo para os latino-americanos que participaram dos mencionados eventos foi o compromisso de criarem uma instituição subcontinental de representação dos diretores, a princípio chamada Federação Latino-americana de Cineastas (FELACI), nos moldes da congênera Federação Pan-africana de Cineastas (FEPACI) conforme esboçado nas resoluções dos encontros de Argel, Buenos Aires e Montreal (MESTMAN, 2013-2014, p. 78). O processo de organização na América Latina ganhou nova dinâmica e o projeto concretizou-se em Caracas, em setembro de 1974, quando fundou-se o Comité de Cineastas Latinoamericanos (C-CAL).

<sup>39</sup> Entre os cubanos, Santiago Álvarez, Manuel Pérez, Francisco León e Julio García Espinosa representaram o ICAIC. Pelo lado africano, destacamos as presenças de Ousmane Sembène (Senegal), Moussa Kiarité (Guiné-Conacri), Lamine Lerbah (Argélia), Youcef Chanine (Egito), Tahar Cheriaa (Tunísia), Gastón Caboré (Auto Volta, depois Burkina Fasso), Med Hondo (Mauritânia), Flora (Florentino) Gomes e Josefina Crato (Guiné-Bissau) e Lionel N’Kagane (África do Sul).

A presença cubana nos festivais internacionais e os contatos com diretores africanos faziam parte de uma estratégia diplomática do regime castrista para ampliar sua esfera de atuação internacional no campo da cultura. As mostras de cinema cubano em países africanos enfatizavam a importância dessa relação diplomática Sul-Sul, com a presença, ou não, de representantes do ICAIC, conforme a Tabela 2.

Tabela 2: Lista de eventos cinematográficos que exibiram filmes cubanos em países africanos entre 1964 e 1988.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> O levantamento tem como base diversas fontes impressas: Semana de cine cubano en Argelia. **Cine Cubano**, La Habana, n. 26, p. 34-40, 1965; Diccionario de realizadores cubanos de largometraje. **Cine Cubano**, La Habana, n. 96, p. 137-160, 1980; Diccionario de realizadores cubanos de cortometraje. **Cine Cubano**, La Habana, n. 97, p. 128-153, 1980; GALIANO, Carlos. Plano general. **Cine Cubano**, La Habana, n. 110, p. 96, 1984; GALIANO, Carlos. Plano general. **Cine Cubano**, La Habana, n. 114, p. 96, 1985; Começa hoje a semana de filmes cubanos. **Nô Pintcha!**, Bissau, p. 02, 24 mar. 1977; Praia: 1º ciclo do filme cubano *Nô Pintcha!*, Bissau, p. 03, 21 abr. 1977; Semana do cinema cubano: cineastas cubanos chegaram ontem a Luanda. **Jornal de Angola**, Luanda, p. 01-02, 17 abr. 1976; divulgação da Semana de cinema cubano “em Benguela e Lobito [...] Abertura com a presença dos cineastas cubanos Vicente Alba, Víctor Casaus e Glória Rolando”. **Jornal de Angola**, Luanda, 09 ago. 1980; programa Semana de Cinema Cubano, PÉREZ, Fernando. Jesús Díaz realizador do Filme “Pó vermelho”. **Jornal de Angola**, Luanda 31 jul. 1983; Semana de retrospectiva nos cinemas da capital: Santiago Álvarez hoje em Luanda. **Jornal de Angola**, Luanda, 06 abr. 1984; catálogos *Retrospectiva de Santiago Álvarez* em Maputo (Moçambique) e Luanda (Angola) na Cinemateca do MAM-RJ; ELIAS, António. Semana de cinema cubano: aprofundar conhecimento mútuo através do cinema. **Tempo**, Maputo, n. 944, p. 53, 13 nov. 1988. Em 1976, Santiago realizou *Maputo, meridiano novo*; no ano posterior, o escritor e cineasta Jesús Díaz dirigiu *Reportaje en Lagos e Benin: una nación africana*, todos os títulos produzidos pelo ICAIC.

ANO	EVENTO	REPRESENTANTE DE CUBA
1964	Semana de Cinema Cubano, Argélia	Alfredo Guevara
1967	Semana do Cinema Cubano, Guiné-Conacri	Manuel Pérez
1967	Festival de Cinema Cubano, Argélia	Santiago Álvarez
1969	Festival Cultural Pan-africano, Argélia	José Massip
1975	Semana do Cinema Cubano, Argélia	Manuel Herrera
1975	Semana do Cinema Cubano, Egito	Octavio Cortazar
1976	Semana do Cinema Cubano, Angola	Jesús Díaz
1976	Semana do Cinema Cubano, Moçambique	Santiago Álvarez
1977	Semana do Cinema Cubano, Guiné-Bissau	<i>Sem informação</i>
1977	Semana do Cinema Cubano, Cabo Verde	<i>Sem informação</i>
1977	II Festival Mundial de Arte e Cultura Negras, Nigéria	Jesús Díaz e José Massip
1977	Semanas de Cinema Cubano, Guiné-Conacri	Jesús Díaz
1977	Semanas de Cinema Cubano, Argélia	Manuel Pérez
1978	Semana do Cinema Cubano, Etiópia	Diego Constante e Victor Casaus
1978	Semana do Cinema Cubano, Tanzânia	Diego Constante e Victor Casaus
1980	Semana do Cinema Cubano, Angola	Vicente Alba, Víctor Casaus e Glória Rolando
1983	Semana do Cinema Cubano, Angola	Jesús Díaz
1984	Festival de Harare, Zimbábue	<i>Sem informação</i>
1984	Mostra de Cinema Latino-americano, Angola	Héctor García-Mesa, Teresa Toledo (Cinemateca de Cuba)
1984	Retrospectiva de Santiago Álvarez, Angola	Santiago Álvarez
1984	Retrospectiva de Santiago Álvarez, Moçambique	<i>Sem informação</i>
1985	Semana do Cinema Cubano, Gana	<i>Sem informação</i>
1985	Semana do Cinema Cubano, Burkina Fasso	Manuel Herrera
1988	Semana do Cinema Cubano, Moçambique	<i>Sem informação</i>

Grosso modo, o ritmo das mostras equivale à pulsação dos laços entre Cuba e países africanos, com hiato entre 1969 e 1975, e o decréscimo entre 1978 e 1983. No entanto, consideramos relevante a quantidade de eventos na África que contaram com realizadores de curta-metragem no ICAIC, majoritariamente. Alguns diretores aproveitaram a oportunidade para filmar no exterior, como Álvarez em Moçambique no ano de 1976, e Jesús Díaz na Nigéria e no Benin em 1977.

Nesse circuito transnacional, circularam muitos filmes cubanos pelo continente africano, mas também filmes sobre África, na ilha. O Cine-móvil ICAIC levava projetores e películas em vilarejos que não tinham salas de cinema e, em um repertório de 1970, constavam filmes sobre temáticas africanas. À mesma época, a Cinemateca de Cuba anunciou os programas “*Cine vietnamita y latinoamericano*” e “*Documental testimonio, documental guerrillero*”; neste último, o repertório fílmico explicita o intercâmbio das produções pelo Atlântico.<sup>41</sup>

Ao final da década de 1970, os contatos entre cineastas foram retomados, desta vez, em Cuba. Filmes africanos foram exibidos em Havana por ocasião do Festival Internacional de Cinema Jovem, em 1978, no qual se debateu o tema “*Contribucción del cine*

<sup>41</sup> GARCÍA-MESA, Héctor. Cine en camión, en arrias, en el aula, el la caña, en la montaña; Programa Documental Testimonio, Documental Guerrillero, Cinemateca de Cuba, dic. 1969-ene. 1970. **Cine Cubano**, La Habana, 60-61-62, p. 106-115, 166-168, 1970. Os documentários *Madina Boé*, *Historia de un ballet* (ambos de José Massip, 1962 e 1968), *El giro* (*Le mandat*, Ousmane Sembène, 1968, Senegal, França) e *La batalla de Argel* (1965) faziam parte do repertório do Cine-móvil. Por sua vez, os filmes: “*Lala Quema / Mario Marret. Guinea 1964*”, “*Lebanta* (sic) *Negro / Piero Nelli. Italia 1966*” e “*Madina Boe / José Massip. Cuba 1968*” constavam na mostra organizada pela Cinemateca de Cuba. Sobre esse órgão estatal e o Cine-móvil, cf. VILLAÇA, 2010, p. 63, 68-70 Outras instituições buscaram criar acervos “terceiro-mundistas”, como a Cinemateca do Terceiro Mundo no Uruguai (1969-1974) e o Centro Argelino da Cinematografia (CAC), criado em 1965. Para mais informações sobre a instituição uruguaia, cf. VILLAÇA, 2012.

*africano y de los países árabes en la lucha contra el imperialismo y el colonialismo por el rescate de la cultura nacional*". O cineasta argelino Merzak Allouache (Argélia) e o escritor angolano Luandino Vieira tiveram presença destacada no evento, conforme divulga a revista *Cine Cubano*. Os entrevistados analisaram a situação do cinema na Argélia e Angola.<sup>42</sup>

Em meados dos anos 1980, os cubanos se esforçaram, novamente, para retomar os intercâmbios. Uma nota publicada na *Cine Cubano*, por exemplo, divulga a Reunião Anual de Diretores de Cinematecas dos Países Socialistas, que contou com representantes das cinematecas da Nicarágua, Angola e Moçambique, em 1985.<sup>43</sup>

As VII e VIII edições do Festival Internacional do Novo Cinema Latino-americano (FINCL), realizados em 1985 e 1986 respectivamente, abriram espaço para apresentação de filmes e debates sobre os cinemas africanos em Havana e teve a participação de cineastas do continente. O momento foi propício à relação com o governo de Burkina Fasso, liderado pelo general Thomas Sankara. A edição da revista *Cine Cubano* com artigos sobre o VII FNCL celebra essa oportunidade:

<sup>42</sup> ARGILAGOS, Vivian. Arraigo a mi cultura. Entrevista con el cineasta argelino Merzak Allouache, director de Omar Gatlati; LÓPEZ PEGO, Rigoberto. Soy angolano y trabajo con fuerza. Entrevista con Luandino Vieira: la información más completa que se haya publicado sobre el cine angolano. *Cine Cubano*, La Habana, n. 94, p. 156-167, 1979. Destacamos os seguintes filmes exibidos neste evento: *Tendremos toda la muerte para dormir* (*Nous aurons tout la mort pour dormir*, Abib Med Hondo, 1975, Saara Ocidental, França), *Xala* (Ousmane Sembène, 1974, Senegal), *Velhos tempos, novos tempos* (Asdrúbal Rebelo, 1976, Angola), *O regresso de Amílcar Cabral* (José Bolama Cobumba, Josefina Crato, Flora Gomes, Sana na N'Hada, 1976, Suécia, Guiné-Bissau) e *Mirt Sost Shi Amit* (*Cosecha: 3.000 años, Harvest: 3.000 years*, Haile Gerima, 1976, Etiópia). Nos anos 1970, houve mais duas mostras de filmes africanos: "Ciclo de películas africanas", 1976, e "Pano-rama de cine africano y árabe", 1978.

<sup>43</sup> Plano general. GALIANO, Carlos. Nota sobre la Reunión Anual de Directores de Cinematecas de los Países Socialistas, con representantes de Nicaragua, Angola y Mozambique. *Cine Cubano*, La Habana, n. 111, p. 95-96, 1985.

Por primera vez, una nutrida delegación de cineastas africanos asistió al Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano. Representantes de Senegal, Nigeria, Mozambique, Ghana, Etiopía, Burkina Faso, Benin, Túnez, Sudafrica, Angola y Argelia tuvieron un amplio contacto con la obra y con los creadores del séptimo arte de nuestro continente.<sup>44</sup>

O evento ainda contou com a presença, entre outros, de Paulin Soumanou Vieyra, presidente do Comitê Africano de Cineastas (CAC), e de Gastón Kaboré, secretário-geral da FEPACI. Ambos denunciaram a exploração econômica do cinema mundial pelos EUA e firmaram acordos para que houvesse a participação em eventos de cinema em ambos lados do Atlântico, além da distribuição de filmes, cooperação, formação e criação do “*frente cinematográfico del III Mundo que contribuya en forma definitiva a la total independencia, rescate cultural, industrial, económico y tecnológico de las cinematografías de África, América Latina y Asia*”, de acordo com a declaração conjunta entre africanos e latino-americanos.<sup>45</sup>

O FNCL de 1986 contou com “*la muestra más completa de Cine Africano que se haya organizado jamás*”, com cerca de 60 filmes. A presença de Gastón Kaboré, também presente na edição anterior, reafirma os laços de Cuba com Burkina Fasso, sede de um dos mais importantes festivais de cinema do continente, o Festival Panafricano de Cinema de Ouagadougou (FESPACO). Essa proximidade foi iniciada em 1984, com a visita de Thomas Sankara a Cuba em 1984, conforme cinejornal n. 1197. Voltando ao FNCL, imagens da participação africana no festival de 1986 aparecem no *noticiero*

<sup>44</sup> VII FNCL: Presencia de África. **Cine Cubano**, La Habana, n. 115, p. 29, 1986.

<sup>45</sup> No VII FNCL, 1986, Paulin Vieyra apresentou o texto “*Aperçus du cinema africain / Panorama del cine africano*”, cuja cópia está no arquivo da Cinemateca do MAM/RJ.

n. 1312 (1986), em uma nota curta, de 34 segundos, na qual identificamos a presença, em meio aos debates com africanos, de Santiago Álvarez e Julio García Espinosa. Foi o último evento no qual houve a presença significativa de cineastas da África em Cuba.<sup>46</sup>

María Roof (2004) destaca que os eventos de 1985 e 1986 permitiram maiores conexões de Cuba com os africanos, as quais resultaram em acordos com a FEPACI e a produção de um longa-metragem ficcional entre o ICAIC e a Faso Films (Burkina Fasso), intitulado *Desebagato* (*El último salario*, Emmanuel Kalifa D. Sannon, 1987), em idioma bambara. No entanto, o filme, que retrata a conscientização política de um jovem construtor em Ouagadougou, foi recebido com reserva pela crítica especializada e o cineasta não voltou a dirigir longas-metragens (p. 253-255).

### 1.3.2. A FORMAÇÃO CINEMATOGRAFICA E AS COOPERAÇÕES TÉCNICAS

A colonização europeia sobre o continente africano fez com que a formação de técnicos e especialistas em cinema fossem prerrogativas de minorias brancas, os quais dispunham de meios e condições para o exercício das funções. Durante as lutas contra o colonialismo e partir das independências, houve esforços em criar espaços de capacitação profissional e de produção de filmes, uma vez que o cinema foi considerado essencial para a difusão das ideias políticas e ideológicas dos novos regimes.

<sup>46</sup> CONTE, Antonio. Apuntes del VIII Festival; Premios VIII Festival NCLA. **Cine Cubano**, La Habana, n. 118, p. 19-29, 1987. Em 1985, o cubano Manuel Herrera participou do FESPACO e do III Congresso da FEPACI (chamado de “Congresso do Resurgimento” da federação, após anos de imobilização) em Ouagadougou, Burkina Fasso, e publicou artigo sobre os debates no encontro de cineastas africanos em **Cine Cubano**, La Habana, n. 114, p. 69-79, 1985. Para uma história da FESPACO, cf. DIAWARA, 1992, p. 128-139.

Estrangeiros tiveram papel destacado no suporte tecnológico e formativo. Países europeus firmaram acordos para impulsionar as cinematografias das nações africanas recentemente independentes. Em Moçambique, o governo francês, por meio do Ministério de Negócios Estrangeiros, ofereceu ajuda financeira à Universidade Eduardo Mondlane para aquisição de material audiovisual, suporte técnico e carros equipados para terreno (MATTELART, 1979, p. 492). Esse território também contou com eminentes nomes do cinema internacional para projetos nacionais, como Jean Rouch (ateliê de cinema em super 8 mm) e Jean-Luc Godard (televisão), cujas propostas não foram aceitas ao final dos anos 1970 (SCHEFER, 2012). Após trajetória internacional, incluindo formação na França e direção de filmes no Brasil, Ruy Guerra retornou à ex-colônia portuguesa para dirigir documentários e ajudar na construção do cinema no país africano nos anos 1970 e 1980 (BORGES, 2017).

Já em Guiné-Bissau, artistas suecos doaram equipamentos para que os diretores fizessem seus trabalhos. De acordo com o cineasta Sana N'Hada: “[...] o governo da Suécia equipou-nos com câmaras *Arriflex BL16*, *Nagra 4-s*, uma moviola *Steinbeck Ham-bourg* e um *Sondor Libra*, para replicagem do som. Em 1976 o mesmo governo financiou ainda a revelação de toda a película que vínhamos filmando”.<sup>47</sup> Por fim, recordamos o caso de Angola, onde a Televisão Popular de Angola (TPA) recebeu a equipe francesa da Unicité, do diretor Bruno Muel, em 1975 e 1977, para formação especializada de funcionários e para a produção de documentários (GRAY, 2015).<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Mensagem de Sana Na N'Hada enviada ao autor em 10 nov. 2017.

<sup>48</sup> Sana na N'Hada, correspondência ao autor, em 10 de novembro de 2017. O exemplo mais recordado na criação de uma nova lógica para o cinema africano foi o de Ousmane Sembène, no Senegal, que buscava se afastar dos ditames temáticos e da dependência tecnológica em relação à França.

Em Cuba, além da Seção Fílmica das FAR e seu projeto de *corresponsales de guerra*, o ICAIC foi considerado um espaço de acolhimento de novos cineastas. Santiago Álvarez, principal nome do cinejornal, escreveu que uma das tarefas era “*Formar un personal profesional idóneo dentro del NOTICIERO ICAIC [...]*”. Anos depois, reiterou essa visão: “*Y precisamente por ser un taller donde el trabajo es de día y de noche con semanas de ocho días y días de 26 horas, eso hace que la pasión de todo el equipo se multiplique y se produzca una atmósfera creadora interminable*”<sup>49</sup>

O ICAIC foi espaço de formação técnica não apenas para cubanos, mas também estrangeiros. Em 1967, o líder do PAIGC, Amílcar Cabral, enviou quatro jovens da Guiné para estudar cinema no ICAIC: José Bolama Cobumba, Josefina Crato, Flora Gomes e Sana na N’Hada. Em suas memórias, Sana recorda as atividades na ilha:

Nós deixamos Conacri em 14 de junho [1967] e chegamos em Cuba duas semanas depois para encontrarmos Santiago Álvarez e sua equipe. Tiramos muitas fotografias, e então aprendemos como produzir sons e imagens, conversamos com muita gente, vimos muitos filmes e ouvimos muito sobre política. [...] O PAIGC enviou 25 estudantes de Conacri para Cuba. [...] Inicialmente, recebemos uma câmera e falamos sobre suas funções. Mas antes de irmos filmar, aprendemos muito sobre fotografia. Havia a cinemateca e a sala de cinema do ICAIC, também. Com Santiago Álvarez e outros aprendemos como projetar filmes e vimos muitos trabalhos de Álvarez. Ele costumava dizer que “a

<sup>49</sup> ÁLVAREZ, Santiago. La noticia a través del cine. *Cine Cubano*, La Habana, n. 23-24-25, p. 41, 1964; Entrevista con Santiago Álvarez. *Cine Cubano*, La Habana, n. 104, p. 12, 1983.

imagem faz e diz o que desejamos”. Era como ele conduzia sua maneira de filmar. O programa semanal de televisão dirigido por Álvarez foi, para mim, o núcleo [*core*] de seu trabalho. O documentário, no estilo de Álvarez, foi um modo de fazer cinema que eu comecei a fazer quando voltei à Guiné (*apud* CÉSAR, HERING, RITO, 2017, p. 30, tradução nossa).<sup>50</sup>

Em 1972, os quatro jovens trabalharam em um cinejornal de Senegal, orientados pelo pioneiro Paulin Vieyra, e, depois, realizaram filmagens pelo interior da então Guiné portuguesa. Após a independência de Guiné-Bissau, Sana N’Hada vai, em 1979, a Cuba e a outros países pedir auxílio para o Instituto Nacional de Cinema (INC) da Guiné-Bissau, fundado no ano anterior (CUNHA, LARANJEIRO, 2016, p. 14). No entanto, os contatos entre os dois países, à época, tornaram-se mais distantes.

Cabe destacar que no acervo fílmico de Guiné-Bissau há cinejornais e documentários filmados em Cuba, como o filme *Año 7* (*Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 290, 1966, dir. Santiago Álvarez), *Now* (S. Álvarez, 1965, ICAIC), e um áudio com sons de tiro de variadas armas de fogo, identificados por uma voz em castelhano, para fins de trilha sonora. Além disso, também consta

<sup>50</sup> Excertos no original: “*We left Conacry on 14 June [1967] and arrived in Cuba two weeks later to join Santiago Álvarez and his team. We took a lot of photographs, then we learnt how to produce sound and images, talked to lots of people, saw a lot of films and listened to a lot of politics [...]. The PAIGC sent 25 students from Conacry to Cuba [...]. Initially, we were given a camera and told about its functions. But before getting into actual filming, we learnt a lot about photography. There was a cinematheque and a cinema room at ICAIC too. With Santiago Álvarez and others we learnt how to project films and watched a lot of Álvarez’s work. He used to say that ‘the image does and says what one wants.’ This is how he addressed his filmmaking. The weekly TV broadcast directed by Álvarez was, for me, the core of his work. Documentary, in the style of Álvarez, was the kind of cinema that I started doing once back in Guinea*”. Acreditamos que o programa semanal mencionado na entrevista seja, em realidade, o próprio *Noticiero ICAIC Latinoamericano*.

nesse arquivo o registro dos jovens guineenses, dentre eles os quatro cineastas, enviados por Amílcar Cabral a Cuba nos anos 1960 em uma atividade no campo.<sup>51</sup>

Uma equipe cubana do ICRT (Mário Viana, Simon Escobar – que chegou a dirigir documentários – Pineda e Cabrera) atravessou o Atlântico em 1976 para oferecer formação técnica em televisão em Luanda.<sup>52</sup> Asdrúbal Rebelo, que trabalhava na TPA, um dos principais espaços de formação e produção cinematográfica do recente país (ABRANTES, 1986, 2015), foi o nome que se destacou entre os participantes das atividades e em Cuba, no ano seguinte, chegou a fazer parte da seção infantil da televisão nacional. A filmografia de Rebelo tratou, sobretudo, do tema das crianças angolanas em diferentes situações de vulnerabilidade.

Outro acordo, publicado em 1985, garantiria uma assistência à indústria cinematográfica nacional:

Un protocolo de colaboración entre las cinematografías de Cuba y Angola fue firmado en Ciudad de La Habana por Julio García Espinosa, viceministro de Cultura de Cuba y Arnaldo Moreira dos Santos, director general del Instituto Angolano de Cine. El documento, inscrito para los años 1985-1986, estipula entre sus acuerdos el inicio de los prepa-

<sup>51</sup> Cf. “*INCAGB\_025* 16mm / b&w / pos / opt snd cub 1966/67 año 7, by santiago álvarez 24’57” (CÉSAR, HERING, RITO, 2017, p. 365); “*INCAGB\_070* 16 mm / b&w / pos / opt snd swe / gnb / cub [...] / now, by santiago álvarez (excerpt) 5’28” (p. 370); *INCAGB\_385* 6.25 mm / meg tape cub 1969 / 65 [sound catalogue of artillery for film soundtracks] 27’15” (p. 399); “*INCAGB\_006* 35 mm / b&w / pos cub 1967 [a group of students from guinea-bissau volunteering in cuba, among the volunteers are: josefina lopes crato, josé bolama cobumba, sana na n’hada and flora gomes, who studied cinema at the Cuban institute of cinematographic art and industry (icaic).] 2’48” (p. 362).

<sup>52</sup> Há coproduções entre as televisões angolana (TPA) e cubana (ICRT) para a realização de documentários dirigidos por Simón Escobar: *Luanda, Mujeres de la OMA, Primer Mayo de la libertad, Danzas angolanas* e *Bienvenido Neto*, todos de 1976, e *Vermelho é o sangue que nos une*, 1977 (ABRANTES, 1986, p. 07).

rativos para la realización de la primera coproducción cubano-angolana, el intercambio de Semanas y Muestras de Cine de ambos países, el incremento de las relaciones comerciales entre las dos cinematografías y una ampliación de los vínculos de trabajo que ya unen a las cinematecas respectivas, Así mismo, se acordó el envío a Angola de un equipo de realización del ICAIC para adiestrar el personal artístico y técnico de la cinematografía de ese país.<sup>53</sup>

Assim como em Bissau, a Cinemateca de Angola possui em seu acervo diversas latas de película com filmes cubanos (Imagem 13 é um exemplo) exibidas em mostras de cinema no país, conforme listadas anteriormente na Tabela 2.



Imagem 13: Latas com rolos de película do documentário *La guerra en Angola* (Miguel Fleitas, 1976, ICAIC, ECIFAR). Acervo filmico da Cinemateca de Angola, nov. 2019. Fotografia do autor.

<sup>53</sup> Plano general. GALIANO, Carlos. Nota sobre protocolo de colaboración entre Cuba y Angola para una coproducción. *Cine Cubano*, La Habana, n. 113, p. 95, 1985. Não encontramos evidências de ações dentro do acordo de cooperação, apenas a produção Cuba-Angola posterior a esse ano.

Em Maputo, uma equipe cubana formada, por Melchor Casals (produção, roteiro), Miguel Calzado (iluminação), Ángel Ramírez (câmera), José Galiño (engenheiro de som) e Rotando Baute (edição) ministraram cursos no Instituto Nacional de Cinema, nos quais cerca de 30 profissionais se formaram. Na ocasião, Casals ressaltou a relevância da autonomia dos moçambicanos nessa área: “*Insistimos en la necesidad de utilizar camarógrafos, sonidistas, productores y editores nativos. Ellos pueden formarlos, porque existen compañeros capacitados para ello*”. Reiterou, também, que a parceria continuaria, uma vez que “*otro grupo de compañeros [cubanos] prestará asesoría en distintas especialidades de la cinematografía*”.<sup>54</sup>

Por sua vez, a Escola Internacional de Cinema e Televisão (EICTV) em San Antonio de los Baños, inaugurada em dezembro de 1986, também abrigou estrangeiros em Cuba em um contexto distinto, uma vez que o espaço tinha relativo distanciamento das políticas culturais vigentes na ilha. A FEPACI era encarregada de selecionar os jovens que estudariam cinema na Escola, segundo Fernando Birri: “*Para el continente africano, la selección se realizó en coordinación con la Federación Panafricana de Cineastas (FEPACI). Ellos organizaron la participación de Benin, Burkina Faso (Alto Volta), Cabo Verde, Mozambique, Guinea Bissau y Sudáfrica*”.<sup>55</sup>

Entre os primeiros estudantes africanos estavam Akitoby Philippe e Tidjani Sikiroo, do Benin, que manifestaram entusiasmo com o curso: “*Es una oportunidad, porque no tenemos un cine*

<sup>54</sup> Cf. Após 11 meses de cursos: 30 profissionais do cinema recebem certificados. **Noticias**, Maputo, 07 mar.1984; RIVERO, Ángel. Cine: 365 días en Mozambique. **Revolución y Cultura**, La Habana, n. 08, p. 76-77, ago.1984. Técnicos cubanos no INC em Maputo aparecem em uma cena do documentário *Kuxa Kanema: o nascimento do cinema* (Margarida Cardoso, 2003), provenientes do cinejornal moçambicano homônimo.

<sup>55</sup> RIVERO, Ángel. El sueño del cine. **Revolución y Cultura**, La Habana, n. 12, p. 44, dic.1986.

*propio. Pienso que cuando terminemos nuestros estudios vamos a luchar por el desarrollo de nuestro cine, porque estamos seguros que como cineastas dominaremos nuevos conceptos*”.<sup>56</sup> María Roof (2004) mostra a trajetória africana de alguns dos formados no EICTV, evidenciando a importância da instituição para o desenvolvimento do audiovisual em alguns países.

Esse foi o caso de Suleimane Biai, de Guiné-Bissau. O produtor afirma que estudou na primeira turma do EICTV, entre 1987 e 1991, e que, após breve passagem pela televisão de seu país natal, conseguiu trabalho no INC, onde foi assistente de produção para a filmografia de Sana na N’Hada e Flora Gomes, além de fazer produções locais. As memórias do guineense sobre a Escola enfatizam a liberdade de criação que havia no espaço: “Cada um tinha liberdade total e fazia o que queria, fazia o filme que queria. É incrível. Muitos filmes que eu via aí até eram críticos do Estado cubano, mas não havia pressão” (*apud* SILVA, 2020, p. 166). Biai lembra que Domingos Sanca e José Mendes também estudaram na instituição e hoje trabalham na televisão e na realização de documentários.<sup>57</sup>

Em um levantamento sobre a quantidade de jovens formados, majoritariamente masculinos, em cursos da EICTV (ANEXO – LISTA DE GRADUADOS EICTV, 1987-1992), observamos que alguns vieram de Angola (5),<sup>58</sup> Burkina Fasso (4), Etiópia (2), Gana (3), Guiné-Bissau (2), Moçambique (2) e República Árabe

<sup>56</sup> RIVERO, Ángel. En San Antonio de los Baños. *Cine Cubano*, La Habana, n. 118, p. 06, 1987.

<sup>57</sup> No levantamento de estudantes africanos do EICTV que comentaremos a seguir, constam como alunos do EICTV os nomes de Biai (ingresso em 1988) e Sanca (1987), mas não de José Mendes.

<sup>58</sup> José Mena Abrantes (2015, p. 27) recorda a carreira de Mariano Antonio Bartolomeu, que cursou direção no EICTV entre 1988 e 1991; dirigiu curtas em Cuba e Angola: *Caribeando* (1989, EICTV), *Un lugar limpo e bem iluminado* (1991, EICTV) e *Quem faz correr Quim?* (1991, EICTV, LNC).

Saharai (2); isto é, oriundos de países cujos governos ou movimentos políticos haviam estreitado variados laços com Cuba desde 1960. Os estudantes ingressaram entre 1987 e 1992, e concluíram entre 1990 e 1994. A Escola segue em atividade nos dias de hoje sob remuneração, uma vez que as cooperações com os cinemas africanos decaíram nos anos 1990, com o advento do “Período especial em tempos de paz” em Cuba.<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Por não constarem na lista, pode-se pensar que os dois jovens do Benin, Akitoby Philippe e Tidjani Sikiroo, não concluíram o curso em Cuba. Em levantamento publicado em FUNDACIÓN..., 2001, o número de africanos formados na instituição é o mesmo da lista que tivemos acesso. Em outras palavras: entre 1992 e 1998 não houve mais ingresso de estudantes africanos na ECITV. O número de alunos da África na instituição foi irrisório, porém não está distante das cifras de estudantes provenientes de países como Alemanha (1), Áustria (1), Canadá (2) e EUA (3), lugares que contam com mais opções e oportunidades para formação em cinema.



## A PRESENÇA CUBANA EM ÁFRICA: DO SAARA PARA O CONTINENTE

Como primeira instituição cultural do regime revolucionário cubano, o ICAIC tornou-se o espaço onde intelectuais e cineastas debatiam sobre as distintas cinematografias internacionais. Com o objetivo de criar um “cinema revolucionário” na ilha, eles rejeitaram a tradição cinematográfica nacional e passaram a contar 1959 como o “ano zero” da “nova” cinematografia. Mariana Villaza (2010) discute as posições de cineastas e intelectuais cubanos referentes às principais correntes de meados do século XX, como o *Free Cinema* inglês, o Neorealismo italiano e a *Nouvelle vague* francesa (p. 99-139).

No continente africano, devido ao colonialismo europeu, poucas expressões cinematográficas poderiam ser consideradas “nacionais” até meados do século XX. O Egito representa uma das exceções, uma vez que se tornou independente em 1922, e a produção, distribuição e exibição de filmes era majoritariamente comercial. No final dos anos 1950, no contexto das independências na

África Ocidental, algumas vezes reivindicaram a prática do cinema no continente como forma de emancipação a partir das imagens.<sup>1</sup>

Em Cuba, além dos supracitados movimentos europeus, outros cinemas estiveram nos radares dos intelectuais cubanos. O diretor do ICAIC, Alfredo Guevara, no texto inicial da revista *Cine Cubano* “*Realidades y perspectivas de un nuevo cine*”, faz menção à necessidade de conhecer as cinematografias em língua árabe, além das produzidas em lugares como Japão, Índia, China e Israel.<sup>2</sup>

No entanto, ao longo de sua existência, o periódico fez poucas menções a cineastas muçulmanos, sejam do Oriente Médio ou da África. O que não significou a ausência desses territórios no repertório audiovisual nacional cubano. A pauta temática do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* e dos documentários ajuda-nos a compreender o ritmo dos vínculos entre Cuba e a região do Saara, em particular, e do continente africano, de modo geral. O Egito e o Magreb (Marrocos, Argélia e Tunísia) aparecem com relevância no cinejornal cubano até 1965 e, nos anos seguintes, são apresentados com menos destaque em *noticieros* e documentários.

No enfoque sobre essas regiões, houve vínculos com África Subsaariana, enquanto as tensões sociais na Península Arábica foram atreladas ao Egito. A partir deste panorama, pretendemos, neste capítulo, aprofundar a análise de algumas questões sobre a relação de Cuba com o norte da África, região denominada como “África Mediterrânea” pelo historiador Elikia M’Bokolo (2009),

<sup>1</sup> VIEYRA, Paulin Soumanou. Responsabilités du cinema dans la formation d’une conscience nationale africaine. *Présence Africaine*, Nouvelle série, Paris, n. 27-28, p. 303-313, aout-nov. 1959; Le Cinéma et la Révolution Africaine. *Présence Africaine*, Nouvelle série, Paris, n. 34-35, p. 92-103, oct. 1960-jan. 1961. Até as independências, os negros eram impedidos de produzir filmes e a política cultural era ditada a partir das metrópoles europeias ou pelas elites locais. Sobre o cinema em África durante o período colonial, cf. REYNOLDS, 2015.

<sup>2</sup> *Cine Cubano*, La Habana, n. 01, p. 03-10, 1960.

procurando mostrar as conexões desse espaço com os territórios situados abaixo do deserto do Saara.

Ao apresentar este recorte geopolítico, não buscamos reforçar certa ideia sobre o continente africano, que separa uma “África branca” ao norte do deserto do Saara da “África negra”, ao sul. No Capítulo 1, tratamos da maneira como o tema surgiu na produção fílmica cubana, com a finalidade de desconstruir essa leitura. No entanto, o norte da África foi representado no audiovisual em torno de dinâmicas próprias.

Na periodização que propomos sobre as relações entre Cuba e países africanos até 1991, a Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN) ocupa papel fundamental entre 1960 e 1965. As reflexões relacionadas ao movimento giram em torno dessa aliança internacional e seus desdobramentos. Ainda neste capítulo, alcançaremos os anos 1970 e 1980, cujos objetivos são refletir sobre como as obras audiovisuais evidenciam um processo de desagregação dos laços cubanos com a região saariana, e debater como, no mesmo período, houve um gradativo enfoque à África Subsaariana, pois foram estabelecidas pontes fundamentais do regime castrista no apoio a movimentos guerrilheiros locais.

## **2.1. O EGITO DE GAMAL ABDEL NASSER E OS CONFLITOS ARMADOS CONTRA ISRAEL**

Os primeiros esforços de Cuba em criar alianças oficiais na África foram direcionados para o Egito, governado por Gamal Abdel Nasser desde 1956, e a Guiné-Conacri, que sob a liderança de Ahmed Sékou Touré tornou-se independente em 1958. Esses contatos tiveram significado “anti-imperialista” para os cubanos, porque os países mencionados buscaram caminhos próprios de desenvolvimento econômico, menos dependente da ordem internacional bi-

polar à época. Por ora, dedicamo-nos ao caso egípcio, uma vez que a Guiné teve grande importância para o regime castrista ao final dos anos 1960.

Sobre a relação entre Cuba e Egito, os dois países conduziram revoluções nos anos 1950 que alimentaram expectativas no campo progressista mundial. Nasser foi um dos organizadores do Movimento dos Oficiais Livres que derrubou a longeva monarquia egípcia em 1952. O novo governo egípcio foi destaque na Conferência Afro-Asiática de Bandung em 1955, e Nasser se consolidou como um líder político, com projeção internacional, após a nacionalização do Canal de Suez em 1956. No mesmo ano, o Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR26), liderado por Fidel Castro, atacou o Quartel de Moncada sem sucesso; três anos depois, derrocou o governo de Fulgêncio Batista, ligado aos EUA, e, desde então, buscou construir um modelo de nova sociedade em contraste com o capitalismo. Procurou-se, também, uma nova diplomacia.

Em 1960, Raúl Castro visitou o Cairo, a convite do governo egípcio para acompanhar as celebrações do 8º aniversário da revolução nacional de 1952.<sup>3</sup> No *noticiero* n. 10 (1960), o narrador da edição, que comentava as imagens em voz *over*, ressalta as expectativas de Nasser em relação a Cuba:

Nasser expresa su deseo de estrechar más las relaciones entre Cuba y la RAU; su interés por los problemas de Cuba; la solidaridad del pueblo y el gobierno de la República Árabe Unida para con la Revolución Cubana y su seguridad en el triunfo de esta; como ha ido triunfando Egipto frente a las agresiones imperialistas.

<sup>3</sup> Piero Gleijeses (2007) afirma que Ernesto “Che” Guevara, ao visitar o Egito em junho de 1959, “*fue la primera visita de un funcionario cubano de alto rango al continente*”; Raúl Castro, em julho de 1960, foi o segundo (p. 53).

As relações transoceânicas seguiram em foco nas edições posteriores, centradas em eventos públicos ou viagens de representantes oficiais, tais como a chegada de uma equipe econômica a Havana e o anúncio de nacionalizações de empresas europeias no Egito em 1960; a manifestação em favor de Cuba, no Cairo, no contexto de agressão militar à ilha em abril de 1961; as primeiras Conferências do Movimento de Países Não-Alinhados em 1961 (Belgrado, na Iugoslávia) e 1964 (Cairo); e o processo de ampliação do Canal de Aswan, financiado pela União Soviética em 1964, com a presença do presidente argelino Ahmed Ben Bella e de Nikita Krushev.<sup>4</sup>

Na edição n. 28 (1960) do cinejornal, ao informar as nacionalizações empreendidas por Nasser de empresas belgas, seus gestos econômicos e políticos sugerem paralelos entre os esforços do regime cubano, que seguia o processo de estatizações de empreendimentos estadunidenses na ilha. As ações, no Egito, foram uma resposta oficial à cumplicidade da Bélgica na crise político-social no Congo-Léopoldville, recém-independente, cujo resultado foi o assassinato do primeiro-ministro Patrice Lumumba no começo de 1961. Tal crime teve grande repercussão em Cuba, que acompanhou atentamente o caso, como veremos mais adiante.<sup>5</sup>

O esforço das reportagens em destacar as ações estatais do Egito tinha como objetivo justificar, ideologicamente, junto aos espectadores cubanos, as que ocorriam em território cubano, além de sugerir a “sintonia” entre Havana e Cairo no que se referia às reações

<sup>4</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 20 e 28 (1960), n. 59 e 66 (1961); e n. 207, 209, 225, 227 e 229 (1964).

<sup>5</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 38 (1961) noticiou o assassinato de Patrice Lumumba (17.01.1961) e a manifestação nas escadarias da Universidade de Havana. Optamos pela grafia Congo-Léopoldville para aludir ao território anteriormente colonizado pela Bélgica, atualmente República Democrática do Congo, a fim de diferenciá-la do Congo-Brazzaville, território que havia sido controlado pelos franceses e hoje oficialmente chamada República do Congo. Ambos países são separados pelo Rio Congo.

frente aos crimes contra a humanidade cometidos por forças ocidentais capitalistas, vulgarmente referidas como “imperialistas”, nos países pobres. Destaca-se, também, o “sacrifício” necessário nos países do Sul Global para sair da condição de “subdesenvolvimento”.

Em meados dos anos 1960, observamos a construção audiovisual de uma rede mundial imaginária, capitaneada pela União Soviética, por meio da exibição de visitas oficiais e da cooperação soviética em terras africanas. A presença do líder soviético Nikita Krushev (*noticiero* n. 209, 1964) em meio aos presidentes da Argélia e Egito, durante as obras de ampliação do Canal de Aswan, sugeria a ideia de uma “comunidade” internacional com lastro no socialismo e no “anti-imperialismo” (Imagem 14).



#### IMAGEM 14

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 209 (1964).  
Ahmed Ben Bella (Argélia), Nikita Krushev  
(URSS) e Gamal Abdel Nasser (Egito) em evento  
durante construção do Canal de Aswan.

Ao final da matéria, o narrador assevera: “*En un comunicado soviético-egipcio, se expresa el peligro que representa para la paz mundial la situación creada por los Estados Unidos en la zona del Caribe, exigiendo respecto a la soberanía de Cuba*”. A frase busca reafirmar a corrente de solidariedade entre povos de territórios tão distantes geograficamente, e, além disso, evidenciar que as denúncias de agressões militares à ilha circulavam pelo Sul Global.

A construção audiovisual cubana seguia a matriz ideológica pró-URSS. Entretanto, Nasser adotava uma linha política distinta: recusava o vínculo direto com o socialismo, reafirmava a natureza muçulmana do Egito, proibia a existência de movimentos comunistas no país e ironizava o que chamava de “as ordens” vindas de Moscou. Além disso, não promovia medidas que confrontassem diretamente os EUA, principal investidor estrangeiro no país (MANSFIELD, 1967, p. 80-94).

Os conflitos entre Israel e muçulmanos, que tinham o Egito à frente, foram acompanhados pelo *Noticiero ICAIC Latinoamericano*. Os países beligerantes haviam entrado em confronto em 1948 na chamada “primeira guerra israelo-árabe”, quando se formou o Estado judeu, sob o beneplácito da ONU, resultando na expulsão de muçulmanos do território. A “segunda guerra israelo-árabe” ocorreu em 1956, quando o Canal de Suez foi nacionalizado pelo governo de Nasser, gerando ataques coordenados da Inglaterra, França e os israelitas, por meio de ações que foram condenadas internacionalmente. Em 1967, houve a chamada Guerra dos Seis Dias ou “terceira guerra israelo-árabe”, com derrota de forças islâmicas frente ao poderio do sionismo pró-ocidente.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Israel teve presença comedida no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* (duas menções em 1961 e 1962) até 1967, quando passa a ser frequentemente denunciado pelo cinejornal pelos constantes crimes contra muçulmanos dentro do país e em territórios vizinhos (Egito, Líbano, Palestina e Faixa de Gaza) nos anos 1967, 1973, 1976 e 1982. Para mais informa-

Sobre esse último conflito, o cinejornal dedicou matérias curtas (entre 30 seg. a 2 min. cada) em quatro edições seguidas, nas quais denunciava as agressões de Israel contra muçulmanos. Imagens de movimentações militares, cenários de destruição, manifestações públicas, mapas e impressos (sobretudo manchetes do jornal *Granma*) compõem as reportagens que, ao final, reconheciam a derrota do Egito. Nasser faleceu em 1970, sem menções no cinejornal.<sup>7</sup>

Os vínculos diplomáticos entre Cuba e Egito foram menos estreitos com a chegada de Anwar el-Sadat à presidência no mesmo ano. Num primeiro momento, o líder não foi mencionado no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*. Em contrapartida, as forças egípcias e muçulmanas da Península Arábica foram mostradas em ação no “quarto conflito israelo-árabe”, a Guerra de Yom Kippur de 1973, apaziguada pela ONU.<sup>8</sup>

Na segunda metade da década de 70, o *Noticiero* apresentou matérias com o intuito de denunciar as omissões de el-Sadat diante do ataque de Israel ao Líbano em 1976. Noticiou, também, seus planos “pró-imperialistas” nas negociações com o regime político de Israel em 1977. Nesse contexto, o egípcio foi constantemente exibido ao lado de autoridades israelitas e dos Estados Unidos, como Henry Kissinger e Ronald Reagan. A revolta islâmica contra esses contatos resultou no assassinato do presidente, que foi celebrado no cinejornal n. 1044 (1981). A notícia de sua morte marcou, também, o fim da temática egípcia na cobertura do cinejornal cubano.<sup>9</sup>

---

ções sobre os conflitos israelo-árabes, cf. DEMANT, 2004, p. 144-147.

<sup>7</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 362, 363, 364 e 365 (mai.-jun. 1967).

<sup>8</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 628 e 636 (1973) e n. 685 (1974). À época, Cuba enviou militares que “pilotavam tanques e jatos que partiam da Síria na luta contra Israel”. Cf. MORAIS, 1976, p. 171.

<sup>9</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 766 (1976), n. 842 (1977), n. 885 (1978), n. 944

As matérias fílmicas sobre o Egito eram curtas, tocavam em temas pontuais e não exploravam questões importantes do contexto nacional, como aspectos sociais, religiosos, culturais e cinematográficos. Tampouco relacionavam os vínculos do Egito com as nações árabes, como a Síria, a Palestina e o Iraque, bem como as relações com os Estados recém-independentes da África e o apoio oferecido aos movimentos de emancipação do continente.<sup>10</sup>

A seleção das reportagens tinha como critério a legitimação do próprio governo cubano, porque destacava os esforços diplomáticos e as ações no exterior que convergiam com o que se passava na ilha. O mesmo ocorria em termos de modernização e soberania nacional, como os planos iniciais de industrialização em ambos os países e as lutas contra o “imperialismo” americano, por um lado, e israelita, por outro.

## 2.2. HAVANA E ARGEL: AS CAPITAIS DO “TERCEIRO MUNDO”

A Argélia foi o principal vínculo dos cubanos com o continente africano na primeira metade dos anos de 1960. Nesse período, o país do Magreb conquistou a soberania em relação ao domínio francês, em 1962. A independência confirmou-se após anos de combates sangrentos entre a FLN, criada em 1954, e o exército colonial. O jovem governo teve a liderança de Ahmed Ben Bella,

---

(1979) e n. 1044 (1981).

<sup>10</sup> O cinema no Egito tem longa tradição comercial que remete ao final do séc. XIX, mas seus filmes raramente foram exibidos em Cuba. Para uma história do cinema egípcio, cf. SHAFIK, 2014. Nas relações internacionais, Síria e Egito formaram a República Árabe Unida (RAU) entre 1958 e 1961, nome adotado pelo governo egípcio até o início da déc. de 1970. Gamal Abdel Nasser tentou auxiliar na reorganização da Palestina, o que levou o país ao conflito armado com Israel. Já o Iraque disputou a hegemonia regional em alguns períodos. Cf. MANSFIELD, 1967.

quem facilitou a criação de pontes entre Havana e movimentos guerrilheiros da região subsaariana.

Ben Bella foi tirado do poder em 1965 por meio de um golpe militar organizado por Houari Boumédiène, ministro de Defesa do governo argelino, que assumiu o poder até sua morte, em 1978. Em decorrência da súbita mudança, os contatos com o Estado cubano foram parcialmente interrompidos e as relações só voltaram a ser restabelecidas, publicamente, a partir de 1972.

Pensando nesse contexto, trataremos, a seguir, de algumas questões envolvendo os trânsitos entre Cuba e Argélia na década de 1960, como os paralelos históricos de ambos os países e o papel dos eventos, especialmente os cinematográficos, para a legitimidade das duas revoluções no plano internacional.

### **2.1.1. CONSTRUÇÃO DE CONVERGÊNCIAS HISTÓRICAS ENTRE “REVOLUÇÕES EXEMPLARES”**

Entre 1960 e 1965, cinejornais enfatizam pontos históricos em comum entre as lutas armadas organizadas pelo MR26 em Cuba e a FLN na Argélia, bem como ressaltam as demonstrações recíprocas de solidariedade. Com o início dos laços diplomáticos com o norte do continente africano a partir de 1959, surgiram condições para representantes cubanos se aproximarem do movimento argelino. Analisaremos algumas questões em torno das representações dos entrelaçamentos entre esses países.

A primeira menção africana no cinejornal ocorreu na quarta matéria do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 05, de julho de 1960, dedicada à luta armada pela independência argelina. A reportagem merece considerações específicas por causa das características narrativas observadas em outras edições do cinejornal.

Intitulada “*Guerrilleros argelinos*”, ela traz imagens da repressão colonialista vivida pelos camponeses e da organização da FLN para combater o exército francês na região. A matéria possui dois minutos de duração e a seguinte narrativa é lida em voz *over*:

Esto es Argelia. La audacia de un camarógrafo trabajando en las más difíciles condiciones permitió tomar estas escenas. Pese al hambre y al terror, la lucha y la fe del pueblo argelino crece en cada día que pasa. Francia está gastando más dinero y hombres que los empleó en Indochina para luchar contra el movimiento argelino de independencia: más de mil quinientos mil soldados a un costo de tres millones por día son el precio de la terquear coloniaje en Argelia. El pueblo argelino no es del francés sino anticolonial. Una vez más parecen fracasar en París las negociaciones entre el gobierno del general De Gaulle y los delegados del Frente de Liberación. Sería fácil terminar la sangrienta guerra que existe aún sobre Argelia. Bastaría una acción: el reconocimiento de la libertad y la independencia de Argelia. El ejército de liberación lucha contra los grandes recursos militares que Francia obtiene a través de la OTAN para una supuesta defensa de la democracia [trecho lido ironicamente]. Ninguna fuerza de la Tierra puede callar el deseo de un pueblo por su libertad. El pueblo de Argelia está dispuesto a continuar la lucha que ya ha durado seis años hasta alcanzar la meta señalada: ¡la independencia!

O longo trecho não se refere ao socialismo, uma vez que se pauta por um anticolonialismo radical, e enfatiza a desproporção de forças militares entre a FLN e a França, país que tinha suporte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Segundo o narrador, as imagens foram capturadas graças à “*audacia de*

*un camarógrafo trabajando en las más difíciles condiciones*”. Não há detalhes sobre o processo de filmagem, como é característico do cinejornal.

Visualmente, a matéria sintetiza o processo de combate pela independência da Argélia por meio de três conjuntos imagéticos. O primeiro é formado por figuras de sofrimento, com a exibição de uma criança aos prantos ao lado de um corpo, enterrado logo na sequência. O segundo grupo centra-se no trabalho de organização da FLN: comunicação, medicina e treinamento militar. No final, apresenta-se uma breve cerimônia de hasteamento da bandeira argelina, que coincide quando a narração profere os últimos dizeres: “... *alcanzar la meta señalada: ¡la independencia!*” (Imagem 15).

Alguns elementos dessa narrativa sugerem paralelos com a memória oficial sobre a guerrilha cubana dos anos 1950. A primeira relação pode ser feita a partir do ambiente repressivo retratado pela matéria, permitindo uma analogia com o autoritarismo do governo de Fulgencio Batista. A presença do soldado da FLN no radiotransmissor remete à estratégia de comunicação dos líderes do MR26 com a população, via rádio, na Sierra Maestra. Ao final, vemos combatentes em treinamento, manejando armas de fogo, tal como os “barbudos” cubanos.

Segundo o pesquisador Emmanuel Vincenot (2016), nos primeiros anos da Revolução em Cuba, a iconografia em torno dos “rebeldes” uniformizados consolidou uma “hiperpresença” da figura do guerrilheiro nos meios de comunicação para legitimar o grupo castrista no poder (p. 94-95). Pode-se pensar que a reportagem foi organizada com a intenção de angariar apoio social para a FLN, veiculando sua contextualização com a memória oficial cubana da longa batalha contra o ex-presidente.

A relação entre as ações governamentais de Cuba e a situação

argelina foi reiterada no mesmo *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 05 por meio da sexta e última notícia da edição, dedicada ao processo de nacionalização do petróleo explorado por empresas dos EUA. Na imagem que encerra a mencionada reportagem, há o hasteamento da bandeira cubana (Imagem 16) em tom triunfalista, assim como ocorreu quando se tratou dos argelinos.



### IMAGEM 15-16

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 05  
(1960): conjugação visual de dois processos  
revolucionários em curso, Argélia e Cuba.

Na matéria sobre a FLN, a estratégia narrativa assume uma forma condensada de apresentação do contexto colonialista na Argélia e, além disso, da “solução” encaminhada para resolver os problemas apresentados. Este tipo de sequência constitui o que chamamos de “micronarrativa da libertação”, iniciada com o diag-

nóstico da repressão contra os oprimidos e finalizada com a defesa da luta armada para combater os opressores. A montagem conjuga habilmente diversos planos em poucos minutos, condizente com o tempo curto das matérias cinejornalísticas.

O historiador João Paulo Borges Coelho (2019) propôs a ideia de “roteiro (*script*) da libertação” para pensar “um *corpus* narrativo coerente e fixo, constituído por uma sequência de eventos numa linha temporal e organizado em algumas grandes fases”, em função dos Congressos do grupo político hegemônico em Moçambique (p. 05). Observamos que no caso do cinema cubano, as “micronarrativas da libertação” possuem uma estrutura própria para apresentar os “problemas” políticos e sua “solução”. Segundo o pesquisador Luís de Brito (2019), o termo “libertação” foi utilizado pelos movimentos de independência com fins de legitimação social (p. 44-45).

A reportagem supramencionada condensou sequencialmente uma série de imagens em movimento, acompanhada de um longo texto. Essa combinação integra um discurso fílmico dinâmico e, ao mesmo tempo, sintético. Observando o conjunto dos cinejornais, e inclusive de documentários, dos anos 1960 a 1990, notamos que as “micronarrativas da libertação” estão presentes em diversas edições. Não são restritas às representações audiovisuais sobre a África, porém eram recorrentes nelas, uma vez que as lutas pela independência e pela construção nacional nos países africanos se davam no mesmo período no qual o *Noticiero* era produzido e veiculado.

Entre 1960 e 1962, alguns *noticieros* demonstravam apoio à causa africana e acompanhavam o processo de emancipação argelina. Entre dezembro de 1961 e janeiro de 1962, o governo cubano forneceu armas e ajuda médica à FLN, via Marrocos, em ações secretas, como será a tônica do suporte de Cuba a movimentos guer-

rilheiros outros. A ilha recebeu feridos e órfãos de guerra da Argélia (GLEIJESES, 2007, p. 55-56), que apareceram brevemente em reportagens do cinejornal.<sup>11</sup>

Após a formalização da independência, o então primeiro-ministro Ahmed Ben Bella visitou Cuba no início da chamada Crise dos Mísseis, em abril de 1962.<sup>12</sup> A edição que trata dessa visita (n. 124, 1962) apresenta um paralelo entre a trajetória de Ben Bella e a de Fidel Castro: ambos foram presos políticos, chegaram ao poder após extensas guerrilhas e estabeleceram contatos com grupos de esquerda pelo mundo.

A cena do “abraço fraterno” entre os dois mandatários simboliza a convergência dos processos históricos nacionais (Imagens 17-20). O gesto foi “congelado” na tela para dar lugar a uma série de imagens de arquivo, que trazem cenas das lutas armadas dos dois países. A seguir, a reportagem volta ao abraço e, na sequência, à continuidade da visita. Esta habilidade na montagem é uma característica da obra documental de Santiago Álvarez, responsável pelo conteúdo de mais de 500 edições do cinejornal, sobretudo nos anos 1960, e pela extensa produção de diversos documentários em sua carreira.

<sup>11</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 22 e 27 (1960), n. 94, 96, 109 e 123 (1962). Há um documentário em que os “pioneiros” cubanos e meninos argelinos interagem: *Tiempo de pioneros* (Roberto Fadiño, 1962, ICAIC).

<sup>12</sup> A chamada “Crise dos Mísseis” ocorreu em outubro de 1962 e teve início a partir de uma tentativa da URSS em instalar mísseis balísticos em Cuba, que se localiza a 145 km da Flórida, nos EUA que, por sua vez, responderam energicamente impondo um bloqueio militar à ilha. As negociações ocorreram entre as duas potências, que retiraram as bases militares de Cuba (URSS), da Itália e da Turquia (EUA). Para mais detalhes, cf. AYERBE, 2004, p. 50-51; BANDEIRA, 2009, p. 480-508.



## IMAGENS 17-20

*Noticiário ICAIC  
Latinoamericano n.  
124 (1962):*

O “abraço  
fraterno” entre  
os líderes e o  
flashback de ambas  
as lutas contra o  
“imperialismo”.

As manifestações recíprocas de solidariedade fizeram parte das edições posteriores; em algumas delas, Argélia foi retratada, ao lado do Vietnã e de Cuba, como um dos três maiores “exemplos” de revoluções bem-sucedidas no “terceiro mundo”. 1963 foi um ano emblemático com relação à presença cubana num conflito internacional: no mês de outubro, soldados foram enviados à região para reforçar os argelinos na chamada Guerra das Areias, contra o Marrocos, que foi resolvido diplomaticamente.<sup>13</sup>

Em 1964, as visitas de Ben Bella e Nikita Krushev à URSS e ao Egito respectivamente selaram uma virada na representação audiovisual sobre a Argélia: se até 1962 a luta armada era o foco, a partir desse ano, os laços com os soviéticos passam a ser incluídos nessas relações. A proximidade do Estado cubano com a URSS em 1961 e a correlação de forças políticas em favor do Partido Socialista Popular (PSP, nomenclatura que definiu o antigo Partido Comunista em Cuba) permitem compreender a razão pela qual o cinejornal enfatizou os vínculos de Moscou com países africanos.<sup>14</sup>

No entanto, da mesma maneira como Nasser mantinha distância de Moscou, Ben Bella se orientava, ideologicamente, por um “socialismo islâmico” a ser introduzido na Argélia. Além disso, administrava tensas relações comerciais com os EUA, enquanto apoiava movimentos de independência africanos (YAZBECK, 2010, p. 75-77).

Cabe destacar a relevância que os primeiros vínculos do regime de Fidel Castro com o norte da África tiveram para a expansão dos contatos no continente. Em primeiro lugar, o apoio que Gamal

<sup>13</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 128 (1962), n. 137 e 164 (1963), 220, 228, 229, 231 e 246 (1964). A visita do então ministro Houari Boumédiène a Cuba, em 1963, deu ensejo ao documentário *Comandante en Jefe, ordene* (Antonio Ruiz, 1963, ECIFAR). Entraremos em detalhes sobre a Guerra das Areias mais adiante.

<sup>14</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 205, 207 e 209 (1964).

Abdel Nasser oferecia à FLN e a outros grupos guerrilheiros facilitou os intercâmbios dos cubanos com os argelinos. Em segundo, na capital Argel, diversos grupos subsaarianos se instalaram para treinamento militar e para a busca de recursos na Europa.<sup>15</sup> Na Argélia, por exemplo, havia bases do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e do PAIGC, grupos fundamentais para os elos transatlânticos de Cuba nos anos posteriores.

A proximidade com a Guiné-Conacri, presidida por Sékou Touré, e Gana, de Kwame Nkrumah, no início dos anos 1960, também assegurou ao regime castrista importantes embaixadas em terras subsaarianas, fundamental no apoio a movimentos de guerrilha na África Ocidental nos anos seguintes. O dissidente cubano Carlos Moore (1988) chegou a mencionar certa “disputa” entre Nasser, Ben Bella, Nkrumah e Fidel Castro pela “liderança” na coordenação de movimentos africanos (p. 173-175, 195).

Muitos desses países e grupos guerrilheiros passaram a ser mencionados no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* com alguma regularidade após as relações diplomáticas com Argélia. As visitas de delegações do Marrocos, Mali e Senegal a Cuba foram noticiadas até 1965, num sinal da expansão das “zonas de contato” da ilha no continente africano.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Para mais detalhes do apoio que Ben Bella ofereceu a movimentos africanos de independência, cf. BYRNE, 2016.

<sup>16</sup> Mali e Senegal: *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 165 (1963); Marrocos: n. 25 (1960), n. 43 (1961), n. 176 (1963), n. 243 e 246 (1965).

## 2.2. A CIRCULAÇÃO DE FILMES CUBANOS E ARGELINOS NA DÉCADA DE 1960

Cineastas de Cuba e da Argélia marcaram presença em festivais e mostras de cinema. No capítulo anterior, indicamos os principais eventos nos quais esses intercâmbios ocorreram; no entanto alguns desses encontros merecem destaque por conta dos contextos nos quais estavam inseridos. Depoimentos de alguns diretores no estrangeiro expressaram valores condizentes com a política exterior de ambos os países, uma vez que atuavam como “embaixadores da cultura”. A seguir, analisaremos episódios que reforçaram a solidariedade mútua.

Citamos como exemplo a IV Semana do Filme Documentário de Leipzig (RDA), em novembro de 1961. O argelino Mohammed Lakhdar-Hamina, que participava desse encontro, foi apresentado aos leitores da revista *Cine Cubano* como um militante político conhecedor da história e do cinema de Cuba, assim como do que se passava na URSS:

Al terminar la función, Lakhdar Hamina, cineasta argelino, [...] nos habló emocionado de todos los documentales y de la similitud que veía entre nuestros dos pueblos, a la par que nos hizo saber el enorme interés que tenía en hacer llegar ‘Muerte al Invasor’ al Ejército de Liberación para que el mismo fuese visto por sus soldados. [...] A mediados del Festival, en un forum que se celebró para debatir toda una serie de cuestiones relativas al desarrollo del movimiento documental, se situó junto a los viajes al cosmos de Gagarín y Titov, la entrada de la Guerra de Argelia en su octavo año y el XXII Congreso del PCUS, la invasión mercenaria a Cuba en Playa Girón. Estos fueron considerados los cuatro acontecimientos más importantes del año que terminaba [...].<sup>17</sup>

<sup>17</sup> PÉREZ, Manuel. Nuestro cine documental en Leipzig. *Cine Cubano*, La Habana, n.

Pelo excerto, explicita-se a relevância das questões militares no meio cinematográfico, ao ressaltar as observações sobre a continuidade da guerrilha na Argélia e à possibilidade de uso didático-militar do filme *Muerte al invasor!* (Santiago Álvarez, Tomás Gutiérrez Alea, 1961, ICAIC). Esse documentário registrou o combate cubano contra o ataque bélico de anticastistas em Praia Girón, na Baía dos Porcos, em abril de 1961. É importante observar como o diretor argelino ganhou certo destaque no periódico cubano devido à proximidade transatlântica entre Cuba e a FLN.

A mostra de filmes cubanos em Argel foi o ponto culminante dessas convergências. A “Semana de cinema cubano” ocorreu entre 12 e 19 de novembro de 1964 e sua estreia contou com a presença do presidente Ahmed Ben Bella, do diretor do ICAIC, Alfredo Guevara, e de uma comitiva de Cuba.<sup>18</sup> A lista de atividades foi extensa e incluiu reunião com estudantes de cinema, mesa redonda, acordo de cooperação cinematográfica e exibições de filmes cubanos em Argel e outras cidades. A comitiva incluía o embaixador cubano na Argélia, Jorge Serguera, responsável pelas mediações entre Cuba e os movimentos guerrilheiros africanos. A imprensa argelina acompanhou com grande interesse o evento, que chegou a ser considerado “uma boa epidemia”.<sup>19</sup>

A documentação guardada na Cinemateca de Cuba nos informa sobre as atividades, dentre as quais destacamos a mesa redonda e o acordo cinematográfico. A primeira refere-se a um debate do qual participaram Alfredo Guevara e Saúl Yelín, representando o ICAIC, e Moussaoui Belhadj, S’Ria, Nassef e Rachdi, representan-

06, p. 40, 1962.

<sup>18</sup> Semana de cine cubano en Argelia. *Cine Cubano*, La Habana, n. 26, p. 34-40, 1965.

<sup>19</sup> Semaine du film cubain: Une bonne épidémie. *Alger Républicain*, Alger, 14 nov. 1964.

tes do *Centre National du Cinéma* argelino (CNC). Após breves apresentações dos cinemas nacionais, eles debateram sobre o que seria um ideal de cinema para a Argélia, recém-saída de décadas de colonialismo e com um público majoritariamente leigo em termos de “sétima arte”. Outra questão tratada foi a dos estrangeiros na direção de filmes, o que, segundo os africanos, tolhia oportunidades para os cineastas locais.<sup>20</sup>

Defensor do cinema “autoral”, Guevara mostrou-se cético sobre as coproduções com a ressalva, politicamente calculada, para a coprodução cubano-soviética *Soy Cuba* (Mikhail Kalatozov, 1964, ICAIC, Mosfilm). Neste sentido, afirmou: “*Soy Cuba* é um sucesso mas todas as outras [coproduções] são um fracasso. Brevemente o cinema cubano deverá ser feito por cubanos, penso que a coprodução é antiartística” (tradução nossa). Ao final, não houve um consenso sobre o equilíbrio entre a popularização do cinema e a importância da “qualidade artística”.<sup>21</sup>

Não obstante, firmou-se um acordo entre o ICAIC e o CNC da Argélia. O documento inclui compromissos genéricos sobre produção de curtas-metragens por equipes argelinas em Cuba e vice-versa, além do intercâmbio de filmes e cinejornais. Continua, também, promessas de envio de jovens estudantes de cinema para estágio nos dois lados do Atlântico. O projeto não se concretizou porque, no ano seguinte, houve o golpe que retirou Ben Bella do poder, o que provocou certo distanciamento entre os regimes. Ape-

<sup>20</sup> Table ronde I.C.A.I.C.-C.N.C.: Pour un cinéma national et populaire. **Alger-Ce Soir**, Alger (s/d.).

<sup>21</sup> Excerto no original: “*Soy Cuba est une réussite mas tous les autres sont des échecs. Bref le cinéma cubain doit être fait par des Cubains, je pense que la co-production est anti artistique*”. Como observou o pesquisador Ignacio Del Valle Dávila (2014), o ICAIC expressou no próprio nome e em sua lei de criação (n. 169/1959) a questão de definir o cinema como indústria ou como “puramente artístico” (p. 87-90).

sar da vontade política de ambas as partes, as propostas indicadas no documento só conseguiram ser concretizadas pelos cubanos anos depois com outros países.<sup>22</sup>

Apesar do rompimento parcial dos laços diplomáticos em 1965, alguns eventos evidenciam que os contatos com os argelinos continuaram até o final dos anos 1960.<sup>23</sup> O primeiro deles foi a intensa recepção do filme *A batalha de Argel* (*La bataille d'Alger*, Gillo Pontecorvo, 1966, Casbah Film) em Cuba, após a premiação no Festival de Veneza em 1966. Excertos da obra foram exibidos no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, e as revistas *Cine Cubano* e *Verde Olivo* publicaram textos sobre a produção, que oscilavam entre o elogio e o ceticismo.<sup>24</sup>

A edição do cinejornal n. 363 (1967) traz imagens da premiação do italiano Gillo Pontecorvo na Europa, seguidas de um *trailer* com cenas de enfrentamento armado pelas ruas de Argel. O

<sup>22</sup> Accord d'échange et de collaboration cinématographique entre l'ICIC [sic] et le CNCA. **Le Peuple**, Alger, 12 nov. 1964; L'accord algéro-cubain prévoit de larges échanges. **Alger Républicain**, Alger, 14 nov. 1964. A "escola" de cinema do ICAIC, cuja organização e *modus operandi* seguem sem respostas, foi o espaço de formação de jovens escolhidos e enviados por Amílcar Cabral desde a Guiné "portuguesa" em 1967. O país muçulmano produziu um curta metragem sobre a ilha em 1964: *Cuba sí* (Collectif Centre Audio Visuel, CAV). O título é homônimo ao filme francês de Chris Marker (1961).

<sup>23</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 365 (1967) e n. 429 (1968) são exemplos de notícias sobre a Argélia que certificam o interesse em expor reações e vínculos do país com Cuba.

<sup>24</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 363 (1967) e n. 429 (1968); SOLINAS, Franco. La batalla de Argel. **Cine Cubano**, La Habana, n. 30, p. 36-38, 1965; MANET, Edouardo. Festivals 66: Venecia 1966. **Cine Cubano**, La Habana, n. 41, p. 46-49, 1967; VALDÉS, Oscar; TORRES, Miguel. Críticas: La batalla de Argel. **Cine Cubano**, La Habana, n. 45-46, p. 129-132, 1967; 1967 Los 10 mejores films presentados en Cuba. **Cine Cubano**, La Habana, n. 47, p. 56-64, 1968; BALDELLI, Pío. Responde a Cine Cubano. **Cine Cubano**, La Habana, n. 48, p. 26-27, 1968; RUIZ, Josefina. Cine (La batalla de Argel, Siete Hombres de oro, El espadachín del diablo, Estrella sin sombra). **Verde Olivo**, La Habana, año VIII, n. 25, p. 30-31, 25 jun. 1967; RUIZ, Josefina. Cine: Las diez mejores películas estrenadas en 1967. **Verde Olivo**, La Habana, año VIII, n. 52, 31 dic. 1967. p. 42-43, 31 dic. 1967.

narrador da reportagem enfatiza a questão da violência do colonizado, expressa na guerra de guerrilha, como forma de se contrapor à repressão praticada pelo colonizador. O narrador afirma: “La Batalla de Argel’ *confirma que ante la tortura y el terror del enemigo, se impone y triunfa la lucha armada de los pueblos*”. Imagens da prévia do filme foram intercaladas no *noticiero* n. 429 (1968) com as da visita de Abdelaziz Bouteflika a Cuba, em nome do governo de Houari Boumédiène, em 1968, indicando que os laços não foram completamente interrompidos após o golpe de 1965.

Diversas críticas favoráveis ao filme *A batalha de Argel* foram publicadas, sendo considerada como a melhor produção estrangeira exibida na ilha em 1967. Oscar Valdés e Miguel Torres ressaltaram o aspecto documental da narrativa e o cuidado em evitar o maniqueísmo, uma vez que ela privilegia elementos controversos sobre a guerrilha urbana, como a morte de civis e policiais, além das torturas cometidas pelos paraquedistas franceses.

Sobre as leituras menos elogiosas, o crítico italiano Pío Baldelli questionou alguns aspectos do filme, alegando que a obra não exibia “*Las motivaciones ideológicas y políticas argelinas*” nem “*la presencia popular en la guerrilla de las montañas*”. Criticou também as cenas de enfrentamento na cidade, convertidas segundo o autor em “*una suerte de relato de aventuras*”. A partir desses comentários, a revista *Cine Cubano* encerrou a sequência de artigos sobre essa produção cinematográfica.

Películas dirigidas por africanos/as em geral, e argelinos, em particular, não foram objeto de grande atenção no periódico. Uma exceção foi o texto de Mustapha Tlili sobre o longa-metragem *Les vents des Aurès* (Mohammed Lakhdar-Hamina, 1966, Office national pour le commerce et l’industrie cinématographique, ON-

CIC), premiado em Cannes em 1967.<sup>25</sup> As relações Sul-Sul não ocorreram sempre de modo direto, mas contou com mediações do Norte Global.

O enredo desse título apresenta uma história de repressão a camponeses, ambientada no início da luta armada da FLN, nos anos 1950. Tlili, ao recordar que o embaixador francês se recusou a ver o filme na Argélia, fez uma provocação ao longa *A batalha de Argel*, considerado por ele “*de menor calidad, es preciso reconocerlo*”. A escassez de textos específicos sobre filmes africanos na revista *Cine Cubano*, bem como a restrição do tema a eventuais entrevistas e notas, revela os limites do apoio cubano à cultura produzida em África.

Outros eventos que demonstraram outros elos entre Cuba e Argélia após 1965, menos propagandeados, foram a viagem de Santiago Álvarez ao país em 1967, e a presença de José Massip no Festival Panafricano de Argel, em julho de 1969. Este festival contou com uma Semana do Cinema Africano, com participação de realizadores de mais de vinte países. Nessa oportunidade, Massip exibiu o média-metragem *Madina Boé* (1968, ICAIC, OSPAAAL), e Jorge Timossi, da Prensa Latina, conversou com o diretor Ousmane Sembène, que se consagrava como nome de referência no cinema africano. Na entrevista, o senegalês ressaltou algumas questões debatidas nessa oportunidade, como a relação entre os movimentos de libertação e a cultura.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Cannes'67 películas premiadas; TLILI, Mustapha. Le vent des Aurès. *Cine Cubano*, La Habana, n. 45-46, p. 106, 112-114, 1967.

<sup>26</sup> Diccionario de realizadores cubanos de cortometraje: Santiago Álvarez Román. *Cine Cubano*, La Habana, n. 97, p. 129, 1980. José Massip, “Curriculum”, Cinemateca de Cuba; Diccionario de realizadores cubanos de largometrajes: José Massip. *Cine Cubano*, La Habana, n. 96, p. 152, 1980. TIMOSSI, Jorge. Entrevista con Ousmane Sembene. *Cine Cubano*, La Habana, n. 60-61-62, p. 89-93, 1970. Sobre a *Semaine du Cinéma Africain*, cf. VIEYRA, Paulin Soumanou. Le cinéma au 1<sup>er</sup> Festival culturel panafricain

Segundo Pathé Diagné, esse encontro internacional foi um “*contrafestival*”, político e ideológico, em contraposição ao Festival de Artes Negras de Dakar, no Senegal, em 1966, ao alegar que os preceitos evocados nos debates de Argel eram mais radicais e contrários às ideias de valorização do negro. Trata-se de distintas correntes do pan-africanismo nos anos 1960, na qual o encontro senegalês estaria voltado às concepções da *Négritude*, que tinha como figura política de referência o poeta e então presidente Léopold Sédar Senghor, corrente literária criticada no “revolucionário” evento de Argel por ser “essencialista”. De todo modo, lembramos que o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* noticiou a cerimônia de 1966 na edição n. 317, porém silenciou-se em relação à de 1969.<sup>27</sup>

Em Argel, Massip apresentou o documentário no quadro de películas dedicadas ao PAIGC, de Amílcar Cabral. Nesse contexto entre 1966 e 1974 ocorreu, portanto, maior proximidade dos cubanos com o movimento da Guiné portuguesa.

### 2.2.3. O IX FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES DE 1965 E A QUEDA DE BEN BELLA

De fevereiro a junho de 1965, o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* exibiu reportagens em seis edições distintas sobre eventos sociais em Cuba que expressavam, segundo a narração das matérias, “saudações” ao IX Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes,

d’Alger. *Présence Africaine*, Nouvelle série, Paris, n. 72, p. 190-201, 4<sup>o</sup> trimestre 1969, e ROLLAND, Béatrice. Alger, juillet 1969: 1er. Festival Panafricano. *Positif*, Paris, n. 113, pag. 87-92, fév. 1970. No Festival Panafricano de 1969 foi criada a FEPACI, instituição vista pelos diretores latino-americanos como modelo para a fundação do Comitê de Cineastas de América Latina (C-CAL), em 1974, como vimos no capítulo anterior.

<sup>27</sup> Sobre o festival, cf. DIAGNÉ, Pathé. Ni Apolo ni Oddudúá. *Tricontinental*, La Habana, n. 27-28, p. 155-174, nov. 1971-feb.1972.

prevista para julho, na capital Argel. A sequência das menções ao festival foi interrompida com o anúncio do golpe de Estado contra o regime de Ahmed Ben Bella, fato que causou o cancelamento do Festival naquele ano. Cabe analisar a importância do encontro que aconteceria na Argélia, os motivos e o significado do golpe militar, além dos novos rumos das conexões cubanas com a África.

O Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes teve início no pós-Segunda Guerra Mundial, organizado pela Federação Mundial da Juventude Democrática e pela União Internacional dos Estudantes, instituições próximas aos países socialistas. O evento, que integrava diferentes modalidades esportivas e culturais, passou a acontecer periodicamente em diversas capitais. Com exceção da 1ª edição, que aconteceu em Praga (1947), jovens comunistas de Cuba fizeram-se presentes em Budapeste (1949), Berlim (1951), Bucareste (1953), Varsóvia (1955), Moscou (1957), Viena (1959) e Helsinque (1962). Faziam parte dessas comitivas figuras renomadas como Nicolás Guillén, José Massip, Alfredo Guevara, Julio García Espinosa, Jorge Risquet Valdés entre outros/as.<sup>28</sup>

Há um consenso entre historiadores sobre a relevância da 6ª edição do Festival em Moscou de 1957, que atraiu mais de 30 mil estrangeiros/as. Na ocasião, o governo soviético se esforçou em apresentar uma imagem nova da URSS após as denúncias de Nikita Krushev, no XX Congresso do Partido em 1956, dos crimes cometidos por Joseph Stálin (KOIVUNEN, 2009). O governo cubano pressionou a organização para que o encontro de 1965 ocorresse em algum país da América, Ásia ou África, sendo a Argélia a escolhida.

O cinejornal cubano, com suas referências ao que seria o IX

<sup>28</sup> Historia de los Festivales de la Juventud y los Estudiantes. **Granma**, La Habana, año 18, n. 70, 11 mar. 2014.

Festival, criou expectativas sobre o evento porque incluiria a Argélia no rol das atividades importantes do movimento comunista. As atividades sociais mostradas no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* foram: premiação da *Estrella del Carnaval 65*, apresentação musical organizada pelos estudantes universitários de Havana, ato da União dos Jovens Comunistas (UJC), competição de penteados femininos, “concurso” com participação de crianças e adolescentes cortando cana-de-açúcar, e desfile de moda. Apesar de serem corriqueiras, houve a constante menção ao Festival.<sup>29</sup>

No entanto, a “competição” dos *macheteros infantiles* chamou-nos a atenção. Um grupo de crianças e adolescentes disputava quem conseguia cortar mais cana-de-açúcar, cada um/a com seu *machete* (facão), símbolo que remete à participação popular na independência de Cuba no séc. XIX e ao principal produto de exportação do país (Imagem 21).

Desta forma se anuncia o “vencedor”: “*El hijo del primer machetero oriental, Graciliano Rondán, imitando a su padre, obtiene el primer lugar en la original competencia de niños macheteros, que se celebró en Oriente, en saludo al noveno Festival Mundial de la Juventud*”. Além do despropósito da “concorrência” em relação ao evento, que não abrigava semelhante torneio, a atividade tinha como objetivo o incentivo forçado à cultura do trabalho entre crianças do campo, em geral carentes. A partir do golpe militar na Argélia, interrompeu-se a sequência de matérias sobre eventos que recordassem o IX Festival.

<sup>29</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 246, 247, 253, 258, 260 e 261 (1965).



#### IMAGEM 14

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 260  
(1965): o disparo inicial para a “competição”  
dos “*niños macheteros*”.

Fidel Castro fez o anúncio público posicionando o governo frente a esse ocorrido e um trecho de seu discurso é exibido no cinejornal n. 264 (1965), que reproduzimos parcialmente a seguir:

[En] una cierta medida los sucesos de Argelia nos afectan a todos. En primer lugar, el pronunciamiento militar que derrocó el gobierno revolucionario de Ben Bella no es ni lo podrá nadie calificarle de pronunciamiento revolucionario. [...] Y ahora, ante la noticia de los hechos, cuando se tiene la razón, ¿es necesario acudir a la traición? ¿Es que acaso el pronunciamiento militar era el último camino que les quedaba? ¿Era la situación de Nasser en Egipto frente al rey Farouk [1952]? De ninguna forma. Nuestra actitud estará determinada por los hechos y basada en los principios.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Faruque I, rei egípcio aliado à Inglaterra, foi derrubado do poder pelos “Oficiais Livres”

A reação hesitante de Fidel Castro decorre da demora, em quase uma semana após o golpe, para tornar pública as posições do governo cubano. Elogiou enfaticamente o presidente tirado do poder, por um lado, e buscou ser conciliador com o articulador do golpe, Houari Boumédiène, por outro. O primeiro-ministro cubano não condenou abertamente a ação, movido por uma *realpolitik*, uma vez que precisava do apoio argelino para dar continuidade aos contatos na África Mediterrânea e Subsaariana. Sobre as primeiras medidas do militar argelino, este ordenou a expulsão de jornalistas cubanos em Argel e planejou um rompimento diplomático com Cuba, o que não aconteceu devido a seus próprios cálculos políticos.

Ahmed Ben Bella e lideranças da FLN foram detidos. Dada a relativa facilidade com que aconteceu o golpe, líderes próximos ao argelino, como Gamal Abdel Nasser (Egito), Sékou Touré (Guiné-Conacri) e Kwame Nkrumah (Gana) previram a possibilidade de outros golpes no continente. A partir dessa preocupação, agiram, em seus países, para conter movimentos dessa natureza, por meio do isolamento de líderes militares locais e controle de notícias sobre o que acontecia na Argélia (MOORE, 1988, p. 214-216).

Em relação às causas da ação militar de Boumédiène, o pesquisador Jeffrey James Byrne (2016) explica que Ahmed Ben Bella, assessorado por chineses, egípcios e franceses, planejou um segundo encontro de líderes “afro-asiáticos”, anunciado como um “Bandung 2” (em menção à célebre Conferência Afro-Asiática de 1955), previsto para junho de 1965. Seria uma forma do presidente argelino buscar maior protagonismo junto a outros líderes do continente, como havia feito na inauguração da Organização da Unidade Africana (OUA) em Addis Abeba (Etiópia), em maio de 1963.

na Revolução Egípcia de 1952, que por sua vez abriu caminho para a independência do Sudão, entre 1953-1956, até então governado por forças anglo-egípcias.

O golpe de Estado foi orquestrado para evitar, entre outras coisas, que o evento acontecesse e, dessa forma, impedir o desenvolvimento dos planos políticos de Ben Bella. Para a elite que apoiava a queda de seu governo, o nacionalismo árabe era preferível a qualquer estratégia continental ou mundial. No entanto, o Festival Panafricano de 1969 e o encontro do Movimento Não-Alinhado de 1973, ambos em Argel, marcaram a nova abertura “terceiro-mundista” na política externa argelina.

O IX Festival da Juventude e dos Estudantes, programado inicialmente para julho de 1965, foi cancelado e a mocidade que participaria do certâmen foi mobilizada, “alegremente” como destaca o *noticiero* n. 226 (1965), para uma plantação de pinheiros a fim de controlar erosão de solo em um território no Oriente da ilha. Fidel Castro estava no grupo, composto por soldados, para sugerir, indiretamente, que o coletivo trabalhasse.<sup>31</sup>

Em setembro do mesmo ano, os e as jovens viajaram de navio para a Bulgária, segundo o narrador a edição n. 227 (1965), onde foram a outra atividade não identificada no cinejornal: “*A bordo del ‘Gruzia’, la delegación ejemplar de la juventud parte rumbo a la República Popular de Bulgaria, llevando mensaje de paz y amistad del pueblo y del gobierno cubano*”. Em realidade, a IX edição ocorreu três anos depois em Sofia, em 1968, a poucas semanas da invasão de tropas soviéticas em Praga, na Tchecoslováquia. Dada a negativa da organização em permitir que esse evento fosse sediado em outro país do “terceiro mundo”, além da complexa situação política interna, Cuba não enviou delegações.<sup>32</sup> Apenas no início dos anos 1970,

<sup>31</sup> A plantação de pinheiros pelos jovens foi tema no curta-metragem *Los mejores* (Pastor Vega, 1966, ICAIC).

<sup>32</sup> A listagem das edições do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* informa que “*A bordo del buque ‘Gruzia’, parte rumbo a Bulgaria la delegación cubana al IX Festival de la Juventud y los Estudiantes*”, porém a narração em over da reportagem não menciona a atividade para a

Cuba e Argélia retomaram as visitas oficiais, porém o presidente deposto não foi mais mencionado na produção fílmica.

Paralelamente a estes fatos, a década de 1960 guardou três participações secretas de Cuba em lutas armadas na África. A primeira, chamada Guerra das Areias e ocorrida em outubro de 1963, deu-se em favor dos argelinos contra o Marrocos, por questões fronteiriças. A segunda foi o envio de soldados para auxiliar Ernesto Guevara e movimentos de independência na África Central, entre abril e novembro de 1965. A terceira, extensa e mais conhecida à época, consistiu na luta armada contra forças coloniais de Portugal em territórios da atual Guiné-Bissau, entre 1966 e 1974. Nessas dinâmicas do Sul Global, houve planos de filmagem dos conflitos para fins propagandísticos em Cuba.<sup>33</sup>

### **2.3. AS PRIMEIRAS BATALHAS DE CUBA EM ÁFRICA E AS EXPECTATIVAS DE FILMAGEM**

Soldados cubanos foram preparados para participar de conflitos dentro do território africano nos anos 1960, em ocasiões que se constituíram como exercícios para expandir a capacidade militar nacional, uma vez que o regime se sentia pressionado por novas invasões de forças oficiais dos Estados Unidos ou de exilados antiafricanistas, como a que aconteceu em 1961, em Girón. Atacar aliados internacionais do “imperialismo” e auxiliar movimentos guerrilheiros seriam formas do governo cubano mostrar-se como força independente das ameaças do mundo ocidental-capitalista por um

---

qual os jovens foram enviados.

<sup>33</sup> No próximo capítulo, veremos como se deu o auxílio cubano ao PAIGC entre 1965 e 1974 a partir da análise das representações audiovisuais do líder Amílcar Cabral. Tal período se configura, aliás, como a segunda fase dos contatos de Cuba com os países africanos, o que se deu após os laços com os argelinos de 1960 a 1965.

lado, e, por outro, da própria URSS, na medida em que essas ações divergiam, muitas vezes, dos interesses soviéticos manifestos durante as negociações de paz com os EUA.

Analisaremos aqui sobre as representações fílmicas do envolvimento de Cuba no conflito entre a Argélia e o Marrocos no Saara (1963), e das desventuras dos militares na África Central, sejam os liderados por Ernesto Guevara no Congo Léopoldville, ou os que pertenciam ao batalhão à sua disposição no Congo-Brazzaville (1965). Na Argélia e em Brazzaville, junto aos militares, havia equipamentos para registrar os conflitos, porém não houve filmagens pelos motivos que discutiremos a seguir.

Em 1963, houve recrutamento em Cuba para auxiliar as forças armadas da Argélia no enfrentamento contra o Marrocos, conflito conhecido como Guerra das Areias, ocorrida em outubro daquele ano por causa de problemas fronteiriços entre os dois países.

A mobilização de soldados não teve menção no cinejornal à época, porém o conflito foi anunciado. O cinejornal n. 176 (1963) exibiu uma curta matéria sobre o início da guerra, com evidente demonstração de simpatia pelo lado argelino. O narrador ressalta a presença de 50 médicos cubanos “dispostos” a dar suporte aos combatentes, mas silencia-se sobre o envio de forças conterrâneas à Argélia, visto que todo o planejamento e ação se deram sob sigilo. Nas edições seguintes, não há citação à resolução que, após escaramuças e ataques iniciais, ocorreu no campo da diplomacia, com mediação dos líderes da Etiópia e do Mali.

Segundo Carlos Moore (1988), Cuba enviou um destacamento militar composto de 2 mil homens e armamento pesado, incluindo tanques soviéticos, aviões e toneladas em armas, munição e artilharia (p. 178). O pesquisador Piero Gleijeses (2007), mais documentado, destaca que foram 686 recrutas, ao lado de diversos

tipos de canhões, tanques e armamento (p. 74-75). Além de Cuba, o Egito de Abdel Nasser também enviou forças.<sup>34</sup>

No entanto, o fim do conflito sem que os militares cubanos dessem um único tiro fez com que eles se dedicassem a outras atividades, como a organização de treinamentos aos congêneres argelinos, até o regresso à pátria. Todo o equipamento bélico ficou na Argélia em 1963 e, ironicamente, Boumédiène o utilizou para levar a cabo o golpe em 1965.

Junto aos militares cubanos, foram enviados à Argélia *corresponsales de guerra* da Seção Fílmica do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias (MINFAR) para filmar os embates: “*En octubre [1963] parte el primer grupo de corresponsales a cumplir misiones en la República Árabe de Argelia que se defiende de la agresión marroquí. Es la primera misión internacionalista de la Sección Fílmica y de sus corresponsales de guerra*”. Essa foi também a primeira atuação internacional dos militares cubanos. Como houve uma saída diplomática para a divergência, as intenções de registrar imagens de guerra foram frustradas.<sup>35</sup>

Apesar disso, acreditamos que as reportagens sobre o país africano nos *noticieros* n. 183, 184 e 185, todas de dezembro de 1963 e editadas por Santiago Álvarez, foram captadas pela equipe da Seção Fílmica, configurando-se na primeira parceria entre o

<sup>34</sup> Segundo a mesma obra (MOORE, 1988, p. 178), faz-se menção a uma suposta maioria de soldados negros entre os combatentes enviados à Argélia, informação obtida numa entrevista com Carlos Franqui (nota 29). Na documentação consultada para esta investigação, não encontramos menção ao dado.

<sup>35</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISIÓN DE LAS FAR. **Catálogo de filmes, 1962-1986**. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. VI-VII. A referência à “*primera misión internacionalista*” na citação do catálogo dos ECITVFAR de 1986 foi uma estratégia de memória sobre a presença internacional dos cubanos, consagrada no termo “internacionalismo proletário” que, na filmografia cubana, surgiu a partir do ano de 1972. Assim, os relatos sobre as ações anteriores a isso foram englobadas *a posteriori* como sendo “internacionalistas”.

ICAIC e a cinematografia militar. Ao cruzar as informações fornecidas pelo cinejornal com a bibliografia sobre o tema, verificamos que o narrador da edição 183 (09 dez. 1963) destaca o recebimento, pelos argelinos, de 5 mil toneladas de açúcar cubano no porto de Orán pelo navio Gonzalez Lines, embarcação que foi, ao lado do Aracelio Iglesias, também responsável pelo envio de armas, tanques e soldados para o conflito em outubro 1963 (GLEIJESES, 2007, p. 74-75). A edição n. 185 (23 dez. 1963) trata do retorno do navio com azeite, vinhos, figos e outras mercadorias, vindas de Argélia e Espanha.<sup>36</sup>

Por sua vez, o cinejornal n. 184 (16 dez. 1963) exhibe filmagens nas cidades de Tébessa e Constantina, com médicos e médicas de Cuba trabalhando em hospitais. A primeira “missão médica” para o exterior foi, portanto, para a Argélia em maio de 1963, enfrentando dificuldades de adaptação e de recursos, que apenas na visita de Ernesto Guevara em julho do mesmo ano tiveram alguma solução (GLEIJESES, 2007, p. 60-66). Ou seja, a Argélia foi o primeiro território internacional para onde o regime castrista mandou soldados, para participar do conflito armado, e *corresponsales de guerra*, para registrar em película as ações cubanas no exterior. Além disso, enviou ainda equipes médicas para cooperação civil.

Nessa primeira equipe de voluntários/as da saúde, havia 45 homens (29 médicos, 3 odontólogos, 15 enfermeiros e 8 técnicos) e 10 mulheres (4 médicas, 5 enfermeiras e uma técnica). O contexto argelino era bem desfavorável, especialmente para elas, pois estava permeado pelo machismo e por uma grande desigualdade social no campo. Nas imagens do cinejornal supracitado, em um raro

<sup>36</sup> O regime de Fidel Castro manteve relações amistosas com o de Francisco Franco na Espanha no que dizia respeito aos âmbitos da cultura, identidade e economia. Cf. GEMMAL, 2004.

registro, vemos membros da equipe médica em trabalho (Imagens 22-23). Alguns/mas deles/as eram negros/as, algo notável tendo em vista o elitismo nos altos cargos de saúde pública no mundo.



### IMAGENS 22-23

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 184 (1963): médico e médica pediatra da primeira cooperação civil de Cuba na Argélia.

Em Cuba, a referência pública à Guerra das Areias ocorreu dois anos após seu fim, durante o anúncio do golpe de Estado na Argélia em 1965 (GLEIJESES, 2007, p. 88-89). Na ocasião, Fidel Castro reconheceu oficialmente a participação cubana no conflito, no entanto o trecho em que menciona a contenda foi excluído do *noticiero* n. 264 (1965). A imprensa nacional publicou memórias de protagonistas do período apenas anos depois, durante a participação da ilha na guerra em Angola<sup>37</sup>. O segundo conflito africano com

<sup>37</sup> Em 1977, o escritor colombiano Gabriel García Márquez havia feito menção à ajuda

tropas cubanas na linha de frente, ainda nos anos 1960, deu-se ao leste do Congo-Léopoldville, em cidades próximas ao lago Tanganica, na fronteira com a Tanzânia. Liderado por Ernesto “Che” Guevara, entre abril e novembro de 1965, o intuito era ajudar a guerrilha organizada por Gastón Soumialot a combater forças favoráveis ao primeiro-ministro congolês Moïse Tshombe, pró-ocidente.

Apesar do movimento armado do Congo estar mal organizado e em refluxo, Guevara acreditava que, com sua presença física, poderia reverter a situação, no começo de 1965. No entanto, teve que se retirar do território no mês de novembro devido a uma série de problemas políticos e militares na sua tropa. O relato amargurado do “Che”, *Pasajes de la guerra revolucionaria (Congo)*, foi publicado apenas no final dos anos 1990. Até então, a experiência permaneceu cheia de mistérios.

Para melhor explicar as relações entre o Congo e os cubanos nesse período, analisaremos alguns *noticieros* que dão “pistas” (Carlo Guinzburg) sobre o tema. Guevara visitou o continente africano mais de uma vez desde 1959; as conversações se iniciaram pelo norte do continente. Nesses percursos, teve contato com movimentos guerrilheiros subsaarianos, que tiveram apoio cubano posteriormente, como o PAIGC, o MPLA e a Frelimo; também estreitou vínculos com países importantes para essas guerrilhas, entre os quais, respectivamente, a Guiné-Conacri, o Congo-Brazzaville e Tanzânia, como veremos adiante.<sup>38</sup>

---

cubana à guerra de independência da Argélia e à participação cubana ao lado dos argelinos na Guerra das Areias, por meio do texto: Operación Carlota. **Tricontinental**, La Habana, n. 53, p. 09, 1977. No final da presença cubana em Angola, surgem outros relatos, como, por exemplo: GONZÁLEZ, Eduardo. ¡Inédito! El coronel Pedro Labrador Pino, revolucionario de nuestra primera misión internacionalista de carácter militar, nos cuenta la participación de los cubanos en La guerra de Argelia. **Verde Olivo**, La Habana, año XXXII, n. 07, p. 12-17, jul. 1990.

<sup>38</sup> Em 1959, Ernesto “Che” Guevara visitou Egito, Sudão, Marrocos e Tunísia; em 1963,

Neste último país, durante o governo de Julius Nyerere, Guevara estabeleceu laços com o “Conselho Supremo da Revolução” do Congo-Léopoldville, integrado por Laurent Kabila e Gaston Soumialot, entre outros, movimento que recebia apoios externos da China e da URSS. Nesse encontro, “Che” percebeu as desavenças internas do movimento, e prometeu ao grupo instrutores cubanos e armamento. A única exigência de Kabila foi que os militares de Cuba deveriam ser negros, para confundir os observadores estrangeiros (GUEVARA, 2009, p. 32; GLEIESES, 2007, p. 144). Esse tipo de exigência será ressaltada por Amílcar Cabral na Guiné, mas flexibilizada em Angola.

Já sobre os demais grupos visitados pelo argentino no começo de 1965, houve uma reação “fria” às ideias do combatente, pois as lideranças queriam financiamento para conduzir as respectivas independências, enquanto Guevara (2009) acreditava que ações articuladas pelo continente seriam mais efetivas (p. 31-33). De todo modo, em abril de 1965, o “Che”, usando o codinome *Tatu* (“três”, na língua swahili), ao lado do comandante cubano Victor Dreke (*Moja*, “um”), iniciou os preparativos para o combate no Congo.<sup>39</sup>

A crise política em Léopoldville, decorrente da turbulenta emancipação congoleza frente à Bélgica em 1960 e dos conflitos de interesses em torno do controle de regiões prósperas em minérios e diamantes, chamou a atenção de potências internacionais desde o início das tensões sociais. URSS e EUA chegaram a intervir na

a Argélia; no final do ano seguinte (após um discurso na ONU em dezembro) até começo de 1965, Argélia, Mali, Congo-Brazzaville, Guiné-Conacri, Gana, Daomé (atual Benin), Tanzânia e Egito; para a guerrilha, esteve na Tanzânia e no Congo-Léopoldville em 1965 e, no retorno a Cuba, passou novamente pela Tanzânia, depois Europa e Congo-Brazzaville, para depois seguir para a ilha em 1966.

<sup>39</sup> Foram 120 cubanos mobilizados para a guerrilha no Congo-Léopoldville, sendo que 6 morreram (GLEIESES, 2007, p. 229, 238).

situação com armas e investimentos, o que radicalizou os conflitos armados e provocou o assassinato do primeiro-ministro Patrice Lumumba em janeiro de 1961, porque era contrário à presença de empresas estrangeiras na economia.

Nesse contexto, o cinema em Cuba foi mobilizado para divulgar os desdobramentos do caso e denunciar os complôs das potências capitalistas nesse caso. Porém, até 1964, eventualmente noticiava-se algum fato novo. A bibliografia sobre as relações Cuba e África é consensual no que se refere ao reavivamento do interesse pelo Congo-Léopoldville a partir do ataque a Stanleyville (atual Kisangani) por mercenários europeus, em novembro de 1964, com o intuito de exterminar os rebeldes conhecidos como “simbás” e libertar a população branca local, refém desse grupo (MOORE, 1988, p. 183; GLEIJESES, 2007, p. 122-123).<sup>40</sup>

As imagens da crueldade dos uniformizados brancos contra os combatentes negros percorreram o mundo. O cinejornal cubano n. 234 (nov. 1964), em nome da “*solidaridad revolucionaria al pueblo congolés*”, denuncia as intervenções armadas dos Estados Unidos, que, em realidade, financiaram a invasão dos mercenários na região. Duas semanas depois, na edição n. 236 (dez. 1964), Ernesto Guevara foi mostrado discursando na Assembleia Geral da ONU por meio de imagens de televisão. No entanto, o *noticiero* omitiu um conhecido trecho em que Guevara expressou sua preocupação com as intervenções no Congo-Léopoldville e com a crise política em decorrência dos conflitos na região (MOORE, 1988, p. 195).

O jogo entre omissão e referência de detalhes sobre o contex-

<sup>40</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 28 e 29 (1960), n. 34 e 38 (1961), n. 105 (1962), n. 140 (1963) e n. 234 (1964) foram realizados no período, além do documentário em curta-metragem *El Congo 1960* (Fausto Canel, 1961, ICAIC). Além de mercenários europeus, havia pilotos cubanos anticastistas, exilados da ilha após a revolução em 1959, que fizeram incursões aéreas contra vilarejos (GLEIJESES, 2007, p. 121-122).

to africano no cinejornal revela os interesses políticos em jogo, bem como os projetos em construção. Por esse lado, duas reportagens sugerem que havia ligações cubanas com a guerrilha congolese, reforçada com os enfrentamentos em Stanleyville em 1964.

A primeira matéria, no *noticiário* n. 240 (jan. 1965), possui 39 segundos de duração e informa sobre a visita de três “*guerrilleros congolese*s” a Cuba, “*Jos Tomumba, Robert Saydy y Placido Kitongua*”, que, numa conferência de imprensa, atestaram a legitimidade dos combates armados contra Moïse Tshombe. Carlos Moore (1988) afirma que os três foram fazer treinamento militar em Cuba e, no mesmo mês de janeiro, o regime cubano enviou à Tanzânia oficiais da inteligência militar, corroborando a ideia de que o plano de combate no Congo-Léopoldville não partiu apenas de Ernesto Guevara (p. 203).<sup>41</sup>

A segunda reportagem em questão, no cinejornal n. 274 (set. 1965), de 36 segundos, noticia a chegada de Gaston Soumialot, um dos líderes da guerrilha congolese, a Havana. O anúncio deve-se ao fato de que, nesse contexto, o governo cubano sobre-estimava o movimento que o militar representava. O cinejornal silencia, contudo, sobre a presença do “Che” na África e sobre a motivação da visita do africano à ilha.

<sup>41</sup> Outra versão para os nomes, Casimir Mbaguira, Albert Kissonga e Placide Kitunga, é apresentada em MOORE, 1988, p. 182. Há uma referência vaga a um “Congo” na manifestação de apoio “tricontinental” à Venezuela que deduzimos representar o Congo-Léopoldville, no *noticiário* 285 (1965). Além de congolese, foram a Cuba fazer treinamentos homens do Zanzibar (atual Tanzânia) e Senegal entre 1963 e 1964 (MOORE, 1988, p. 179-183), além de um grupo de cerca 30 pessoas de Cabo Verde em 1965 (COUTINHO, 2018, p. 172; *idem*, 2019, p. 114). Cuba recebeu entre 1500 a 2000 militantes latino-americanos, e de 100 e 200 africanos entre 1961 e 1965, segundo fontes da CIA, para fins de treinamento bélico (GLEIJESES, 2007, p. 40, 54), o que evidencia o lugar relevante da ilha na organização político-militar no Sul Global.

No entanto, o relato da experiência de Guevara (2009) mostra que ele estava informado sobre a movimentação em Cuba:

Supé de las largas conversaciones que habían tenido Soumialot y sus colegas con Fidel. [...] El hecho es que pintaron un cuadro idílico, con agrupaciones militares por todos lados, fuerzas en las selvas, combates continuos; cuadro muy lejano de lo que nosotros podíamos palpar. Además, habían logrado una cantidad sustancial de dinero para hacer una serie de viajes por todo el continente africano [...]. De Cuba habían extraído la promesa de 50 médicos y Machadito [um informante] venía a explorar las condiciones (p. 142).

Ernesto Guevara enviou correspondência a Fidel denunciando as limitações do movimento e informando quais as reais demandas materiais e humanas do combate (p. 143-147). Os cinejornais tratavam da conexão dos cubanos com o Congo de modo muito lacunar, certamente esperando avanços do combate em favor do “Che”, podendo, nessa hipótese, recuperar as imagens em arquivo para anunciar a esperada vitória.

Essa expectativa era plausível, pois as oportunidades de atuar na África (Argélia e Congo) se constituíam como um modo de compensar, em alguma medida, os fracassos das guerrilhas na América Latina (Venezuela, Guatemala, Nicarágua, Honduras, República Dominicana, Peru e Argentina), que pouco contaram com o governo cubano: apenas dois militares estiveram na Argentina nesses levantes, e o envio de armas também foi moderado (GLEIJESES, 2007, p. 40-41).

Enquanto havia o receio de mandar soldados para países da América Latina, no que se referia à África o governo cubano arriscou-se mais. Além da Argélia e Congo-Léopoldville, militares

cubanos formaram o “*Segundo frente*” no vizinho Congo-Brazzaville no mesmo período em que Ernesto Guevara estava na região do Lago Tanganica, em 1965. Nessa oportunidade, *corresponsales de guerra* da Seção Fílmica do MINFAR estiveram com essa coluna militar, chefiada por Jorge Risquet, que liderou outras missões em África nos anos 1970 e 1980.<sup>42</sup>

Sobre esse caso, encontramos menção no texto introdutório do catálogo de filmes dos ECITV FAR nos seguintes termos: “*En este mismo año [1965] los corresponsales de guerra cumplen su segunda misión internacionalista en la República del Congo [Congo-Brazzaville]*”. O batalhão foi planejado para defender o regime local dos possíveis ataques articulados por Mobutu Sese Seko do Congo-Léopoldville, além de dar suporte ao MPLA em ações militares e se dispor como reserva para o “Che” na guerrilha do país ao lado (GLEIJESES, 2007, p. 252-289). A relação entre a formação do catálogo e a existência da coluna em Brazzaville sugere que havia planos para filmar a movimentação militar de Ernesto Guevara que, assim como na Argélia em 1963, não ocorreu conforme esperado.<sup>43</sup>

O argentino viu-se obrigado a sair da região do Lago Tanganica devido a uma série de fatores: o pacto entre as forças congolenses beligerantes pelo fim do conflito, as deserções, o desgaste físico e moral das tropas, o fim do apoio militar da Tanzânia e o avanço de forças oficiais do Congo para capturar os rebeldes.

Em Cuba, um evento oficial definiu a criação do novo Parti-

<sup>42</sup> Em Brazzaville, 250 militares cubanos formaram o batalhão liderado por Jorge Risquet (GLEIJESES, 2007, p. 191). Quase todos os soldados eram negros (GLEIJESES, 2007, p. 252). As duas colunas integravam cerca de 400 homens (p. 255). Assim como a do Che, esta “missão” era secreta.

<sup>43</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISIÓN DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. IX.

do Comunista de Cuba (PCC) e seu primeiro Comitê Central em outubro de 1965; ao final da cerimônia, Fidel Castro leu uma carta de “despedida” de Ernesto Guevara, como mostra o cinejornal n. 278 (1965). Nesse documento, declara a sua demissão dos cargos públicos para seguir os ideais da luta armada pelo mundo, omitindo, evidentemente, a experiência na África.<sup>44</sup>

A saída dos militares cubanos do campo de batalha completou-se em janeiro de 1966 (MOORE, 1988, p. 235), no mesmo período que ocorria a Conferência Tricontinental, evento sediado em Havana o qual reuniu delegações de movimentos guerrilheiros dos “três mundos”. Nessa oportunidade, um dos nomes destacados foi de Amílcar Cabral (PAIGC), quem havia mantido, anteriormente, proximidade com Cuba, inclusive enviando homens para treinamento militar no país caribenho.

A partir desse momento, o regime cubano deixa de centralizar suas relações com a África do Norte para manter o apoio bélico à independência da Guiné portuguesa até 1974, ano em que Portugal reconheceu a emancipação dessa colônia, renomeada Guiné-Bissau. Tal cooperação militar ocorreu a partir da expansão das “zonas de contato” de Cuba na África, e o regime de Fidel Castro procurou não repetir os “erros” de 1965 no campo de batalha.

<sup>44</sup> A experiência de Ernesto Guevara no Congo esteve permeada por segredos. Anos depois, Gabriel García Márquez mencionou o episódio nos seguintes textos: Operación Carlota. **Tricontinental**, La Habana, n. 53, p. 09-11, 1977, e Il y a dix ans le « Che »... En Afrique: les mois de ténébres. **Afrique Asie, luttés et combats**, Paris, n. 147, p. 55-56, oct. 1977. Não houve reverberações nas impressas consultadas, e deduzimos que seja por conta do lugar secundário que ocupa as questões político-militares do continente africano no interesse mundial.

## 2.4. A TRANSIÇÃO DOS VÍNCULOS DIPLOMÁTICOS DO NORTE DO CONTINENTE PARA A ÁFRICA SUBSAARIANA

Cinejornais e documentários construíram diversos sentidos sobre a África, de modo a buscar convergências ideológicas para a representação de comunidades que caminhavam rumo ao socialismo e mostrar que, assim como na ilha, os esforços estavam voltados para a superação do “subdesenvolvimento”.

A seguir, veremos como se deram, no cinema cubano, as representações fílmicas de alguns países-chave, cujos contatos se iniciaram nos anos 1960, tiveram alguma dinâmica nos 1970, e desvaneceram no decênio posterior. Começamos tratando das tentativas de retomada diplomática com Houari Boumédiène na Argélia; logo após, conferimos como foram exibidos os laços entre Cuba e três territórios relevantes para o regime castrista desde a queda de Ben Bella em 1965: Guiné-Conacri (que apoiou o PAIGC), Congo-Brazzaville (em suporte ao MPLA) e Tanzânia (relacionada à Frelimo).

### 2.4.1. FIDEL CASTRO, HOUARI BOUMÉDIÈNE E A NOVA FASE DO MOVIMENTO DOS PAÍSES NÃO-ALINHADOS

Como vimos anteriormente, Houari Boumédiène liderou o golpe militar de 1965 contra Ahmed Ben Bella na Argélia, a fim de conter os afãs “terceiro-mundistas” do então presidente. Com isso, as conexões com Cuba foram momentaneamente esfriadas, para, posterior e gradativamente, serem retomadas, mas sem a mesma intensidade que tiveram nos anos 1960-1965.

O período pós-1965 corresponde a um gradual fechamento político da ilha devido a uma série de acontecimentos que causa-

ram certo desgaste da imagem da revolução no exterior. Até 1972, os problemas internos em Cuba, dentre os quais estavam a ambiciosa safra de açúcar de 1970 e o cerceamento da liberdade intelectual, que culminou com o “caso Padilla” em 1971, fizeram com que houvesse menos cinejornais e documentários sobre questões africanas. Paralelamente, o auxílio cubano ao PAIGC, na Guiné portuguesa, acompanhava o avanço do grupo contra o colonialismo português.

A visita de Fidel Castro à Guiné-Conacri, Serra Leoa e Argélia, em 1972, teve ampla cobertura cubana e foi muito celebrada.<sup>45</sup> O destaque foi maior à parte argelina, porque as imagens ressaltavam um país mais organizado economicamente e mais industrializado do que as demais. A viagem seguiu os códigos de narração fílmica das visitas oficiais discutidos anteriormente: recepção do visitante pelos líderes anfitriões e sua participação em reuniões e eventos, que chegavam a durar dias.

Na Argélia, o passeio incluiu a visita do líder aos/às voluntários/as da saúde em Argel e na cidade de Constantina. Cuba manteve a cooperação nesse setor mesmo após o golpe contra Ahmed Ben Bella. Santiago Álvarez e a equipe do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, registraram etapas da viagem, com o intuito de documentar a presença de Fidel no exterior.<sup>46</sup>

Em 1973, o primeiro-ministro cubano retornou a Argel para participar da IV Conferência dos Países Não-Alinhados, movimento coordenado à época por Houari Boumédiène entre 1973 e

<sup>45</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 557, 558 e 568 (1972) e o documentário ... *Y el cielo fue tomado por asalto...*, (Santiago Álvarez, 1973, ICAIC), filme estreado no mês de dezembro, conforme noticiado no cinejornal n. 601 (1973).

<sup>46</sup> No próximo capítulo, procuraremos tratar do significado da representação de Fidel Castro nas telas, tônica das produções dos anos 1970. A missão médica na Argélia acabou em 1992, cf. GLEIJESES, 2007, p. 66.

1976. O encontro se transformou numa oportunidade para denunciar os crimes dos EUA contra regiões pobres no Sul Global. Nessa época, ocorria a crise do petróleo (1973), ocasionada pelo aumento do preço do barril por parte dos produtores muçulmanos, como resposta à recente ofensiva de Israel na Guerra de Yom Kippur contra o Egito. Essa conjuntura foi noticiada pelo cinejornal (n. 636, 1973), com destaque ao papel mediador da Argélia, exportador de gás natural. Para retribuir as visitas de 1972 e 1973, Boumédiène desembarcou em Cuba, em 1974, como revelam cenas do *noticiero* n. 653 (1974).<sup>47</sup>

Entre 1973 e 1974, os encontros de cineastas em Argel, Buenos Aires e Montreal, discutidos no capítulo anterior, resultaram na retomada das atividades cinematográficas entre diretores de Cuba e Argélia. Também houve eventos com exibições de filmes, como a Semana do cinema cubano, em Argel, nos anos 1975 e 1977; o *Festival de cine joven* e o *Panorama de cine africano y árabe*, em Cuba, 1978; e as *Semanas de cine argelino*, também na ilha, nos anos 1983 e 1985.<sup>48</sup> Tais mostras explicitam interesses mútuos em acompanhar as respectivas produções de ambos os processos revolucionários. Apesar disso, os contatos pós-1973 não foram su-

<sup>47</sup> Fidel retornou à Argélia em 1976, após participar de um encontro de líderes africanos em Conacri, e 1977, quando iniciou a turnê que percorreu diversos países africanos. Cf. Fidel em Argel apoia Sahara; Revolução argelina e cubana: a mesma ética. **Nô Pintcha!**, Bissau, p. 07, 16 mar. 1976; nota sobre a viagem de Fidel Castro na África, tendo passado por Argélia, Líbia, Yemem, Etiópia, Somália e Tanzânia *in* **Granma**, La Habana, 18 mar. 1977.

<sup>48</sup> HIERRO ALLEN, Willy. Cine argelino en Cuba. **Verde Olivo**, La Habana, año XVII, n. 43, p. 61, 24 oct. 1976; ROJAS, Ariel. Comenzó anoche el Panorama de Cine Africano y Árabe en la Cinemateca de Cuba. **Granma**, La Habana, 16 jun. 1978; Festival Internacional de Cine Joven, ARGILAGOS, Vivian. Arraigo a mi cultura. Entrevista con el cineasta argelino Merzak Allouache, director de Omar Gatlatto. **Cine Cubano**, La Habana, n. 94, p. 48, 156-159, 1979; GALIANO, Carlos. Iniciada Semana de Cine Argelino. **Granma**, La Habana, 02 nov. 1983; Desde hoy semana de cine argelino en La Rampa. **Trabajadores**, La Habana, 11 may. 1985.

ficientes para resgatar o acordo institucional de novembro de 1964 entre o ICAIC e o CNC argelino.

Com o falecimento de Boumédiène, o cinejornal dedicou-lhe uma edição completa (n. 898, 1978), dirigida por Daniel Díaz Torres, homenageando-o enquanto militar e chefe de Estado. O paralelo entre as revoluções permite comparar biografias de dois líderes que efetivamente estiveram em campo de batalha, atestando, assim, a primazia das armas na construção de paralelos entre Cuba e Argélia. Após essa reportagem, foram anos sem menção ao país islâmico no cinejornal, até que o cinejornal n. 1229 (1985) traz a visita do presidente Chadli Bendjedid à ilha. O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* não volta a mencionar o nome de Ahmed Ben Bella após 1965, apagando-o da memória oficial sobre os argelinos.<sup>49</sup>

Outra região muçulmana que obteve atenção do cinejornal foi o Saara Ocidental, pois o regime cubano, respondendo ao chamado de Boumédiène e do governo angolano do MPLA sobre a questão, apoiou a Frente Popular para a Libertação de Saguia el Hamra e Rio de Oro, movimento guerrilheiro conhecido como “Frente Polisario”, fundado em 1973. Os argelinos interessavam-se por uma saída para o Oceano Atlântico, possibilidade imaginada com o domínio daquele território pelo agrupamento político-militar.

A região era ocupada por Marrocos e Mauritània (que permaneceu por pouco tempo na área) desde que foi firmado, em Madri, um documento que pôs fim à colonização espanhola, em 1975. Três *noticieros* entre 1977 e 1982 justificaram as ações militares da Frente contra tropas marroquinas e denunciaram a “invasão”

<sup>49</sup> No plano no documentário, apenas o filme *Vuestras victorias serán las nuestras*, (1978, ECIFAR) cita o histórico vínculo entre Cuba e Argélia, porém não há evidências de como o período 1962-1965 foi representado. Após permanecer detido por meses, Ben Bella foi para prisão domiciliar na Argélia de 1966 a 1979; parte para o exílio em 1980 e retornou ao país dez anos depois.

do território pelos países vizinhos. A última matéria apresentou a visita do líder Mohamed Abdelaziz à escola criada na Ilha da Juventude, em Cuba, criada com o objetivo de educar crianças oriundas das populações sob controle do movimento.<sup>50</sup>

Os outros países da África Mediterrânea que tiveram contatos com o regime castrista foram a Líbia e a Tunísia, porém foram pouco referenciados nos documentários e cinejornais cubanos.<sup>51</sup>

#### 2.4.2. CUBA E AS “BASES” DE APOIO ÀS GUERRILHAS AFRICANAS

Nos anos 1960, os governos de Guiné-Conacri, Congo-Brazzaville e Tanzânia tiveram proximidades com os cubanos. Cada um desses países mediou a ajuda castrista para as guerrilhas que atuavam em territórios adjacentes. Os diferentes níveis de interação de Cuba com aqueles regimes políticos foram proporcionais à proximidade do governo da ilha com os respectivos grupos combatentes de apoio.

Primeiramente, veremos como se deu o vínculo entre Cuba e a Guiné-Conacri, presidida por Ahmed Sékou Touré. Este país sediou as bases de suporte militar ao PAIGC para a guerrilha na Guiné portuguesa, colônia vizinha. A seguir, analisaremos o significado das alianças castristas com os diferentes governos da República do Congo (Brazzaville), que receberam ajuda militar da ilha, tornando possível o suporte cubano em frentes de combate do MPLA, na fronteira com Angola.

Por fim, também mapearemos as ligações da ilha com o regime tanzaniano de Julius Nyerere, que esteve no apoio à guerrilha

<sup>50</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 841 (1977), n. 1064 e 1072 (1982).

<sup>51</sup> Líbia foi um dos destinos da viagem que Fidel Castro fez pela África e no Iêmen, episódio mostrado no documentário *El octubre de todos* (Santiago Álvarez, 1977, ICAIC); a Tunísia foi tema de uma curta menção no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 62 (1962).

de Ernesto Guevara no Congo-Léopoldville por um lado e, por outro, à Frelimo. Este movimento, na ocasião, atuava ao norte de Moçambique, no limite com a Tanzânia. PAIGC, MPLA e Frelimo compunham as três principais forças armadas de oposição ao colonialismo português na África, atuando pelas respectivas independências.

As relações entre Cuba e a República Democrática da Guiné, cuja capital é em Conacri, constitui-se como um dos primeiros laços com o continente africano. No capítulo anterior, fizemos referência à importância da visita de Sékou Touré a Cuba em 1960 para a comunidade negra da ilha, que via, pela primeira vez, um presidente negro. Logo após, os vínculos diplomáticos foram exibidos em ocasionais encontros estrangeiros, como as Conferências dos Não-Alinhados.<sup>52</sup> No entanto, a partir de meados de 1960, a importância política dos guineenses para o regime cubano adquire novo significado e as representações deixam de ser pautadas pela formalidade e discrição dos salões de reunião para entrar numa fase de cooperações militares.

O cinejornal n. 298 (1966), que noticia o golpe de Estado em Gana, sublinha essa mudança. Enquanto a organização das cenas alinha Kwame Nkrumah ao “imperialismo” ocidentais, pela proximidade do líder com autoridades políticas europeias, ela também constrói uma imagem “revolucionária” de Touré, exibido ao lado de Fidel Castro. Cabe reproduzir o discurso do embaixador guineense Mami Kouyate, em Havana, que reforçou esta interpretação:

[...] El problema esencial del golpe de Estado en Ghana no es un golpe de Estado dirigido específicamente sobre el Presidente Kwame Nkrumah: es

<sup>52</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 20 (1960), n. 66 (1961), n. 140 (1963), n. 207 (1964), n. 225 (1964).

*una farsa, es un gran plan imperialista y la realidad que ellos quieren tomar África [...], a conservar el África, Asia y América Latina como fuente de materia prima. Entonces, ustedes sabrán que en Guinea es en África lo que Cuba es en América Latina, la realidad. [...] Es esa (sic) elemento del golpista: para haber éxito en su golpe, tiene que haber una contradicción, tiene que ter una fuerza en que descansar: el tribalismo, la contradicción, múltiples partidos. Ustedes sabrán que en Guinea no habrá golpe de Estado (grifos nossos).*

O relato de Mami Kouyate explicita o esforço em alinhar o governo de Touré às forças “anti-imperialistas” e expressa uma visão política de condenação ao líder de Gana por se valer, segundo o embaixador, da institucionalidade “burguesa”, como representada na existência do pluripartidarismo e na existência de grupos tradicionais locais. Assim como Cuba era regida por um partido único, Estados como Guiné-Conacri, Egito, Argélia e Congo-Brazzaville também o eram e, da mesma forma, combatiam a pluralidade política, fechavam sindicatos e perseguiam organizações autônomas. A ideia de golpe militar contra Nkrumah como instrumento da política “imperialista” é compartilhada na ilha.

Ainda no mesmo cinejornal de 1966, cenas da entrevista são alternadas com fotografias e imagens de arquivo de modo a construir um relato visual desfavorável à figura de Kwame Nkrumah, que aparece entre autoridades europeias trajando roupa “tribal”; ou seja, o líder praticava uma política “tribalista” subserviente ao “imperialismo”. Isso por um lado. Por outro, Sékou Touré surge ao lado das autoridades cubanas vestindo roupa social, “à moda ocidental”; isto é, o guineense não era “tribalista” e interagia com “verdadeiros revolucionários” (Imagens 24-25).



## IMAGENS 24-25

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*,  
n. 298 (1966): Kwame Nkrumah  
em meio a autoridades inglesas à  
esquerda, e Sékou Touré, à direita,  
ao lado de Fidel Castro e Raúl Roa.

Tais construções, explicitamente simplistas, estavam fortemente ancoradas na justificativa ideológica da luta armada e contrastam com as práticas políticas dos líderes representados, pois ambos tinham laços com as comunidades ancestrais (HERNANDEZ, 2008, p. 195-198, 357-358). Além disso, Nkrumah liderou a primeira independência na África Ocidental em 1957, era defensor do pan-africanismo e incentivara a luta política não violenta por meio de greves, passeatas e boicotes. Touré, por sua vez, também se identificava com o pan-africanismo, porém aliou-se à URSS e países socialistas nos primeiros anos do pós-independência e apoiou o PAIGC na organização da luta armada na colônia portuguesa vizinha. Por essa aliança estratégica, o mandatário guineense foi representado de modo mais afirmativo em relação a Nkrumah na mencionada matéria cinejornalística.

Amílcar Cabral constituiu o elo fundamental entre Cuba e Guiné-Conacri, com ajuda de Ernesto Guevara que, por sua vez, esteve nesse país africano a princípios de 1965 e convenceu Sékou Touré a permitir que o PAIGC recebesse o apoio caribenho. Esse movimento também utilizava o território senegalês algumas vezes. Junto aos primeiros envios de soldados cubanos e armas à Guiné, o cineasta José Massip esteve em Conacri para filmagens na colônia portuguesa, espaço principal dos ataques.

Ao todo, o diretor fez três viagens à região para produção de filmes sobre a futura Guiné-Bissau: em 1967, 1971 e 1974. Apenas na primeira oportunidade trabalhou estritamente na Guiné-Conacri: ajudou na realização de um documentário oficial intitulado *Impressions sur Conacry* (1967) e filmou uma escola e o hospital militar do PAIGC em Boké, conforme exibido no documentário *Madina Boé* (1968) (NOA ROMERO, 2014, p. 245), que analisaremos no próximo capítulo. Outra iniciativa cubana foi a mostra de filmes em Conacri, 1967, representada pelo realizador Manuel Pérez Paredes.<sup>53</sup>

Conacri também foi mostrada, em Cuba, como o lugar da preparação revolucionária do “terceiro mundo”. A revista *Cine Cubano* apresenta fotos de Stokely Carmichael, militante do movimento negro nos EUA, e da cantora sul-africana Miriam Makeba em um treinamento militar na Guiné (Imagem 26). As fotografias apareceram também no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 409 (1968), que tratava das guerrilhas na África.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Capa “*Semaine du Cinéma Cubain / Guinée/Février 1967*”. *Cine Cubano*, La Habana, n. 39, 1967; Dicionario de realizadores cubanos de largometrajes: Manuel Pérez Paredes. *Cine Cubano*, La Habana, n. 96, p. 154, 1980.

<sup>54</sup> Stokely Carmichael passou por Cuba no final dos anos 1960, porém divergiu com o governo dada a repressão a movimentos negros na ilha. Para uma leitura sobre os radicais negros dos EUA em Cuba, Cf. Cap. 4, “Match Made in Heaven or Strange Bedfellows?”

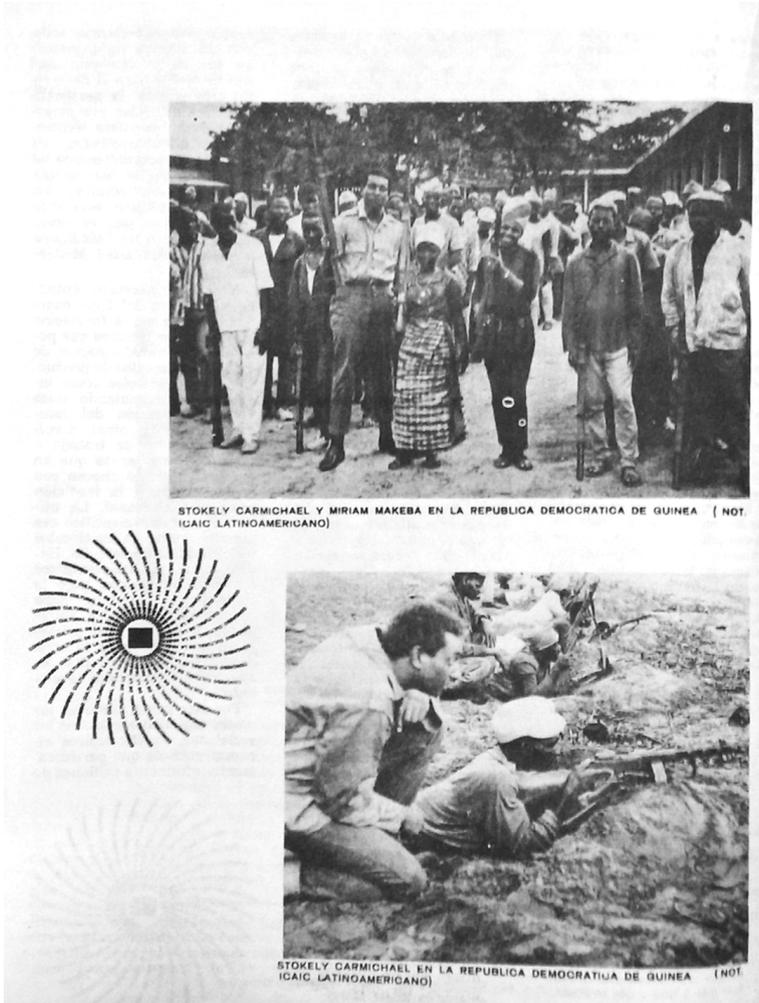


Imagem 26: ÁLVAREZ, Santiago. Cultura y medios masivos de comunicación. **Cine Cubano**, La Habana, n. 49-50-51, p. 10, 1968. Legendas: “*Stokely Carmichael y Miriam Makeba en la República Democrática de Guinea (Not. ICAIC Latinoamericano)*”, “*Stokely Carmichael en la República Democrática de Guinea (Not. ICAIC Latinoamericano)*”. À esquerda, em forma de espiral de modo a simular um alvo de tiro, lê-se “*Congreso Cultural de La Habana 1968*”.

---

Black Radicals in Castro's Cuba” in SAWYER, 2006, p. 79-101; sobre os mesmos na África, cf. FILA-BAKABADIO, 2018.

Em 1970, o cinejornal n. 514, dirigido por Pastor Vega, destacou o ataque a Conacri pelos portugueses, que buscavam libertar concidadãos presos e pretendiam assassinar Touré e Cabral. A ação foi contida por militares da Guiné com apoio das tropas cubanas estacionadas na cidade. Apesar de não detalhar esse suporte para conter a invasão lusitana, a referência ao episódio expressa a preocupação, em Cuba, de registrar que o “imperialismo” não dava tréguas aos países pobres. Nas imagens, vemos pessoas trabalhando com máquinas, o que evidencia a figuração de um caminho rumo à proletarização dos africanos, na perspectiva ideológica exposta no *noticiero*.

Fidel Castro visitou a Guiné-Conacri em três oportunidades.<sup>55</sup> A viagem inicial foi propagandeada pelo cinema nos dois lados do Atlântico, por ser a primeira vez que o comandante pisava em terras africanas, passando, inclusive, por Argélia e Serra Leoa na mesma oportunidade. Segundo o site oficial *fidelcastro.cu*, em maio de 1972, quando houve a propagandeada viagem inicial ao continente africano, o mandatário passou pelas cidades de Conacri, Kankan, Kissidougou, Faranah, Labé, Sonouya e Kindia.<sup>56</sup>

Segundo Carlos Moore (1988), o itinerário correspondia a uma “corrida aos aeroportos” devido à necessidade do governo cubano em conseguir licenças para que seus aviões fizessem escalas rumo a maiores distâncias, uma vez que os veículos tinham capacidade limitada de combustível (p. 294-297) e, no contexto, ampliavam-se os projetos de expansão das “zonas de contato” para a

<sup>55</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 557 (1972), n. 624 (1973) e 754 (1976), além dos documentários *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (1972), ... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (1973) e *Los cuatro puentes* (1974).

<sup>56</sup> VIAJE al exterior. A África e a Europa (1972). Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/viajes/africa-e-europa-1972>. Acesso em: 25 mai. 2021.

África e o Leste europeu.<sup>57</sup> Acreditamos que a viagem também foi uma oportunidade para dialogar com membros do PAIGC e ver de perto o que estava sendo planejado e executado, sendo que Amílcar Cabral estava na comitiva de recepção ao mandatário cubano em maio de 1972.

A segunda oportunidade foi na escala que levou a delegação cubana à IV Conferência dos Não-Alinhados em Argel, 1973, e a terceira se deu por conta de um evento na capital guineense, cujo objetivo era celebrar as independências de Angola e Guiné-Bissau em 1976. A cerimônia teve a presença de Agostinho Neto, Luis Cabral, Fidel Castro e o anfitrião, Sékou Touré. A frequência dos voos para Conacri ressaltou a importância do governo da Guiné para as relações africanistas do regime cubano, assim como as oportunidades de saber pessoalmente as ações do PAIGC antes (quando houve uma radicalização das ações armadas com o uso de mísseis soviéticos, certamente influenciado em alguma medida pela intervenção do cubano, após a morte de Cabral, ocorrida em janeiro de 1973) e depois da independência (com a presença do então presidente Luís Cabral no evento de 1976).

Uma atividade destacada no cinema foi a cooperação no setor da construção civil. Os documentários *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (1972), ... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (1973) e *Badenya* (Jorge Fuentes, 1975, ECIFAR) apresentam imagens de construções no país, em geral residências e hospitais. Tal colaboração também chegou à Guiné Equatorial, como visto no filme *Una Guinea que llamaron española* (Jorge Fuentes, 1976, ECIFAR).

<sup>57</sup> Ademais de Serra Leoa e Guiné-Conacri, Cuba também conseguiu autorizações para escala na Guiné Equatorial na África e a Guiana, na América do Sul.

Apesar do longo contato e das cooperações, a Guiné-Conacri desapareceu das referências audiovisuais da ilha após 1976, época dos laços cubanos com Angola. Anos depois, o embaixador guineense Mami Kouyate, que havia feito reflexões sobre a queda de Kwame Nkrumah em Gana (1966), demonstrou ao pesquisador Carlos Moore uma visão pessimista sobre o saldo dos intercâmbios:

Guiné[-Conacri] formalizou os acordos para tornar-se base de apoio para a influência militar e política de soviéticos e cubanos na África [...], porém anos mais tarde nós descobrimos que o resultado da cooperação cubana, que tanto preocupou a Guiné, pode ser resumida a uma palavra: zero (KOUYATE *apud* MOORE, 1988, p. 293, tradução nossa).<sup>58</sup>

Por sua vez, a República do Congo, com capital em Brazzaville, teve uma relação menos intensa, intermitente, com o Estado cubano. As interrupções ocorreram por causa dos golpes de Estado em 1968, 1977 e 1979, marcos das transições de mando no período, e os prosseguimentos aconteceram por conta dos acordos que permitiram a presença de militares da ilha no país africano entre 1965 e 1968, fase com maior atividade, e de 1977 a 1991, quando houve menos ações.<sup>59</sup>

Entre 1963 e 1968, Massamba-Débat apoiou guerrilheiros do vizinho Congo-Léopoldville e do MPLA. Quando o grupo foi obrigado a sair de Léopoldville, que aderiu a outro movimen-

<sup>58</sup> Excerto no original: “Guinea had formalized its agreements to become the staging base for Soviet-Cubans military and political influence in Africa [...], but years later we would discover that the results of Guinean-Cuban cooperation, as far as Guinea was concerned, could be summarized in one word: zero”.

<sup>59</sup> Foram presidentes da República do Congo: Fulbert Youlou (1960-1963), Alphonse Massamba-Débat (1963-1968), Marien Ngouabi (1968-1977), Joachim Yhombi-Opango (1977-1979), e Denis Sassou Nguesso (1979-1992).

to angolano de independência em 1963 (a Frente Nacional de Libertação de Angola, FNLA), fora recebido em Brazzaville com a possibilidade de organizar ataques aos portugueses na província angolana de Cabinda.<sup>60</sup> No mesmo período, houve o encontro do Movimento com “Che” Guevara e o embaixador de Cuba na Argélia Jorge Serguera, o que dinamizou os planos militares da ilha na parte subsaariana do continente.

Desse modo, foi criado em Brazzaville no ano de 1965 o “*Segundo frente*”, coluna militar comandada por Jorge Risquet com 250 cubanos, a maioria negra, em paralelo com o reforço de quadros militares para Ernesto Guevara no Congo-Léopoldville (a “primeira frente”). Piero Gleijeses (2007) argumenta que a decisão foi uma aposta com base em leitura sobre-estimada sobre o suposto “caráter revolucionário” do governo congolês, do MPLA e das expectativas de revolução no outro lado do Rio Congo (p. 191). O principal objetivo do grupo de Risquet era defender o governo nacional de ataques vizinhos, porém os soldados da ilha acabaram atuando na proteção a Massamba-Débat durante tentativa de golpe orquestrada por Marien Ngouabi em meados de 1966. Com redução do quadro militar, não houve nova defesa a Débat no motim de 1968 (*ibidem*, p. 267-272).

Do mesmo modo, soldados cubanos ajudaram o MPLA no plano de ataque na “2ª Região militar” do movimento (Cabinda), meados de 1965, e na formação de uma frente, chamada “Esquadrão Cienfuegos”, para atravessar parte do Congo-Léopoldville e chegar

<sup>60</sup> Cabinda é separada do restante do território de Angola, ao norte, pela saída do Rio Congo para o mar, arranjo feito no início da colonização belga no Congo, fins do séc. XIX. Vale ressaltar que as capitais Brazzaville e Léopoldville são homenagens ao explorador italiano Pierre Savorgnan de Brazza em nome da França no primeiro caso, e ao rei da Bélgica, Leopoldo II, no segundo. Apenas na atual República Democrática do Congo mudou-se o nome da capital, de Léopoldville para Kinshasa, em 1966.

à “1ª Região” (Dembos e Nambuagongo, norte de Angola) um ano depois. Jean Michel Natalizumabe (2008, p. 186) refere-se a essa coluna como uma “catástrofe quase total” e mencionou outras duas, Esquadrão Kafka e Esquadrão Bombolo/Benedito, ocorridas em 1967. Todos os planos foram frustrados. O movimento angolano moveu-se para a “3ª Região” (leste de Angola, via Zâmbia) em 1969 e restou aos oficiais de Cuba seguirem no treinamento militar aos efetivos de Brazzaville e a grupos da Guiné Equatorial e Camarões que, em suas ações armadas locais, fracassaram. Diante do pessimismo sobre as experiências, houve recuo dos planos iniciais, inclusive das filmagens, pelos *corresponsales de guerra* cubanos, de possíveis batalhas, como mencionamos.

Esses contatos na região tiveram pouca ressonância no audiovisual. Nos cinejornais, as seis matérias sobre a República do Congo foram exibidas de maneira irregular entre 1965 e 1982, sendo as três últimas oportunidades sobre as visitas oficiais de presidentes distintos a Cuba: Marien Ngouabi, Joachim Yhombi-Opango e Denis Sassou Nguesso.<sup>61</sup> Ainda assim, estas recepções interessavam Cuba para a manutenção dos contatos transatlânticos, dado o destaque para a cooperação militar em 1975 e a presença de crianças congolezas em uma das escolas da Ilha da Juventude, oficializada em 1978.<sup>62</sup>

Outro motivo para a atenção sobre a história do país nas relações políticas transoceânicas relaciona-se à presença de Glauber Rocha, durante o governo de Ngouabi, para a filmagem de *Der leone have sept cabeças* (1970, Polifim/Itália). Na oportunidade, o ci-

<sup>61</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 276 (1965), n. 409 (1968), n. 481 (1970), n. 727 (1975), n. 866 (1978) e n. 1082 (1982), além do documentário *Benvenido Camarada Okongo* (Jorge Alonso Padilla, 1978, ECIFAR), no qual o nome do presidente Joachim Yhombi-Opango está incorreto.

<sup>62</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 878 (1978).

neasta contou com o auxílio do Estado congolês para mobilização de veículos durante as filmagens pelo Congo (ROCHA, 2002) e a revista *Cine Cubano* dedicou espaço para que ele explicasse o sentido do filme, projetado nos cinemas da ilha à época.<sup>63</sup>

Enfim, os contatos de Cuba com a Tanzânia, país independente em 1961 tiveram menor intensidade se comparados aos demais países aqui elencados e, da mesma forma, as ligações com o principal movimento apoiado por Julius Nyerere, a Frelimo, tampouco foram marcantes. O presidente tanzaniano era relutante em colaborar com grupos armados até que o ataque dos mercenários europeus contra Stanleyville (nov. 1964), no Congo-Léopoldville, fez com que ele mudasse de postura. No início de 1965, Ernesto Guevara o procurou para cooperar com sua participação na guerrilha vizinha.

Nessa mesma oportunidade, o “Che” e o líder da Frelimo Eduardo Mondlane divergiram sobre as possibilidades de organizar as lutas na região: o primeiro visualizava uma cooperação mútua dos agrupamentos, e o segundo, a descentralização, de modo que cada coletivo conduzisse sua própria independência. Ainda assim, Cuba enviou armas, alimento e uniformes aos combatentes moçambicanos em abril de 1965, porém o suporte foi descontínuo uma vez que o grupo recebia ajuda da URSS e da China (GLEIJESES, 2007, p. 142). Outra dificuldade de Guevara na oportunidade foi a retirada do apoio tanzaniano à guerrilha no Congo-Léopoldville.

<sup>63</sup> DÍAS TORRES, Daniel. El león tiene siete cabezas: una conversación con Glauber Rocha. Acerca de un título. *Cine Cubano*, La Habana, n. 71-72, p. 131-136, 1972. Para uma análise do filme, cf. CARDOSO, 2017. Vale lembrar que Sarah Maldoror, cineasta francesa, dirigiu seu primeiro longa-metragem (*Sambizanga*, 1972, sobre a luta de independência em Angola) no país. Todavia segue pendente compreender os laços do Congo-Brazzaville para a viabilização dos mencionados projetos fílmicos.

As esporádicas citações aos tanzanianos foram expressas audiovisualmente em três reportagens do cinejornal e em algumas cenas de dois documentários.<sup>64</sup> As matérias tematizam as visitas de Nyerere à ilha em 1974 e 1985 e seguem o padrão convencional demonstrado ao retratar os demais encontros internacionais de chefes de Estado. Já os filmes inserem o país africano em meio a outros, como na viagem de Fidel Castro pela África em 1977 e no recorrido da equipe de filmagem cubana por diversos espaços, no qual a Tanzânia foi colocada como a menos afetada.

Ao longo desses trânsitos africanistas, os cinejornais e documentários, bem como a imprensa cinematográfica em Cuba, apresentaram “indícios” que dimensionam o ritmo dos elos Sul-Sul. Dessa forma, a animosidade em relação ao continente africano teve partida nas ações militares do regime cubano na Argélia e no Congo-Léopoldville, para depois estenderem-se em acordos de cooperação com outros países e movimentos guerrilheiros. As experiências iniciais não foram exitosas, porém foram contínuas na Guiné portuguesa, por meio da mediação da Guiné-Conacri, até o início da massiva ajuda ao MPLA, em Angola, a finais de 1975.

<sup>64</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 676 (1974), n. 702 (1975), n. 1249 (1985), bem como os documentários *El octubre de todos* (Santiago Álvarez, 1977, ICAIC) e *Círculo del Infierno* (Rigoberto López, 1986, ICAIC, ECITVFAR, ICRT).



## AS REPRESENTAÇÕES DA “LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA” NA DÉCADA DE 1970

A produção cinematográfica cubana dos anos 1970 procurou legitimar as “lideranças revolucionárias” africanas de regimes políticos próximos ao governo de Fidel Castro. Personagens históricos como Samora Moisés Machel (Moçambique), Amílcar Cabral (Cabo Verde e Guiné-Bissau) e, em menor grau, Mengistu Haile Mariam (Etiópia), ganharam destaque na produção de documentários e cinejornais pela ênfase que as obras fílmicas lhes conferiram em diferentes momentos. Evidentemente, Fidel Castro, o “comandante em chefe”, era a referência maior para os cineastas identificados com o governo durante a realização das obras.

Nesse sentido, a notoriedade dada a esses personagens públicos tinha como objetivo salientar, em última instância, os valores do próprio “líder” cubano, fundamental para a aceitação social das liturgias políticas. A propósito desta questão, Claude Rivière (1989) destaca o imaginário em torno das figuras políticas de relevo em seus “rituais”:

O supra-humano algumas vezes assume consistência humana, é verdade que no messias, no profeta, no herói, mas também no déspota instalado que edita seu novo testamento ainda mais intangível porque se afirma revolucionário e não reformista e é sustentado por toda uma “igreja” combatente (p. 17).

O autor aponta diferentes aspectos relacionados ao “chefe” de um agrupamento, seja em seu círculo imediato de atuação, ou na esfera nacional. A liderança torna-se a modelo de comportamento, pensamento e ação, orientando, com isso, seus seguidores. Ser “revolucionário” significava agir segundo mandava o “novo testamento” da revolução, estabelecido pelo seu regime político. Como lembra Rivière, o século XX foi pródigo em experiências políticas autoritárias que se empenharam na construção do consenso social em torno da figura do líder, o responsável pelos destinos da nação.

António de Oliveira Salazar (Portugal), Joseph Stálin (URSS) e Adolph Hitler (Alemanha), entre outros, foram líderes de ideologias distintas que se valeram da propaganda política para a legitimação do poder. Os debates sobre conceitos como “totalitarismo” e “populismo” na primeira metade do século XX não se dedicaram ao papel dos meios de comunicação de massa para a construção dos ideais de liderança e sociedade, tema que nos permite melhor compreender esses fenômenos. A questão foi analisada pela historiografia política “renovada” somente a partir de meados dos anos 1970.<sup>1</sup>

No caso cubano e de alguns países africanos, houve vezes em que se recorreu, direta ou indiretamente, a estratégias de consolidação e centralização política que remetem a ditas experiências:

<sup>1</sup> Para um debate sobre os conceitos de “totalitarismo” e “populismo”, cf. CAPELATO, 2008, p. 21-50. Sobre a “história política renovada”, cf. textos reunidos em RÉMOND, 2003.

concentração dos meios de comunicação, censuras, construção de simbologias do poder e lideranças personalistas.<sup>2</sup> Nos dois lados do Atlântico, os partidos únicos e seus dirigentes buscaram validar o poder por meio de produções culturais de cunho oficial, que retrataram de forma “positiva” os próprios regimes e seus aliados, assim como acusaram e desqualificaram seus “inimigos”, sendo eles internos ou externos.

Nesse processo, o cinema se torna fundamental, pois, em função de seu “suporte tecnológico e cultural”, a reiteração da imagem e dos discursos da autoridade política no espaço público colabora para a construção de imaginários políticos que visam ditar as regras e as condutas sociais (BACZKO, 1985, p. 311).

Nancy Berthier (2010) considera que, em Cuba, o “culto ao líder” em torno de Fidel Castro possuiu características particulares, com base em suportes fotomecânicos (fotografias na imprensa, além das imagens em movimento no cinema e televisão), menos estáveis materialmente no espaço público se comparados às estátuas e retratos em moedas. Na ilha, esses objetos deram visibilidade pública a personalidades falecidas, como o líder da independência José Martí, e os combatentes do MR26 Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos, com as quais o líder se associava em sua iconografia e em seus discursos (p. 65-74).

Por essa perspectiva, a nosso ver, a filmografia cubana foi produzida de modo a corroborar determinadas posições políticas e a questionar outras, em consonância com as características do socialismo cubano as relações internacionais do país. Pensando nisso, este capítulo analisará como se deu a representação audiovisual das quatro mencionadas lideranças (Fidel Castro, Amílcar Cabral, Mengistu Haile Mariam e Samora Machel) nessa produção, bus-

<sup>2</sup> Para uma reflexão sobre o caso das lideranças africanas, cf. HERNANDEZ, 2008, p. 189.

cando refletir também sobre o papel dos respectivos governos ou movimentos africanos nos eventos cinematográficos.

### 3.1. FIDEL CASTRO COMO O “LÍDER EXEMPLAR”

“Líder máximo” da Revolução, Fidel Castro teve ampla divulgação no audiovisual cubano e há temporalidades próprias de representação quando sua figura foi vinculada a questões africanas. A “cristalização” de sua iconografia, segundo Nancy Berthier (2010), iniciou-se no final dos anos 1950 para transformar seu “corpo natural” em “corpo político”, representativo de um anti-imperialismo radical, nas décadas seguintes (p. 32, 59-61). Nos anos 1970, no contexto de adequação institucional ao modelo soviético, a produção audiovisual buscou reiterar o protagonismo do mandatário nos laços diplomáticos e formais com grupos políticos africanos.

A relação de Fidel com regiões da África nos cinejornais e documentários foi menor nos anos 1960, passando pela representação mais diplomática nos 1970, para chegar em meados da mesma década à imagem de “conselheiro revolucionário” dos jovens países independentes. Em todo o período, predominou a figura do orador público. Trajado em uniforme verde-oliva e cercado de microfones, muitas vezes suas imagens de antigo combatente pontuavam os *flashbacks* da guerrilha na Sierra Maestra nos anos 1950. Algumas questões intermeiam esse processo, como sua atuação nas visitas presidenciais, a mobilização de símbolos nacionalistas e as comparações do líder aos congêneres estrangeiros.

Na década de 1960, a exibição de referências cubanas sobre o continente africano foi tangencial, uma vez que as conexões ainda estavam em processo de construção por meio de auxílios secretos a movimentos armados anticolonialistas na Argélia, Con-

go-Léopoldville e Angola. Tais contatos não foram divulgados em detalhes, mas por alusões indiretas, lacunares, permeadas de omissões. A condição de liderança de uma revolução vitoriosa em Cuba corroborou Fidel Castro como a voz autorizada a incentivar, dentro e fora do país cubano, a preparação de responsáveis para as transformações sociais.

Um dos momentos destacados desse suporte no cinema cubano veio com a Conferência Tricontinental de 1966, ocorrida em Havana, espaço de congregação de representantes de movimentos armados e da tentativa de articulação das lutas. Em matéria do cinejornal sobre a África (n. 364, 1967) exibiu-se trecho do discurso de Fidel Castro listando os territórios, entre colônias e países independentes, onde havia grupos de combate armado. O destaque foi dado ao líder da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral, do PAIGC, único representante africano mencionado nominalmente na matéria.

As oportunidades de contracenar com as outras lideranças tornaram-se mais frequentes nos anos 1970, quando Cuba ampliou sua presença diplomática no continente. As Conferências dos Países Não-Alinhados em Argel (1973), Havana (1979) e Nova Delhi (1983), além do discurso na ONU em Nova Iorque (1979), foram oportunidades de reunir chefes de Estado e denunciar os crimes contra a humanidade pelo mundo, cometidos ou financiados por países ocidentais, em especial os Estados Unidos da América. As falas de Fidel Castro alicerçaram os *noticieros* e documentários, que reproduziram integralmente muitos discursos. Do mesmo modo, os problemas africanos tiveram maior destaque ao longo da década de 1970, enquanto que, nos últimos encontros no decênio seguinte, eles perdem força dentro das amplas pautas discursivas.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 624 (1973), n. 702 (1975, reunião de coordenação), n. 934 (1979) e n. 1116 (1983), além dos documentários dirigidos por Santiago

As viagens do “comandante em chefe” ao continente africano e a recepção aos estrangeiros na ilha foram noticiadas por cinejornais e documentários, conforme analisamos no Capítulo 1. O ritmo desses intercâmbios foi maior nos anos 1970, com atenção aos temas específicos dos países da África nos encontros internacionais e, a partir de meados dessa década, Fidel passou a ser representado como um líder experiente, receptivo aos visitantes.

Em certos momentos, até mesmo a estatura do líder cubano fez parte das representações comparativas entre ele e os demais responsáveis por processos políticos. Nancy Berthier (2010) sublinha que a dimensão física do então líder do MR26 já se destacava em fotografias dos anos 1950 (p. 27). Na década de 1970, ocorre o mesmo: desta vez em imagens das cerimônias oficiais de recepções a líderes como Samora Machel (Moçambique) e Mengistu Haile Mariam (Etiópia) (Imagens 27 e 28), exibidas em edições dirigidas por Rolando Díaz, por exemplo, nas quais se enfatiza as demonstrações de “fraternidade” do líder, que evidenciam seu maior tamanho e, enquanto corpo político, maior “experiência revolucionária”, em relação aos outros, mais jovens.

Os “rituais de poder” foram exibidos e reiterados nos dois lados do Atlântico. Atribuições de insígnias como a Ordem Nacional José Martí e a Playa Girón, esta última em referência à vitória sobre militares anticomunistas em 1961, foram recorrentes no mesmo período, em cerimônias consagradas aos convidados e respectivas comitivas. Visitantes ofereciam coroas de flores a Martí e as depositavam no monumento localizado na Praça da Revolução, em Havana.

---

Álvarez e produzidos pelo ICAIC *Los cuatro puentes* (1974), *La cumbre que nos une* e *El desafío* (ambos de 1979).



### IMAGENS 27 E 28

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 835 (1977) e n. 863 (1978); a desproporção entre as estaturas dos líderes de Cuba, Moçambique (Imagem 31) e Etiópia (Imagem 32) como símbolo da elevada “experiência revolucionária” cubana.

Na primeira exibição dessa homenagem, no *noticiero* n. 20 (1960), o narrador ressalta o gesto da equipe econômica egípcia ao mártir cubano: “*No hay mejor homenaje para Martí que la bandera de un pueblo que lucha por su liberación*”. O respeito mútuo aos símbolos de poder do país anfitrião fazia parte, portanto, dos protocolos de visita diplomática. No cinema cubano, o aspecto “anti-imperialista” ganha maior relevância e ratifica os laços políticos com o exterior.

O próprio Fidel atuava como guia dos líderes africanos a espaços memorialísticos em Cuba, como a antiga prisão onde o mandatário foi detido nos anos 1950, na Ilha da Juventude (antiga Ilha de Pinos). O cubano também conheceu lugares de memória oficiais na África, como a tumba do “soldado desconhecido” com o

apócrifo “*A nos martyrs du colonialisme*” (“Aos nossos mártires do colonialismo”) em Conacri, conforme destaca o longa ... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (Santiago Álvarez, 1973, ICAIC).

Há projeções dos discursos de Fidel Castro nos quais ele assume maior protagonismo, legitimando a presença cubana no continente africano e procurando construir um consenso nacional sobre diversos assuntos.<sup>4</sup> No geral, as obras fílmicas ressaltam seu ponto de vista e, conseqüentemente, acabam incorporando as ambigüidades do líder frente a algumas situações políticas. Lembramos como referência o caso da divulgação, em Cuba, do golpe militar contra o governo de Ahmed Ben Bella, na Argélia, conforme mostrado no *noticiero* n. 265 (1965). Na ocasião, Fidel hesitou em qualificar a ação de Boumédiène como “contrarrevolucionária”, pois estava orientado por cálculos políticos que viabilizariam, nos anos 1970, o retorno de ambos os países aos acordos diplomáticos. O presidente deposto pelo mencionado levante não retornou às telas do cinejornal.

Em 1978, no cinejornal n. 872, a cargo de Rolando Díaz, o presidente cubano responde a questões de um jornalista estadunidense e contesta acusações de intromissão militar no continente africano.<sup>5</sup> O esforço era para desvincular as ações cubanas, consideradas autênticas devido às solicitações feitas pelos próprios governos angolano e etíope, das iniciativas operadas pelo “imperialismo” em países pobres. A veemência característica dos discursos do líder o tornou um dos “intérpretes” internacionais sobre os problemas

<sup>4</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 784 (1976), n. 877 (1977) e n. 872 (1978), além do documentário *El octubre de todos* (Santiago Álvarez, 1977, ICAIC).

<sup>5</sup> Cabe explicar que, oficialmente, Fidel Castro foi primeiro-ministro de Cuba entre 1959 e 1976 (presidência a cargo de Manuel Urrutia entre janeiro e julho de 1959, e Osvaldo Dorticós Torrado no restante do período), e presidente entre 1976 e 2008. Também foi primeiro-secretário do PCC entre 1965 e 2011.

sociais e políticos do continente africano e, como mencionado, uma das estratégias narrativas do cinema cubano era colocar o líder como parâmetro comparativo em relação a outros congêneres políticos. Para ratificar a liderança de Castro na ilha e em meio ao campo “anti-imperialista” internacional, alguns *noticieros* construíram “contraexemplos”, cujas atitudes demonstrariam “fraqueza” e “omissão” diante das potências capitalistas, o que era visto como inadmissíveis para uma liderança “exemplar”.

O primeiro “contraexemplo” foi Patrice Lumumba, primeiro-ministro do Congo-Léopoldville e assassinado em 1961, cuja representação no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* se deu carregada de ambiguidades. A princípio, sua figura foi reiterada como um mártir africano, cuja morte teve a cumplicidade de autoridades europeias e estímulo do governo e forças de inteligência dos EUA, de acordo com as denúncias veiculadas no cinema em Cuba. No encerramento da Conferência Tricontinental de 1966, o retrato de Lumumba foi estampado ao fundo, em um painel, ao lado das imagens de Augusto César Sandino e do estudante vietnamita Nguyen Van Troi, todos mostrados como mártires dos “três mundos”.<sup>6</sup>

O *noticiero* n. 105 (1962), por sua vez, expõe a ideia de uma “independência inconclusa”: “*La sangre de Lumumba está fresca aún y la independencia del Congo sigue pendiente*”, afirma o narrador. A edição informa o público sobre a continuidade das tensões

<sup>6</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 29 (1960), n. 34 e 38 (1961), além do curta-metragem *Congo, 1960 (Estos fueron los hechos)* (Fausto Canel, 1961, ICAIC). Augusto César Sandino (1895-1934) foi um combatente nacionalista da Nicarágua, assassinado a mando de Anastasio Somoza, aliado dos EUA e da elite conservadora nacional. Nguyen Van Troi (1940-1964) era o jovem guerrilheiro de Viet Cong, condenado à morte após tentar assassinar autoridades estadunidenses em visita no então Vietnã do Sul. As imagens dos personagens ao lado de Patricio Lumumba são acompanhadas, em menor estatura no mesmo painel, dos retratos dos líderes cubanos pela independência Antonio Maceo e José Martí, além do guerrilheiro do MR26 Camilo Cienfuegos, desaparecido em circunstâncias misteriosas em 1959 e “cultuado” na propaganda política em Cuba.

políticas e sociais em Léopoldville, mesmo após o assassinato de Lumumba. O entrelaçamento dos destinos de um país e seu líder foi uma estratégia recorrente no cinema cubano.

Com tal visão, no discurso televisivo em menção à Crise dos Mísseis, no *noticiero* 125 (1962), Fidel frisa que a ilha estava preparada para enfrentar uma possível invasão americana. De acordo com o primeiro-ministro, “*¡Cuba no es el Congo!*”, isto é, o regime político não passaria pela mesma turbulência que se abateu sobre o Congo-Léopoldville. A comparação estabelece uma diferença entre a revolução cubana e a independência do Congo: enquanto a primeira possuía uma liderança determinada a garantir a soberania nacional, a outra tinha uma autoridade política “frágil” diante dos poderes estrangeiros. Um cartaz, à época, reproduziu a afirmação enfática de Fidel com a imagem de Lumumba preso, amarrado com cordas, menosprezando sua imagem no espaço público (MOORE, 1988, p. 133).

Posteriormente, o congolês foi colocado como um “reformista”. O cinejornal n. 409 (1968), dedicado às guerrilhas na África, apresentou uma “micronarrativa da libertação” na abertura, na qual o político foi mostrado em tela. A sequência sugere uma leitura histórica da “invasão” europeia na África, narrada por imagens que remetem ao “povo africano” em sua vida “tradicional”, ao colonialismo europeu e à violência contra os negros. A sequência é encerrada com um registro de Patricio Lumumba e, por fim, um retrato de outro homem, cuja expressão facial sugere preocupação (Cena 04).



#### CENA 04

*Noticiero ICAIC Latinoamericano*, n. 409 (1968): uma “micronarrativa da libertação” que sintetiza o passado africano. Legenda: “Clube Náutico de Brazzaville / Estacionamento estritamente reservado aos membros do clube / O Comité”.



#### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

A introdução do *noticiero* traz a construção discursiva de uma síntese histórica sobre a África, iniciada com a representação de um passado mítico de paz e tranquilidade, interrompido pelo aviso indicador da presença europeia, causadora de sofrimento àqueles povos. O primeiro-ministro congolês, com trajes ocidentais, surge em tela como expressão da tentativa malograda de independência, e o africano “anônimo”, ao final da série, aparenta estar preocupado com qual caminho seguir para se libertar da opressão colonizadora. Muitas vezes, a vestimenta social de Lumumba, considerada representativa do “reformismo burguês”, era menos valorizada se comparada aos uniformes militares que combatentes africanos (e Fidel Castro) utilizavam.

Ao final da mesma edição do cinejornal, a “saída” para a situação opressiva apresentada nessa abertura surge por meio de

imagens da guerrilha rural, com homens uniformizados e armados avançando numa mata. A foto do “homem em dúvida” (Imagem 29-30) reaparece na última imagem da matéria, de modo a causar um “efeito kuleshov”, o que oferece novo sentido ideológico à imagem; ou seja, a mesma expressão facial, que na primeira aparição expressou dúvida, ao final veio seguida da figura de Miriam Makeba segurando um fuzil, sinalizando a validade da luta armada.<sup>7</sup>



### IMAGENS 27 E 28

*Noticiário ICAIC Latinoamericano*, n. 409  
(1968): o “efeito Kuleshov” ao final da edição.

<sup>7</sup> “Efeito kuleshov” é o nome dado à experiência estética do cineasta russo Lev Kuleshov no início dos anos 1920 na URSS: “um mesmo plano aproximado do rosto de um ator, escolhido o mais inexpressivo possível, é montado, sucessivamente, com vários planos que o contextualizam de modo diferente e levam o espectador a interpretar diferentemente, e até mesmo perceber diferentemente os planos de rosto: depois de uma mesa servida, o rosto parece expressar fome; depois de uma criança, ternura; depois de uma mulher nua, desejo, etc.” (AUMONT, MARIE, 2001, p. 93).

De acordo com o observado no *noticiero* n. 298 (1966), edição que noticiou o golpe de Estado sofrido pelo então presidente de Gana, o pan-africanista Kwame Nkrumah se constituiria como outro “contraexemplo” de liderança. No capítulo anterior, analisamos o discurso do embaixador da Guiné-Conacri em Havana, Mami Kouyate, sobre o ocorrido. As imagens da matéria traziam uma representação de Nkrumah como aliado dos europeus, outrora colonizadores, enquanto Sékou Touré foi exibido ao lado de Fidel e autoridades cubanas, isto é, como um “revolucionário”. Embora Touré apareça, nessa matéria, trajando roupas “ocidentais” (paletó e gravata), o significado de sua presença na matéria ocorre de modo distinto que ao observado em relação ao “reformista” Patrice Lumumba, o que sublinha a ambiguidade das representações sobre os líderes africanos no cinema cubano.

Outras autoridades políticas foram retratadas como “marionetes” do “imperialismo”. Assim aconteceu com o egípcio Anwar el-Sadat, sucessor de Gamal Abdel Nasser. O então presidente dos anos 1970 foi chamado nos cinejornais de “*traidor a la causa árabe y al pueblo egipcio*” e responsável pela “*política entreguista*” dos bens nacionalizados às potências ocidentais. Joseph Desiré Mobutu, do Congo-Léopoldville, é considerado, por sua vez, “*títere imperialista*”, “*ex sargento a servicio de los belgas*” e acusado de “*entregar el país en medio de una aguda crisis interna a las tradicionales potencias coloniales*”. Ambos foram vistos como “inimigos” nos cinejornais, dentro do contexto ideológico que norteou as matérias em Cuba.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* sobre el-Sadat: n. 842 (1977), n. 885 (1978), n. 944 (1979) e n. 1044 (1981). Sobre Mobutu: n. 34 e 38 (1961), n. 807, 816 e 841 (1977) e n. 872 (1978), assim como o documentário *Congo, 1960 (Estos fueron los hechos)* (1961). O nome Zaire refere-se ao Congo-Léopoldville entre 1971 e 1997, quando passou a se chamar República Democrática do Congo.

Os paralelos entre as experiências políticas transatlânticas foram, portanto, comuns. No caso das comparações entre Fidel Castro e os líderes argelinos Ahmed Ben Bella, na década de 1960, e Houari Boumédiène, na posterior, os três processos revolucionários foram interpretados como movimentos análogos. Em relação ao primeiro, o cumprimento na visita a Havana em 1962 (*noticiero* n. 124) deu ensejo às imagens de arquivo das batalhas em Cuba e na Argélia. Movimento semelhante repetiu-se em 1978 (edição n. 898), na homenagem ao recém-falecido Boumédiène. Ao recuperar, em *off*, o discurso que Fidel proferiu na visita a Argel em 1972, este cinejornal enfatizou o “passado comum” entre “dois guerrilheiros”:

Para nosotros, ha sido también fácil la comunicación, el intercambio de ideas, el desarrollo de la amistad, porque esa es la amistad entre dos guerrilleros, entre dos combatientes revolucionarios, que hemos vivido una experiencia similar en el pasado y que vivimos una experiencia similar en el presente.

A celebração da “experiência similar” a Cuba não se estendeu a muitos territórios africanos, uma vez que houve algumas independências após anos de luta armada. O exemplo argelino estimulou outros grupos a seguirem esse difícil caminho, como ocorreu com Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

Uma colônia que teve revoltas sociais contra colonos brancos foi a do Quênia, na região oriental do continente, presidida por Jomo Kenyatta após a independência em 1963. O líder político foi acusado de incitar o movimento rebelde dos “mau-mau” na colônia inglesa e preso na década de 1950. A única matéria sobre os quenianos no cinejornal (n. 161, 1963) tratou das eleições para primeiro-ministro, sem qualquer referência aos conflitos armados de anos antes.

A informação sobre Kenyatta atesta o relativo distanciamento ideológico da ilha caribenha do centro-leste da África (Uganda, Quênia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue e, mais próximo a Cuba, Moçambique) e, posteriormente, do norte do continente (Marrocos, Argélia e Egito). Em contrapartida, maior destaque foi oferecido, nos anos 1970, à África Ocidental (Guiné-Bissau, principalmente), Central (Angola), o “Chifre africano” (Etiópia) e, em menor proporção, Namíbia. À parte os angolanos, que serão tratados no próximo capítulo, veremos a seguir como as “lideranças revolucionárias” de algumas dessas regiões, em especial Guiné-Bissau, Moçambique e Etiópia, foram veiculadas no cinema cubano.

### 3.2. AMÍLCAR CABRAL, O PAIGC E A IMAGEM TRUNCADA

Dentre as guerrilhas africanas, a luta pela independência da Guiné-Bissau teve maior destaque na produção fílmica de Cuba, sobretudo por meio da figura de Amílcar Cabral. Um dos fundadores do Partido Africano para a Libertação da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) em 1956, após um histórico de engajamentos em grupos e associações em Bissau, o líder organizou as ações armadas contra o colonialismo português desde o início da luta armada em 1963 até sua morte, dez anos depois. Por um lado, documentários e cinejornais abriram espaço para a presença de Cabral nas telas, rendendo-lhe, inclusive, homenagens póstumas; por outro, a ausência de referências cabo-verdianas e os raros momentos em que o líder expunha suas ideias políticas também compuseram as principais características dessa filmografia.

Em meados dos anos 1960, após o golpe de Estado na Argélia, o fracasso do “Che” no Congo-Léopoldville e a experiência frustrada do “*segundo frente*” no Congo-Brazzaville, o movimento

de Amílcar Cabral foi visto na ilha como o mais apto a conseguir vitórias sobre o colonialismo. O grupo recebeu, de modo encoberto, apoio armado e de médicos de Cuba por meio da base instalada em Kundiáfa, no interior da Guiné-Conacri, país vizinho a Bissau (LARANJEIRO, 2019, p. 01). O número total de cubanos, entre civis e militares, deslocado para a Guiné portuguesa segue imprescindível e, como ocorreu nos dois “Congos” em 1965, a maioria era negra, a pedido do próprio Amílcar Cabral (GLEIJESES, 2007, p. 295, 319). Como saldo negativo, listou-se para todo o período 1966-1974 um total de nove mortos (*ibidem*, p. 333).

O contato entre o PAIGC e o regime de Fidel Castro iniciou-se em 1963 por meio das embaixadas de Cuba em Argel, Conacri e Acra (Gana), e foi ratificado durante visita de Ernesto Guevara a Sékou Touré, em janeiro de 1965. Nesse encontro, o argentino convenceu o dirigente da Guiné a apoiar a empreitada transatlântica. Amílcar estreitou laços em Havana, foi alçado a “exemplo” na Conferência Tricontinental de 1966 e, desde então, cinejornais e documentários fizeram menções à guerrilha na colônia portuguesa.<sup>9</sup>

Em Havana, no evento de 1966, A. Cabral proferiu o discurso “Fundamentos e objetivos da libertação nacional em relação com a estrutura social”, no qual apontou as especificidades dos povos africanos dentro das tradicionais leituras sobre a luta de classes e a revolução (HERNANDEZ, 2002, p. 166-167). O líder do partido dava destaque ao dinamismo africano e sua capacidade de organização inter-regional de modo a possibilitar os suportes materiais e logísticos para a oposição ao colonialismo, combate encabeçado pela vanguarda “revolucionária”. Deste modo, o discurs

<sup>9</sup> Amílcar Cabral esteve na Conferência Tricontinental ao lado de Pedro Pires, Vasco Cabral, Domingos Ramos e Joaquim Pedro da Silva. O documentário *Cuba, uma odisseia africana* (*Cuba, une odysée africaine*, Jihan El Tahri, 2007, Temps Noir) exhibe registros de Cabral no evento de 1966.

so legitimava a organização do movimento, as ações armadas e os contatos com países vizinhos, como Senegal (por pouco tempo) e Guiné-Conacri, para administração dos espaços de retaguarda e de planejamento da futura nação.

A direção do PAIGC tinha interesse no campo do cinema para fins propagandísticos. Cabral defendia a cultura como elemento importante da resistência anticolonial e de afirmação da nacionalidade. Além disso, valorizava, com habilidade diplomática, as possibilidades de fazer circular internacionalmente imagens das “zonas liberadas” na Guiné portuguesa. Pensando nisso, enviou jovens do interior da colônia de Portugal para estudar cinema no ICAIC em 1967, para que fossem responsáveis pelas imagens em movimento da futura Guiné-Bissau.<sup>10</sup>

O periódico *Libertação*, órgão oficial do partido editado em Conacri, destacou em 1967 que diversos estrangeiros visitaram o território para filmar a organização do movimento.<sup>11</sup> No entanto, Cabral evitava expor a presença de estrangeiros na propaganda para que essas imagens não fossem usadas pelo regime salazarista contra o PAIGC.<sup>12</sup> Por esta razão, o cinema cubano não veiculou

<sup>10</sup> Os jovens foram José Bolama Cobumba, Flora Gomes, Sana na N’Hada e Josefina Crato, que estudaram cinema no ICAIC entre 1967 e 1972 e prosseguiram filmando na África, conforme tratamos no Capítulo 1. Sana e Flora são cineastas reconhecidos no continente.

<sup>11</sup> Uma nota do periódico *Libertação*, do PAIGC, informa que 1964 foi o “ano em que um jornalista e um cineasta, ambos da República Democrática Alemã, inauguraram as visitas de estrangeiros às regiões libertadas e zonas de combate da Guiné”. Adiante, a reportagem detalha que “Cinco documentários foram já feitos na nossa terra, dois dos quais obtiveram, de resto, altos prêmios ou menções honrosas em festivais internacionais de cinema”. Conf.: Mais amigos estrangeiros visitam a nossa terra. *Libertação*, Conacri, n. 76, mar. 1967, p. 03. Dentre as produções sobre o PAIGC dos anos 1960, mencionamos *Lala queima* (1965), de Mario Marret, *A Group of Terrorists Attacked* (1968), de John Sheppard e *Labanta Negro!* (1968), de Piero Nelli.

<sup>12</sup> Amílcar Cabral negava participação de estrangeiros nos combates, como observado nessa entrevista de 1967: “*No queremos voluntarios extranjeros. Lo último que aceptare-*

ou deu destaque aos soldados da ilha nas matérias e filmes sobre a luta armada na Guiné portuguesa. A partir de 1975, com a cooperação militar ao MPLA em Angola, a situação foi inversa.

Na produção fílmica cubana, houve algumas aparições de Amílcar Cabral nas matérias sobre a Tricontinental. Após o evento, Fidel conduziu uma delegação de convidados para trilhar na região montanhosa de El Escambray, onde um grupo rebelde anti-castrista teve sua guerrilha vencida pelas forças oficiais. Cabral aparece com certo destaque ao lado do mandatário cubano, imagens que marcaram a memória afetiva sobre o dirigente em reportagens cinejornalísticas dos anos 1970.<sup>13</sup>

Em matéria sobre a situação opressiva na África em 1967, o líder guineense explicou, em espanhol, sobre a situação de “*total rebelión*” nas colônias portuguesas e sobre o que acreditava ser a reconstrução de uma “*vida nueva: social, económica, cultural*” nas “zonas libertadas”, que correspondiam a “*la mitad*” do território da Guiné. Na sequência, o Cabral é mostrado, segundo o locutor, “*en la propia Guinea portuguesa*”, discursando frente à câmara, mas desta vez em *kriol*.<sup>14</sup> Não se consegue compreender o discurso porque não há tradução.

---

*mos son asesores militares o comandantes extranjeros, o cualquier otro personal extranjero. Robarian a mi pueblo la última oportunidad de reafirmarse en su historia, de recapturar su propia identidad*” (CABRAL *apud* GLEIJESES, 2007, p. 308). Por outro lado, os voluntários cubanos eram informados que não seriam mencionados em público nem receberiam medalhas ou qualquer outra distinção na ilha, pois concordaram com o pacto de silêncio (*op. cit.*, p. 320).

<sup>13</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericanos* n. 291 e 292 (jan. 1966). Imagens da trilha percorrida por Fidel e Amílcar Cabral lado a lado voltam a ilustrar reportagens sobre a Guiné-Bissau e o continente africano nas edições n. 641 (1974), n. 785 (1976) e n. 807 (1977).

<sup>14</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 364 (1967). A cena é mostrada novamente na edição n. 409 (1968), em matéria sobre as lutas africanas, mas sem som em diegese. O *kriol* (crioulo) de Guiné-Bissau é o idioma elaborado durante a guerra de independência para comunicação com soldados e residentes nas tabancas (povoados pelo interior), num esforço para que houvesse o diálogo entre indivíduos de distintas línguas.

Ao final da mesma edição, Fidel Castro tece elogios ao PAIGC, “*uno de los movimientos revolucionarios más serios de África*”, e a Amílcar Cabral “*uno de los dirigentes más claros y más brillantes de África [...] que nos ha hecho sentir una enorme confianza en el futuro y el éxito por su lucha por la liberación*”. Em outras palavras: a liderança se constituía no símbolo de um caminho mais firme e efetivo para a revolução, na lógica do mandatário cubano.

Amílcar Cabral teve maior destaque, também, no documentário *Madina Boé* (1968, ICAIC, OSPAAAL), dirigido por José Massip. Ao lado do operador de câmara Dervis Pastor Espinosa, o cineasta acompanhou a preparação de homens das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), braço armado do PAIGC, rumo a uma ofensiva à base colonialista de Madina, no Boé, na Guiné portuguesa. A película mesclou, por uma montagem hábil, filmagens de duas movimentações militares para atacar a mesma base: uma ocorrida em 1966 e outra, em 1967 (com a equipe de Massip), de forma a representar um único evento. O título se adéqua na filmografia cubana aos seus “anos dourados” (década de 1960) pela maior experimentação estética e reivindicação autoral.<sup>15</sup>

O enredo inicia-se com a apresentação do plano e as justificativas ideológicas de Cabral para a ação, seguido de longas cenas da preparação militar do agrupamento, e finaliza com imagens do ataque. Na abertura, o líder guineense apresenta a estratégia falando em *kriol*, e sua voz é sobreposta em *over* pela do narrador Enrique Pineda Barnet, cineasta cubano, que traduz o relato ao espanhol:

<sup>15</sup> Para mais detalhes sobre as “duas filmagens” do ataque a Madina do Boé em 1966-1967, cf. SILVA, 2018.



### CENA 05

Abertura de Madina Boé (José Massip, 1968, ICAIC, OSPAAAL): do “ensinamento” de Amílcar Cabral à concretização e celebração do ataque.



### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

A nosso ver, a abertura do filme constitui uma “micronarrativa da libertação”, tal como se passa nos cinejornais, que parte do diagnóstico geral da situação (Amílcar Cabral na lousa, imagens da base portuguesa, Cena 05) e chega à “solução” dos problemas apontados, isto é, o combate armado contra os colonialistas (tiro de canhão). As crianças, que entoam cantos de guerra em *kriol* na escola do PAIGC em Boké, na Guiné-Conacri, configuram a “celebração” do ataque:

Canto 1, canto alternado com o coro respondendo:  
*Gira ka tum, ka tum, ka tum* (Vira [a arma] para atirar [onomatopeia dos tiros de canhão])  
*Manda li pi-pi-pi-pi* (Manda ali os tiros [onomatopeia dos tiros de metralhadora])

Canto 2: *Salazar tudji ku terra* (Salazar apropriou-se da terra)

*Si pé suma malila* (Seus pés são como a malila [árvore de beira-rio, comprido, com raízes tortas e de importância ancestral])

*Si boka suma bentana* (Sua boca é como a tilápia [peixe; expressão que caracteriza quem tem boca grande])

*Salazar tudji ku terra* (Salazar apropriou-se da terra)

*Ai yo nô terra, Ai yo nô terra, Ai yo nô terra* (Ai, a nossa terra)

*Si no ka pega é na tomar* (Se não lutarmos [com armas] nos vão tomá-la)<sup>16</sup>

As expressões musicais apresentadas na abertura configuram-se formas de aprendizado ideológico, com destaque à oralidade, nas escolas organizadas pelo movimento de independência sobre o sentido da guerra de independência, longe do cenário de guerra. Esses espaços utilizavam o *kriol* como forma de inserção dos pequenos na alfabetização em língua portuguesa. O restante da narrativa trilhará esse “roteiro” apresentado na introdução (apresentação, preparação, ataque), encerrando-se com novas imagens do bombardeio contra a base portuguesa e, por fim do documentário, outro canto infantil.

A narração audiovisual se organiza, portanto, em apoio à fala do líder do PAIGC, de modo a demonstrar o resultado da ordem proferida pelo “professor” na lousa, ou seja, todo o trabalho de preparação corporal e ideológica do coletivo será voltado a cumprir o que foi determinado no início do filme. Amílcar Cabral visitou o acampamento durante a produção do filme, interagiu com os soldados e conferiu os últimos detalhes da preparação. No

<sup>16</sup> Agradecemos a Fatumata Ionton Camara pela ajuda na transcrição e tradução das letras.

entanto, o enredo não o apresenta em combate, fato observado (a contragosto) pelos militares cubanos no terreno das batalhas, que tinham como norte a atuação dos líderes do MR26 na guerrilha dos anos 1950.<sup>17</sup>

*Madina Boé* foi o primeiro filme a concretizar o que as tentativas anteriores (Argélia 1963, Congo-Brazzaville 1965) não haviam logrado: constituir uma narrativa sobre a ajuda cubana em África, com registros de combates armados. Entretanto, não há identificação sobre quais eram os soldados cubanos em meio aos batalhões, uma vez que a maioria dos cubanos era negra, como a população da África Ocidental. A estratégia, que havia sido usada no Congo-Brazzaville e Congo-Léopoldville em 1965, visava, pela aparência racial, despistar indícios de que haveria soldados estrangeiros junto às forças de independência.

A exibição dos membros das FARP passa por uma padronização não apenas dos uniformes, mas das culturas originárias nas regiões de origem. Trata-se de um recurso de representação comum no cinema cubano ao abordar questões africanas: as filas de soldados em marcha, homens e mulheres, evidenciam o maior “grau” de “consciência revolucionária” em determinado país ou movimento de independência. Por outro lado, dedicar-se às características específicas de populações africanas foi uma estratégia narrativa evitada na filmografia cubana.

Exceções a essa regra surgem em *Madina Boé*. Uma delas ocorre quando, no mesmo discurso inicial na abertura do filme, os principais grupos socioculturais da Guiné são listados: “*balantas, mandingas, manjacos, pepeules, fulas*”, de modo a causar dissonân-

<sup>17</sup> Sobre o “desconforto” dos cubanos perante a ausência de Amílcar Cabral na linha de frente dos combates e sua dedicação às relações diplomáticas no exterior, cf. GLEIJESES, 2007, p. 310-311; LARANJEIRO, 2019, p. 08.

cias na trilha musical, enquanto cada povo é citado pela fala de Amílcar Cabral e identificado em tela. A exposição busca valorizar as especificidades locais em seu conjunto, uma vez que o projeto de Cabral é, sobretudo, a construção de uma nacionalidade. Os coros infantis são, por sua vez, o contraponto sonoro e visual dos soldados, por conta da coletividade e pela promessa futura de serem “uma só nação”, sem identificações “tribais”.

*Madina Boé* possui registros que marcaram a memória sobre Amílcar Cabral nas edições do cinejornal posteriores à sua morte, em 1973. Elas ilustraram, entre os eventos históricos apresentados, o processo de independência (set. 1973) e a visita a Cuba, em 1976, do irmão Luís Cabral, presidente da Guiné-Bissau. A proximidade e a disciplina com que Amílcar se relacionava com os seguidores foram aspectos reiterados.<sup>18</sup>

A cena do documentário mais lembrada no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* foi a dos tiros de canhão ao final, que, composta originalmente por algumas tomadas (a da Cena 05, na página 154, é uma delas), são reproduzidas em uma sequência dinâmica com planos curtíssimos (*flashes*) em diferentes posições, de modo a figurar um grande bombardeio, com disparos ora à esquerda, ora à direita, mais aproximados, enquadramentos distintos, repetições aleatórias e *rushes*. Essa sequência foi a representação monumentalizante do que significou, no cinema em Cuba, a aliança entre os militares da ilha e o PAIGC na Guiné portuguesa.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 594 e 624 (1973), n. 663 (1974), n. 754 e 785 (1976), n. 807 (1977) e n. 939 (1979). Amílcar Cabral foi assassinado por membros dissidentes do PAIGC em Conacri, em janeiro de 1973. Há diversas hipóteses sobre as razões do crime, dentre as quais está a participação indireta de Sékou Touré. Cf. SOUSA, 2016, p. 551-556.

<sup>19</sup> A ideia de “monumento”, segundo o historiador Jacques LeGoff (2010), é a utilização, pelo poder, de documentos selecionados intencionalmente para perpetuar uma memória: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da socie-

Cenas de *Madina Boé* surgem com maior evidência na reportagem intitulada “*El milagro de la tierra morena*”, da edição monotemática do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 663 (1974) sobre a Revolução dos Cravos, em Portugal (Cena 06).



### CENA 06

*Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 663, 1974. Parte da cena final, com o bombardeio de *Madina Boé*, na abertura da edição sobre a Revolução dos Cravos, para recordar o que representou as forças portuguesas em África.



### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

Uma parte da seqüência do bombardeio inicia a matéria, que a princípio ressalta a luta dos movimentos nacionalistas na África. Santiago Álvarez, responsável pela produção filmica, esteve no país

---

dade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, completo conhecimento de causa” (p. 535-536).

ibérico, registrou a euforia dos populares com o evento no espaço público e fez entrevistas com oficiais e políticos portugueses.

O tom de festividade dos registros é contrabalanceado, nessa edição do cinejornal, com o sentimento de apreensão, devido às referências a António de Spínola, um dos líderes iniciais da Revolução que, entre 1968 e 1973, havia sido governador da Guiné portuguesa e responsável pela repressão ao PAIGC. A postura acusatória contra Spínola foi imposta pela memória, em Cuba, dos combates ao movimento africano e aos oficiais cubanos. As imagens de *Madina Boé*, ao final da matéria, mostram Amílcar Cabral junto aos soldados guineenses, com a finalidade de recordar seu martírio e a luta pela independência.

Apesar do destaque em *Madina Boé*, a imagem de Cabral permaneceu pouco divulgada no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* até 1973, ano de seu assassinato e, desde então, formou parte da memória africana no cinema em Cuba. O líder apareceu ainda em vida, pela última vez, nas imagens da visita de Fidel Castro à Guiné-Conacri, em 1972. O encontro foi notado pela produção fílmica, porém não houve desdobramentos, uma vez que o foco na narrativa, ao menos, era o regime de Sékou Touré.<sup>20</sup> Assim sendo, argumentamos que a presença do militante no cinema cubano até sua morte foi fragmentada e limitada a algumas cenas, uma vez que toda a ajuda militar corria em segredo na Guiné portuguesa.

A notícia da morte de Cabral, em janeiro de 1973, fez com que o líder fosse mencionado com maior frequência no cinejornal até 1979, muitas vezes por meio das imagens do filme *Madina Boé*. Com o golpe de 1980, liderado pelo primeiro ministro João

<sup>20</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 557 (1972), além dos documentários *Commandant Fidel Castro en République de Guinée* (Moussa Kémoko Diakitè, 1972, Sily-Film) e... *Y el cielo fue tomado por asalto...* (Santiago Álvarez, 1973, ICAIC).

Bernardo “Nino” Vieira contra o presidente Luís Cabral, as menções ao mártir foram interrompidas. A visita do “Nino” a Cuba em 1982 foi a última referência de Guiné-Bissau nos *noticieros*. Os vínculos diplomáticos continuaram, porém sem a mesma intensidade e o país não se juntou ao campo socialista oficialmente, tal como ocorreu com Angola e Moçambique em 1977.<sup>21</sup>

Dentre as edições do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* ligadas à Guiné portuguesa, cabe mencionar a ênfase dada ao militar cubano Pedro Rodríguez Peralta. Tropas portuguesas raptaram o capitão na colônia africana em 1969, e sua imagem foi explorada em Portugal como prova da ajuda externa ao PAIGC. O governo de Fidel Castro não se pronunciou sobre o ocorrido e, uma vez que o militar foi liberto após a Revolução dos Cravos em Portugal, fora apresentado como herói no cinejornal n. 677 (1974), sem, contudo, mencionar o motivo de sua captura. Nessa reportagem, imagens de camponeses e Amílcar Cabral nas tabancas (aldeias) iniciam o relato, em alusão, altamente cifrada e aparentemente desconexa, ao suporte oferecido ao grupo armado.

No campo do documentário, alguns filmes cubanos destacaram a luta na Guiné em seus momentos finais. Os ECIFAR produziram *República en armas* (Jorge Fuentes, 1974), que relata o avanço do PAIGC sobre bases portuguesas após a morte de Cabral. Com a morte do líder, os dirigentes do movimento de independência passaram à ofensiva, com maior poder de fogo, contra as tropas portuguesas. Os mísseis soviéticos antiaéreos, manejados por militares de Cabo Verde treinados na URSS, foram fundamentais neste processo (COUTINHO, 2019, p. 24). O aumento do

<sup>21</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1065 (1982). O golpe de 1980 também interrompeu a experiência de gestão do PAIGC na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. Neste país, fundou-se o Partido Africano pela Independência de Cabo Verde (PAICV) em 1981. Cf. COUTINHO, 2019, p. 274.

poderio bélico do PAIGC e a presença de *corresponsales de guerra* para filmagem dos ataques sugerem que Cuba ajudou no transporte de armas, como resultado do maior acesso ao aeroporto de Conacri após o *turning point* da ilha em 1972, quando o governo castrista retomou a diplomacia em África. Indica também uma transição do incentivo cubano à guerra de guerrilhas para o conflito convencional, entre forças regulares, com maior participação de Cuba a partir de 1975 em Angola e Etiópia.<sup>22</sup>

Anos depois, o longa *Corresponsales de guerra* (Belkis Vega, 1986, ECITV FAR, ICAIC) contou com depoimentos do Delfin Jorge, que trabalhou no mesmo documentário *República en armas*. O câmara relembrou a tomada do quartel de Guiledje pelo movimento em junho de 1974, momento crucial para a vitória militar sobre o colonialismo e para o reconhecimento da independência por Portugal. Enquanto a produção fílmica sobre o movimento não se referiu a Cabo Verde, observamos que Aristides Pereira e Pedro Pires, dois destacados cabo-verdianos, estiveram presentes em *República...* e em aparições fugazes nos cinejornais.<sup>23</sup>

Pelo lado do ICAIC, José Massip retornou à Guiné portuguesa e efetuou, com o cinegrafista Dervis Pastor Espinosa uma vez mais, filmagens em 1971, com breve aparição de Amílcar em uma das “zonas libertadas”. Tais imagens também entraram no

<sup>22</sup> Jorge Fuentes também realizou *Archivo Guinea Bissau* em 1974, com produção do ICAIC. Ainda sobre a Guiné, os militares cubanos no ECIFAR produziram *Cuatro continentes en el XV aniversario* (Roberto Velázquez, 1974), que teve um representante do PAIGC entre os convidados. Sobre a transição “guerra de guerrilhas/guerra convencional”, agradecemos as observações de Ignacio Del Valle Dávila.

<sup>23</sup> Alguns dos combatentes das ilhas africanas fizeram treinamento militar em Cuba desde 1965 e, diante do pessimismo de Amílcar Cabral sobre uma possível revolução nesta difícil região, foram integrados às lutas na Guiné. Cf. GLEIJESES, 2007, p. 309-310. Para um panorama histórico do anticolonialismo e do nacionalismo em Cabo Verde, cf. HERNANDEZ, 2002. Pedro Pires esteve na reportagem que noticiou o reconhecimento português da independência caboverdiana e guineense (cinejornal n. 675, 1974).

campo das homenagens ao então falecido líder nos cinejornais de meados dos anos 1970. Na filmografia de Massip constam títulos inacessíveis, produzidos nessa viagem.<sup>24</sup> O cineasta cubano retornou ao território ao lado de José Riera em 1974, quando presenciaram a saída dos últimos soldados colonialistas em Bambadinca, na Guiné-Bissau, rumo a Portugal. Em 1980, as imagens de ambas jornadas foram reunidas em um título próprio.

A maior parte do filme *Homenaje a Amílcar Cabral* (José Massip, 1980, ICAIC) passa-se nas tabancas pelo interior da Guiné com personagens anônimos, retratando a vida social nas “zonas libertadas” em meio à guerra contra os portugueses. Um desses lugares é Kubukaré, cuja experiência o diretor publicou no livro *Los días del Kankouran* (MASSIP, 1984). O filme termina por superar o discurso oficial sobre o continente africano: cenas de comércio, festas da celebração de colheita, rituais ancestrais (incluindo circuncisão de meninos), testemunhos e simulações de defesa em bombardeios constituem formas específicas de apresentação dos povos que dificilmente foram veiculadas em outras películas cubanas sobre África.

Amílcar aparece nesse documentário, com pouco destaque, em meio à feira supramencionada, onde atende o pedido de um ferreiro por material de trabalho e interage com os presentes. No início da narrativa, há elogios ao comandante “Nino” Vieira, apresentado como discípulo de Amílcar Cabral mas que, no mesmo ano do documentário, em 1980, organizou o golpe de Estado contra Luis Cabral. Tal combinação de fatos contribuiu para que a obra caísse no ostracismo.

<sup>24</sup> Os títulos em questão são *Guinea'71* (1971) e *Cuando los tugas regresaron a Kubukaré* (1973), cada um deles “no exhibido”, o que se configura como possíveis casos de censura. Cf. NOA ROMERO, 2014, p. 245. No currículo de José Massip localizado na Cinemateca de Cuba, o diretor não menciona os documentários na filmografia.

Outro trecho do filme de José Massip exibe a retirada dos soldados portugueses da Guiné em setembro de 1974. Cenas da alegria popular dos guineenses, com instrumentos de percussão e bailes, são contrapostas às de melancolia dos lusitanos uniformizados, sequência sonorizada com a canção *Grândola Vila Morena* (José Afonso, 1973), considerada o “hino” da Revolução dos Cravos.<sup>25</sup>

Em 1986, o filme *Corresponsales de guerra*, de Belkis Vega, recolheu o testemunho do diretor sobre a gravação desse momento, com exposição de cenas de *Homenaje a Amílcar Cabral*. Não se comenta as filmagens de José Massip e Dervis Pastor em 1967 e 1971 sobre as populações ancestrais na Guiné portuguesa, dada a disposição do regime cubano, assim como do ICAIC, em não veicular tais representações.

Cabe destacar que houve pouca presença cubana no cinema de Guiné-Bissau após a independência.<sup>26</sup> Entretanto, observamos que a ilha inspirou a criação de iniciativas no país africano. O Instituto Nacional de Cinema (INC), criado em 1978, teve a legislação semelhante ao ato de fundação do ICAIC, em 1959. A instituição, contudo, não teve recursos para a produção regular de filmes. Na sede do atual Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual (INCA), em Bissau, diversas latas com películas de Cuba fazem parte do arquivo fílmico guineense, acervo que influenciou a escolha de alguns projetos nacionais (CUNHA, 2017, p. 32; CÉSAR, HERING, RITO, 2017, p. 17-35).<sup>27</sup>

<sup>25</sup> As imagens de *Homenaje a Amílcar Cabral* (1980) foram veiculadas anteriormente no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 641 e 677 (1974), e n. 733 (1975).

<sup>26</sup> Identificamos uma mostra de filmes ocorrida em Bissau em 1977. Cf. Começa hoje a semana de filmes cubanos. **Nô Pintcha!**, Bissau, p. 02, 24 mar. 1977. Como na Guiné-Bissau, houve poucos vínculos cinematográficos entre Cuba e Cabo Verde, como a mostra cubana de películas na Praia. Cf Praia: 1º ciclo do filme cubano. **Nô Pintcha!**, Bissau, p. 03, 21 abr. 1977.

<sup>27</sup> Outra iniciativa que remontou ao ICAIC foi a projeção de filmes em povoados, como

O cineasta Flora Gomes, que fez parte do grupo formado em cinema no ICAIC entre 1967 e 1972, filmou a tomada do quartel português de Jemberem, na Guiné portuguesa, pelo PAIGC em 1973, tal como um *corresponsal de guerra* cubano. O diretor valeu-se da experiência no campo de batalha para reconstituir a cena em seu primeiro longa-metragem, *Mortu nega* (*Morte negada*, 1988, INC), a primeira obra ficcional do país (CÉSAR, HERING, RITO, 2017, p. 17-35, 79). Esse filme retrata o final da guerra de independência na Guiné e os primeiros anos de construção do novo Estado nacional, enredo desenvolvido por meio da história de Diminga e seu companheiro Sako, combatente do PAIGC.

Em meio aos confrontos contra tropas portuguesas, o médico do movimento de independência, encenado pelo cubano Ernesto Lopes Moreira, socorre um soldado ferido no improvisado acampamento. O ator havia sido médico assistente nas frentes de combate, enviado por Cuba, nos anos 1960 e 1970. Com isso, o cinema em África rendeu homenagem aos profissionais da saúde da ilha que atuaram no conflito.<sup>28</sup>

---

fez o Cine-móvil cubano. Cf. CESAR, HERING, RITO, 2017, p. 240. Um projeto filmado da Guiné-Bissau foi o documentário *6 anos depois* (1979), inspirado no curta-metragem *Año 7* (Santiago Álvarez, 1966, ICAIC) exibido no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 290 (1966). A produção foi interrompida por conta do golpe de Estado planejado por “Nino” Vieira em 1980. Cf. CUNHA, 2017, p. 33.

<sup>28</sup> *Mortu nega* também presta homenagem ao educador brasileiro Paulo Freire por meio de uma cena da aula de alfabetização a adultos, sobre os significados da palavra “luta”. O intelectual brasileiro esteve em Guiné-Bissau no pós-independência e parte de sua experiência foi compilada em suas correspondências no livro *Cartas à Guiné-Bissau* (São Paulo, Paz e Terra, 2011). Freire também manteve contato com a Frelimo no pré-independência, e o MPLA no pós.

### 3.3. O “INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO” NA ETIÓPIA E O “FIM” DAS FRONTEIRAS

De modo distinto ao caso de Amílcar Cabral, Mengistu Haile Mariam, chefe de Estado na Etiópia entre 1974 e 1991, foi pouco destacado pela produção audiovisual cubana aqui analisada. Apesar de recordado, inicialmente, por ter sido uma liderança jovem que conseguiu aplacar a revolução socialista em um país fortemente hierarquizado, a ênfase dada nos registros visuais recaiu sobre sujeitos anônimos e anônimas.<sup>29</sup>

A filmografia, a princípio, enfatizou a Guerra do Ogadén, conflito etíope contra forças armadas da Somália, e as principais ações cubanas na contenda. O presidente Siad Barre, com o objetivo de criar uma Grande Somália, ordenou a ocupação da região do Ogadén na Etiópia, território habitado por populações do grupo social somali, muçulmano, que vivem em distintas partes do chamado “Chifre da África”.

A guerra durou de julho de 1977 a março de 1978, contou com armamento soviético e suporte de militares de Cuba. Segundo Piero Gleijeses (2015a, p. 67), foram enviados cerca de 12 mil cubanos; já Paulo Visentini (2012, p. 142) indica um número maior: por volta de 16 mil. Voluntários do Iêmen do Sul engrossaram as fileiras do lado etíope. Desde então, a cooperação da ilha nos campos civil e militar seguiu na região até 1991. A quantidade de obras fílmicas, incluindo ficções, dedicadas ao caso etíope foi considerável, ficando atrás apenas da voltada para Angola.<sup>30</sup>

No entanto, o apoio cubano aos etíopes não esteve isento de tensões e contradições. Uma das mais evidentes girou em torno do

<sup>29</sup> A adoção do marxismo-leninismo como ideologia de Estado se deu em 1975.

<sup>30</sup> Angola foi tematizada em 37 edições do cinejornal, 33 documentários e 4 ficções. Etiópia, por sua vez, teve destaque em 7 cinejornais, 18 documentários e 2 ficções.

fragmentado movimento separatista da Eritreia, que reivindicava a autonomia política em relação à Etiópia. Cuba apoiava a ala socialista do grupo, porém mudou de lado em 1977, quando o governo castrista passou a dar suporte ao regime de Mengistu. Os eritreus foram reprimidos pela URSS e Etiópia em 1979, com beneplácito cubano (VISENTINI, 2012, p. 142-146).

O reforço armamentista ao PAIGC em 1974 e o início da presença massiva em Angola em 1975, o qual analisaremos no próximo capítulo, marcou uma transição do suporte cubano às guerrilhas para as guerras convencionais, além de ampliar as “zonas de contato” no continente, as quais resultaram em cinejornais e documentários para buscar a adesão do público ao projeto “internacionalista” do governo. Na viagem que Fidel Castro fez pela África no primeiro semestre de 1977, o mandatário tentou apaziguar as divergências entre Etiópia e Somália. O documentário *El octubre de todos* (1977, ICAIC), de Santiago Álvarez, revela momentos dessa viagem.

O cinejornal n. 807 (mar. 1977), dirigido por Daniel Díaz Torres e Rolando Díaz, também veiculou imagens do périplo, com ênfase na passagem pela Somália, onde Fidel foi reverenciado por Siad Barre e saudado pela população em um estádio. Tais registros não voltaram a ser referenciados no cinejornal, pois, no final do mesmo ano, as lideranças se colocam em lados opostos nos campos de batalha.

A partir do pedido de Mengistu, Cuba enviou forças para apoiar as tropas do regime em finais de 1977. A partir de então, a Etiópia surge com grande interesse no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, que, com exceção do mencionado cinejornal n. 807 e as aparições fugazes do imperador Haile Selassie em encontros internacionais, não havia recebido nenhuma atenção. Foram dedi-

cadastros edições monotemáticas em decorrência da guerra, seguidas de eventuais menções até o final dos anos 1980.

A edição especial n. 852 (fev. 1978),<sup>31</sup> na qual se trata integralmente pela primeira vez da Etiópia, destacou a importância da revolução nacional, iniciada quatro anos antes. A reportagem recupera, em manchetes de periódicos e filmes de arquivo, aspectos do passado etíope, remetendo-se à invasão italiana a mando de Benito Mussolini (1935), à resistência armada comandada por Selassie (1936-1941), sua relação com as potências capitalistas e a deposição da monarquia em 1974.<sup>32</sup>

Os dados da miséria herdada desse regime (“*30 millones de habitantes. 29 millones de analfabetos. 6 a 7 millones de palúdicos. 450,000 tuberculosos. 150,000 leprosos. 125 médicos*”) apresentam um panorama fortemente marcado pela desigualdade social. O locutor afirma que se tratou de um “*régimen feudal*”. Cenas de corpos humanos devorados por cães e abutres representam, com extrapolações dos limites éticos da imagem, a situação de um país em decomposição.

Em contrapartida, a revolução foi mostrada como a salvação dos excluídos, com imagens de manifestações populares, fábricas de tecido em funcionamento e distribuição de armas aos camponeses. A invasão do território etíope pela Somália em julho de 1977

<sup>31</sup> O processo revolucionário se iniciou em 1974 pelo Comitê de Coordenação das Forças Armadas, Polícia e Exército Nacional, Derg, e centralizou o poder de modo autoritário por Mengistu, que se colocou como liderança no grupo, em 1977. Cf. VISENTINI, 2012, p. 127-140.

<sup>32</sup> Os italianos haviam ocupado o milenar reino cristão da Etiópia entre 1883 e 1896, quando foram expulsos. Haile Selassie ocupou o trono em 1916 e, em 1930, foi coroado imperador. O líder teve papel de destaque no contexto da nova expulsão dos italianos nos anos 1930-1940, e, para isso, contou com ajuda dos ingleses no contexto da 2ª Guerra Mundial posteriormente, nos primeiros anos da Organização da Unidade Africana (OUA) nos anos 1960. A antiguidade bíblica da Etiópia e as resistências contra os italianos alimentaram imaginários das elites africanas e nas diásporas. Cf. HERNANDEZ, 2008, p. 326-333.

apresentou-se como um perigo ao processo político em curso. Mengistu Mariam aparece em breves imagens, pois a ênfase recai nos populares, uma vez que o governo radicalizou o processo revolucionário ao formar as milícias populares nos *kebeles* (bairros), conforme exibido naquele cinejornal.

Essa “micronarrativa da libertação” contada no cinejornal cubano, que partia da opressão monárquica à “libertação” dos oprimidos, foi reiterada no documentário *Etiópia, diario de una victoria* (Miguel Fleitas, 1979, ICAIC, ECIFAR), dedicado à Guerra do Ogadén.

Esse filme tem como eixo principal a participação das forças cubanas e etíopes no conflito. Sob forma de diário e com texto elaborado por Ambrosio Fornet, a narrativa expõe os principais enfrentamentos com as tropas da Somália entre janeiro a março de 1977. Ao invés de enfatizar a Mengistu, que, assim como Amílcar Cabral, não apareceu no campo de batalha, o filme dá voz a etíopes anônimos/as, alguns/mas deles/as mortos/as em combate, seguindo a tendência do *noticiero* 852 (1978) em não colocar o líder em primeiro plano.

Um exemplo da atenção aos/às militares foi a apresentação da especialista em tanques “Beatriz” (Bierra), que narrou sua trajetória e ratificou o engajamento na guerra. A combatente teve que se passar por homem para chegar ao posto, o que expõe um dos limites da questão de gênero entre uniformizados. Segundo a narração do filme, “Beatriz” morreu em meio aos combates. Trata-se da única soldada devidamente identificada a fazer um relato de vida na cinematografia analisada. Por sua vez, os militares cubanos são os personagens principais: em diversos momentos, acompanhamos a troca de informações entre eles e os aliados, via radiotransmissor, em meio aos combates.

A recorrência das imagens de movimentação bélica e dos tiros

armas de fogo, com diferentes calibres, faz de *Etiópia, diario de una victoria* um dos pontos culminantes da relação entre Cuba e países africanos, vínculo mediado pelo tema militar. Documentários sobre Angola, a essa altura, havia mostrado os militares cubanos em ação no continente; entretanto, no caso etíope, tentou-se superar, em termos de exposição fílmica, a capacidade em narrar o poder militar da ilha no exterior.

A quantidade de *corresponsales de guerra* mobilizados para o documentário, provenientes do ICAIC e dos ECIFAR, sublinha o empenho do governo em criar um repertório de imagens para, por meio dele, afirmar seu lugar na conjuntura política internacional.<sup>33</sup> Ao longo da narrativa existem diversas cenas de tanques e veículos em movimento, exibindo os destroços dos inimigos pelo caminho, como um *incessus* vitorioso, sinalizado no título e celebrado na abertura e no final do filme.

O cinejornal n. 858 (1978), novamente a cargo de Rolando Díaz, tratou da celebração do centenário da “*protesta de Baraguá*”, comemorado na cidade de Mella, Santiago de Cuba, em 15 de março de 1978. A figura histórica de referência é Antonio Maceo, líder militar negro da independência cubana no séc. XIX, que foi mobilizado diferentes vezes em atos oficiais de Cuba, em especial em efemérides relacionadas à África.<sup>34</sup> No evento de 1978, anunciou-se o término da Guerra do Ogadén, temática inserida na edição por meio de alguns registros fílmicos do conflito etíope.

<sup>33</sup> De acordo com os letreiros iniciais, constam como corresponsales de guerra: “Sergio Nieves; Julio Julian Valdes; Miguel Fleitas; Roberto Velazquez; Julio Simoneau; M. Gonzalez Leyva; Francisco Cordero; Raul Perez Ureta; Danilo Aguiar; Angel Alderete; Humberto Valera; Uvigildo Sanchez; Juan Demosthene”.

<sup>34</sup> Em 1878, após o fim da primeira fase da Guerra de Independência cubana, o general Antonio Maceo apresentou-se às autoridades espanholas e anunciou sua predisposição a seguir com os combates. Essa mostra de “coragem” se transformou em efeméride de Estado em Cuba em 1978 e, desde então, é rememorada oficialmente a cada ano.

Afirmações nacionalista e “internacionalista” a uma só vez: o discurso de Fidel Castro no evento deixa entrever uma euforia que o faz negar a existência de duas fronteiras. Por um lado, o nacionalismo oficialista questiona a existência da fronteira temporal, na qual o passado e o presente são difíceis de precisar. O exemplo reivindicado é a “vigência” do gesto de Antonio Maceo, no séc. XIX, naquele evento de 1978: *“Y aquí nos sentimos tan cerca de Maceo y su gloria, sus hechos, como si tuvieran sido ayer la protesta de Baraguá. No nos parece que han transcurrido cien años porque aquí hoy, en ese instante, en ese segundo, está presente y vigente la protesta de Baraguá”*.

Por outro lado, no qual o “internacionalismo proletário”, expressão que ganhou o espaço público em Cuba desde 1972 e constituiu a fundamentação da política externa, reforça a ideia de negação das fronteiras territoriais, para legitimar a presença em um conflito internacional, no caso a Etiópia: *“Del mismo modo, el espacio físico ya no es nada para nuestra Revolución. Nos sentimos tan cerca, tan próximos y tan hermanos de los revolucionarios etíopes como se tuvieran aquí, junto a nosotros, delante de nosotros, junto a Maceo, delante de Maceo”*.<sup>35</sup> A aproximação entre os etíopes e a figura de Antonio Maceo configura a síntese entre a “inexistência” das duas fronteiras.

Na abertura do mesmo cinejornal, alternam-se na tela imagens de salvas de tiro em Cuba, de um canhão em funcionamento em Ogadén, figurantes trajados de *mambises* e soldados sobre tanques na cerimônia, representando o fim das fronteiras terrestres e a perenidade temporal (Imagens 31-34).<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Os ECIFAR produziram, em 1978, o documentário sobre a celebração do centenário da “protesta de Baraguá” intitulado *Junto a nosotros, delante de nosotros*, que teve direção de Eduardo Hernández Paredes.

<sup>36</sup> “*Mambi*” era a maneira pela qual eram conhecidos os homens que integravam as forças combativas da independência cubana, em grande parte ex-escravizados. A etimologia do



## IMAGENS 31-34

*Noticiário ICAIC  
Latinoamericano  
n. 858 (1978):  
momentos da  
celebração em  
Cuba (Imagens 31,  
33 e 34) alternadas  
com as da Guerra  
do Ogadén  
(Imagem 32).*

O antropólogo Claude Rivière (1989) teorizou sobre a necessidade dos regimes políticos, autoritários ou não, em recorrer às cerimônias para reafirmação da nacionalidade:

Em especial são vetores de ritualização do político certas fases críticas de toda sociedade, principalmente as de insegurança e as de institucionalização. [...] o político, que comporta clivagens, tensões, conflitos, guerras, pretende elaborar-se em torno de crenças nos valores fundamentais que o militanismo deseja tornar absolutos: pátria, partido, revolução, humanidade, paz, república..., e que exigem devotamento, solidariedade, sacrifício... Quanto mais ele percebe a fragilidade no seu interior e a insegurança em torno de si, mais se protege com interditos, mais anuncia cerimonialmente os seus princípios e os seus códigos de ação, mais exige dos cidadãos os signos exteriores, repetitivos, ritualizados, de obediência e de integração social (p. 20-21).

Assim sendo, o evento buscou alinhar valores “internacionalistas” com a simbologia nacionalista, de modo a transmitir o sentimento de paz dentro da pátria com a conquista militar no exterior. Na construção de justificativas, o governo mobiliza a opinião pública em favor da intervenção armada na Etiópia. Para isso, lança mão de retóricas sobre o passado (com menção ao âmbito nacional) e sobre o espaço (no campo internacional) para validar as ações estatais, dentro e fora da ilha.

---

termo aponta, em uma de suas explicações, o uso da palavra “*mbi*”, relativa à matriz linguística bantu, de onde provém boa parte dos africanos na ilha. Entre outros sentidos, a palavra era utilizada pelos colonialistas espanhóis para insultar os negros, e depois foi reapropriada por estes para justificar a agressividade na frente de combate. Nos anos 1970, os trajes *mambises* eram populares na ilha devido ao sucesso das ilustrações e desenhos animados do personagem Elpidio Valdés. Criado por Juan Padrón, o personagem representa um *mambi* que enfrenta vilões exploradores do povo cubano, nacionais e internacionais.

Após o intenso contato entre os países devido à guerra, seguem matérias de cunho diplomático e, logo depois, uma redução do interesse pelos etíopes no cinejornal. A visita de Mengistu, tratada na edição n. 863 (1978), de Rolando Díaz, indica o empenho de Fidel em apresentar os espaços de memória de Cuba para o visitante. Na Ilha da Juventude, ele conhece escolas com estudantes africanos/as e, semanas depois, anuncia-se a chegada de contingente de jovens etíopes para as duas novas escolas no complexo estudantil (n. 874, 1978).

Fidel Castro retribui a viagem indo até a Etiópia, como mostra o documentário *Y la noche se hizo arcoiris* (Santiago Álvarez, 1978, ICAIC). Os diálogos transcritos do filme evidenciam que o mandatário cubano teve seus discursos reproduzidos à exaustão, enquanto as falas de Mengistu foram mais restritas.

Assim como as matérias sobre os etíopes surgiram repentinamente no cinejornal no começo de 1978, também se esgotaram ao final do mesmo ano. O sucesso da revolução nicaraguense, em 1979, atraiu a atenção cubana, agora toda voltada para a América Latina, espaço preferencial de atuação. Após 1978, portanto, as notícias sobre a Etiópia no cinejornal cubano tornam-se menos frequentes.<sup>37</sup>

No campo do documentário e da ficção, por sua vez, a Etiópia teve ampla cobertura pelos ECITV FAR em meados dos anos 1980. Três cineastas dedicaram-se a questões etíopes, com produção majoritariamente exibida na televisão.<sup>38</sup> Em coprodução com o

<sup>37</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1090 (1982), n. 1208 (1984) e n. 1404 (1988).

<sup>38</sup> Romano Splinter (*Victoria en Ogadén*, 1978; *Misión cumplida*, 1984), Roberto Velázquez (*Verdaderos amigos*, 1978; *Etiópia, diário de uma victoria*, 1979; *Cumpliremos*, 1980; *Símbolo del deber*, 1980) e, principalmente, Miguel Fleitas (*En tierras de Etiópia*, 1984; *Nace una indústria*, 1984; *Los pozos de Jiriga*, 1984; *Tenasteli*, 1984; *Hacia la vida*, 1985; *Pablo canta a Etiópia*, 1985; *Los recuerdos no se alejan de mí*, 1985; *Días que no se olvidan*,

Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT), os militares também realizaram uma série ficcional no mesmo período, *La gran rebelión*, dirigida por Jorge Fuentes, documentarista negro que cobriu conflitos na África Ocidental.

Dividida em 9 episódios, veiculados semanalmente, a narrativa está centrada na ascensão da carreira militar de Alejandro Frías, que participa de uma série de eventos nacionais (guerrilha do MR26 contra Fulgencio Batista; a invasão anticastrista em Girón, 1961; a Crise dos Mísseis, 1962; e o 1º Congresso do PCC, 1975) para, nos episódios finais, comandar tropas em guerras na Angola e Etiópia. Junto ao envelhecimento do personagem e da formação da família, constituída pela esposa e um casal de filhos, conta-se a história do desenvolvimento do próprio MINFAR, cujos marcos foram os conflitos armados em questão.

As cenas de batalha foram registradas como se fossem treinamentos militares filmados, com exposição de poder bélico (desde os fuzis na guerrilha dos anos 1950 aos tanques e canhões na Etiópia) e maior “impressão de realidade”, resultado do trabalho do diretor de fotografia Ángel Alderete, que foi *corresponsal de guerra* na África e buscou ângulos convergentes com a sua própria experiência profissional no campo de batalha.<sup>39</sup> Por um lado, Fidel Castro aparece no enredo por meio de registros sonoros (discursos) e contatos indiretos (conversas telefônicas com personagens, por exemplo), o que lhe confere onisciência no relato. Por outro, Mengistu é pouco mencionado na trama, o que sugere uma hierar-

---

1986) foram os diretores da maior parte da filmografia cubana sobre a Etiópia.

<sup>39</sup> A movimentação da câmera remete à experiência estética do filme *La primera carga al machete* (Manuel Octavio Gómez, 1969, ICAIC), com simulações de registro dos conflitos da guerra de independência cubana. Tratou-se de um diálogo estético com os chamados “anos dourados” do ICAIC, para levar experiências formas consagradas para o novo formato, a televisão.

quização de lideranças na série. A divulgação da obra destacou uma cena que o protagonista mostra zelo ao cumprimento das ordens do “comandante em chefe” cubano (e não do líder etíope) no campo de batalha (Imagem 35).

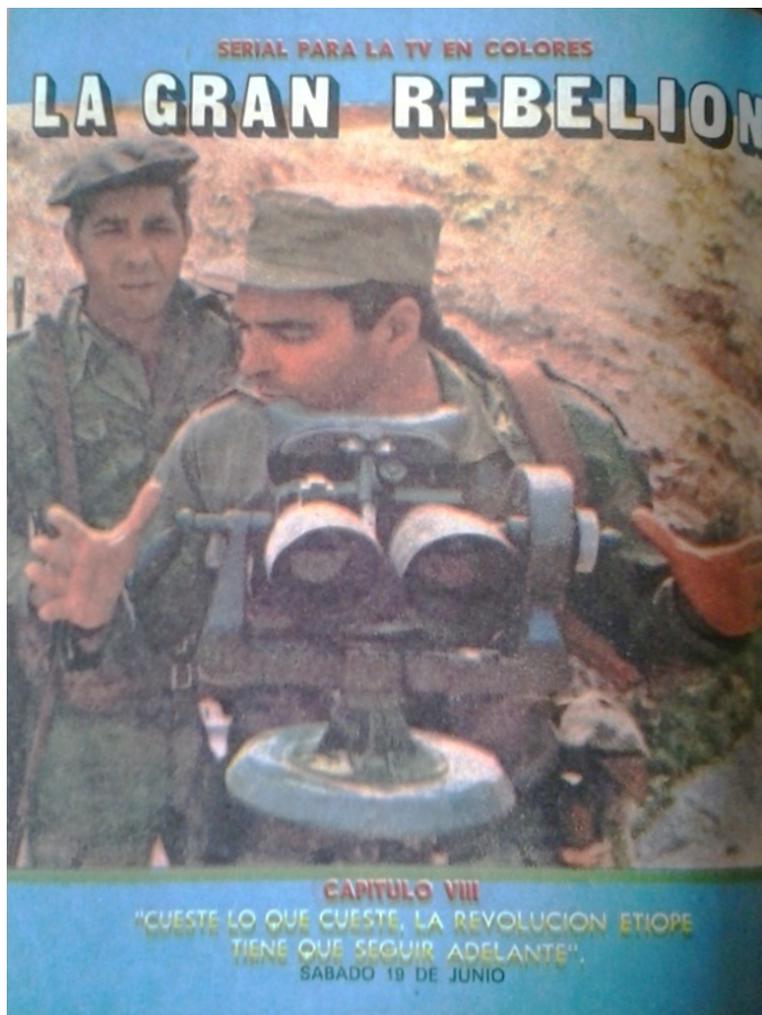


Imagem 35: *Verde Olivo*, La Habana, n. 24, jun. 1982: anúncio do 8º capítulo de *La gran rebelión* na última capa da edição. Legendas: “*Serial para la TV en colores / La gran rebelión / Capítulo VIII / ‘Cueste lo que cueste, la revolución etiope tiene que seguir adelante’ / Sábado 19 de junio*”.

A produção de *La gran rebelión* durou entre 1979 e 1982 e suas filmagens passaram por Cuba, Etiópia, URSS e Nicarágua. De acordo com Aboneh Ashagrie Zeiyesus (2020), o instituto etíope Film Development and Control Unit ofereceu assistência administrativa para as gravações no país (p. 19).<sup>40</sup> A revista do MINFAR *Verde Olivo* publicou, entre junho e julho de 1982, uma série de reportagens sobre a produção e divulgou cada capítulo numa sequência de últimas capas (Imagem 35, acima, é um dos exemplos).

Por sua vez, o ICAIC homenageou o soldado Carlos Rafael Almenares, morto em Ogadén, por meio de duas obras dirigidas por Constante Diego. O diretor lançou, em 1982, um documentário em curta-metragem intitulado *El corazón en la tierra* e, em 1985, o longa ficcional homônimo. Ambas as narrativas tematizam a dificuldade dos camponeses, no lado oriental da ilha, em criar cooperativas agrícolas, projeto defendido pelo pai de Carlos Rafael Almenares para concretizar o sonho do falecido filho.

Trata-se de uma das primeiras referências diretas a militares cubanos mortos nas guerras em África veiculada no cinema cubano, algo que será recuperado em *Corresponsales de guerra*, de Belkis Vega, 1986, conforme analisado no Cap. 1 deste livro. Junto a *La gran rebelión* (1982), *El corazón de la tierra* constitui-se, também, como uma das poucas obras que trataram da questão familiar dos militares, ambos (morte de voluntários e sua família) assuntos ainda considerados tabus.

Posteriormente, em coprodução com o ICRT e os ECITV-FAR, o ICAIC lançou um documentário em 1986 que auxiliou na propaganda de uma ação oficial do governo de Mengistu Haile Mariam. Trata-se de *Círculo del infierno*, dirigido por Rigoberto

<sup>40</sup> Dois eminentes atores etíopes, Debebe Eshetu e Wegayehu Nigatu, interpretaram generais da Etiópia na série.

López, cineasta cubano negro. Ao lado do *corresponsal de guerra* Ángel Alderete e do técnico de som Mario Martin, o diretor percorreu o Sahel, nas regiões de Mali, Burkina Fasso, Tanzânia e Etiópia, e, nesse, retratou a grande seca de 1984-1985 e a fome que se espalhava.<sup>41</sup>

Em outro raro momento na filmografia africanista de Cuba, o diretor aparece em cena falando para a câmera e solicita ao público o apoio à Etiópia, tomada pela fome. Uma possível “solução” foi apresentada em nome do governo etíope: fazer reassentamentos (forçados) para regiões menos afetadas pela seca, medida considerada impopular à época e que desgastou a relação dos camponeses com o regime de Mengistu (VISENTINI, 2012, p. 150-151).

No filme, há um quadro comparativo entre a situação degradante das populações que viviam nas áreas dominadas pela seca e nos acampamentos para refugiados por um lado, e, por outro, as imagens de prosperidade e alegria de quem “aceitou” a mudança. Essa comparação buscou o consentimento da comunidade internacional para a medida. Seguindo a tendência das produções anteriores, Mengistu Haile Mariam praticamente não é mencionado na narrativa.

A última edição do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* que remeteu a temas daquele regime político (n. 1404, 1988) anunciou a troca de prisioneiros entre Etiópia e Somália, o que permitiu a libertação de Orlando Cardoso Villavicencio, recebido em cerimônia oficial cubana por Raúl Castro. Com experiência anterior nos combates em Angola, o militar esteve detido por prisões somalis entre 1978 e 1988. Esse caso assemelha-se ao de Pedro Rodríguez

<sup>41</sup> O Sahel é uma faixa de terra que cruza, como um cinturão, o continente africano do Oceano Atlântico ao Mar Vermelho, e se localiza entre o deserto do Saara e a savana, com características geográficas que mesclam ambas ecozonas.

Peralta, preso pelos portugueses na Guiné portuguesa em 1969, libertado após a Revolução dos Cravos, em 1974, fazendo com que fosse colocado como herói nacional pelo cinejornal cubano à época.

### 3.4. A “AMIZADE SOCIALISTA” ENTRE CUBA E MOÇAMBIQUE

Em artigo sobre as relações cinematográficas entre cineastas e países estrangeiros com a África, a pesquisadora Ros Gray (2016) atesta que a “amizade socialista” mediou os contatos no século XX. Ela afirma, ainda, que prevaleceram as memórias afetivas entre os protagonistas, mesmo havendo algumas tensões à época.<sup>42</sup> Dentre os exemplos desse “afeto”, estão os vínculos cubanos com o PAIGC, da Guiné-Bissau, e a Frelimo, de Moçambique.

No entanto, a proximidade de Cuba com a Guiné não foi duradoura, sendo que as maiores contribuições cubanas ocorreram antes da independência, como a formação técnica e a filmagem de batalhas. No caso moçambicano, podemos pensar em movimentos de reciprocidade e de distanciamento, em função das representações, no cinema cubano, da liderança exercida por Samora Moisés Machel e do desenvolvimento de alguns projetos mútuos. Assim, o termo “amizade socialista” encontra maior ressonância nos discursos oficiais, sendo necessário, portanto, exercitar um olhar crítico sobre esses contatos.

As relações entre Cuba e Moçambique foram marcadas por momentos de distensão desde os anos 1960 até o ano de 1977,

<sup>42</sup> “Amizade socialista” seria, na definição da autora, “um fenômeno transnacional que conecta diversos filmes e culturas cinematográficas, e traz à tona experiências marginalizadas do socialismo do século XX que expandem o conceito de pós-comunismo (...) [Uma noção] conflituosa e multifacetada – uma geografia relacional desigual”. Cf. GRAY, 2016, p. 36.

quando a Frelimo aderiu ao marxismo-leninismo. Antes da adesão, a Frente era guiada por uma linha política de valorização do “camponês”, com experiências agrárias nas “zonas libertadas” ao norte da colônia portuguesa. Após a independência, com a política de aldeamento, os grupos sociais passaram a reclamar o retorno aos territórios de origem. O movimento do partido rumo ao bloco socialista mudou a diretriz ideológica da Frelimo, que apostou na mecanização no campo, com maquinário soviético, de onde provinham os técnicos que apoiaram o novo plano econômico.<sup>43</sup>

No imediato pós-independência, em 1975, diferentemente do MPLA, o novo regime moçambicano não estabeleceu cooperação militar estreita com a ilha, mesmo quando uma guerra civil entranhou-se no país ao final da década. Com isso, a figura de Samora Machel foi ofuscada inicialmente, chegando, inclusive, a ser contestada na produção fílmica cubana. Com a entrada do movimento no bloco socialista, o líder ganhou maior destaque no cinema da ilha nos anos de 1977 e 1982. Nos anos seguintes, as questões sobre a nação reduzem novamente.

As primeiras menções sobre Moçambique no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* foram genéricas, com pouco destaque à independência nacional, ocorrida em junho de 1975.<sup>44</sup> Além dessas matérias, o cinejornal apropriou-se de imagens dedicadas à luta pela

<sup>43</sup> A Frelimo formou-se em Dar es Salaam, na Tanzânia, em 1962, por membros de grupos precedentes contestatários ao colonialismo com bases fora de Moçambique. Eduardo Mondlane, professor universitário, fora a principal liderança do movimento até sua morte em 1969. Piero Gleijeses (2007) documenta como Ernesto “Che” Guevara e Mondlane divergiram, em 1965, sobre os rumos do movimento na oposição armada ao colonialismo português (p. 137-143). Ao longo dos anos, a Revolução Cubana mandou eventualmente armas ao grupo moçambicano. Samora Moisés Machel assumiu a direção do coletivo em 1969 e o radicalizou militar e politicamente. A independência ocorreu em 25 de junho de 1975. Para uma leitura sobre a formação e consolidação na Frelimo, cf. BRITO, 2019.

<sup>44</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 364 (1967), n. 702 e 733 (1975) e n. 781 (1976).

independência de Moçambique para noticiar outros contextos. Algumas edições utilizaram sequências veiculadas nos documentários *A luta continua*, do jornalista negro norte-americano Robert van Lierop, *Behind the lines*, da inglesa Margareth Dickinson, e *Viva Frelimo*, dos soviéticos Y.U. Egorov e L. Maksimov, todas películas feitas por estrangeiros entre 1970 e 1971 em apoio à causa da Frelimo. As cenas mais reiteradas no cinejornal cubano apresentam soldados de Portugal em movimento militar pelo interior de Moçambique e em posição de ataque, destruindo aldeias nas machambas (terras comunitárias). O mesmo repertório foi utilizado por José Massip em *Homenaje a Amílcar Cabral* (1980) para demonstrar como ocorria a ação militar dos portugueses no campo.<sup>45</sup>

Em outro exemplo, o cinejornal n. 675 (1974), dirigido por Miguel Torres, noticiou os acordos com o governo português para a independência da Guiné-Bissau. Imagens de soldados e soldadas que haviam retratado, anteriormente, o contexto da guerra de emancipação em Moçambique compõem o repertório visual da edição supracitada. Além disso, a bandeira hasteada em determinado momento da matéria possui o mesmo desenho da insígnia moçambicana. Dado o desconhecimento desses detalhes à época, tais observações não foram feitas em Cuba.

Enquanto o cinejornal cubano ofereceu pouco destaque ao contexto moçambicano, no campo do documentário houve alguma atenção ao tema. O primeiro título em Cuba a falar de Moçambique foi *Maputo, meridiano novo* (Santiago Álvarez, 1976, ICAIC), um curta metragem que apresenta a história das lutas da Frelimo pela emancipação e os desafios para consolidar a sobera-

<sup>45</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 594 (1973 sobre Guiné portuguesa), n. 739 (1975, Angola), n. 767 (África do Sul), n. 781 (1976, África Austral) e n. 866 (1978, África do Sul).

nia nacional.<sup>46</sup> No amplo leque temático, que inclui as atrocidades cometidas pelo colonialismo português e o regime do *apartheid* no território, prevalece a denúncia da exclusão social em Maputo e os vínculos econômicos com a África do Sul, já que Moçambique foi um *hinterland* desse país austral desde o séc. XIX (HERNANDEZ, 2008, p. 590-597).

Por causa dessas ligações, Samora Machel teve sua liderança política questionada pela narrativa fílmica. Há um contraponto visual na imagem do mandatário entre o presidente vestido como militar ao longo do enredo e, depois, com traje civil, o que, na lógica do filme, denunciaria uma “tendência” do líder em deixar de ser um combatente “anti-imperialista” para se tornar “marionete” dos sul-africanos.

Essa construção audiovisual e ideológica do filme apresenta uma visão datada em Cuba sobre o passado moçambicano. No contexto da construção do novo Estado, a Frelimo buscou por diversos meios recuperar a economia nacional e, para tanto, estatizou setores fundamentais do país, como a educação e a saúde, assim como solicitou ajuda internacional, inclusive de Cuba, para comprar quadros especializados a fim de substituir os portugueses, que abandonaram os postos técnicos.

Em uma menção a *Maputo, meridiano novo*, a roteirista do filme, Rebeca Chávez, afirmou que “*La estructuración de la información permite no sólo la aproximación a una realidad en transformación, sino que, además*, alerta sobre los peligros fascistas que en otras latitudes pugnan por asumir posiciones de poder” (grifo nosso).<sup>47</sup> Quando a autora menciona “outras latitudes”, ela está se re-

<sup>46</sup> Para uma análise mais detalhada de *Maputo, meridiano novo*, cf. SILVA, 2019.

<sup>47</sup> CHÁVEZ, Rebeca. El internacionalismo en la obra de Santiago Álvarez. *Cine Cubano*. ICAIC, La Habana, n. 91-92, 1978, p. 128-129.

ferindo aos casos da Rodésia e, em especial, África do Sul, em conflito aberto com o MPLA em Angola à época. Após destacar que o filme fazia um “*alerta*” ao jovem governo, a cineasta muda o tom de advertência e escreve que a obra também “*provoca una auténtica emoción e identificación con el pueblo de Mozambique, a partir de la presencia de su dirigente máximo Samora Machel*”.<sup>48</sup>

Segundo nosso ponto de vista, o que prevalece na narrativa fílmica é uma visão ideologizante da equipe de Santiago Álvarez sobre processos históricos de outros países, de acordo com os valores políticos compartilhados pelo cineasta. Em 1978, em entrevista, diz:

¿Qué es África? ¿Qué es lo que significa en el actual proceso histórico? El imperialismo tuvo que irse de Vietnam porque fracasó en esta región pero no está eliminado todavía. Después de Vietnam ahora es África el escenario preferido de la infiltración imperialista y de su actividad. En África hay materia prima – petróleo, hierro, bauxita, uranio – y allí hay manos de obra baratas y esclavos. Por detrás de ello se esconde menosprecio racista, fascista, también cuando ellos movilizan a negros contra negros, también si ellos se enmascaran inteligentemente. *Nuestra tarea es descubrir la ideología imperialista con la cámara en la mano*[...] desenmascarar la brutalidad de mercenarios, ponerla abiertamente a la vista (grifos nossos).<sup>49</sup>

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>49</sup> Artigo “Información sobre la película y la revolución. Entrevista con el documentalista cubano anotada por Hermann Herlinghaus”, publicado originalmente em *Film und Fernsehen*, tradução não identificada, ago. 1978, expediente “Santiago Álvarez 3”, p. 09, Cinemateca de Cuba, Havana.

Assim sendo, o documentário se propôs a “alertar” a Frelimo sobre os laços econômicos com o regime racista sul-africano, recaindo sobre o líder moçambicano o “fardo” da responsabilidade política pela situação. A explanação sobre o que o diretor entendia sobre “imperialismo” e seu envolvimento na África reforça o caráter econômico do conceito.

A representação sobre o presidente moçambicano mudou após fevereiro de 1977, quando a Frelimo tornou-se “partido de vanguarda marxista-leninista”, nomenclatura que a aproximou do campo soviético.<sup>50</sup> O documentário *El octubre de todos* (Santiago Álvarez, 1977, ICAIC) mostra a visita de Fidel Castro a Moçambique em meio a um recorrido pela África. O título de outra obra, *¡Bienvenidos!* (Manuel Herrera, 1977), curta metragem sobre a vinda de estudantes moçambicanos para estudar na Ilha da Juventude em Cuba, evidencia uma nova forma de abordagem sobre o país.

Os cinejornais n. 835 e 836 (1977), ambas dirigidas por Rolando Díaz, destacam a passagem de Samora Machel na ilha, as condecorações recebidas do governo de Fidel Castro “*por sus excepcionales méritos históricos*”, seu discurso para o público e a visita de escolas construídas para receber jovens moçambicanos. No ano de 1977, portanto, Moçambique teve relevância na produção fílmica.

Fora da grande tela, ainda nos anos 1970, Samora Machel apoiou o movimento armado de independência na vizinha Zimbábue, que até 1980 chamava-se Rodésia e era governada pelo re-

<sup>50</sup> Como nos movimentos de Guiné-Bissau e Angola, o marxismo esteve na base ideológica e teórica da Frelimo entre intelectuais do movimento. Nos anos 1970, com a liderança a cargo de Samora Machel, evocaram-se ideias de revolução e luta de classes com maior ênfase. Entre 1968 e 1976, a elite política identificava-se com o maoísmo, recebendo, inclusive, aporte chinês no período. Também havia, mas em menor proporção, os que se identificavam com a vertente soviética. O 3º Congresso da Frelimo, em fev.1977, o partido vinculou-se oficialmente ao marxismo-leninismo, havendo maior proximidade à URSS e Cuba. Cf BRITO, 2019, p. 67-78, 90-96.

gime segregacionista de Ian Smith, nos moldes da África do Sul. Naquele país, havia dois grupos que disputavam a hegemonia do movimento emancipacionista: por um lado, a União Popular Africana do Zimbábue (Zapu) era próxima de Cuba e da URSS e utilizava a Zâmbia (ex-Rodésia do Norte) e Angola como espaços de treinamento militar (GLEIJESES, 2015, p. 143-147); por outro, a União Nacional Africana do Zimbábue (Zanu), de Robert Mugabe, tinha o apoio de Moçambique.

A crítica cubana contra a Rodésia e o suporte ao Zapu foram reproduzidos em um cinejornal e dois curtas-metragens.<sup>51</sup> Com a vitória eleitoral do Zanu, no pós-independência, Mugabe visitou a ilha em 1985, conforme demonstra matéria curta do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1250 (1985), dirigido por Francisco Puñal. A aliança cubana com o grupo derrotado (e perseguido por Mugabe nos anos 1980) deu-se após a decisão do MPLA, ao final de 1976, em apoiar o Zapu e outros grupos de independência africanos. Cuba aprovou a decisão e ofereceu auxílio militar (e destaque audiovisual) a esses movimentos desde 1977, mantendo o suporte aos conflitos convencionais na África sem abandonar totalmente o incentivo à guerra de guerrilhas.<sup>52</sup>

O novo destaque a Samora veio no ano de 1982, com o média-metragem *Nova sinfonia* (Santiago Álvarez, 1982, ICAIC,

<sup>51</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 939 (1979), além dos documentários *On the Zimbabwe* (Francisco Díaz Ferrer, 1979, ECIFAR) e *De Rhosedia a Zimbabwe* (Jorge Giannoni, 1979, ICAIC). Giannoni foi um cineasta argentino, exilado no Peru e depois em Cuba, após escapar da repressão apoiada por Isabela Perón (que ocupou a presidência com a morte de Juan Domingo Perón) contra militantes de esquerda na Argentina.

<sup>52</sup> Os grupos em questão foram o Zapu, na Rodésia; Frente Nacional de Liberação Congoleza (FNLC), no Congo-Kinshasa, o Congresso Nacional Africano (ANC), na África do Sul; e a Organização Popular do Sudoeste Africano (SWAPO), da Namíbia, além da Frente Polisário, mencionada no capítulo anterior. Analisaremos os cinejornais sobre a FNLC, ANC e SWAPO no próximo capítulo.

Instituto Nacional de Cinema de Moçambique, INC). De volta a Moçambique, o documentarista cubano registrou eventos políticos conduzidos pelo presidente no interior do país. No filme, houve utilização de excertos do cinejornal moçambicano *Kuxa Kanema*, em convergência com a prática recorrente no documentário cubano de usar cenas do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* em suas narrativas. O *Kuxa...* é considerado uma referência no cinema nacional da nação africana e, como o congêneres caribenho, manteve certa durabilidade e frequência semanal de exibição.<sup>53</sup>

Ao longo da narrativa, imagens de arquivo que remetem ao colonialismo português fazem o contraponto visual com o contexto da pós-independência. O filme traz diversas alusões à colonização, escravidão e as ameaças que simbolizam os regimes segregacionistas da Rodésia e África do Sul. Além disso, há acusações contra a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que expandia a guerra civil em oposição à Frelimo desde o final dos anos 1970. Esse amplo painel configura-se em uma das abordagens mais detalhadas sobre um país africano no cinema cubano.

Entre os letreiros iniciais, observamos o destaque à figura do mandatário: “Presença excepcional de Samora Moisés Machel / presidente de Moçambique”. Na narrativa, o líder faz discursos inflamados e performáticos nos palanques, pautados por cantos coletivos. Defende o anticolonialismo, o “anti-imperialismo” e o nacionalismo, pensamento centralizador que se opunha ao “tribalismo” e ao “regionalismo”.

A síntese da nacionalidade moçambicana está no lema: “Viva Moçambique, unido do Rovuma ao Maputo!”, ou seja, entre o rio Rovuma, ao norte, e a capital Maputo, no extremo sul. As palavras de ordem foram reiteradas desde o início dos anos 1970, durante a

<sup>53</sup> Para mais informações sobre o *Kuxa Kanema*, cf. GONÇALVES, 2017.

guerra de independência, e a necessidade desse exercício do poder advém dos questionamentos das comunidades ancestrais sobre o autoritarismo da Frelimo no campo (BRITO, 2019, p. 64-65).

O filme é composto por seis movimentos, tal como numa sinfonia musical, cada qual caracterizado conforme o sentido ideológico e finalidade do episódio. O terceiro, intitulado “*adagio organización, disciplina-eficiencia*”, expõe um exemplo da disciplinarização dos corpos e mentes (Cena 07).



### CENA 07

*Nova sinfonia* (Santiago Álvarez, 1982, ICAIC): Samora Machel “corrige” a performance de uma criança no público.



### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

Na apresentação da oficina de máquinas agrícolas do complexo agroindustrial de Limpopo (província de Gaza), espaço onde se passa toda a sequência, uma manchete jornalística adverte: “Desde

há meses / Dezenas de máquinas pesadas criam raízes”. Seguem registros da situação, captados pela equipe do *Kuxa Kanema* em preto e branco, com peças de maquinário desorganizadas e espalhadas pelo matagal.

Enfurecido com a situação, Samora, ao lado de uma comitiva, adverte os trabalhadores da fábrica e ameaça punir e prender o encarregado. No final da advertência, diz que retornaria para encontrar o lugar devidamente organizado. As câmeras cubanas registram, a cores, o regresso do presidente moçambicano “*semanas después*”, satisfeito com o resultado encontrado. O narrador enfatiza o contentamento do líder: “*la ofensiva política contra la indisciplina y la negligencia va obteniendo resultados*”. O zelo em torno do maquinário demonstra preocupação com o paradigma industrial no campo, em vigor desde a adoção do marxismo-leninismo pela Frelimo em 1977. No filme, a mecanização da produção agrícola é mostrada como algo positivo, que direciona (de modo autoritário) as “forças de produção” locais para a ampliação do operariado.

No lado de fora do galpão, ao final da sequência, Samora interage com crianças e as fazem cantar em changane, língua tsonga (“*Kanimambo, Frelimo*” [“obrigado, Frelimo”], e “*Seadonza Mçambique*” [“estudamos em Moçambique”]), apoiadas por mulheres no coro improvisado. Tal prática é recorrente nos discursos veiculados no filme. Em determinado momento, o presidente, que encena uma coreografia sobre educação apontando para a cabeça com o dedo indicador, tenta arrumar o gesto de um menino segurando-o pelas mãos, e o pequeno, confuso, prossegue o movimento com o polegar.

A cena é significativa para pensar a relação entre líder e “povo”: o primeiro conduz e busca adequar os movimentos corporais de acordo com o estabelecido pela “vanguarda”, e o menor

segue o ritmo segundo sua própria compreensão, o que expõe a tensão (Cena 07, final).

A sequência exibe uma prática de Samora Machel dentro da chamada Ofensiva Política e Organizacional, política implementada em 1980 que consistia em visitas não programadas do presidente a espaços de produção industrial, administração pública, saúde e educação. O objetivo era pressionar trabalhadores/as a atingirem as respectivas “metas” por meio da intimidação pública. No documentário *Nova sinfonia*, essa estratégia se revela no episódio acima discutido, quando mostra como o líder constrangia os trabalhadores, além de sua postura em relação ao menor, que não seguiu a coreografia “fielmente”.

A questão musical nos discursos de Samora foi um dos motivos para o título do filme, *Nova sinfonia*. Seu diretor, Santiago Álvarez, já contava com longa experiência com arquivos musicais, pois havia trabalhado em rádio cubana nos anos 1950. Em sua filmografia, e sonoridade foi personagem e protagonista. Uma vez em Moçambique, encontrou uma característica distinta da observada na ilha: uma liderança que cantava e conduzia coros coletivos, numa espécie de síntese da nacionalidade. A mobilização política das canções e da música remete a outras ocasiões no passado, como na experiência de Villa-Lobos com o canto orfeônico para colégios infantis durante o Estado Novo brasileiro, anos 1930-1940. O canto das crianças em *Madina Boé* (1968), na escola do PAIGC, também simbolizou a expressão de uma jovem nação “unida e coesa”.

Ainda em 1982, Samora Machel viajou à ilha para receber a Ordem Nacional José Martí, conforme informado no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1075 (1982), dirigido por Francisco Puñal. No entanto, observa-se uma matéria corriqueira, oficial, com imagens de arquivo, de recepção e de entrega da medalha.

Dados o relativo silêncio sobre o contexto de Moçambique nesta edição do cinejornal (pode-se pensar que *Nova sinfonia* teria dado conta nesse ano de 1982) e nas próximas dos anos seguintes, vemos certo distanciamento do governo cubano em relação ao congêneres africano por causa dos planos liberalizantes na economia moçambicana, no bojo do 4º Congresso da Frelimo em 1983. Além disso, houve a assinatura do Acordo de Nkomati com a África do Sul em 1984, cujos objetivos eram o de retirar as bases do Congresso Nacional Africano (ANC) em Moçambique e expulsar a Renamo das terras sul-africanas. O regime do *apartheid* não cumpriu sua parte (VISENTINI, 2012, p. 103), o que certamente desagradou aliados internacionais.

Não houve notícias no cinejornal cubano sobre essas ações da Frelimo. No entanto, uma tímida matéria informou o acidente aéreo que matou Samora em 1986, sem a mesma comoção vista ao tratar da morte, por exemplo, do argelino Houari Boumédiène ou Agostinho Neto, por Angola, no final da década de 1970. O novo presidente moçambicano, Joaquim Chissano, visitou a ilha dois anos depois, preocupado em manter a ajuda médica fornecida a Moçambique, já que seu país estava devastado pela guerra civil com a Renamo<sup>54</sup>

A ausência de alusões a Moçambique no cinema não significou uma ruptura completa entre os países. Em 1984, como vimos anteriormente, uma equipe técnica do ICAIC esteve no INC para formação técnica. Em 1988, houve a assinatura de um acordo cinematográfico e uma semana de exibição de filmes cubanos em Maputo.<sup>55</sup> Além disso, em 1989 foi realizado mais uma coprodução

<sup>54</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1304 (1986) e n. 1381 (1988).

<sup>55</sup> Sobre o acordo cinematográfico, cf. SÉRGIO, Paulo. Moçambique e Cuba reforçam intercâmbio Cinematográfico. **Tempo**, Maputo, n. 925, p. 06-07, 03 jul. 1988. Sobre a

entre o ICAIC e o INC, o média-metragem *Educação sem fronteiras*, de Isamel Vuvo, sobre os jovens estudantes moçambicanos na Ilha da Juventude. A distância que mencionamos observa-se mais em termos de representação do que em ações, por mais simples que sejam, porém é em torno da construção audiovisual de determinados temas que o regime cubano expõe sua atuação política, direta ou indiretamente.

Em 1991, com a crise do socialismo e as reformas liberais que a Frelimo implementou, as tensões com o campo socialista ficaram mais explícitas. Um protesto de jovens moçambicanos na Ilha da Juventude, outrora protagonistas no filme de Vuvo, terminou com a deportação dos revoltosos de volta para sua terra natal, onde havia milhares de jovens recém-saídos da RDA, que desfez todos os tratados estabelecidos com Moçambique na fase socialista.<sup>56</sup>

---

semana de cinema cubano de 1988, cf. ELIAS, António. Semana de cinema cubano: aprofundar conhecimento mútuo através do cinema. **Tempo**, Maputo, n. 944, p. 53, 13 nov. 1988. No INC, também houve um cine-móvil, porém os protagonistas não o relacionaram ao congêneres cubano. Cf. NOGUEIRA, Teresa Sá. Cinema Moçambicano (VI). Cinema Móvel. **Tempo**, Maputo, n. 836, p. 48-50, 19 out. 1986.

<sup>56</sup> Distúrbios nas escolas moçambicanas em Cuba. **Tempo**, Maputo, n. 1056, p. 53; ALBERTO, Domingos. Estudantes em Cuba: primeiro grupo de repatriados chega à capital moçambicana. **Tempo**, Maputo, n. 1058, p. 53-55, 20.01.1991.



## CONFIGURAÇÕES AUDIOVISUAIS DAS “GUERRAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL” NA ÁFRICA AUSTRAL

Desde a véspera da independência angolana em 1975, o regime político cubano deu suporte militar ao Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) na disputa pelo poder nacional contra grupos rivais, em uma nova fase das relações Sul-Sul. Com diferentes fases, o apoio durou até 1991, quando os últimos soldados retornaram à ilha. Angola seguiu em guerra civil até 2002. Décadas de conflitos no país resultaram em milhares de mortes, violações dos direitos humanos e migração das populações afetadas rumo à capital do país, Luanda.

O apoio do campo socialista, em especial de Cuba e da URSS, ao MPLA concretizou-se em cooperações militares e civis, interrompidas devido à crise soviética no início dos anos 1990. No caso cubano, os números da mobilização da força humana nacional são expressivos. Dos 386 mil uniformizados enviados à África desde os anos 1960, 337 mil foram para Angola a partir de 1975. Entre profissionais da educação, saúde e construção civil, cerca de 70 mil foram mobilizados/as para o continente, dos quais 43 mil para o

território angolano (GLEIJESES, 2015b, p. 433-436). A população cubana era estimada em 9,4 milhões de pessoas em 1975, e 10,6 milhões em 1991.

Esta cooperação marca a transição do suporte às guerrilhas africanas dos anos 1960, que prosseguiu com menor expressão até os anos 1980 como veremos mais adiante, para as guerras convencionais, com forças militares amplas. Diferentemente dos casos secretos de ajuda cubana a grupos políticos do Congo-Léopoldville, Congo-Brazzaville (ambos em 1965) e Guiné-Bissau (1966-1974), não houve exigências em Angola para que os voluntários fossem negros, uma vez que era admitida a presença de soldados brancos e mestiços, contrariamente dos grupos rivais. Além destes aportes, houve uma considerável produção fílmica sobre a África Austral, que divulgou as principais ações estatais cubanas em solo africano.

Neste capítulo, analisaremos um conjunto de cinejornais, documentários e ficções, tendo como eixo condutor de reflexão, inicialmente, a evidência da questão militar na representação de movimentos políticos da África Austral e da presença cubana na região. A seguir, veremos como se deu a atribuição de sentidos históricos que buscaram legitimar, por um lado, a ação do regime político de Cuba e, por outro, o poder político de grupos africanos, além das complexas questões raciais na ilha. Apresentaremos também conexões transatlânticas no campo da cooperação educacional. Encerraremos com um olhar sobre as formas de abordagem da filmografia sobre as relações familiares e o luto aos voluntários que morreram no outro lado do Oceano Atlântico. Neste último conjunto temático, cabe destacar o surgimento de obras críticas à experiência cubana em África, e à guerra em Angola.

## 4.1. A PRIMAZIA DAS ARMAS NOS RELATOS SOBRE OS PAÍSES AFRICANOS

### 4.1.1. A PREPARAÇÃO MILITAR E OS CONFRONTOS ARMADOS EM ANGOLA

As batalhas em Angola foram registradas por uma considerável filmografia, que nos oferece uma perspectiva oficial sobre os combates e expõe os principais esforços de guerra. O ritmo da produção dessas películas expõe também a intensidade dos vínculos políticos e militares entre Cuba e Angola, de modo que temos um relativo silêncio sobre a colônia portuguesa até 1975, lançamento de muitas obras fílmicas entre 1976 e 1977, e novo investimento massivo em 1988.

A primeira exibição sobre África no cinema cubano após 1959 mostrou a organização militar da FLN argelina, na edição n. 05 do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* em 1960. A partir de então, representações sobre contextos políticos do continente passaram a ser mostradas sob o crivo das armas de fogo. Mostrar que os movimentos africanos estavam armados era expor, aos olhos da propaganda política em Cuba, que havia, no outro lado do Atlântico, a mesma “disposição revolucionária” que o MR26 teve na guerrilha cubana dos anos 1950.

A luta pela independência ocorria, paralelamente, em Angola. Movimentos nacionalistas foram criados por intelectuais e militantes dentro e fora da colônia, e eram duramente perseguidos pela polícia política portuguesa desde os anos 1950. Em 1975, o MPLA, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União das Populações de Angola (Unita) disputaram a hegemonia sobre o processo emancipatório angolano. A concorrência entre os coletivos incluía dissidências, troca de acusações e assassinatos, além de vínculos estreitos com alguns grupos sociais no país: povo ambundo no centro-norte e ao leste (onde o MPLA tinha susten-

tação social), bakongo ao norte (FNLA), e ovibundo ao sul (Unita), respectivamente.<sup>1</sup>

Antes de 1975, a presença das questões políticas e sociais da então colônia portuguesa se restringiu a pontuais matérias veiculadas pelo *Noticiero ICAIC Latinoamericano*.<sup>2</sup> Em 1963, a edição n. 137 apresenta uma curta reportagem, de 40 segundos, sobre a preparação de homens para combater as tropas colonialistas. A voz *over* do locutor narra o seguinte texto: “*El pueblo de Angola [...] lucha con patriotismo por su liberación. En un lugar de África Central, vemos el adiestramiento del ejército rebelde de Angola que se enfrenta ya en heroica guerra de guerrillas al colonialismo portugués*”. O *Himno del guerrillero* (José Rabaza Vázquez e Enrique González Mántici, 1958) ocupa o plano sonoro enquanto vemos soldados em filas, empunhando armas e fazendo exercícios físicos.

O texto, no entanto, não identifica o movimento retratado nas imagens. As bandeiras do Congo-Léopoldville (Imagem 36, em segundo plano) e da China (ao fundo) sinalizam que se trata de militares da FNLA, apoiados por ambos os países. A presença de um dos fundadores da Frente, Eduardo Pinnock, junto aos militares ratifica o vínculo da reportagem com o grupo guerrilheiro.<sup>3</sup> A denominação “*ejército rebelde*”, proferida pelo narrador, faz um paralelo com a própria história cubana, que alude aos “barbudos”

<sup>1</sup> Angola, colonizada formalmente por Portugal desde inícios do séc. XX após séculos de exploração escravista e extrativista, foi palco de combates armados a partir dos anos 1960. Quatro movimentos se destacaram. Além das três siglas mencionadas no texto, outro grupo, separatista por sua vez, fora a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), fragmentada em lideranças distintas. Cf. HEIMER, 1980, p. 35-41; GLEIJESES, 2007, p. 368-380.

<sup>2</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 137 (1963), n. 364 (1967) e n. 657 (1974).

<sup>3</sup> O documentário *Independência, esta é nossa memória* (Mario Bastos, 2015, Geração 80) explica que se trata do campo de Kinkuzu, no norte de Angola, onde o FNLA tinha base militar junto aos povos bakongo e contava com o apoio do Congo-Léopoldville/Zaire.

da Sierra Maestra. O desconhecimento do contexto angolano em Cuba, à época, pode ter impedido que a narração oferecesse os dados corretos.



### IMAGEM 36

*Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 137 (1963):  
as bandeiras sinalizam as alianças internacionais da  
FNLA, o grupo militar retratado.

As complexas relações entre os movimentos de independência de Angola não ganharam espaço no audiovisual cubano até 1975. Dez anos antes, Ernesto “Che” Guevara manteve contato com o MPLA em Brazzaville e, no mesmo ano, militares cubanos apoiaram ações armadas do agrupamento em Cabinda e na travessia do Congo-Léopoldville para chegar ao norte de Angola, sem, contudo, vitórias significativas.

Dada a frustração com os angolanos, estes passaram a ser vistos pelo regime castrista como organização de menor expressividade, havendo desconfiança em ambos os lados. A participação da delegação angolana (que incluía o fundador Mário Pinto de Andrade) na Conferência Tricontinental em Havana em 1966 e a visita de Agostinho Neto a Cuba no mesmo ano não mudaram a leitura sobre o coletivo.<sup>4</sup> Entre 1966 e 1974, Amílcar Cabral e a atuação militar do PAIGC na Guiné portuguesa conseguiram maior atenção dos militares cubanos.

A partir da Revolução dos Cravos em 1974, a situação muda. Com o agravamento das disputas pelo controle do Estado angolano entre os movimentos de emancipação, as autoridades de Cuba relutaram diante dos primeiros pedidos de ajuda do MPLA no final de 1974. Em agosto de 1975, decidiu-se pelo apoio, sendo então criada a Missão Militar Cubana em Angola (MMCA), o que resultou no envio de instrutores e, em novembro, tropas. No país africano, as batalhas ocorreram até março de 1976 em Cabinda contra a FLEC, na capital e ao norte do país contra a FNLA, e ao leste e sul contra a Unita e batalhões da África do Sul que a apoiavam.<sup>5</sup>

No início da cooperação militar, o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* encarregou-se de conferir legitimidade ao MPLA por seu anticolonialismo e, além disso, de denunciar as atuações estrangeiras (Zaire, China, Estados Unidos e África do Sul) no território angolano em favor da FNLA e Unita. Agostinho Neto foi identificado e apresentado ao público nesse momento. As matérias do cinejornal sobre o contexto começam a ser exibidas quando oficiais

<sup>4</sup> Carlos Moore (1988) menciona visita de Neto a Cuba em meados de 1966, e a chegada de angolanos para treinar na ilha no mesmo ano (p. 247).

<sup>5</sup> Piero Gleijeses (2015a) afirma que foram mobilizados 36 mil militares cubanos nesse processo (p. 01).

cubanos já promoviam instruções militares e combatiam ao lado das tropas das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). A independência nacional foi celebrada, sob guerra, em 11 de novembro de 1975 pelo MPLA, em Luanda.<sup>6</sup>

O principal nome do movimento angolano para a concretização do suporte cubano foi o fundador e poeta António Agostinho Neto, na direção desde os anos 1950. O coletivo organizou-se no exterior com muita dificuldade (vide o exemplo da primeira cooperação cubana ao grupo, em Brazzaville e Cabinda, 1965) em torno de intelectuais e militares, com discurso nacionalista, de inspiração socialista e marxista, e autointitulado “revolucionário”, com ações armadas em regiões próximas às fronteiras do Congo-Kinshasa e da Zâmbia, além de limitadas “zonas libertadas” ao leste. A partir de 1974, a estrutura dirigente estabeleceu-se nas cidades, que se desenvolviam economicamente desde 1961 sob pressão das guerrilhas no campo. Ciclos de violência degladiaram os diferentes movimentos nestes espaços, especialmente em Luanda, onde o MPLA conseguiu estabelecer-se com apoio social.

Em Cuba, o reconhecimento público da ajuda a Angola veio no 1º Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), em dezembro de 1975. As falas de Fidel Castro em apoio à intervenção armada foram reiteradas em cinejornais e documentários, momento em que houve uma significativa produção nacional de obras sobre o tema, sendo 1976 o ano de Angola no cinema africanista cubano.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 733 (out.), 736 (nov.) e 739 (dez.1975). Na mesma data, a Unita e a FNLA fizeram uma declaração paralela de independência em Huambo, ao sul de Luanda, que não foi reconhecida por nenhum governo (VISENTINI, 2012, p. 57).

<sup>7</sup> Em 1976, houve reportagens com algum destaque sobre Angola em 16 edições do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, algumas delas monotemáticas, e uma edição especial do NOTIFAR. Além desses, houve 7 documentários, entre curtas e longas-metragens, produzidos por ICAIC e os ECIFAR.

A produção fílmica foi composta por registros de conflitos armados filmados pelos *corresponsales de guerra* do ICAIC e dos ECIFAR. O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 748 (1976), dirigido por Miguel Torres (responsável pela maioria das edições africanistas deste ano), por exemplo, exibiu, na segunda metade da edição, parte das filmagens captadas no norte de Angola, na tomada de Carmona (atual Uíge). Tais registros mostram troca de tiros entre soldados da FAPLA e de Cuba contra grupos opositores, além da exibição do aparato bélico e propagandístico abandonado pelos inimigos em fuga e da sua destruição.

Os documentários, por sua vez, foram mais enfáticos na cobertura dos enfrentamentos armados pelo país. Os filmes *La guerra en Angola* (Miguel Fleitas, 1976, ICAIC, ECIFAR) e *Cabinda* (Fernando Pérez, 1977, ICAIC, ECIFAR), dentre outros, trazem narrativas oficiais sobre a consolidação da independência em Angola.

O primeiro título justifica a presença cubana em Angola e enaltece as vitórias militares contra a FLEC, FNLA, Unita e África do Sul. Os *corresponsales* eram, em sua maioria, experientes em coberturas de guerra em Cuba, Vietnã e Guiné-Bissau.<sup>8</sup> Também há registros das equipes de filmagem da Televisão Pública de Angola (TPA) e do grupo Promocine, responsáveis pelos primeiros documentários angolanos no pós-independência.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Os cenários de guerra mostrados em *La guerra en Angola* (1976) foram Cabinda, Qui-fangondo (ou Kifangondo), Ebo, Luínga, Camabatela, Negage, Carmona (atual Uíge), Teixeira de Sousa (Luau), Morros de Medunda, Nova Lisboa (Huambo), Luso (Luena) e São Salvador (M'Banza Kongo). Silvio López, Raúl Booz, Manuel G. Leiva, Julio C. Rodríguez, Mario Rivera Mena, Dervis Espinosa e Sergio Fajardo foram os *corresponsales de guerra* para o filme. Anos depois, Miguel Fleitas e Raúl Booz contaram suas experiências de filmagem. Cf. *Corresponsales de guerra. Cine Cubano*, n. 95, p. 111-122, 1979. *La guerra en Angola* estreou em dezembro de 1976, conforme informou o *noticiero* n. 794 (1976), com imagens da sessão.

<sup>9</sup> TPA, Promocine e a equipe Angola-Ano Zero realizaram os primeiros documentários angolanos no contexto da independência. Cf. ABRANTES, 2015, p. 15-17. A TPA con-

As cenas de tiroteio são recorrentes no filme e se justificam por meio da narração dos sucessos no campo de batalha. A advertência inicial atesta ao público a autenticidade das filmagens: “*Todas las escenas que aparecen en esta película son reales*”. Os letreiros, animação de mapas, fotografias, imagens de arquivo e diversos testemunhos surgem mediados pelos comentários do narrador. Os crimes e destruições cometidos pelos rivais são denunciados pelos soldados, de modo a expor a “covardia” dos oponentes e a ressaltar a “virtude” de angolanos e cubanos. Não há registro de soldados ou civis mortos e feridos, ou perda de armamento, entre os aliados socialistas, fazendo com que estes sejam representados como invencíveis.

No entanto, *La guerra en Angola* pouco enfatizou a preparação militar das tropas angolanas, até então acostumadas com a guerrilha rural e que teriam de mudar a tática, em uma guerra aberta entre exércitos. O documentário *Cabinda* traz narração sobre os combates na província homônima e resalta os treinos realizados com os recrutas das FAPLA pouco antes de enfrentar as armas da FLEC. As imagens da batalha e a vitória do MPLA aparecem em tela como resultado dos exercícios militares anteriormente mostrados. Planos da prática de tiro em trincheiras mesclam-se com os de confrontos, de modo a entrelaçar ambos os momentos e dar volume às cenas de guerra. Como no filme anterior, este documentário também não mostra feridos ou mortos em combate.

O acordo para o fim dos conflitos, firmado entre angolanos e a África do Sul em 27 de março de 1976, marcou o triunfo do MPLA. A propaganda em Cuba celebrou o fim do “mito da invencibilidade branca” ao veicular imagens de mercenários europeus

---

ou com especialização técnica de Bruno Muel, Antoine Bonfanti e Marcel Trillat, da Unicité, que produziram e dirigiram filmes com os angolanos em 1975 e 1977.

feridos e mortos, como forma de questionar a “superioridade” dos brancos sobre os negros. O documentário *Angola: victoria de la esperanza* (José Massip, 1976, ICAIC, ECIFAR, Laboratório Nacional de Cinema de Angola, LNC) expôs imagens do julgamento dos detidos, contratados na Europa para dar suporte à FNLA. Todos foram condenados a penas que variavam entre décadas de prisão e o fuzilamento.

Os acordos com os sul-africanos não colocaram fim aos conflitos armados dentro do país. Em 1977, o MPLA encampou uma repressão interna que se estendeu pelo país. Desde suas origens, o movimento lidou com crises e dissidências, sendo esta a mais violenta. A linha de oposição, conduzida por Nito Alves e José Van-Dúnen, contestou o comando de Agostinho Neto e organizou uma ação armada, fracassada, em 27 de maio daquele ano. O processo, que durou anos, foi mortífero, resultando em milhares de jovens presos, torturados e assassinados, sob acusação de fazerem parte do grupo rebelde.<sup>10</sup>

Militares cubanos em Luanda colaboraram para a repressão a pedido de Fidel Castro, uma vez que os objetivos da presença em Angola eram combater possíveis intervenções estrangeiras (em especial do Zaire ou da África do Sul) sem, a princípio, participar de conflitos internos. O documentário *Angola de puño erguido* (Francisco Ferrer, 1977, ECIFAR) tratou de ratificar a posição oficial diante do ocorrido no 27 de maio. O resumo do filme expõe o teor político da obra e o apoio ao MPLA:

Se presentan los sucesos fraccionalistas ocurridos  
en Luanda cuando los enemigos de la Revolución

<sup>10</sup> O Estado angolano reconhece a existência dos crimes, porém não apresenta cifras oficiais. Especialistas e grupos de direitos humanos estimam entre 20 mil e 80 mil o número de mortos. Cf. MARQUES, 2012, p. 101.

quisieron dar un golpe de Estado en Angola en mayo de 1977. Reacción del pueblo ante estos hechos: Junto a la Revolución y contra los enemigos. Entrevistas a hombres y mujeres que muestran el apoyo que dan a su Revolución. Escenas de la lucha y la reacción popular. La victoria definitiva de la Revolución. (En idioma portugués).<sup>11</sup>

“Fraccionismo” foi o termo que a memória oficial em Angola cunhou para a insurreição. Uma das questões debatidas em 1977 era a tensão na disputa interna no MPLA por maior apoio cubano (posição de Agostinho Neto) ou soviético, como defendeu Nito Alves. Cabe recordar que autoridades da URSS, por causa da divergência com Neto desde os anos 1960, apenas enviaram armas em grande quantidade ao movimento após a declaração de independência e por pressão cubana. Moscou condenou a revolta de Nito dias depois, alimentando suspeitas sobre o papel da embaixada soviética no ato.

Para se esquivar do problema em torno das opções Cuba ou URSS, o presidente angolano refere-se ao tema no documentário angolano *O golpe* (Henrique Alves, 1977, TPA). De acordo com sua fala, veiculada no filme:

Sim, os camaradas cubanos estão connosco, nós sabemos fielmente, directamente, e não há nenhuma clivagem entre Angolanos e Cubanos, não há, estamos ligados por laços que não podem ser destruídos, mas é falso dizer que foi por causa da presença dos camaradas Cubanos em Angola e exclusivamente por esta causa que esses bandidos foram

<sup>11</sup> Angola de puño erguido. ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 231.

*esmagados* e serão mentalizados. Temos a cooperação política, econômica, temos uma cooperação excelente, uma *cooperação até alegre* com todos os camaradas dos países socialistas [...] (grifos nossos).

O discurso tenta afastar as dúvidas em torno da aliança com os países socialistas e justifica a feroz perseguição aos opositores. Assim sendo, o ano de 1977 teve títulos ressaltando o estreitamento dos vínculos entre Cuba e Angola, produzidos em ambos os países.<sup>12</sup> Após o 27 de maio de 1977, seguiram-se anos de cooperação cubana, militar e civil (medicina, educação e construção). Contudo, nesse mesmo período, houve uma diminuição nas referências aos angolanos no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*. Por outro lado, houve um crescimento de produções televisivas, como documentários e ficções dos ECITVFAR nos anos 1980.<sup>13</sup>

Uma das razões para a inflexão temática no cinejornal cubano desde finais dos anos 1970 foi o esgotamento do cinema militante na ilha, em razão do “desgaste de certas fórmulas [...] fartamente utilizadas desde os anos 1960” (VILLAÇA, 2012, p. 325). A Revolução Sandinista de 1979 e, logo após, a crise de Mariel, em 1980, atraíram a atenção da produção fílmica e desviaram o foco

<sup>12</sup> Fidel Castro visitou Angola meses antes do evento, encerrando uma turnê pela África. O ilustre visitante foi tematizado nos documentários: *Visita a Angola de Fidel de Castro* (Álvaro Correia, 1977, Promocine), *Fidel Castro em Kifangondo* e *Fidel Castro em Luanda* (ambos de Carlos Sousa e Costa, 1977, Promocine) e. Para compreender a participação de soviéticos e cubanos no 27 de maio de 1977, consultar as análises de Piero Gleijeses (2015a, p. 120-127) e a obra de Jean-Michel Mabeko-Tali (2018, p. 587-594). Este livro também discorre sobre as dissidências históricas no MPLA.

<sup>13</sup> O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* dedicou matérias sobre o contexto angolano nos anos 1977 (3 edições), 1978 (2), 1979 (2), 1980 (1), 1984 (1), 1985 (1), 1987 (1) e 1989 (3). A produção de documentários feitos pelo ICAIC e os ECITVFAR sobre Angola manteve a média de 1 a 3 filmes por ano entre 1977 e 1990, sendo o total de 27 títulos. Entre 1981 e 1991, pelos ECITVFAR, foram produzidas 2 séries documentais, além de 2 séries e 2 filmes, todos de ficção, sobre Angola.

sobre o país africano, que seguia em situação arrastada nas frentes de combate ao sul.<sup>14</sup>

Nessa região, a Unita, apoiada abertamente pelos EUA e o regime do *apartheid*, promoveu, ao longo da década de 1980, uma expansão do território sob seu controle, gerando diversos enfrentamentos e atentados contra membros do MPLA e seus aliados. Três desses choques marcaram, em especial, a memória oficial em Cuba: os acontecidos em Cangamba (ago.1983), Sumbe (mar.1984) e Huambo (abr.1984), todos contra militares das FAPLA e voluntários/as estrangeiros/as.<sup>15</sup> Apesar de haver enfrentamentos nas 2 primeiras ocasiões, os oficiais cubanos não ordenaram o combate ao movimento de Savimbi, apenas contra forças sul-africanas (GLEIJESES, 2015a, p. 333-334, 424).

O aumento das agressões inimigas nas províncias ao sul de Angola levou o MPLA a travar uma série de confrontos ao redor de Cuito Cuanavale entre 1987 e 1988. Um novo reforço militar cubano auxiliou os angolanos na contenção dos novos planos militares expansionistas da África do Sul, gerando um impasse na frente de batalha.<sup>16</sup> Enquanto isso, o governo do *apartheid* viu-se obrigado a ceder no campo diplomático após longas negociações,

<sup>14</sup> Em 1980, a partir da ocupação da embaixada do Peru por cubanos insatisfeitos com o governo, gerou-se uma crise social e diplomática que terminou na saída de 125 mil cubanos/as da ilha pelo porto de Mariel para os EUA.

<sup>15</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1174 (1984) noticiou o atentado ocorrido em Huambo, cujo resultado foi a morte de 14 construtores cubanos e 10 civis angolanos, entre mulheres e crianças. Os documentários *Aquí no se rinde nadie* (ou *Cangamba*, Miguel Fleitas, 1983, ECITVFAR) e *Huambo, crónica de un crimen* (Belkis Vega, 1986, ECITVFAR) homenageiam os mortos e sobreviventes. O documentário *Angola construye* (Bernabé Hernández, 1978, ICAIC) trata do setor da construção civil no país. Décadas depois, o ICAIC produziu os longas-metragens ficcionais *Kangamba* (Rogelio París, 2008) e *Sumbe* (Eduardo Moya, 2011), cujos enredos abordam os ocorridos dos anos 1980.

<sup>16</sup> Em 1988, as cifras chegavam a 55 mil militares cubanos em Angola (GLEIJESES, 2015a, p. 02). Em 1976, foram 36 mil (p. 01).

desde os anos 1970 até dezembro de 1988. O principal ponto era o cumprimento da Resolução n. 485/1978 da ONU, que exigia a organização de eleições livres na Namíbia e sua independência, o que significaria a retirada dos sul-africanos de Angola e do Sudoeste Africano.

A série de documentários *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (Victor Martín, 1988, ECITV FAR) registrou, em três episódios, o planejamento e a organização do embate militar entre novembro de 1987 e maio de 1988. Esteticamente, a obra possui narrativa oficial em uma estrutura fragmentada, remetendo a *La guerra en Angola* (1976), pontuada por imagens de arquivo, mapas, fotografias, reuniões, testemunhos e comentários do narrador. Uma vasta equipe de 46 *corresponsales de guerra*, a maior mobilizada desde o início das coberturas em África, registrou a organização dos oficiais e os confrontos armados.<sup>17</sup>

Diálogos de Fidel Castro ocuparam considerável parte da narrativa, porque o líder havia definido as diretrizes militares e ideológicas que os demais personagens reiteravam em depoimentos. Os documentários da série estão centrados em depoimentos, e as imagens de tiroteio e movimentação militar acabam por ilustrar os testemunhos dos oficiais que estiveram em terreno. Há destaque também para a construção e ampliação de aeroportos no sul de Angola, visando o uso de aviões soviéticos Mikoyan-Gurevich 23 (MiG23). Os veículos aéreos foram responsáveis pela vantagem militar do MPLA contra a África do Sul em 1988, enquanto, em 1975-1976, as batalhas ocorreram majoritariamente por terra.

Como a filmografia dedicou-se a exibir as ações de Cuba em

<sup>17</sup> Dentre os *corresponsales de guerra* mais conhecidos, estavam Raul Booz, Julio Cesar Rodríguez e Ángel Alderete, que trabalharam, nos anos 1970, em filmes sobre Guiné-Bissau, Etiópia e Angola.

Angola, existe uma preponderância dos aspectos positivos, e poucos feridos são mostrados. Do mesmo modo, os problemas políticos e sociais angolanos, como a corrupção e o mercado clandestino, são omitidos. No retorno dos soldados à ilha, houve prisões e julgamentos em decorrência da participação de autoridades uniformizadas nessas operações subterrâneas, que incluíam, segundo a Corte Militar cubana, o tráfico internacional de drogas. O processo foi questionado pela oposição no exterior e visto como estratégia para fortalecimento do poder dos irmãos Fidel e Raúl Castro.<sup>18</sup>

Os títulos apresentados enfatizaram, majoritariamente, as ações e testemunhos dos militares e não apresentam diferenças estéticas fundamentais entre o ICAIC e os ECIFAR/ECITVFAR. Na série *Cuba y Angola...*, há menções indiretas ao presidente José Eduardo dos Santos no final da 3ª parte, apenas. Alguns angolanos e namibianos aparecem no campo de batalha a partir do 2º episódio. A omissão sobre as lideranças africanas e o relativo destaque aos anônimos foram frequentes na representação sobre a Etiópia, o que se estendeu, ao longo do tempo, aos angolanos.

<sup>18</sup> Em 1989, houve o julgamento de oficiais das forças armadas e condenação de quatro deles à morte. Arnaldo T. Ochoa Sánchez, um dos condenados, era general, fez parte do MR26 e ascendeu na carreira militar da ilha, chegando a atuar em Cuba (Playa Girón, 1961), Venezuela (1966), Congo-Brazzaville (1967-1969), Etiópia (1977-1978) e Angola (1975 e 1987-1988). O documentário *8A* (Orlando Jiménez-Leal, 1992, P.M. Films) denunciou o processo e expôs que Ochoa e demais acusados planejavam tirar os irmãos Castro do poder. Piero Gleijeses (2015b) afirma haver indícios de que o general havia participado do comércio ilícito de comida e diamantes em Angola. Contudo, segundo o cientista político, os ganhos eram modestos para justificar a condenação máxima, uma vez que, em escalas superiores, o crime teria maiores proporções (p. 386-391).

#### 4.1.2. INIMIGOS E ALIADOS NA FRENTE DE COMBATE

A produção fílmica em Cuba construiu diferentes significados sobre os movimentos de independência e governos que participaram do xadrez político-militar da África Austral em virtude dos conflitos em Angola. De modo geral, identificamos dois grupos antagônicos. O primeiro é composto pelos oponentes ao governo do MPLA, em especial o *apartheid* sul-africano. O segundo, por grupos armados de diferentes países, os mesmos auxiliados pelo governo de Agostinho Neto para a tomada do poder em seus respectivos territórios.

Durante a colonização europeia, a África do Sul manteve relações próximas aos portugueses em Angola e Moçambique, além da Rodésia do Sul. Os sul-africanos contribuíram com a repressão rodesiana aos combatentes do Zimbábue nos anos 1970 e deram suporte à Renamo na guerra contra Moçambique na década seguinte (VISENTINI, 2012, p. 99-103). As invasões do território angolano entre 1975 e 1988 se configuraram, portanto, como novos capítulos das ingerências daquele país na região.

No cinejornal cubano, o governo do *apartheid* teve pouco destaque até 1975, quando se iniciaram as batalhas em Angola.<sup>19</sup> Até então, a principal referência sul-africana foi a cantora Miriam Makeba, eminente exilada cujas interpretações sonorizaram diversas matérias sobre o continente africano. No entanto, as menções à opressão contra a população negra na África do Sul só vieram às telas com o documentário *Miriam Makeba* (Juan Carlos Tabío, 1973, ICAIC), que registrou a passagem da cantora por Cuba em 1972.

A partir de 1975, o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* veicu-

<sup>19</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 364, 375 e 389 (1967), n. 409 (1968) e n. 573 (1972).

lou diversas denúncias contra o regime segregacionista nas matérias sobre a guerra em Angola.<sup>20</sup> A edição n. 739 (1975), a cargo de Miguel Torres, sublinha o contraste entre a riqueza sul-africana e os conflitos armados em Angola. A trilha musical resgatou uma canção do conjunto britânico Deep Purple, *Child in Time* (1970), de modo a veicular a sonoridade do rock com a produção do ouro e diamantes que financiava, de acordo com a reportagem, a repressão às populações negras ao sul do continente africano. O estilo musical era censurado na ilha, considerado “contrarrevolucionário” e “instrumento ideológico do imperialismo”; assim sendo, a relação entre música e imagem reforça o olhar depreciativo sobre o *apartheid*.

A África do Sul foi, a partir de então, colocada em xeque no *Noticiero ICAIC Latinoamericano*.<sup>21</sup> As edições n. 763 e 764 (1976) noticiaram o seminário internacional, ocorrido em Havana, sobre os governos discriminatórios. Em determinado momento exibe-se cenas de violência racial contra pessoas negras nos EUA dos anos 1960, além de imagens do grupo supremacista Klu Klux Klan e símbolos do nazismo. O narrador ressalta o apoio americano aos sul-africanos e relaciona o contexto das lutas norte-americanas pelos direitos civis com o da desigualdade ao sul da África, fazendo do racismo uma arma política (MOORE, 1988, p. 59-62). O termo “fascista” também é evocado com frequência nas matérias para caracterizar, politicamente, o governo segregacionista.

As acusações aos sul-africanos no cinejornal incluem registros

<sup>20</sup> A África do Sul e seu regime político do *apartheid* foram mencionados em reportagens sobre eventos internacionais e as guerras em Angola e Zimbábue. *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n.702, 733, 736 e 739 (1975), n. 748, 753, 754 e 758 (1976), n. 872 (1978), n. 939 (1979) e n. 1116 (1983), além dos documentários *El desafío* (Santiago Álvarez, 1979, ICAIC) e *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (Victor Martins, 1988, ECITVFAR).

<sup>21</sup> O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n.763, 764, 767, 768 e 780 (1976) exibiu matérias exclusivamente sobre o *apartheid*.

do levantamento de Soweto em junho de 1976 e a forte repressão contra populações da periferia.<sup>22</sup> A revolta ocorreu poucos meses após a vitória do MPLA sobre os invasores, o que expôs os limites das forças do *apartheid*. As imagens do forte aparato militar, com evidente contraste racial entre os soldados brancos e os civis negros, foram reprisadas em matérias posteriores.

As reportagens também veicularam registros da violência racial no cotidiano da África Austral. Nas imagens, as pessoas mostradas em cafés, restaurantes, praças e estádio esportivo eram eminentemente brancas, enquanto pessoas negras foram retratadas nas calçadas e em situações de marginalização. A desigualdade no espaço público também foi mostrada em Moçambique no curta-metragem, em cores, *Maputo, meridiano novo* (Santiago Álvarez, 1976, ICAIC). Ambos os espaços, junto à Rodésia e Namíbia, eram “bastiões brancos” do Cone Sul africano em meados dos anos 1970, com comunidades concentradas nas grandes cidades (VISENTINI, 2012, p. 35).

<sup>22</sup> O motivo da revolta foi a indignação “não só `a substituição das línguas nativas pelo afrikaans [africânder] nas escolas e à falta de professores, mas também como resposta ao desemprego causado pela recessão de 1974” (PEREIRA, 2012, p. 102).



### IMAGENS 37 E 38

*Noticiero ICAIC Latinoamericano, n. 767*  
(1976): retratos do *apartheid* sul-africano.



### IMAGENS 39 E 40

*Maputo, meridiano novo* (Santiago Álvarez,  
1976, ICAIC): cenas da capital de Moçambique  
meses após a independência nacional.

No entanto, as situações expostas, ambas sob direção de Santiago Álvarez, são distintas: no *apartheid* a desigualdade era política de Estado e, em Moçambique, logo após a independência, o que se via nas ruas eram reminiscências da disparidade social combatidas pela Frelimo. A principal razão pela qual *Maputo, meridiano novo* expôs as imagens alusivas ao segregacionismo era o distanciamento entre Cuba e o movimento moçambicano desde os anos 1960, em virtude de desacordos políticos, como discutimos no capítulo anterior.

O cinejornal diminuiu as referências aos regimes racistas a partir de 1977, seguindo o mesmo declínio das menções a Angola.<sup>23</sup> *Cuba-Sudáfrica, después de la batalla* (Estela Bravo, 1990, ECITVFAR, Nexus, Channel 4), apresentado ao final da batalha de Cuito Cuanavale (1987-1988), foi o único documentário sobre as posições do *apartheid* e seus adeptos perante o conflito angolano.

No filme, soldados, familiares e opositores do governo da África do Sul foram entrevistados pela diretora Estela Bravo, dos EUA, próxima ao regime cubano. Um preso de guerra sul-africano teve maior destaque: os cubanos capturaram o militar Johan Papenfus, ferido após uma escaramuça e o socorreram na ilha. O oficial, tratado por médicos brancos e negros, mostrou-se disposto a repensar suas ideias racistas quando retornou ao lar.

As imagens de sua recuperação também foram veiculadas em *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (1988), como forma propagandística de expor o modo “humanitário” com que os cubanos tratavam os presos em guerra. Pelo lado do *apartheid*, também houve propaganda política, sobretudo no episódio em que a família do militar presencia a troca de presos políticos entre

<sup>23</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericanos* n. 798 e 816 (1977), 866 (1978), 1232 (1985).

o MPLA e Cuba, na fronteira entre Angola e Namíbia, conforme visto em *Cuba-Sudáfrica...*<sup>24</sup>

As menções à Unita, aliada dos sul-africanos, e à sua expansão do controle militar no sul de Angola na década de 1980 foram pontuais. A União e a FNLA foram tratadas como duas “*organizaciones fantoches*” angolanas, e seus respectivos líderes Jonas Savimbi, “*títere de Sudáfrica*”, e Holden Roberto, “*agente de la CIA* [Agência Central de Inteligência dos EUA]”, depreciados, conforme a narração do cinejornal n. 748 (1976). O documentário *Roja es la tierra* (Rigoberto López, 1985, ECITV FAR) entrevista soldados da Unita capturados em combate e transmite a ideia de que a situação militar estaria sob controle em Angola.

Sobre o campo aliado ao MPLA, o movimento declarou em 1976 que seguiria o “exemplo internacionalista” cubano e que apoiaria os seguintes grupos armados: União Popular Africana de Zimbábue (Zapu), Frente Popular para a Libertação de Saguia el Hamra e Rio de Oro (“Frente Polisário”, Saara Ocidental), Frente Nacional de Libertação Congolesa, FNLC (província de Katanga, Zaire, ex-Congo Léopoldville), o Congresso Nacional Africano, ANC (África do Sul) e a Organização Popular do Sudoeste Africano, SWAPO (Namíbia, após 1990).<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Na África do Sul, o conflito contra a SWAPO e Angola foi conhecido como *South African Border War* (1966-1990). Produziu-se uma filmografia própria para a propaganda política desse episódio, com ficções como *Bortie Gaan Border Toe* (Regardt van den Bergh, 1984), *Any Man's Death* (Tom Clegg, 1990) e *Oh Shucks! Here Comes UNTAG* (David Lister, 1990).

<sup>25</sup> Tratamos do caso da Zapu no capítulo anterior. A sigla tinha o apoio de Angola, Cuba e URSS, porém tinha dificuldades de organização desde a Zâmbia e executou poucas ações armadas na então Rodésia. Sobre o Saara Ocidental, abordamos a relação do Frente Polisário com os cubanos no Capítulo 2, quando o coletivo tinha amparo no regime argelino nos anos 1970 e 1980.

A questão do Zaire (ex-Congo-Léopoldville) se deu por causa da disputa de poder entre o governo de Mobutu Sese Seko e a FNLC, que possuía origem na província de Katanga (conhecida à época como Shaba). A região é rica em recursos minerais (diamantes, cobre, estanho) e foi envolta, constantemente, em rebeliões armadas de grupos separatistas desde o período de independência, em 1960. A Frente foi criada por militares que saíram da província e, no começo da guerra civil angolana em 1975, apoiaram o MPLA.

Os militares de Angola retribuíram o empenho por meio do suporte aos “katangueses”. O objetivo compartilhado era tirar Mobutu do poder, que havia apoiado o FNLA em 1975-1976. Piero Gleijeses (2015a) assevera que os oficiais castristas foram “surpreendidos” pela ação dos aliados do MPLA no Zaire, uma vez que não ajudaram a guerrilha militarmente e desconfiavam do grupo, cujos líderes eram considerados “aventureros” (p. 64). As duas edições do *Noticiero ICAIC Latinoamericano* sobre os conflitos reforçam a ideia de distanciamento entre o movimento e o governo cubano.<sup>26</sup>

Ainda assim, os *noticieros* informaram ao público sobre as tentativas da FNLC de ocupar aquela parte do Zaire em dois ataques, ações conhecidas como Shaba I (mar.-mai. 1977) e Shaba II (mai.-jun. 1978). Ambas fracassaram, porém Angola teve ganhos políticos.<sup>27</sup> O enfoque das matérias audiovisuais recaiu sobre as de-

<sup>26</sup> O narrador da edição n. 816 (1977), dirigido por Daniel Díaz Torres, desvinculou a ilha da participação no conflito “*Los gobiernos de Egipto, Sudán y la República Sudafricana se apresuraron en acudir al llamado de Mobutu y para justificar la petición de una intervención reaccionaria acusó a Cuba, Angola y la Unión Soviética de ser los responsables del conflicto bélico*”. O *noticiero* n. 872 (1978), dirigido por Rolando Díaz, exhibe a entrevista de Fidel Castro a jornalista estrangeiro na qual o líder nega a participação cubana nos confrontos em Shaba. Sobre a relação de Cuba com a FNLC, Cf. GLEIJESES, 2015a, p. 57-66, 81-93.

<sup>27</sup> Após o conflito, Mobutu deixou de apoiar a FNLA, a FLEC (em Cabinda) e a Unita, adversárias do MPLA que, por sua vez, desarmou os katangueses. Cf. GLEIJESES, 20015a, p. 110. Nos anos 1980, o Zaire deu suporte logístico para o envio de armas dos EUA à Unita.

núncias contra o mandatário congolês e os apoios internacionais dos EUA, Marrocos, França, Bélgica e China para conter a guerrilha. Mais do que o suporte aos “katangueses”, os episódios seguiram a política de acusar as potências ocidentais e seus aliados africanos.

Enquanto tomavam distância de Shaba, instrutores cubanos treinavam homens para as guerrilhas da SWAPO e do ANC, que tinham Angola como base principal e a África do Sul como adversário comum (GLEIJESES, 2007, p. 609). O objetivo maior angolano era o da independência do Sudoeste Africano, território que foi colônia alemã nos finais do século XIX e, desde 1921, tornou-se protetorado dos sul-africanos. A SWAPO foi criada em 1960 e deu início aos combates seis anos depois, estando ao lado do MPLA nos anos 1970 e 1980. Após a batalha de Cuito Cuanavale (1987-1988) e com a finalização das negociações de paz, a emancipação política da Namíbia foi celebrada em 1990, com Sam Nujoma, líder o movimento, presidente.<sup>28</sup>

O Nujoma foi a figura de referência na produção fílmica sobre o Sudoeste Africano.<sup>29</sup> Em visita a Havana, fez declarações contra os planos sul-africanos de criar uma constituição para Namíbia com a complacência de seus “*títeres*” e os “*jefes tribales*” da colônia, conforme a edição n. 816 (1977) do cinejornal. O combatente, com sua farda militar, demonstrou que compartilhava valores políticos e ideológicos defendidos pelas autoridades cubanas, que incluíam o termo “fascista” para caracterizar o regime do *apartheid*,

<sup>28</sup> Sobre a relação entre Cuba e a SWAPO, cf. GLEIJESES, 2015a, p. 151-156.

<sup>29</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 816 (1977), n. 866 e 872 (1978), n. 1024 (1981) e n. 1232 (1985), além dos documentários *Breve carta de Namíbia* e *Los hijos de Namíbia* (ambos de Rigoberto López, 1987, ICAIC), *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (Victor Martin, 1988, ECITVEAR) e *The last colony* (Estela Bravo, 1990). A edição n. 878 (1978) exhibe um representante da SWAPO no Festival da Juventude, em Cuba, levanta vivas à África do Sul, Namíbia e Zimbábue, mostrando o alinhamento antissegregacionista entre os movimentos políticos nestes territórios.

além da aceção pejorativa “chefes tribais” para definir os líderes de comunidades ancestrais no território namíbio.

Em 1978, o massacre no campo de refugiados da Namíbia em Cassinga, sul de Angola, mobilizou as denúncias de Cuba contra a África do Sul, responsável pelo crime, e as potências estrangeiras, pelo silêncio sobre o caso.<sup>30</sup> Fidel Castro exibiu, numa conferência a jornalistas estrangeiros, a imagem de uma vala comum com as vítimas, como parte de suas respostas às acusações de intervenção cubana na África, conforme o *noticiero* n. 872 (1978). A matéria visou corroborar o suporte internacional no contexto do “internacionalismo proletário” cubano, reivindicando a defesa dos direitos humanos em oposição às ações cometidas ou financiadas por países capitalistas.

No documentário *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudáfricana* (1988), Sam Nujoma esteve no centro das operações na batalha de Cuito Cuanavale e expressou gratidão, falando à câmera, pelo apoio cubano ao movimento namíbio. Tropas da SWAPO estiveram no conflito em suporte ao MPLA, pois as motivações em retirar a África do Sul do Sudoeste Africano eram compartilhadas. A presença da liderança no campo de guerra era uma qualidade reafirmada nas películas cubanas com base na experiência militar do MR26 em Cuba.

A última menção à Namíbia verificou-se no documentário *La última colonia* (1990, Bravo Films). Estela Bravo e equipe de filma-

<sup>30</sup> A existência da SWAPO era a justificativa da África do Sul para invadir o sul de Angola e destruir as bases instaladas na região. Em maio de 1978, forças aéreas sul-africanas bombardearam um campo de refugiados organizada pela guerrilha namíbia com apoio da ONU em Cassinga, sul de Angola, o que resultou no assassinato de cerca de 600 pessoas. Houve reação por parte de tropas cubanas que estavam nas cercanias, ocasionando algumas baixas também entre elas. O massacre significou uma vitória política à SWAPO, que pôde angariar apoio para a aprovação da Resolução n. 485, a qual exigia eleições livres em Namíbia e sua independência, com participação do movimento guerrilheiro.

gem registraram as celebrações públicas da independência. Apesar da efeméride namíbia, o destaque em tela foi para a presença dos cubanos Juan Almeida Bosque, autoridade política negra, e Jorge Risquet, que havia coordenado ações militares em Congo-Brazzaville e Angola, além dos agradecimentos ao regime castrista por parte de ex-estudantes da Ilha da Juventude que trabalhavam na organização dos eventos na Namíbia, Sam Nujoma (eleito presidente) e, com destaque, Nelson Mandela (ANC, recém liberto das prisões sul-africanas).

Por sua vez, houve menos exposições audiovisuais em apoio ao ANC, principal grupo de oposição, pelas armas e também por meios não violentos, ao governo racista sul-africano. O partido tem raízes nos anos 1910, quando foi criado como forma de oposição legalista aos desmandos contra os negros no país. Após o massacre de Sharpeville em 1960, episódio em que a polícia matou dezenas de pessoas, houve uma radicalização política no grupo e formou-se a ala militar Umkhonto we Sizwe (“Lança da nação”, em zulu) em 1961, sendo Nelson Mandela uma das figuras principais.

Seguiram-se anos de impasse, dada a extrema vigilância do governo segregacionista da África do Sul no território. Com o apoio do MPLA e a partir do levante de Soweto (com a morte de centenas de pessoas) em 1976, um afluxo de jovens insatisfeitos com o governo do *apartheid* engrossou as fileiras militares do ANC. Cubanos e soviéticos ajudaram nos treinamentos em Novo Catengue, Angola, entre 1977 e 1979.<sup>31</sup>

O único cinejornal sobre o ANC tratou de forma superficial, na edição n. 1275 (1986), a visita a Cuba de Oliver Tambo, presidente do partido, exilado, que participou de uma cerimônia

<sup>31</sup> Sobre a relação do ANC com Cuba, cf. GLEIJESES, 2015a, p. 147-150, e 2015b, p. 100-108.

na ilha. Na oportunidade, o grupo conseguiu acordo para enviar oficiais à ilha com o objetivo de organizar suas forças armadas até o final dos anos 1980 (GLEIJESES, 2015b, p. 103, 111-113). O cinema em Cuba seguiu a mesma tendência dos anos pré-1975 em não dar muitas pistas sobre as cooperações militares da ilha com grupos políticos africanos, mas de expor eminentes fatos internacionais ou visitas a Havana.<sup>32</sup>

Os documentários dedicaram alguma atenção ao ANC ou a figuras da oposição no país.<sup>33</sup> *La lanza de la nación*, de 1977, destacou o grupo armado no contexto em que Cuba orientava os treinamentos militares a seus quadros em Angola. Pelo lado das figuras de referência, Winnie Mandela foi homenageada em *Con luz propia* (Mayra Vilasis, 1988, ICAIC), um dos poucos filmes dirigidos por mulheres no ICAIC até então.

Letta Mbulu, por sua vez, foi a voz que guiou a narração de *Mamane* (Orlando Rojas, 1981, ICAIC), conforme o resumo do filme: “*Los sufrimientos, las luchas y las esperanzas del pueblo sudafricano reflejados en la extraordinaria voz y poderosa imagen de la cantante exiliada [...]*”.<sup>34</sup> A letra de uma das canções que estruturam o filme, *Mamani* (“*Mama, ven por favor*”), evoca laços familiares para resistir à opressão racial.<sup>35</sup> Essa estratégia narrativa foi inspi-

<sup>32</sup> Vale lembrar que o ANC foi perdendo espaços de atuação na África Austral dada sua expulsão de Moçambique nos anos 1980, bem como de Botsuana e Zimbábue, em virtude das pressões do regime do *apartheid* na região. No mesmo período, houve um novo levante juvenil na África do Sul organizado por grupos clandestinos do movimento, que passaram a exigir a libertação de Nelson Mandela. Cf. PEREIRA, 2012, p. 116-119.

<sup>33</sup> Documentários *La lanza de la nación* (Rigoberto López, 1977, ICAIC), *Sudáfrica por su independencia* (Francisco Díaz Ferrer, 1978, ECITVFAR), *Mamane* (Orlando Rojas, 1981, ICAIC), *Con luz propia* (Mayra Vilasis, 1988, ICAIC) e *Mandela visits Cuba* (Estela Bravo, 1991).

<sup>34</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 252.

<sup>35</sup> De acordo com a transcrição dos diálogos nos arquivos da Cinemateca de Cuba, parte

rada no curta *Now!* (Santiago Álvarez, 1965, ICAIC), cuja canção homônima interpretada por Lena Horne estruturou o relato fílmico, com enredo que trata da repressão policial aos movimentos negros nos EUA. O intuito da obra de 1981 foi, portanto, sugerir o novo paralelo entre o *apartheid* e o período repressivo norte-americano, feito com maior evidência em documentários e cinejornais.

O modo lacunar de narrar a luta antirracista do ANC encerrou-se com a visita de Nelson Mandela, libertado da prisão sul-africana, a Cuba em 1991. Nesse ano, Estela Bravo dirigiu o documentário *Mandela visits Cuba* (TVC, TV Latina, JBC), que registrou a participação da distinta autoridade política no evento em Matanzas. O episódio, em que o visitante se mostra grato pela participação cubana nas batalhas contra a África do Sul em torno de Cuito Cuanavale, faz parte da memória oficial sobre o período.<sup>36</sup>

Mais significativa na filmografia é a relativa ausência, em cinejornais e documentários cubanos, de alusões à contribuição da URSS na África. Mesmo o armamento soviético é pouco mencionado nessa produção, com exceções significativas, como o visto sobre o canhão de quatro bocas utilizado em Cabinda (1975) e os aviões MiG23 em Cuito Cuanavale (1987-1988). Na ficção, encontramos personagens da URSS na série *La gran rebelión* (Jorge Fuentes, 1982, ECITVFAR, ICRT), contextualizada, em seus últimos capítulos, na Guerra do Ogadén, Etiópia.

A exibição da única participação cubano-soviética em conflito armado na África sublinhou a desconfiança mútua no terreno. Em momentos finais do combate em Ogadén, um dos generais

---

da letra da última música no filme diz: “[...] *Persiste / Persiste / Ellos nos contaron / sus falsos cuentos / Mandaron a sus perros / a morder nuestros cuerpos / Y nos encerraron / en sus prisiones / Persiste / Persiste* [...]”.

<sup>36</sup> Na mesma ocasião, Estela Bravo e equipe filmaram a continuidade das visitas do sul-africano pelo Caribe em *Mandela in Jamaica* (TVC, TV Latina, JBC).

cubanos passa instruções ao chefe de artilharia: “*Oigame bien lo que voy a decir: va hacer un tiro de relaje perfecto. Y después con todas las piezas me va neutralizar la artillería somalí. Dice el general [russo] que nosotros somos aprendices, le vamos a demostrar que no*”. O diálogo se deu em espanhol, de modo que o oficial soviético, presente em cena, não o compreendesse.

Os estudos sobre a intervenção cubana em Angola ressaltaram o desencontro entre os socialistas no campo de batalha. Para combater a Unita, os militares de Cuba recomendavam ações de contraguerrilha, enquanto os soviéticos defendiam técnicas de combate massivo entre exércitos, conhecimento herdado da Segunda Guerra Mundial, com resultados desastrosos em terras africanas (GLEIJESES, 2015b, p. 209-220). Contra o avanço da África do Sul, a URSS limitou-se a enviar as armas, veículos terrestres, aviões MiG23 e instrutores, enquanto angolanos e cubanos combatiam as forças militares do *apartheid* em terreno.<sup>37</sup>

Diversos políticos e intelectuais questionaram os interesses do governo de Fidel Castro com as ações bélicas no continente africano. A principal tese defendida é a de que o regime obedecia a instruções soviéticas, como se fosse um “satélite” de Moscou, em especial na Etiópia e em Angola. O secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger foi uma das autoridades que caracterizaram os oficiais cubanos como “mercenários” a serviço dos russos (GLEIJESES, 2007, p. 568).<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Embora não estivessem autorizados a combater nas frentes de batalha, cerca de 11 mil assessores e especialistas militares soviéticos estiveram em Angola entre 1975 e 1991. Cf. GLEIJESES, 2015a, p. 116. Sobre os soviéticos em Angola, cf. ARAÚJO, 2017.

<sup>38</sup> Em Angola e Cuba, o que prevalecia era a precariedade das condições de trabalho, o voluntarismo e variados acordos de ajuda de custo pelo MPLA para subsistência dos/as cooperantes. GLEIJESES, 2015a, p. 127-141, 402.

A ausência de personagens soviéticos na representação dos combates em África e a mobilização dos símbolos patrióticos de Cuba na filmografia evidenciam o esforço castrista em atribuir maior protagonismo a seus oficiais nas produções fílmicas, a fim de desfazer a imagem de “fantoques de Moscou”, ainda que se reconhecesse a dependência tecnológica em relação ao poderoso aliado. Houve, portanto, uma divisão de tarefas entre URSS e Cuba: a primeira fornecia, majoritariamente, armas e auxílio técnico orçamentário e a outra, o suporte humano para manejo e treinamento bélico, além do reforço nas frentes de combate.

#### **4.1.3. SOCIEDADES MILITARIZADAS: OLHARES SOBRE A GRANDE COMUNIDADE ANTI-IMPERIALISTA**

Um campo valorizado em Cuba e que teve ampla presença nas matérias sobre países africanos foi o militar. Acordos internacionais de cooperação visavam dar suporte técnico, logístico e formativo a movimentos guerrilheiros e, uma vez independentes, exércitos regulares. Muitos *noticieros* e documentários traziam imagens de homens e mulheres em marchas militares, como forma de ressaltar que estavam “preparados/as” para a defesa nacional. Essas representações incluem menores de idade, trazendo à tela questões contrárias aos direitos das crianças e adolescentes.

A valorização dos líderes africanos uniformizados foi uma constante na filmografia e o “modelo” de liderança era a participação de Fidel Castro e os guerrilheiros do MR26 em Cuba nos anos 1950. No capítulo anterior, vimos como o curta-metragem *Maputo, meridiano novo* (Santiago Álvarez, 1976, ICAIC) valeu-se da dualidade entre as vestimentas civil e militar de Samora Machel para significar uma menor ou maior “disposição revolucionária”

do líder ao longo da narrativa para defender sua pátria. Em *Nova sinfonia* (Santiago Álvarez, 1982, ICAIC), mais elogioso ao carisma do dirigente da Frelimo, este aparece constantemente com uniforme. Anteriormente, também havíamos analisado como Patrice Lumumba (Congo-Léopoldville) foi representado no cinejornal (paletó e gravata), de modo a sugerir um político “reformista”, pouco combativo e “frágil” diante dos poderes “imperialistas”.

O mesmo ocorreu com as representações de Agostinho Neto, presidente angolano entre 1975 e 1979, e José Eduardo dos Santos, de 1979 a 1990 (que seguiu no cargo até 2017). Este último apareceu timidamente na filmografia, sem destaque. Neto, por sua vez, foi mostrado no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* alternando os trajes militar e civil. As edições n. 733 (1975), na qual ele é apresentado pela primeira vez no cinejornal, e n. 935 (1979), que noticiou seu falecimento, recuperam imagens do poeta em acampamentos do MPLA na época da luta armada e o exibiram como um combatente. A produção fílmica, no entanto, reitera seu aspecto “reformista” e sua ausência nas frentes de batalha.<sup>39</sup>

Assim como a figuração dos líderes, imagens de africanos pró-revolução nas marchas militares, alinhados ou em ação, ganham destaque na filmografia. Os uniformizados tiveram maior presença na tela em relação às figuras do camponês e do operário, ainda que a diretriz ideológica por trás da produção fílmica na ilha reivindicasse o “internacionalismo proletário”. Alguns soldados dão depoimentos na filmografia dos anos 1970, demonstrando nos discursos o domínio do léxico “revolucionário” que os partidos definiam. Os documentários *La guerra en Angola* (1976) e *Cabinda* (1977) dão

<sup>39</sup> Agostinho Neto e Holden Roberto (FNLA) não participaram do *front* de batalha, enquanto Jonas Savimbi (Unita) era o mais atuante. Cf. GLEIJESES, 2007, p. 375. Savimbi nunca foi mostrado em ação na filmografia cubana.

voz a combatentes angolanos não identificados; *Etiópia, diario de una victoria* (1979), a etíopes, incluindo uma mulher, “Beatriz”.

No campo de batalha, observa-se uma hierarquia entre cubanos e africanos, de modo a privilegiar os primeiros, sobretudo enquanto estrategistas. As películas, assim, exibem personagens de Cuba em representações de guerra na Etiópia, na série ficcional *La gran rebelión* (1982); Angola, em *Algo más que soñar* (Eduardo Moya, 1985, ECITVFAR) e em *Caravana* (Rogelio París e Julio Cesar Rodríguez, 1990, ICAIC, ECITVFAR, LNC), além do documental *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (1988). As produções indicam maior protagonismo dos oficiais cubanos em meio às batalhas.

Nas frentes de combate, havia grupos militares que organizavam atividades culturais. A série *Cuba y Angola...* exhibe, de maneira pontual, momentos em que soldados de ambas as nacionalidades tocam instrumentos musicais (tambor, violão etc.) e interagem entre si por meio do canto e da dança. A ficção *Caravana* (1990), longa-metragem sobre uma arriscada operação para levar insumos ao interior, exhibe atuações cênicas e interpretações musicais. As atividades, mostradas em tom descontraído, configuram-se em momentos de relaxamento das tensões nas zonas de perigo.

*Roja es la tierra* (1985), por sua vez, traz uma rara cena de interação dos soldados cubanos com civis angolanos. O coronel Silviano se torna amigo de uma comunidade do interior de Angola e acaba aprendendo quimbundo. Além dessa proximidade entre ele e o povoado, o filme apresenta sua esposa e filhos na casa em Guantánamo. No entanto, a ordem hierárquica castrista era coibir qualquer intimidade dos oficiais com mulheres para evitar formação de núcleos familiares no exterior, o que explicaria a necessidade do filme em destacar que o oficial tinha sua família em Cuba.

As soldadas africanas também aparecem em cinejornais e documentários. Algumas vezes, observa-se processos visuais que partem da vida nos vilarejos para a uniformização dos corpos. O cinejornal n. 1024 (1981) traz cenas que sublinham a atuação feminina nos diversos campos da sociedade, abrangendo desde a maternidade, o trabalho no campo até a formação de batalhões de guerra. Pode-se notar que há uma ênfase numa relação de “antes e depois” dessas figuras, de modo a sinalizar sua “evolução” rumo à luta armada no contexto “anti-imperialista” (Imagens 41-42).



### IMAGENS 41 E 42

*Noticiero ICAIC Latinoamericano,*  
n. 1024 (1981): da enxada ao fuzil,  
algumas das representações de  
africanas no audiovisual cubano.

Em relação às imagens acima, recordamos Bronislaw Baczko (1985) argumentar que os imaginários sociais “são construídos a

partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”. Esses imaginários agem na vida pública por diferentes modalidades de operação, potencializados pela “evolução do suporte tecnológico e cultural que assegura a circulação das informações e imagens”. Os meios de comunicação, portanto, “não se limitam a aumentar o fluxo de informação: modelam também as suas características” (p. 311-313). Dessa forma, a veiculação de figurações que retratam esse “antes e depois”, ainda que sejam registrados em diferentes regiões e distintos momentos, exibe como um poder oferece sentido com motivações ideológicas explícitas, no caso, a modernização e a revolução.

Cubanas também estiveram em África, sobretudo trabalhando nos campos da saúde, educação e, algumas vezes, militar, no entanto a presença feminina nesses espaços, majoritariamente masculinos, era motivo de certa tensão e tratar do tema do assédio era tabu. Com isso, as narrativas ficcionais salientavam a convivência pacífica entre os gêneros, minimizando, assim, possíveis problemas. Na série ficcional *La gran rebelión* (1982), o militar cubano Carlos se apaixona por uma médica em meio à Guerra do Ogadén, na Etiópia, e, em *Caravana* (1990), uma uniformizada convive com os soldados normalmente.

Entretanto, no documentário *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (1988), em seu segundo capítulo, uma especialista da saúde se queixa das tentativas de impedir sua ida ao posto militar em Cuito Cuanavale:

Yo sin embargo pasé, podemos decir, algunos momentos difíciles, porque, bueno, me quitaban de la lista de vuelo, me ponían podemos decir dificultades para bajar... Seguí insistiendo porque creo que incluso podemos decir que, no sé si... que hasta yo entiendo que les hace falta a los muchachos, a las

tropas, aquí no solo como médicos, sino como que ¡vean mujeres! Y que, bueno, antes que yo bajara uno ha demostrado que aquí no hay dificultad ninguna, grande, para aquí estar la mujer, contrario, somos tan capaces como ellos, y, bueno, se ha demostrado aquí y estamos aquí cumpliendo con nuestro trabajo.

O desabafo da militar, não identificada em tela com letreiros (como ocorreu com os oficiais), expressa algumas das tensões entre voluntários e voluntárias na frente de combate. Após as batalhas em Cuito Cuanavale, um pelotão feminino chegou no terreno para fazer a defesa aérea na fronteira entre Angola e Namíbia, conforme exhibe a mesma série de documentários. Com exceções, a produção fílmica analisada concedeu pouco protagonismo às mulheres cubanas ou africanas.

Maior destaque houve às crianças-soldado africanas, sobretudo angolanas, chamadas “pioneiros” como nas organizações de base socialista.<sup>40</sup> Algumas edições do cinejornal mostram-nas com armas improvisadas, treinando, nas ruas, com paus em formato de fuzis e gritando nomes de guerra em Angola. No regime etíope de Mengistu Haile Mariam, um menino segura uma arma de fogo enquanto discursa em celebração comunitária pela vitória na Guerra do Ogadén. Tal perspectiva, também verificada na produção imagética sobre a América Central desde o final dos anos 1970, evidencia formas de simbolizar os países como “jovens revoluções”,

<sup>40</sup> O relatório do grupo Human Rights Watch “O contingente esquecido: crianças-soldado de Angola”, de 2003, mostra que, entre o início da guerra civil até 1998, foram identificadas 9.133 crianças e adolescentes de até 17 anos que o MPLA e a Unita utilizaram nas fileiras militares. Entre 1998 e 2002, de 7 mil a 11 mil menores de idade estiveram em combate pelos dois movimentos. Trata-se da violação da Carta Africana sobre os Direitos e o Bem-estar da Criança, de 1990, lançada pelos Estados-membros da OUA, entre os quais Angola faz parte. Cf. Angola: Forgotten Fighters: Child Soldiers in Angola. **Human Rights Watch**, A1510, 29 apr. 2003. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2003/04/29/forgotten-fighters/child-soldiers-angola>. Acesso em: 25 mai. 2021.

comprometidas ideologicamente com o “anti-imperialismo” e próximas ao socialismo.<sup>41</sup>

No filme *Cabinda* (1977), os “pioneiros” surgem divertindo-se em piruetas, mas depois, segundo o narrador, “brincando seriamente”, encenando situações de conflito armado, com armas artesanais, algumas mortíferas, trajados com uniformes e praticando movimentação de terreno. Não se abre espaço para suas histórias pessoais, mas para seus nomes de guerra, que aludem à violência (como “bala de ferro”, “diabo e inferno”), à cultura cinematográfica (“punho sangrento”, “diabo branco”), ou ao patriotismo (“Angola combatente”, “sangue do povo”). A cena dos meninos gritando seus “codinomes” foi veiculada em outras oportunidades.<sup>42</sup>

Ao final da obra, crianças vestidas com a camiseta da Organização dos Pioneiros Angolanos (OPA), estampadas com o semblante de Agostinho Neto, marcham em direção à tela, de modo semelhan-

<sup>41</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 748 (1976) e n. 935 (1979), e os documentários *Cabinda* (Fernando Pérez, ICAIC, ECIFAR), *Angola: victoria de la esperanza* (José Massip, 1976, ICAIC, ECIFAR, LNC), *Luanda ya no es de San Pablo* (Santiago Álvarez, 1976, ICAIC) e *Etiópia, diario de una victoria* (Miguel Fleitas, 1979, ICAIC, ECIFAR) nos casos de Angola e, no último título, Etiópia. Sobre a América Central, lembramos que o ICAIC produziu filmes com referências às crianças-soldados, como *La infancia de Marisol e Douglas y Jorge* (ambos de Bernabé Hernández, 1979) e o ficcional longa-metragem *Alsino y el condor* (Miguel Littín, 1982), além da receptividade em Cuba a obras com a temática, como foi o caso de *El Salvador, el pueblo vencerá* (Diego de la Texera, 1980, Instituto Cinematográfico de El Salvador Revolucionario ICSR). Agradecemos a Ignacio Del Valle Dávila por essa última indicação.

<sup>42</sup> *Punho sangrento e Diabo branco* foram títulos de filmes do gênero popular artes marciais que estiveram em cartaz em outubro de 1975. *Diário de Luanda*, Luanda, 07 out. 1975. A cena dos “gritos de guerra” foi veiculada no *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 935 (1979) e no documentário *Angola, victoria de la esperanza* (José Massip, 1976, ICAIC, ECIFAR, LNC). Um contraponto a essa representação pode ser observado no documentário angolano *A luta continua* (Asdrúbal Rebelo e Bruno Muel, 1977, TPA, Unicité), cujo enredo mostra a história do pequeno Lopes, órfão que vivia em abrigo aos “pioneiros” em Luanda. O diretor desse filme, além de trabalhar com equipe francesa de Bruno Muel, também fez estágio com equipe cubana do ICRT em Luanda e em Havana entre 1976 e 1977. Cf. ABRANTES, 2015, p. 17.

te ao que fizeram os soldados adultos na abertura do documentário. Em ambas as cenas, escutamos os recrutas cantando: “Quero ser soldado / Com esta farda aprender a marchar / Com as armas lutaremos contra a reação”. Isto é: as crianças se constituem como futuros/as soldados/as de Angola, dentro de um projeto coletivo, não havendo, portanto, espaço para sonhos ou projetos individuais.

Nos anos 1980, as referências aos “pioneiros” angolanos voltam ao cinema cubano por meio da animação *N’Vula* (Juan Padrón, 1981, ICAIC), que conta a história de um grupo de crianças angolanas uniformizadas comandadas pelo pequeno N’Vula (“chuva”, em quimbundo). Elas são cercadas por colonialistas brancos (o líder possui o semblante do governador da Guiné, Antonio de Spínola) no caminho à escola e se veem obrigadas a entrar em combate com armas improvisadas (paus, pedras e elásticos) contra seus opositores. Em determinado momento, os soldados do movimento de independência, uma representação dos militantes do MPLA, são alertados e socorrem os pequenos. Entre os adultos, está uma mulher com seu filho nas costas. Ambos, mãe e filho, atiram contra os inimigos, enfatizando o caráter “revolucionário” dos sujeitos desde o berço (Cena 08).

Trata-se de uma representação idealizada das crianças-soldado que também passa a integrar o plano do imaginário coletivo sobre os africanos em Cuba, leitura que teve continuidade nos registros sobre a realidade angolana. O documentário *Roja es la tierra* (1985), por exemplo, entrevista um grupo de meninos entre seis e 16 anos, alguns fardados, que mencionam seus nomes de guerra e biografias; no geral, são órfãos de guerra desde 1975. Este filme documenta a persistência da prática do recrutamento de menores de idade nas forças armadas de Angola.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> No caso cubano, foi criada a Sociedade de Educação Patriótica-Militar (SEPMI) em



### CENA 08

*N'Vula* (Juan Padrón, 1981, ICAIC): a representação dos “pioneiros” e a disposição na luta armada diante dos colonialistas brancos.



### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

A construção imagética de homens, mulheres e crianças em África passa, portanto, pela perspectiva ideológica da modernidade e do “anti-imperialismo” e pela valorização dos corpos uniformizados com suas armas de fogo em oposição ao cenário das comunidades ancestrais, que não encontram espaço na filmografia analisada.

No campo das justificativas históricas para a intervenção militar, o cinema em Cuba construiu narrativas que remeteram à presença africana em sua histórica rebeldia contra a opressão, mas não em suas raízes religiosas e espirituais. Ao apresentar outros povos “subdesenvolvidos” em sua luta contra o “imperialismo” no Sul

---

1981; seu primeiro aniversário foi mostrado no *noticiero* n. 1008 (1982), com o objetivo de buscar a adesão social ao projeto do governo castrista por meio da exibição das “*práticas recreativas y de aprendizaje militar*”, incluindo aulas de tiro feitas por jovens a partir de 12 anos.

Global, a filmografia expressava as aspirações políticas e ideológicas do próprio regime cubano e de seus apoiadores internacionais.

#### 4.2. QUESTÕES RACIAIS E AS MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS DO PASSADO

A interação de Cuba com os países africanos se deu desde o início do governo revolucionário de 1959 e foi se intensificando, com distintas fases, até meados dos anos 1970, período de seu auge, junto com o aprofundamento nos temas subsaarianos. Com a finalidade de justificar a mobilização e o envio de contingentes civil e militar, o regime cubano produziu narrativas oficiais com base na história nacional e na denúncia aos governos rivais. Estratégias de legitimação do poder por meio do uso político do passado também foram utilizadas para representar os regimes políticos africanos.

Aspectos ressaltados na filmografia trataram de temas sensíveis na ilha, como o racismo e a escravidão. As acusações dos cubanos contra o segregacionismo nos Estados Unidos dos anos 1960 e na África do Sul nas décadas seguintes construíram uma equivalência entre capitalismo e a questão racial, de modo a negar a existência desses aspectos em países socialistas. Autoridades reiteraram a “ausência” da discriminação em Cuba, porque, segundo elas, ao promover as nacionalizações, não haveria mais a desigualdade econômica e racial. A propaganda oficial destoava da realidade, segundo especialistas, pois o problema persistia, sempre com prejuízo maior para a população negra.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> A Segunda Declaração de Havana (1962), entre seus diversos itens, afirma que Cuba havia “eliminado” o racismo, “*suprimiendo la discriminación por motivo de raza o sexo*”. Após isso, há décadas de silenciamento oficial sobre o tema, sobre o qual se trata ocasionalmente, como em 1986, quando Fidel Castro reconheceu a presença de poucos negros nos altos cargos nacionais. Cf. DE LA FUENTE, 2000, p. 279, 317. Para uma leitura crítica das relações raciais em Cuba nas últimas décadas, cf. NÚÑEZ GONZÁLEZ *et al.*, 2010.

Um dos argumentos reiterados pelos políticos cubanos baseia-se no texto “*Mi raza*”, de José Martí, líder da independência e considerado herói nacional. O artigo de 1893 é mencionado pelo Ministro de Relações Exteriores Raúl Roa na abertura do seminário internacional sobre o *apartheid* em Havana, como mostra o *noticiero* n. 763 (1976). No discurso, Roa lê excertos textuais de Martí que tratavam de questões humanísticas para desconstruir a ideia da superioridade branca sobre os negros e vice-versa.<sup>45</sup>

A utilização desse argumento teve, no final do séc. XIX, dois objetivos políticos: conter, por um lado, as reivindicações dos ex-escravizados/as por direitos ou reparações históricas, e, por outro, impedir que os fazendeiros continuassem recrutando de mão de obra barata. Há, nesse sentido, uma apropriação pelas elites cubanas desse discurso de suposta igualdade entre os diferentes sujeitos para manter o *status quo* à época, ou seja, seguir a exploração e exclusão social dos indivíduos já marginalizados após séculos de escravidão.

Essa lógica foi reapropriada décadas depois na Cuba socialista por suas autoridades, mas, desta vez, para desestimular a organização dos negros. Assim como era condenada todo tipo de “individualismo burguês” (*hippies*, Testemunhas de Jeová, adeptos/as do *rock*, etc.), os movimentos negros na ilha também foram perseguidos, minimizando as denúncias de racismo dentro do próprio país.

<sup>45</sup> Excertos do texto lidos no evento reafirmam a “igualdade de raças” em Cuba: “*Todo lo que divide a los hombres, todo lo que especifica, aparta, o acorrala, es un pecado contra la humanidad. Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro*”. Em outro trecho do artigo, Martí (1991) declara que “Em Cuba, não há nenhum temor pela guerra racial [...] não haverá nunca uma guerra de raças”. Tais argumentos justificariam as limitadas ações do regime revolucionário pós-1959 contra o racismo (p. 230-231). Jorge Domínguez, especialista sobre a sociedade cubana, afirmou que essa linha de raciocínio tratava-se de “mais hipocrisia racial do que democracia racial” (DOMÍNGUEZ *apud* MOORE, 1988, p. 334, tradução nossa). No original: “*racial hypocrisy rather than racial democracy*”.

Essa dinâmica entre o nacional e o internacional teve outros desdobramentos na ilha. O governo cubano apoiou o movimento negro norte-americano, responsável por denúncias raciais contra os EUA. As visitas de eminentes intelectuais antirracistas a Cuba, como Robert Williams, Stokely Carmichael e Angela Davis, que atenderam a convites oficiais, estimularam tentativas nacionais de auto-organização negra, contidas de modo autoritário pelo Estado (MOORE, 1988, p. 299-321). A ambivalência entre o apoio aos militantes americanos e a repressão a grupos políticos negros dentro do país configura-se em um “efeito de bumerangue” (ARENDT, 1979, p. 184) contra o regime de Fidel Castro, porque, ao utilizar a luta contra o racismo como arma política no exterior, a estratégia voltou-se contra a forma de condução do Estado levado a cabo dentro da ilha, expondo o próprio problema racial.<sup>46</sup>

Como recorda Achille Mbembe (2017), a organização dos negros por direitos faz parte da estratégia de reparar e restituir a humanidade roubada de seus antepassados desde os tempos de escravidão, período em que os capturados tiveram suas vidas adequadas às necessidades econômicas da lavoura nas Américas (p. 306). A recusa oficial, na ilha, em debater publicamente esses temas fez com que muitos/as afrodescendentes buscassem caminhos para que isso ocorresse.

Uma das maiores expressões de discriminação em Cuba foi a ausência de negros e negras no meio cinematográfico. Na direção de filmes, poucos nomes tiveram destaque no ICAIC, como Sara Gómez, Nicolás Guillén Landrián, Sergio Giral e Rigoberto

<sup>46</sup> Uma ação de intelectuais e artistas negros/as em Cuba ocorreu na abertura do Seminário Cultural de Havana em 1968. Nomes do cinema como Sara Gómez e Nicolás Guillén Landrián, além de poetas, jornalistas e escritores, pretendiam levar o tema do racismo ao evento, porém foram impedidos pelo regime. Houve prisões e internações psiquiátricas. Cf. MOORE, 1988, p. 307-312.

López, além de Jorge Fuentes nos ECITVFAR. Os três primeiros foram responsáveis por obras críticas que abordaram os temas do racismo e da escravidão (VILLAÇA, 2010, p. 244-253, 292-298). López e Fuentes destacaram-se por dirigir títulos sobre países africanos nos anos 1970 e 1980, e foram menos “incômodos” para o regime castrista.

Do mesmo modo, houve poucos atores e atrizes negras de relevância, dada a limitada oportunidade aos e às profissionais. Em 1960, a intérprete Betina Acevedo expôs o incômodo frente à situação:

Es preciso que ahora que se pueden reparar tantas injusticias, se incorpore el negro al teatro (cine, televisión, etc.), pero integralmente[,], no limitar al individuo por su color sino darle todas las oportunidades pero no al estilo yanqui, películas para negros solos porque eso además de ser absurdo puesto que no hay un mundo de negros ni siquiera en África (allí están los colonizadores blancos), esto resulta también una forma de discriminar pero a la inversa.[...] No hablo de actuación, hablo de nuestro derecho a actuar.<sup>47</sup>

A atriz denuncia a falta de oportunidades a profissionais negros/as, algo que já ocorria antes de 1959 e que, após a revolução, continuou acontecendo, frustrando as expectativas de mudança. Em outra passagem, Acevedo sublinha o problema em torno da escolha de personagens, “*en papeles que se suponían a la medida para él (esclavo, criada, etc.) y por lo tanto era doble discriminación*”.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Dos actores del ICAIC: Betina Acevedo, actriz de “Santa Clara”. *Cine Cubano*, La Habana, n. 03, p. 40, 1960.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem.*

Décadas depois, a produção ficcional sobre África corroborou a validade e a permanência do problema: a série *Algo más que soñar* (1985), com escassa presença negra no elenco, trata da história de um grupo de jovens que se formou em um colégio militar e cumpriu “missão internacionalista” em Angola. Na trama, a atriz Aida Hernández, que interpretou a bailarina Ana, é mostrada de modo secundário e vive um relacionamento turbulento com Carlos Manuel. Na cena do regresso dos oficiais, ao final do enredo, a personagem aparece como “babá” do filho de Amalia. Sua imagem, distanciada e em meio aos móveis, configura sua presença como um objeto cênico, no modesto apartamento (Imagem 43). A câmera apenas aproximou-se quando acompanhou o avanço dela a seu namorado, branco, para fazerem as pazes.



### IMAGEM 43

*Algo más que soñar* (Eduardo Moya, 1985, ECITVFAR): Ana aparece, ao fundo, com o filho branco de Amalia nos braços.

A inserção de personagens negros/as na filmografia cubana, sobretudo em papéis femininos, dificilmente ocupou um lugar de destaque. A abertura da revista *Cine Cubano* para a questão racial foi efêmera e seguiu o mesmo silenciamento das autoridades sobre o tema na ilha, com algumas exceções, como observado nas homenagens póstumas a Sara Gómez e análises de filmes sobre escravidão.<sup>49</sup>

Na história das intervenções militares de Cuba na África, houve exigências para a predominância de soldados negros em Congo-Léopoldville (“*primer frente*”, com Ernesto “Che” Guevara, 1965), Congo-Brazzaville (“*segundo frente*”, 1965) e Guiné portuguesa (PAIGC, 1966-1974). Com isso, procurava-se confundir os cubanos de pele escura com os africanos para, assim, não se levantar suspeitas do apoio estrangeiro nesses territórios. O enquadramento racial dos soldados e a necessidade de encobrir as ações impediram que militares cubanos de pele escura tivessem destaque na filmografia até 1974. Em relação ao MPLA, desde 1975, não houve essa solicitação, pois toda a ação era explícita e o movimento permitia a presença de mestiços e brancos em seus quadros, ao contrário da FNLA e da Unita.

Com o início da participação na guerra em Angola, Fidel Castro fez o anúncio público da ação no primeiro congresso do PCC em dezembro de 1975, meses após o começo da cooperação. A edição n. 744 (1976) do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, que

<sup>49</sup> Alejandro de la Fuente (2000) faz alguns apontamentos sobre o racismo na televisão e no cinema em Cuba, como as críticas de “racismo reverso” contra a roteirista Maité Vera por ela oferecer maior protagonismo a elencos negros. Ele também menciona os limites da filmografia que recorreu à mesma estratégia (p. 324-326). Na filmografia vista para este trabalho, Samuel Claxton, em *El corazón sobre la tierra* (Constante Diego, 1985, ICAIC) e *Caravana* (Rogelio Paris e Julio Cesar Rodríguez, 1990, ICAIC, ECITVFAR, LNC), e Idelfonso Tamayo, em *Algo más que soñar* (1985, ignorado nos créditos iniciais da série) e *Caravana*, foram atores negros em papéis com algum destaque, como generais de campanha na África.

informou sobre o suporte cubano ao MPLA, foi uma das poucas edições a abordar, explicitamente, o tema da escravidão, o que evidencia o quanto o tema era delicado para as autoridades políticas e culturais do país.

A matéria em questão divide-se em duas partes. Na primeira, mapas e letreiros informam aspectos gerais da escravidão na colônia espanhola, ressaltando datas, cifras e mapas.<sup>50</sup> Um desenho reitera a localização dos locais de onde vieram os/as capturados/as, que coincidem com os países com os quais Cuba mantinha laços diplomáticos, como Argélia, Guiné-Bissau, Congo-Brazzaville e Angola. A segunda parte da reportagem mostra Fidel Castro discursando e sua fala busca justificar historicamente a importância da presença cubana em Angola:

Los imperialistas pretenden prohibirnos que ayudemos a nuestros hermanos angolanos. Pero debemos decirles a los yanquis que no se olviden de que nosotros no solo somos un país latinoamericano sino que somos también un *país latinoaficano*. *La sangre de África corre abundante por nuestras venas*. Y de África, como esclavos, vinieron muchos de nuestros antecesores a esta tierra, y muchos que lucharon los esclavos, y muchos que combatieron en el ejército libertador de nuestra patria. Somos hermanos de los africanos. Y por los africanos estamos dispuestos a luchar (grifos nossos).

<sup>50</sup> Os dados sobre a quantidade de escravizados em Cuba foram veiculados em uma pequena publicação em 1977: “*La cifra sobrepasa seguramente el millón de personas: 146 000 de 1512 a 1799; 655 000 de 1800 a 1873*”. Cf. DE LA RIVA, 1977, p. 05. A escravização de africanos/as em Cuba foi uma das pioneiras nas Américas e só foi abolida em 1886, após a pressão antiabolicionista anterior à primeira guerra de independência, chamada Guerra dos Dez Anos, entre 1868 e 1878.

Ao trazer os aspectos históricos para seu discurso, o líder sublinha a relevância dos escravizados para o passado nacional, já que eles também integraram os exércitos *mambises* no contexto da independência. Imagens do séc. XIX de negros uniformizados com seus *machetes* (facões) e montados a cavalo remetem a esses personagens. Não há figuração de escravizados. A lógica implícita traz uma visão etapista do militarismo cubano dentro de um contexto internacional, que se inicia com a chegada dos escravizados, passa por sua inserção nas guerras pela soberania nacional e culmina no “retorno” à África, mas, dessa vez, enquanto soldados “internacionalistas” na luta anticolonial do continente.

As ideias de regresso à África são mais antigas. Na virada do século XIX para o XX, intelectuais negros pan-africanistas como Edward Wilmot Blyden e Marcus Garvey eram entusiastas do projeto do “retorno” das comunidades negras da América para a Libéria e fizeram ações nessa direção (HERNANDEZ, 2008, p. 141-145). Décadas depois, na Tanzânia do início dos anos 1970, o embaixador cubano Pablo Rivalta Pérez defendia que o regime castrista estaria disposto a contribuir nas independências africanas como “irmãos” (MOORE, 1988, p. 228). Em Havana, as autoridades impunham novo sentido ideológico ao trânsito internacional com fins de legitimação política.

Os “*blood links*” (“laços de sangue”), como se referiu Carlos Moore sobre o período (1988, p. 329), enquanto estratégia discursiva oficial para validar as alianças internacionais, seguiram ganhando relevância na filmografia. Na sinopse de *El octubre de todos* (Santiago Álvarez, 1977, ICAIC), observa-se o destaque do “componente” africano e árabe para os cubanos: “*Las raíces culturales de nuestro pueblo casi son totalmente africanas y aunque tenemos también sangre española en nuestras venas, no hay que olvidar que*

*los árabes estuvieron en España más de ocho siglos*”. Tais argumentos foram utilizados para conferir autenticidade às relações estrangeiras por meio do uso de justificativa “biológica”.

No cinema cubano, as ficções sobre escravidão ganharam algum impulso após 1972, quando Fidel viajou ao continente. Antes de 1975, poucos títulos abordaram o tema. Nos finais dos anos 1960, com a celebração do centenário do início da primeira guerra independência de 1868, prevaleceu a imagem do *mambí*, em geral ex-escravizado, dentro do movimento de comemorações. Na cultura nacional, a figura do *cimarrón*, fugitivo das fazendas, foi mais referenciada do que a do escravizado. Com a entrada de Cuba no conflito angolano, outros títulos foram lançados ainda nos anos 1970. A pesquisadora Mariana Villaça (2010, p. 294) recorda que essa filmografia era conhecida em tom jocoso como “*negrometrajés*” por ressaltar valores de “bravura excepcional” do negro, enquanto, sobretudo, força produtiva (nos canaviais) e força militar (nas guerras em África).<sup>51</sup>

Nas memórias de quem integrou as forças do “internacionalismo” cubano prevaleceu a ideia de “dívida histórica” com a África. O documentário *Cuba-Sudáfrica, después de la batalla* (1990) possui relatos de entrevistados que ressaltaram a existência desse “dé-

<sup>51</sup> As referências fílmicas sobre escravizados ou fugitivos são produções do ICAIC. Sergio Giral, cineasta negro, dirigiu o curta-metragem *Cimarrón* (1967) e os longas ficcionais *El otro Francisco*, *Ranchedor* e *Maluala* (1974, 1976 e 1979, respectivamente). Além desses títulos, na série Enciclopedia Popular há uma edição sobre *Esclavitud*, dirigida por Santiago Villafuerte em 1964. Cf. Filmografía del cine cubano. **Cine Cubano**, La Habana, n. 23-24-25, p. 138, 1964. Nicolás Guillén Landrián, em *Coffea Arábica* (1968), menciona o tema no início do curta-metragem. O filme sobre escravidão mais recordado no cinema cubano é *La última cena* (Tomás Gutierrez Alea, 1976). A celebrada imagem do *mambí* teve seu maior destaque em *La primera carga al machete* (Manuel Octavio Gómez, 1969). Já o *cimarrón*, no curta-metragem homônimo e em *Ranchedor*, ambos de Sergio Giral (1967, 1976). No campo das letras, o livro *Biografía de un cimarrón* (1966), de Miguel Barnet, conta a trajetória do centenário Esteban Montejo, ex-escravizado e *mambí*.

bito”, havendo, inclusive, quem mencionasse haver encontrado elo com familiares em Angola. Carlos Moore (1988) destaca que, além das ansiedades e expectativas na população afrodescendente sobre os laços cubanos com o MPLA, muitos voluntários retornaram da experiência interessados na questão religiosa de matriz africana na ilha (p. 344).<sup>52</sup>

A narrativa oficial sobre as relações entre Cuba e países africanos, que dificilmente voltou a mencionar termos como “*país latinoafriano*”, encontrou respaldo social e acabou sendo apropriada pela comunidade negra na ilha. Essa construção de sentidos a partir dos/as anônimos/as conferiu relevância aos negros e ocasionou práticas oportunas, à margem dos ditames oficiais e da filmografia discutida neste trabalho. Segundo Paul Giroy (2001), a propósito da sua ideia de “Atlântico Negro”, que se encontra à margem das políticas oficiais de Estado:

Onde as comunidades de interpretação, necessidades e solidariedade sobre as quais se assentam as culturas do Atlântico negro se tornam uma multiplicidade intelectual e política, elas assumem uma forma fractal na qual a relação entre comunidade e diferença se torna tão complexa que pode continuamente enganar os sentidos. Nossa capacidade de generalizar e comparar as culturas negras é circunscrita, portanto, pela escala de análise que está sendo realizada (p. 241).

O envio massivo de armas e soldados para Angola ficou conhecido, oficialmente, como “Operação Carlota”, nome dado em

<sup>52</sup> Catarina Laranjeiro (2019) atesta que, apesar da ideia de “dívida histórica” surgir em Cuba a partir da intervenção cubana em Angola, o argumento abrange as memórias de quem passou pela África antes de 1975, como as de quem esteve na Guiné portuguesa e em Guiné-Conacri entre 1966 e 1974 (p. 03-07).

referência à escravizada “Negra Carlota”, líder de uma revolta na fazenda Triunvirato, província de Matanzas, em 1843. Quem “bati-  
zou” a intervenção militar de 1975 foi Gabriel García Márquez em  
texto homônimo publicado em diversos meios jornalísticos no iní-  
cio de 1977. As convergências compartilhadas entre os episódios  
de 1843 e 1975 eram: a data (05 de novembro), o mesmo “espírito  
de rebeldia”, e a origem africana da escravizada e dos combatentes  
negros, que compunham boa parte do contingente cubano em An-  
gola.<sup>53</sup> Apesar disso, a produção audiovisual raramente fez menção  
ao termo que remeteu à líder rebelde.

O documentário *La guerra en Angola* (1976) nomeia o avan-  
ço militar contra a África do Sul, em 1976, como “Operación Ge-  
neral Antonio Maceo”, em alusão ao líder negro da independência  
cubana. Na década seguinte, apenas o curta-metragem *Operación  
Carlota* (Belkis Vega, 1986, ECITVFAR) mencionou a ação tal  
como foi divulgada em 1977.<sup>54</sup> No documentário *Mandela visits  
Cuba* (1991), mostrou-se a efeméride em homenagem ao visitan-  
te na província onde houve a revolta de 1843, “encerrando” sim-  
bolicamente o ciclo iniciado em 1975. O evento ocorreu em 26  
de julho de 1991, dia em que se comemora anualmente o cerco ao  
quartel de La Moncada pelo MR26, em Santiago de Cuba, no ano  
de 1953. Dessa forma, o Estado cubano cria seus próprios referen-  
tes, seguindo caminho distinto ao percorrido pelas comunidades  
negras que estiveram em Angola, dentro de sua própria dinâmica.

Para além da operação “Carlota” e da data do evento de 1991,

<sup>53</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Operación Carlota. **Tricontinental**, La Habana, n. 53, 1977, p. 04-25. Sobre a importância do escritor no apoio a Cuba, cf. COSTA, 2013.

<sup>54</sup> Pesquisadores/as como Piero Gleijeses (2007) e Christabelle Peters (2012) definem a “Operação Carlota” como o período inicial do suporte militar a Angola, em 1975. Milton Díaz-Cáncer (2012) e os militares cubanos que dão testemunho no livro utilizam a expressão para compreender todo o período 1975-1991.

a comparação entre eventos nacionais com os principais movimentos militares em Angola deu ensejo a outros paralelos. O primeiro foi a alusão a Girón, em 1961, quando os revolucionários venceram as tropas invasoras de exilados cubanos. No cinejornal n. 758 (1976), Fidel Castro encerra o evento do 15º aniversário do conflito comparando-o com os recentes sucessos: “*La victoria de Angola fue hermana gemela de la victoria de Girón. Angola constituye para los imperialistas yanquis un Girón africano*”. A ideia de “Girón africano” ganhou visibilidade na imprensa cubana e em cartazes.

Na segunda oportunidade, o reforço militar na batalha de Cuito Cuanavale entre novembro de 1987 e agosto de 1988 foi intitulado “Manobra XXXI Aniversário”, conforme mostrou a série *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana* (1988). A nomenclatura alude ao desembarque do barco Granma em Cuba (1956) durante o processo da luta armada. O esforço de associar o conflito em Angola com as etapas iniciais da revolução, cristalizadas na memória oficial dada a reiteração do festejo de aniversários, teve, mais uma vez, como objetivo legitimar a atuação internacional. A celebração do centenário da “*protesta de Baragua*” (1878) no mesmo dia de anúncio do final da Guerra do Ogadén, na Etiópia, também faz parte do mesmo processo, conforme vimos no capítulo anterior.

Pelo lado dos regimes políticos africanos, houve referências às antigas contestações sociais ao colonialismo europeu, que foram apresentadas como a origem dos movimentos nacionalistas modernos dos anos 1960 e 1970. Tal relação com o passado seguiu a mesma lógica defendida pelo governo em Cuba, quando passou-se a reivindicar as guerras de independência do século XIX como a gênese dos conflitos armados contra Fulgencio Batista e seu governo. Após 1959, imagens de figuras importantes como José Martí e

Antonio Maceo passaram a ocupar massivamente o espaço público e os discursos das autoridades políticas da ilha.

Dessa forma, *Nova sinfonia* (1982) exhibe Samora Machel no evento em homenagem a Gungunhana, líder dos guerreiros *nguni* no Império de Gaza derrotado pelos portugueses em 1895, cujo legado foi reivindicado pela Frelimo. Por sua vez, *Breve carta de Namíbia* (Rigoberto López, 1987, ICAIC) recupera a revolta dos hereros e namas liderada por Samuel Maharero e Hendrik Witbooi contra os alemães em 1904, para narrar a origem da SWAPO.

O documentário *Angola, victoria de la esperanza* (1976) remete-se à rainha Nzinga Mbandi, que manteve relações complexas de poder, entre negociações e batalhas, com os portugueses no séc. XVII. A personagem foi exaltada no MPLA, assim como pela Unita (FONSECA, 2014, p. 114). Um discurso no filme conduzido por duas mulheres, Virinha e Rodeth, faz a ponte temporal entre os séculos:

(RODETH) En el recuerdo del pueblo angolano, nuestra historia es una historia muy importante, principalmente en lo que se refiere a la mujer angolana. La Reina Jinga fue una de las primeras heroínas angolanas. Fue ella precisamente quien comenzó a hacer las coaliciones para unir el pueblo angolano.

(VIRINHA) Por tanto, fue ella la primera que tuve en mente la signa “Un solo pueblo, una sola nación”.

(RODETH) Nuestra figura, la apariencia de la mujer angolana, constituye perfectamente el cuerpo de la Reina Jinga. Pero yo pregunto, camaradas, ¿murió realmente la Reina Jinga?

(CORO) ¡No!

(RODETH) ¿Cuántas Reinas Jingas ya tenemos desde ella hasta hoy?

(CORO) Jinga, Deolinda, Teresa, Irene, Lucrecia, Engracia, Elena, María.

A cena estabelece um elo entre a rainha do séc. XVII e a memória política do MPLA, uma vez que cinco dos nomes listados ao final (a saber: Deolinda Rodrigues, Teresa Afonso, Irene Cohen, Lucrecia Paim e Engracia dos Santos) são de mártires do grupo angolano, mortas após serem capturadas por homens da FNLA em 1967. Frederick Cooper (2008) ressalta que os vínculos entre os diferentes contextos fizeram parte da estratégia de legitimação dos poderes constituídos, e que a historiografia dos anos 1960 a reproduziu, corroborando a ideia de Estado centralizado, sem considerar, contudo, as complexidades em torno dos primeiros movimentos de oposição, em grande parte descentralizados, ao colonialismo (p. 26-27).

Para os regimes políticos da África, a mobilização política do passado foi um dos aspectos que serviram ao propósito de construção e validação do Estado nacional. Com as mesmas finalidades, os novos governos necessitavam organizar o setor educacional para formar técnicos, docentes e cidadãos das novas pátrias, encontrando respaldo em países capitalistas e socialistas. O audiovisual também registrou esse processo, em Cuba.

### **4.3. A AJUDA A PAÍSES AFRICANOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR**

Para gerir a administração estatal no pós-independência e ampliar o acesso à educação, alguns governos e grupos africanos recorreram à colaboração de especialistas estrangeiros e enviaram jovens para estudar no exterior. Funcionários técnicos e administrativos,

majoritariamente brancos durante a colonização na África Austral, deixaram seus postos para retornar à Europa a partir das emancipações políticas dos anos 1970. Em Cuba, por sua vez, foram criadas escolas básicas e técnicas para receber crianças e adolescentes africanos.

A experiência educacional cubana desde 1959, com planos de erradicação do analfabetismo, foi vista com simpatia pelo mundo e, em especial, pelos países recém-libertos do colonialismo, onde a imensa maioria foi privada do acesso à educação formal. Sékou Touré, presidente da Guiné-Conacri, enviou quinze jovens para Havana em outubro de 1960 (MENDY, LOBBAN JR., 2013, p. 112), e a FLN argelina, em 1962, órfãos de guerra para serem educados na ilha. A partir dessas experiências iniciais no Sul Global, diversos Estados e movimentos político-militares mandaram jovens a Cuba para formação nos níveis básico, médio e superior, havendo, em contrapartida, relatos de racismo contra os africanos.<sup>55</sup>

O regime de Fidel Castro seguia os mesmos passos dos soviéticos, que acolheram milhares de jovens na Universidade de Amizade dos Povos Patrice Lumumba, criada originalmente em 1960,

<sup>55</sup> Carlos Moore (1988) recorda os problemas com racismo que 19 jovens da Guiné-Conacri sofreram em Havana em 1961: “No geral, as impressões do grupo sobre as condições em Cuba eram negativas. Os estudantes sentiram que as autoridades cubanas estavam fortemente ressentidas dos anseios em estabelecer contatos pessoais com cubanos negros. Eles sentiram que os cubanos brancos, incluindo altas autoridades, eram patentemente ‘racistas’ em seu tratamento com os negros” (p. 131, tradução nossa). Excerto no original: “*As a whole, the group’s impressions of conditions in Cuba were negative. The students felt that the Cuban authorities strongly resented their attempts to establish personal contacts with black Cubans. They felt that white Cubans, including high-ranking authorities, were patently ‘racist’ in their treatment of Blacks*”. Cabe ressaltar que, apesar do gradual crescimento no número de jovens africanos/as no país, não há menção sobre eles em tela nos anos 1960 por causa do sigilo das operações. Historicamente, na ilha, houve também casos de discriminação contra a comunidade sino-cubana, descendente da imigração chinesa ao país no séc. XIX, e os soviéticos, chamados vulgarmente de “*bolos*”, que viviam em Cuba desde a década de 1960. Agradecemos as observações de Ignacio Del Valle Dávila sobre esses temas.

no contexto das independências e de expansão dos contatos em África. Apesar das contribuições dos países socialistas, potências capitalistas como EUA e França também receberam milhares de estudantes africanos desde o início dos anos 1960 (KATSAKIORIS, 2017, p. 277-282).<sup>56</sup>

Em 1977, foram inauguradas diversas escolas na Ilha de Pinos, onde os membros sobreviventes do MR26 estiveram encarcerados nos anos 1950. Trata-se da ampliação das Escolas Secundárias Básicas no Campo (ESBEC), criadas em 1971 a partir de experiências anteriores de “reeducação social”.<sup>57</sup> A principal característica dos 535 estabelecimentos (22 deles eram para africanos/as) foi o ensino básico e técnico, com a maioria das aulas em espanhol, ligadas ao trabalho no campo e com rígida disciplina em ambas as frentes (HATZKY, 2012, p. 207).<sup>58</sup> Em 1978, o governo oficializou o nome insular para Ilha da Juventude.<sup>59</sup>

Segundo Carlos Moore (1988), a criação desses espaços para africanos/as visava deixar estrangeiros/as, sobretudo negros e negras, afastados/as da região metropolitana de Havana, evitando possíveis casos de racismo na capital (p. 254). Os países ou movimentos contemplados no projeto faziam o processo de seleção. Houve acusações de favorecimento ilícito dos filhos das metrôpo-

<sup>56</sup> Moore (1988) relata casos de racismo e revolta de estudantes negros africanos na URSS e Leste Europeu nos anos 1960 (p. 159-160).

<sup>57</sup> Os documentários do ICAIC dirigidos por Sara Gómez *En la otra isla* (1968), *Una isla para Miguel* (1968) e *Isla del Tesoro* (1969) retratam os problemas sociais vividos em Cuba por meio das entrevistas de jovens enviados para a então Ilha de Pinos.

<sup>58</sup> Piero Gleijeses (2015b) afirma que o regime cubano recebeu, entre 1976 e 1991, na Ilha da Juventude, um total de 50.727 estudantes estrangeiros, entre africanos/as, latino-americanos/as e asiáticos/as (p. 437-438). Em 1988, quando se anunciou a impossibilidade de continuar o projeto educacional, havia 18.075 estudantes da África Subsariana nas escolas da região (p. 392). Nas escolas de países africanos, aulas de História, Geografia e Língua nacional eram ministradas, preferencialmente, por concidadãos/as dos/as jovens.

<sup>59</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 878 (1978).

les em detrimento dos camponeses, além de queixas sobre as dificuldades para contato dos jovens com as famílias em África.<sup>60</sup>

A partir dos anos 1970, as visitas oficiais de líderes africanos a Cuba incluíram idas a escolas secundárias e universidades. Em 1972, Fidel Castro havia conhecido alguns estabelecimentos de ensino na Guiné-Conacri, como retratado nos documentários da época. Como anfitrião, o “Comandante-em-chefe” acolheu e visitou a Escola Pedagógica Salvador Allende, em Havana, ao lado de Julius Nyerere, da Tanzânia, conforme noticiou o cinejornal n. 676 (1974).

Os regimes africanos mais próximos do governo castrista foram os que tiveram maior número de estudantes na Ilha da Juventude. Angola e Moçambique foram os primeiros a enviar contingentes de jovens para as ESBECs, em 1977. No caso angolano, cinco escolas receberam nomes de mártires do MPLA (Agostinho Neto, Hoji Ya Henda e Saidy Mingas). Também houve homenagem a um soldado cubano morto em combate no ano de 1975, na guerra pela independência de Angola (Leovigildo Ramírez Batista). Cinejornais e filmes documentaram a presença dos/as menores nas escolas.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> No caso de Moçambique, a maioria dos jovens eleitos eram filhos/as das elites do Sul, não havendo quase nenhum/a jovem do campo que residisse no centro ou norte do país, locais onde havia maior demanda por educação. Cf. BRITO, 2019, p. 106. No Frente Polisário, ex-estudantes denunciam as arbitrariedades do movimento de independência em relação aos contatos familiares e à escolha da carreira. Cf. RIVEROS, 2018. O mesmo ocorria em outras ocasiões desde os anos 1960, como no grupo de Amílcar Cabral, quem decidia a profissão dos jovens enviados a Cuba, como no exemplo dos cineastas Flora Gomes, que desejava ser esportista ou trabalhar com Educação Física, e Sana na N’Hada, que almejava estudar medicina. Cf. CÉSAR; HERING; RITO, 2017, p. 28.

<sup>61</sup> As referências aos/às jovens angolanos/as na Ilha da Juventude foram esparsas. Apenas o documentário *Vento de esperança* (Asdrúbal Rebelo, 1982, LNC, ICAIC) dedicou-se ao tema. No cinejornal, o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 863 (1978) mostra alunos/as cantando, com menções ao MPLA, na visita de Mengistu Haile Mariam a Cuba; em Angola, o *Jornal de Actualidades* n. 18 (1979), intitulado “Chefe de Estado recebe estudantes

Crianças e jovens de Moçambique, Etiópia, Frente Polisário e Congo-Brazzaville foram citados no cinema em Cuba. Durante a visita dos respectivos líderes aos espaços de ensino, havia apresentações culturais, como dança e canto. Em alguns casos, alunos/as falavam sobre as atividades nas escolas, como os pequenos moçambicanos fizeram para o cinejornal cubano n. 836 (1977). Outros títulos dão conta não apenas dos africanos, mas dos estudantes em geral. Ainda que de maneira fragmentada, a produção fílmica enfatizava os laços com países da África que, no conjunto, mostraram-se substantivos e, embora houvesse destaque para a cooperação civil, a questão militar também se fez presente.<sup>62</sup>

Sobre os jovens sul-africanos enviados à Ilha da Juventude a pedido do ANC, o pesquisador Piero Gleijeses (2015b) afirma que muitos se recusaram a estudar, pois ansiavam combater com armas de fogo (p. 106-107, 112). A documentação oficial cubana ratifica o compromisso de suas autoridades em educar os menores militarmente, privilegiando também a formação de jovens universitários e guerrilheiros (GLEIJESES, 2015b, p. 106, 112).

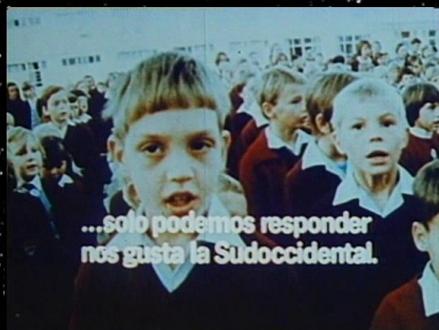
---

angolanos em Cuba”, exibiu imagens da visita de Agostinho Neto à Ilha. Cf. No 3º dia da sua estadia em Cuba Presidente Agostinho Neto visitou a Ilha da Juventude. **Jornal de Angola**, Luanda, p. 01, 06, 27 jan. 1979. A animação *N’Vula* (1981) abre com imagens documentais de crianças dos “três mundos” na praia, e uma menina angolana inicia a história do curta-metragem; 1981 foi o mesmo ano do documentário *Volverán a reir* (Miguel Fleitas, ICAIC) com menores do Sul Global para protagonistas. Para mais informações sobre as relações bilaterais Cuba-Angola no campo da educação, cf. HATZKY, 2012.

<sup>62</sup> Moçambique: *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 836 (1977) e documentário *Bienvenidos!* (Manuel Herrera, 1977, ICAIC); Etiópia: *Noticiero* n. 863 (1978), e *Misión cumplida* (Romano Splinter, 1984, ECITVFAR); Frente Polisario: *Noticiero* n. 1072 (1982); Congo-Brazzaville: *Noticiero* n. 1082 (1982); de várias nacionalidades: documentário *Volverán a reir* (Miguel Fleitas, 1981, ICAIC). *Responde tu que llamo yo* (Miguel Ángel Oro, 1983, ECITVFAR) trata do III Festival de Estudantes Africanos em Cuba. No *Noticiero* n. 1065 (1982), João Bernardo “Nino” Vieira é mostrado durante visita uma escola na Ilha da Juventude. A lista completa de países africanos beneficiados pela cooperação é imprecisa, porém sabe-se que estão incluídos Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Gana, Burkina Fasso, Zimbábue e Sudão. Cf. RISQUET VALDÉS, 1987.

Por outro lado, estudantes refugiados/as da Namíbia estiveram nas ESBEC, incluindo alguns sobreviventes da matança em Cassinga, no sul de Angola, em 1978. O massacre resultou na produção de narrativas dramáticas. O média-metragem *Los hijos de Namibia* (Rigoberto López, 1987, ICAIC) apresenta a comunidade estudantil na Ilha da Juventude e revela o drama de quem sobreviveu à opressão do regime do *apartheid*, expandido ao Sudoeste Africano e Angola, no caso de Cassinga.

Nesse documentário, jovens falam, com amplo domínio do espanhol, inglês e ovambo, sobre suas vidas em terras africanas, os estudos em Cuba e as expectativas em relação ao futuro namíbio. Prevaecem na narrativa palavras de ordem da SWAPO, a execução de seu hino no início do turno, e relatos biográficos, intercalados com imagens contrapostas da segregação social na África Austral e as de alegria na Ilha da Juventude (Imagens 44 e 45). Ao final, há uma dramatização de como ocorreu a violência sul-africana em Cassinga, em 1978, com explosões, encenação de mortes e mensagens de esperança pela independência (Imagem 46).



## IMAGENS 44-46

*Los hijos de Namibia*

(Rigoberto López, 1987, ICAIC):

estudantes numa escola na África Sudoccidental, crianças na Ilha da Juventude e representação do massacre de Cassinga.

As imagens que remetem a Namíbia são de opressão contra negros, e as das escolas cubanas, de alegria durante os estudos. A encenação sobre o massacre de Cassinga constitui-se como recurso para justificar a luta armada e o suporte cubano ao movimento namíbio. Desde sua abertura, a cargo de “*Peter Shebama / Representante de la SWAPO / en América Latina*”, conforme os letreiros iniciais, passando pelas imagens dos soldados do coletivo em posição de ataque, o filme expõe o ponto de vista da SWAPO sobre Namíbia. A presença dos/as jovens do protetorado sul-africano na Ilha da Juventude expõe a face mais evidente, no espaço público, desse apoio. O curta-metragem *La última colonia* (Estela Bravo, 1990, Bravo Films) entrevistou ex-estudantes namíbios/as da Ilha que davam suporte ao então partido político em Windhoek, capital do país recém-independente.

Além de receber estudantes de África, Cuba enviou docentes aos governos ou movimentos mais próximos do regime. Clara Riveros (2018), por exemplo, noticiou a formação de curta duração em pedagogia nos acampamentos da Frente Polisario em Tinduf, na Argélia, por meio da Universidade “ambulante” de Havana, entre 1981 e 1983, pouco divulgado à época. *Noticieros* mostraram a partida, desde a capital cubana, de dois “destacamentos pedagógicos Che Guevara”, com voluntárias (maioria) e voluntários que relatavam tanto as expectativas como as experiências em 1978 (cinejornal n. 857) e 1979 (n. 908) em Angola. No cinema documentário, o filme *Lejos de la patria (Destacamento pedagógico em Angola; Melchor Casals, 1982, ICAIC, Instituto Angolano de Cinema, IAC)* entrevista voluntários/as de Cuba, além de alunas/as africanas/as, que relatam as dificuldades de alimentação e infraestrutura para os profissionais trabalharem e os menores estudarem.

Tais menções sobre o labor de educadores/as em África no

cinema cubano configuraram-se como referências esparsas, uma vez que, nesse campo, a ênfase, quando o houve, foi na recepção aos/às jovens do continente. Com a crise do mundo soviético, a experiência na Ilha da Juventude foi parcialmente encerrada, em algumas ocasiões de modo conflituoso.<sup>63</sup>

#### 4.4. O FIM DOS COMBATES, AS FAMÍLIAS E OS TRAUMAS SOCIAIS

O envio de soldados e civis para as colônias e países africanos foi uma prática do governo cubano que remonta aos anos 1960, quando o regime prestou ajuda, inicialmente, a um conflito armado em suporte à FLN argelina. Toda a negociação envolvida no processo, o envio de armas, soldados, médicos/as e *corresponsales de guerra*, acrescido o pacto de silêncio nos meios de comunicação, serviram como primeira experiência internacional. Não houve, portanto, menções à presença dos soldados em África, aos mortos em combate ou à reação de suas famílias dos falecidos.

A partir de 1975, com a participação cubana na guerra entre o MPLA e de grupos antagônicos pela soberania nacional em Angola, a situação mudou parcialmente. Os filmes passaram a dar maior protagonismo aos militares cubanos no campo de batalha dentro de uma série de estratégias de legitimação da presença de Cuba no exterior. Ainda assim, não se falava sobre os caídos em combate nem sobre seus familiares, o que colaborava para a construção de uma ideia de invencibilidade dos soldados cubanos.

<sup>63</sup> Em 1991, jovens moçambicanos protestaram contra as más condições das escolas em Cuba e acabaram sendo deportados, como mencionamos no capítulo anterior. Christine Hatzky (2012) ressalta a dificuldade em saber o número exato de crianças e jovens de Angola que passaram pelas ESBE da Ilha da Juventude. Ela diz haver evidências de que nos anos 2000 havia estudantes angolanos no espaço (p. 156). Há casos recentes de protestos de estudantes universitários de Angola em Havana devido à falta de assistência por parte da diplomacia africana. Cf. CALUETO, 2020.

Na década posterior, surgem as primeiras menções a cubanos mortos em terras africanas. O *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1174 (1984), dirigido por José Padrón, informou o público sobre o atentado, executado pela Unita, contra voluntários do setor de construção civil. As fotografias das vítimas estamparam a tela ao final da matéria. Os construtores eram civis, o que expõe a covardia do ato, fazendo com que a reportagem denunciasse o movimento apoiado pela África do Sul.

A representação dos militares, portanto, segue essa lógica de invencibilidade por meio da omissão das vítimas entre os uniformizados. Na ficção, há referências a soldados mortos nos anos 1980 e a série *La gran rebelión* (1982) se constitui como primeiro exemplo disso. Seu enredo narra a trajetória de Alejandro Frías desde a guerrilha na Sierra Maestra, durante os desafios militares e políticos no pós-revolução em Cuba, até a liderança de batalhões em Angola e na Etiópia. Junto a Frías, mostra-se o desenvolvimento e expansão do próprio MINFAR. Em determinado momento do filme, surge a informação de que o comandante Varela, próximo a Alejandro, havia morrido em uma “*misión*” no exterior em meados dos anos 1960.

Cruzando as referências de época que a série representa, como a fundação do PCC em 1965, podemos pensar que o militar poderia estar no Congo-Léopoldville junto ao “Che”, porém não há explicações. A informação é vaga, pois, no contexto, as operações combativas no exterior aconteciam em segredo até para familiares e amigos. Alejandro supõe que Varela estivesse em treinamento na URSS, como ele próprio esteve, justificativa frequentemente dada aos mais próximos para a partida de soldados para batalhas fora do país. O próprio Alejandro recorreu a esse artifício, informando aos filhos e à esposa que faria treinamentos com soviéticos, porém seu destino era participar de missões militares em Angola e na Etiópia.

Na prática, as famílias não sabiam para onde seus entes eram enviados, embora desconfiassem, mas, por receio, não se manifestavam publicamente a respeito. De fato, cartas eram trocadas entre os soldados que estavam no exterior e suas famílias em Cuba, porém isso se dava via código postal em Havana, pois acreditava-se que governo enviaria as missivas para Moscou por via diplomática. Por causa dessa mediação oficial, a carta tardava meses até chegar a seus destinatários. Segundo Piero Gleijeses (2007), havia todo um processo de revisão de seus conteúdos pelos setores de inteligência antes de despachá-las a seus destinos, visando manter as ações cubanas no exterior em segredo (p. 322).

*La gran rebelión* expõe as justificativas para o silenciamento oficial sobre o destino dos voluntários e indica que, nos anos 1980, a prática caiu em desuso, por isso seria viável sua representação.<sup>64</sup> Ainda assim, seguia em Cuba a falta de informações sobre o que de fato ocorria em Angola, para onde a maioria dos soldados eram enviados e as famílias, cientes.

Jorge Risquet Valdés, autoridade castrista em África, pontua aos cubanos em Sumbe, maio de 1984, os limites da divulgação do que se passava no país. Seu discurso aconteceu após uma série de ataques da Unita (1983-1984) a Cangamba, Huambo e na própria cidade na qual estava o representante oficial cubano:

En realidad, como acostumbramos a publicar noticias de los combates que hay en Angola, por *razones obvias de no inquietar las familias cubanas*, en un país como éste donde hay decenas de miles de cubanos civiles y militares, *no se pudo rendir el público*

<sup>64</sup> O documentário *Los recuerdos no se alejan de mí* (1985, Miguel Fleitas, ECITVFAR) tematiza sobre as cartas que os cooperantes cubanos recebiam em Etiópia, e *Cuba-Sudáfrica, después de la batalla* (1990) exhibe cenas de soldados em Angola recebendo suas correspondências.

*homenaje* que hubieran merecido todos ustedes, *aunque algún día cuando llegue el momento, esto se hará*, porque ustedes, cubanos y angolanos de Sumbe, escribieron una página histórica y una página de gloria y aquí se derramó junta sangre de cubanos y sangre de angolanos y se frustraron los siniestros y cobardes planes del enemigo.

Es decir, *sin publicidad por el momento*, el compañero Fidel les envió un cálido mensaje que ustedes conocieron y también se acordó en el Consejo de Estado condecorar a los compañeros de Sumbe, tanto como combatientes internacionalistas, como trabajadores internacionalistas, en un acto solemne que se efectuó aquí (RISQUET VALDÉS *apud* CONCEPCIÓN, 1987, p. 188, grifos nossos).

A decisão de não divulgar o que ocorria em Angola se justificava por razões familiares. Com isso, a estratégia oficial foi a da redução de cinejornais sobre a África, o que colaborou para a intensificação da necessidade de tratar, em algum momento, da morte dos cooperantes no continente africano. Com isso, o regime também visava ocultar o impasse na frente de combate, bem como o número de baixas sofridas no período.

Após os mencionados ataques de 1983-1984 aos voluntários cubanos, alguns documentários e, sobretudo, ficções começam a se referir aos mortos em combate. O curta-metragem documental *Con el corazón en la tierra* (Constante Diego, 1982, ICAIC), exibido discretamente na ilha, apresenta a história de Carlos Almenares e sua luta para organizar uma cooperativa agrícola. Tratava-se da realização de um projeto do filho, o soldado Carlos Rafael Almenares, morto aos 18 anos na Etiópia em fevereiro de 1978. Seu nome deu título à entidade fundada pelo pai.

O mesmo enredo foi adaptado para a ficção em longa-me-

tragem homônimo dirigido pelo mesmo diretor (1985, ICAIC). A história mostra o luto do personagem Carlos pelo filho e a homenagem póstuma a ele por meio da nomeação de uma sala de exposição com seu nome. A tensão no enredo fica por conta do personagem Gallego, amigo de Carlos que resistia à ideia da cooperativa por conta de sua acentuada desilusão e descrença com os projetos de Estado após ter combatido no exterior. No entanto, na narrativa predomina o discurso de que o vínculo entre a associação, estimulada pelo governo cubano desde meados dos anos 1970, e a homenagem ao “internacionalista” morto na Etiópia resultou na transformação do luto em ação social e na superação do “individualismo” e do “pessimismo” de Gallego.

Em obras posteriores, a morte de soldados em combate passa a ser retratada de modo heroicizado. É o caso da série *Algo más que soñar* (1985), filmada em Cuba, composta por nove capítulos, exibidos entre os meses de julho e setembro. A obra acompanha o processo de formação de um grupo de jovens, desde o colégio secundário, a escola militar até o combate armado em Angola ao lado de forças da FAPLA, contra a Unita e representantes da África do Sul. Dramas familiares e problemas conjugais permeiam a vida dos futuros combatentes “internacionalistas”.

A morte de Ignacio, ocorrida durante uma batalha, é narrada com maior carga de emoção, incluindo câmera lenta e ênfase na trilha musical, em diálogo com uma estrutura dramática do cinema comercial. Pouco antes, a narrativa mostrou um soldado angolano também sendo morto em meio à troca de tiros, porém não houve o mesmo tratamento fílmico para esse evento, constituindo-se como episódio secundário perante a morte do jovem cubano.

Após a vitória cubano-angolana na frente de combate, os amigos Maximo, Antonio e Carlos Manuel foram dar a notícia à com-

panheira de Ignacio, Amalia, que cuidava do filho recém-nascido junto a Ana. A expressão emocionada da jovem em primeiro plano sublinha, inicialmente, os sentimentos de perplexidade e reflexão e, depois, de orgulho pelo ato heroico do amado (Cena 09). Ao final da série, ela passeia com o filho no Parque Lenin, indicando que no futuro a criança será amparada pelo socialismo.



### CENA 09

*Algo más que soñar* (Eduardo Moya, 1985, ECITV FAR): Amalia recebe a notícia da morte do companheiro Ignacio pelos amigos Maximo, Antonio e Carlos Manuel.



### VER CENA

Clique no ícone e assista ao trecho referido.

Os aspectos ideológicos do “internacionalismo proletário” ganharam novos contornos por meio da substituição das consignas e palavras de ordem por manifestações sentimentais que também evidenciavam significados políticos. Por essa perspectiva, a cena

acima indica o posicionamento esperado do público, dialogando, nesse sentido, com as famílias dos cubanos que estavam na África. Ao dar a triste notícia para a personagem, os oficiais, com expressão grave e trajados com seus uniformes e medalhas, representam, por um lado, a oficialidade e heroicidade de combatentes e, por outro, a “família militar”, por meio da proximidade (abraço) e da solidariedade aos familiares dos mortos.

A imagem dessa “família” uniformizada foi construída ao longo da série, porque muitos dos problemas que os jovens viviam foram atribuídos a divergências entre pais e filhos, cuja resolução deu-se pela formação militar dos oficiais, que os tornou mais responsáveis perante a sociedade. Recordamos que a produção televisiva é dos ECITVFAR, que desejavam veicular uma imagem “positiva” e afetiva da corporação militar por estratégias narrativas devedoras das convenções melodramáticas.

A heroicização da morte do combatente “internacionalista” também foi exposta na ficção *Caravana* (1990), filmada integralmente em Angola. A trama exhibe a missão de um comboio militar encarregado de enviar suprimentos a uma base no interior do país, em meio a ataques da Unita que, por sua vez, era apoiada por oficiais sul-africanos. Patricio Wood, ator que deu vida ao personagem Carlos Manuel em *Algo más que soñar* (1985), interpreta no longa de 1990 “El Rubio”, cuja morte também foi pautada pela emotividade.

O tom desejado pelo poder político em Cuba no tributo aos mortos e no registro do retorno dos soldados desde Angola deu-se também em cinejornais e no documentário, seguindo a narrativa oficial das relações com a África. O documentário *Roja es la tierra* (1985) foi dedicado “*A la memoria de Comandante Raúl Díaz Argüelles (Domingo da Silva) y de todos los internacionalistas cubanos*

*caídos en Angola*”. Díaz Argüelles foi um dos principais articuladores da MMCA, morto em meio aos conflitos em 1975. A obra refere-se, portanto, aos caídos nas batalhas angolanas, porém não apresenta dados oficiais.

Nessa obra, a questão familiar fez-se presente por relatos de soldados cubanos, que afirmavam sentir saudades do lar, e pela exibição dos filhos e esposa do coronel Silviano em Cuba, pois o oficial estava missão no interior de Angola. O filme transmite a ideia de que os voluntários estariam na fase final da missão e que retornariam em breve para casa, de acordo com a fala de um oficial angolano:

[...] Enfim, devo dizer que não é em vão o sacrifício que as mães, que as mulheres cubanas têm consentido em passar muitíssimo tempo sem os seus filhos, sem os seus maridos. Hoje podemos dizer com toda a clareza que já somos nós a dominar essa complexa técnica, e estamos dispostos, portanto, já temos a preparação adequada para poder rechaçar todo e qualquer ataque que nos forem feitos pelo nosso inimigo direto, os racistas sul-africanos ou qualquer um outro inimigo que seja.

Após o discurso do oficial das FAPLA, surge a cena do retorno de soldados cubanos à ilha, sem mencionar, contudo, os mortos e feridos em combate. A equipe de filmagem acompanhou o emocionado regresso de um combatente para casa, reunião que aparece em cena pela primeira vez no cinema sobre África. Fotos e medalhas mediam as memórias do “internacionalista” em Angola e a imagem do filho segurando as distinções militares ao final da narrativa sinaliza que o pequeno ingressará na geração futura da “família militar”.

O documentário *Cuba-Sudáfrica, después de la batalla* (1990), dirigido por Estela Bravo, entrevista soldados e familiares sul-africanos, alguns reproduzindo o discurso anticomunista do regime do *apartheid*, e outros mostrando-se mais críticos ao governo da África do Sul. Do mesmo modo, em Cuba houve demonstrações de apoio aos princípios do “internacionalismo” por parte dos uniformizados e, inclusive, às famílias de combatentes mortos em Angola. Apesar dos relatos emocionados dos familiares, não se expôs críticas ao processo.

O mesmo filme gravou o regresso de três cubanos, prisioneiros de guerra na África do Sul, e a recepção pelas famílias e vizinhos em Cuba. Tal registro, que não passou por homenagens de Estado na oportunidade, divergiu do retorno de Pedro Rodríguez Peralta (detido na Guiné portuguesa e aprisionado em Portugal entre 1969 e 1974) e Orlando Cardoso Villavicencio (preso na Somália entre 1978 e 1988), os quais foram mostrados no cinejornal cubano em eventos oficiais, tratados como heróis nacionais.

O *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, além de *Cuba-Sudáfrica...*, também informou sobre o regresso de soldados para Cuba.<sup>65</sup> No cinejornal, eles são mostrados sendo recebidos por oficiais, e, no longa-metragem, pelas famílias. Tais formas de exposição do retorno dos uniformizados ao país evidencia, em termos gerais, uma divisão de tarefas na mobilização de sentimentos, entre a razão (cinejornal) e a emoção (documentário).

Por sua vez, familiares apareceram em breves imagens de dor e luto na abertura da última menção nos *noticieros* a eventos africanos, na edição n. 1468 (1989). A matéria tematizou a “Operação

<sup>65</sup> *Noticiero ICAIC Latinoamericano* n. 1422 e 1424 (1989) dirigidos, respectivamente, por Francisco Puñal e Vivian Argilagos. Os últimos soldados saíram de Angola em maio de 1991 como parte dos acordos firmados, em 1989, pelo fim da guerra e pela independência de Namíbia.

Tributo”, conjunto de atos oficiais em homenagem aos mortos, no continente africano, seja em combate, por doenças ou em acidentes.<sup>66</sup> A reportagem traz discurso de Fidel Castro em Cacahual, no mausoléu dedicado a Antonio Maceo, personagem histórico já referenciado em *La guerra en Angola* (1976) e na cerimônia da “*protesta de Baraguá*” (1978).

O presidente angolano José Eduardo dos Santos esteve presente no funeral coletivo, porém de modo secundário, como ocorreu nas demais produções. O mandatário cubano afirma que a ilha seguiria no caminho do socialismo, em menção indireta às medidas neoliberais em curso nos países africanos aliados, inclusive o próprio regime político do MPLA, que fomentou a criação uma burguesia com raízes no partido (VISENTINI, 2012, p. 86). Portanto, após as imagens iniciais de pranto familiar, a razão de Estado se impôs na edição.

Algumas ficções produzidas em Cuba no final dos anos 1980 foram críticas à experiência cubana em África.<sup>67</sup> A maioria dos enredos filmicos retrata a desilusão dos soldados no retorno ao lar, em Cuba e em Angola, o que vai na contramão das narrativas oficiais sobre a guerra. Essa produção crítica possuía marcas de experimentação estética e era, em alguma medida, tolerada. Alguns títulos foram premiados em festivais, porém “desapareceram” da lembrança

<sup>66</sup> No dia 07 de dezembro de 1989, houve atos militares em 172 lugares de 167 municípios diferentes para receber e homenagear 2.289 cubanos mortos no exterior. Agradecemos a Carla Valdés pelos dados. Piero Gleijeses (2015b) afirma que um total de 2.425 civis e militares de Cuba morreram no continente africano, 2.103 deles em Angola (p. 441-442). Houve corpos que não regressaram à pátria, como os dois soldados negros que estiveram no interior do Congo-Léopoldville junto ao grupo de Ernesto Guevara, em 1965. Cf. MOORE, 1988, p. 232.

<sup>67</sup> *Amigos* (Jorge Luis Sánchez, 1987, Taller de Cine Asociación Hermanos Saíz), *El encanto del regreso* (Emilio Oscar Alcalde, 1989-1991, ECITVFAR), *Cazador de imágenes* (Laura López, 1989), *Siempre la esperanza* (Belkis Vega, 1991, ICAIC) e *Quem faz correr Quim?* (Mariano Bartolomeu, 1991, ECITV, LNC).

cinematográfica nacional, dada a inacessibilidade das obras (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 24). Desses títulos, destacamos dois: o longa-metragem cubano *El encanto del regreso* (Emilio Oscar Alcalde e Marina Arango Valencia, 1989-1991, ECITV FAR), e o curta, coproduzido entre Cuba e Angola, *Quem faz correr Quem?* (Mariano Bartolomeu, 1991, Escola Internacional de Cinema e Televisão, EICTV, Laboratório Nacional de Cinema de Angola, LNC).

O primeiro filme mencionado, *El encanto del regreso*, possui forma estética que destoa da produção fictícia e televisiva dos ECITV FAR, os quais se aproximam do melodrama, e conta a história de Roberto, um “internacionalista” que visitou sua casa na ilha durante uma dispensa temporária do trabalho voluntário, ocupação que se passava em um lugar inominado que, pelo contexto, deduz-se ser Angola. A família do protagonista, imersa em distintos problemas pessoais, não consegue sentar-se à mesa para fazer uma refeição, tal como o modelo idealizado de lar. Constantemente irritado, o protagonista percebe que sua ausência comprometeu a unidade familiar, situação simbolizada pelas paredes internas rachadas e o prato destroçado em um momento de discussão.

A obra teve uma cena censurada pelos militares dos ECITV FAR em 1989. Ela mostrava diálogo entre Roberto e seu amigo militar Antonio, o qual, na versão de 1991, insinua que a família estava em crise antes dele sair do país. A conversa não contesta o serviço voluntário que, segundo o enredo do filme, era a razão pela qual a família estava em crise. Ao final, Roberto entra num impasse e não fica evidente se partiu ou não ao exterior.<sup>68</sup>

<sup>68</sup> Agradecemos à atriz e diretora Marina Arango Valencia, quem nos forneceu informações, por e-mails intercambiados entre maio e junho de 2020, sobre a censura à primeira versão de *El encanto del regreso*.

Já o curta-metragem *Quem faz correr Quim?* escapou a possíveis censuras e também expôs uma avaliação pessimista da conjuntura, em Angola. Em sua abertura, a obra exhibe destroços de um avião com insígnia militar das FAPLA em meio a um cenário devastado de campo de batalha. O relato conta a história de Quim, aviador que, em crise, perambula por Luanda após saber que a filha nasceu com sérios problemas de saúde. Nesse processo, o militar tenta reavivar uma relação extraconjugal. Ao final da obra, a ideia de seguir com a esposa é permeada por incertezas. Assim como no filme cubano comentado acima, neste título a crise familiar surge como caixa de ressonância de um país em colapso, destruído pelas consequências da separação e da guerra.

Essa “poética dos restos”, na acepção de Roberto Vecchi (2010, p. 116), presente nos dois filmes expressa um mal estar dos personagens que é compartilhado com o espectador. Os enredos ressaltam um desmoronar das promessas de paz e prosperidade feitas pelos países socialistas ao longo dos anos. Em 1991, com o fim da URSS, Cuba entrou em uma fase crítica de sua história e conseguiu manter, mas a um custo elevado, o socialismo; enquanto Angola, que se alinhava ao neoliberalismo, seguia pelo limiar da continuidade da guerra civil, que só terminaria em 2002.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, analisamos um conjunto de filmes, séries e cinejornais produzidos, majoritariamente, em Cuba. Esta produção registrou e construiu representações sobre as ações civis e militares do regime político de Fidel Castro no continente africano. Dentre nossos principais objetivos, estavam compreender os significados dessas representações em torno dos vínculos transatlânticos, bem como identificar as formas de figuração dos governos e sociedades africanas. A hipótese principal que guiou as reflexões é a de que o Estado cubano buscou legitimar na ilha sua presença no exterior, com ênfase à questão militar sobre outros campos, como, por exemplo, a educação e a saúde, por conta da defesa armada do “anti-imperialismo” e do socialismo internacional.

A temporalidade dessas relações políticas e ideológicas alcançou cerca de trinta anos de história, havendo nesse período rupturas e continuidades. Nesse sentido, três momentos marcam esses contatos: no primeiro, entre 1960 e 1965, a formalização da independência e o primeiro governo da FLN argelina, além das frentes

de combate no Congo-Brazzaville e Congo-Léopoldville, foram temas centrais que balizaram as primeiras intervenções armadas de Cuba no continente africano. No segundo momento, 1966-1974, o suporte cubano à luta pela independência de Guiné-Bissau esteve na ordem do dia em algumas produções filmicas do período, que também se dedicaram a tratar de outros países ao norte e ao sul do Saara. Entre 1975 e 1991, terceiro momento por fim, as atenções estiveram voltadas para as guerras em Angola e Etiópia, havendo, por isso, extensas produções sobre esses países. Com isso, a presença cubana deu-se não apenas pelas armas, mas também pelas câmeras.

A quantidade e a amplitude temáticas dos filmes e reportagens indicam os distintos graus de proximidade entre Cuba, os regimes políticos e movimentos africanos aliados. Nos anos 1960 e 1970, cinejornais pautaram as narrativas oficiais cubanas sobre os vínculos com a África. Nas décadas de 1970 e 1980, os documentários ganharam espaço, proporcionando novos olhares sobre aqueles vínculos. No último decênio, de 1980, as ficções, incluindo uma animação, ganharam importância. Nessa mesma vertente não-documental, surgem olhares críticos à experiência histórica cubana no continente africano, trazendo avaliações sobre as consequências às famílias dos voluntários e aos oficiais de carreira.

A produção filmica analisada, majoritariamente produzida pelo ICAIC e os ECIFAR/ECITVFAR, possui características em comum, em especial nos documentários dedicados aos conflitos armados em regiões do continente africano, com as filmagens dos correspondentes de guerra e as imagens de arquivo. Nos cinejornais cubanos, o uso da voz over foi marcadamente descritiva e informativa, com um declínio de sua presença ao final dos anos 1960 e sua retomada no princípio da década seguinte. Apesar dos variados

“realizadores”, como eram chamados os responsáveis pelas edições semanais (Santiago Álvarez foi o diretor institucional e costumava revisar os conteúdos), houve certa padronização estética por conta, entre outros motivos (como a montagem ágil e o recurso aos letreiros animados), da constante presença dos narradores, que, por sua vez, possuíam vozes e técnicas de narração semelhantes.

As “micronarrativas da libertação” conduziram diferentes reportagens, em suas apresentações dos contextos repressivos e a “saída” apontada, fundamentada na luta armada, seja a guerrilha ou a guerra convencional. A trilha sonora, com músicas de Miriam Makeba, ganharam destaque nas matérias cinejornalísticas até meados dos anos 1970, porém prevalece o uso da percussão, como forma de sonorizar a “África”. As ficções foram marcadamente coloridas e em diálogos com o melodrama e, ao final dos anos 1980, com aberturas ao experimentalismo formal.

Devido aos vínculos militares ao longo das décadas, diversas coberturas de conflitos armados por meio dos correspondentes de guerra marcaram a filmografia sobre as questões africanas. Desde os anos 1960, houve projetos para registrar as batalhas ocorridas no continente, que terminaram frustrados por causa da não efetivação dos enfrentamentos esperados, como o observado na Argélia em 1963 e na fronteira entre o Congo-Brazzaville e Cabinda, província angolana, em 1965.

Na Guiné portuguesa, houve ocasiões para registros e eles ocorreram, porém sem destacar a presença cubana nas frentes de combate, uma vez que o apoio cubano se dava sob sigilo. A partir das guerras em Angola e Etiópia, em meados dos anos 1970, o protagonismo dos combatentes de Cuba foi tema de diversos filmes e séries para a televisão.

A partir da análise sobre essa produção fílmica, observamos

que as culturas ancestrais africanas, dentro e fora da ilha, eram representadas de forma a colocar em segundo plano suas especificidades, suas singularidades. Os filmes cubanos desconsideravam aspectos importantes para essas populações, como suas expressões culturais, corporais, religiosidades e modos de vida.

Nesse sentido, permeia por essa produção cubana uma contradição que se refere ao projeto “anti-imperialista”, que, orientado por uma visão modernizadora e “civilizatória” da sociedade, limitava a figuração das práticas ancestrais. Essa recusa foi estabelecida em Cuba, oficialmente, no Congresso Nacional de Educação e Cultura em 1971, com a condenação de práticas religiosas na ilha, o que reforçou a censura a manifestações religiosas de matriz africana no espaço público.

A figura do soldado africano, em geral homens (mas também algumas mulheres) uniformizados e armados com fuzis e metralhadoras, ocuparam maior destaque nos cinejornais, documentários e ficções, em detrimento às imagens de camponeses e operários. Em alguns momentos, destacam-se também os esforços pela industrialização, o que demonstra o sentido da “luta contra o subdesenvolvimento”, seguindo a lógica ocidental que relaciona mecanização, modernidade e riqueza, em contraposição às lógicas que as comunidades africanas zelavam. Quando a produção fílmica buscava privilegiar as “especificidades da África”, recorria-se à exposição das danças “tradicionais” (em Cuba – folclore – ou no continente africano) e à relação com pessoas de pele escura à África, sem especificar muitas vezes de qual região provinham, minimizando a questão da diáspora africana, que nas Américas tiveram papel primordial.

Nos filmes analisados, portanto, notamos que a representação das populações ancestrais foi mediada por perspectivas modernizantes, atravessadas por expectativas revolucionárias em torno des-

ses povos. O chamado “combate ao tribalismo”, como proclamava muitas lideranças de movimentos de independência africanos, foi incorporado nas obras cubanas de forma a não especificar formas de vida alternativas aos modelos ocidentais de grandes cidades ou de mecanização do campo. A figuração das mulheres, por exemplo, mostra o contraponto entre o “modo tradicional” de vida e a desejada uniformização e militarização dos corpos. Numa mesma chave, as crianças também passaram a ser “valorizadas” a partir de sua relação com armas de fogo, numa perspectiva nítida de enaltecimento do “espírito revolucionário” ainda na infância.

Além de construir determinadas visões sobre os povos africanos, as narrativas colaboravam para conferir legitimidade aos grupos políticos junto ao público. Por um lado, lideranças como Ahmed Ben Bella na Argélia, Amílcar Cabral no PAIGC e Sam Nujoma na SWAPO foram figuras fundamentais em filmes e cinejornais. Por outro, com menor relevância e enfrentando até mesmo certa contestação, houve outros nomes, como Patrice Lumumba no Congo-Léopoldville, Samora Machel em Moçambique e Mengistu Haile Mariam na Etiópia. A referência que serviu de base para tais leituras foi a trajetória e a figura de Fidel Castro em Cuba, ao ponto da filmografia valorizar, enquanto características importantes para um líder político, o uso do uniforme militar, sua presença na frente de combate e a firme condenação ao “imperialismo” nos discursos.

Partimos do pressuposto de que a produção audiovisual cubana sobre a África construiu, para os públicos nacional e internacional, uma autoafirmação do regime cubano na ordem internacional bipolar durante a chamada “guerra fria”. Esta hipótese se baseia no fato de que os filmes produzidos em Cuba faziam vagas referências à presença dos russos nos combates africanos, ainda que a URSS tenha, de fato, exercido papel essencial na manutenção das campa-

nhas militares por meio de sua indústria bélica. Um dos objetivos era evidenciar que o governo cubano não era um “fantoche” russo na África. De modo distinto, as películas privilegiavam imagens de denúncia sobre a participação direta ou indireta dos EUA nos violentos ataques em regiões do continente, como visto durante a guerra civil em Angola, por exemplo.

Em Cuba, o governo revolucionário sustentou o argumento de que o racismo seria incompatível com o socialismo, pois aquele se constituía como um dos pilares do capitalismo; para validar essa argumentação, utilizava-se imagens de repressão contra negros nos EUA, na Rodésia e na África do Sul, isto é, no centro do “imperialismo” e de seus países aliados segregacionistas. No entanto, houve tensões sobre as formas de mostrar os personagens negros no cinema cubano, em virtude da dificuldade do próprio Estado em lidar com a discriminação racial.

Como o racismo foi “abolido” oficialmente na ilha em 1962, o assunto virou interdito no espaço público. Soldados negros da ilha foram maioria nos primeiros contingentes enviados a conflitos na África e isso ocorreu justamente para que sua identificação como estrangeiros fosse dificultada, já que eles poderiam ser confundidos com africanos por causa da pele escura; devido ao caráter secreto das ações, não houve, contudo, destaque a esses soldados nas telas nas duas primeiras fases das relações entre a ilha e territórios africanos, isto é, entre 1960 e 1974.

Mesmo quando a filmografia pôde tratar desses vínculos nas ficções, na década de 1980, poucos intérpretes negros ocuparam papéis relevantes na filmografia. Com isso, esses profissionais afro-descendentes permaneceram alijados das telas, algo denunciado desde os anos 1960, o que ia na contramão do esperado a partir da Revolução de 1959, evento histórico que havia trazido esperanças

de reconhecimento e inclusão às comunidades negras após décadas de segregacionismo.

Houve a mesma dificuldade ao tratar do tema da escravidão. No cinejornal *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, uma edição de 1976 trouxe informações específicas sobre esse tema. Outras matérias trouxeram dados sobre o período escravagista em outras abordagens (festejos populares, trabalho com a cana-de-açúcar, etc), porém sem vínculos com as relações cubanas em África. A produção de ficções acerca dos escravizados ficou restrita a alguns títulos nos anos 1970 e 1980.

Enquanto os filmes mostravam dificuldades em lidar com a questão negra, durante os deslocamentos transatlânticos muitos afrodescendentes se identificaram com o trabalho voluntário e com as culturas encontradas no continente africano, o que favoreceu a construção de novas e próprias significações sobre suas raízes. A partir disso, ganhou mais força a ideia, sugerida nos meios oficiais desde o final dos anos 1960, de “dívida histórica” de Cuba com os escravizados africanos, os quais, uma vez libertos na ilha, contribuíram para reforçar as tropas contra os colonizadores espanhóis no séc. XIX. Outro ponto foi o resgate dos elos ancestrais pelos próprios voluntários, como o vínculo familiar ou religioso com o continente africano. Muitos soldados e civis retornaram à ilha interessados nas questões espirituais, o que era desestimulado pelas autoridades cubanas, inclusive por meio de repressão às celebrações públicas das religiões de matriz africana.

Faz-se necessário ressaltar que, a partir da filmografia e documentação analisadas para esta pesquisa, pode-se estabelecer reflexões enriquecedoras sobre os cinemas africanos e cubano. Se, por um lado, a fortuna crítica da ilha dedicou pouco espaço às cinematografias da África, por outro, o que observamos foi um amplo

acervo fílmico cubano sobre povos, movimentos políticos e governos do continente africano.

Por fim, acreditamos que refletir sobre os vínculos entre Cuba e as Áfricas abre maiores possibilidades de diálogos e interações transcontinentais, numa relação própria dos países do sul global, nosso norte, segundo o desenho “América invertida” do uruguaio Joaquín Torres García, em 1943.

# REFERÊNCIAS

## FONTES AUDIOVISUAIS

### 1. NOTICIERO ICAIC LATINOAMERICANOS<sup>1</sup>

1960

**n. 05, 04.07.1960, Santiago Álvarez:** GUERRILLAS ARGELINAS: (2 min) Escenas de la lucha argelina contra el coloniaje francés.

**n. 10, 14.08.1960, Santiago Álvarez:** RAUL CASTRO EN EGIPTO: (2:50 min) Entrevista del Comandante Raúl Castro con Gamal Abdel Nasser, Presidente de la República Árabe Unida (RAU). Acto en el Stadium Municipal de Alejandría por el octavo aniversario de la Revolución Egipcia.

**n. 18, 03.10.1960, Santiago Álvarez:** FIDEL EN LA ONU. REGRESO DE FIDEL. CONCENTRACION FRENTE A PALACIO: (6:10 min) El Comandante Fidel Castro se entrevista con varios líderes de países en lucha independentista [Kwame Nkrumah, de Gana, aparece nas imagens]. El Primer Ministro de la Unión Soviética, Nikita Jruschov y Mehmet Shedu, de Albania, comparecen ante la Asamblea. El Comandante Fidel Castro habla a la Asamblea. El Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, recibe a Fidel a su regreso. El pueblo se concentra frente a Palacio, donde Fidel informa sobre su comparecencia en la Organización de Naciones Unidas (ONU).

**n. 20, 17.10.1960, Santiago Álvarez:** LLEGADA DE SEKOU TOURE: (Nota breve) (0:45 segs) El Comandante Fidel Castro y el Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, reciben al Presidente de Guinea Sékou Touré.

SOLIDARIDAD CUBANO-ARABE: (1:10 min) Visita Cuba delegación económica de la República Árabe Unida (RAU).

<sup>1</sup> As referências no *Noticiero ICAIC Latinoamericanos* aqui listadas são provenientes de uma relação elaborada pela equipe de especialistas que catalogou o material na época que disputou o título de “Memória do Mundo” da UNESCO, no final dos anos 2000. As edições em negritos correspondem às visualizadas para esta pesquisa.

**n. 22, 31.10.1960, Santiago Álvarez:** ARGELIA: (Rápida 0:40 segs) El Comité Sindical Internacional - reunido en Cuba - se solidariza con la lucha del pueblo argelino.

**n. 25, 21.11.1960, Santiago Álvarez:** RECEPCION EMBAJADORES PUEBLOS AMIGOS: (Rápida) (0:28 segs) El Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba ofrece una recepción en honor del Ministro de Justicia de Marruecos.

**n. 27, 05.12.1960, Santiago Álvarez:** ARGELIA LIBRE: (1:10 min) Presidida por Benyousseff Benkhedda, visita La Habana una misión del Frente de Liberación Nacional de Argelia.

**n. 28, 12.12.1960, Santiago Álvarez:** NASSER CONTRAATACA: NACIONALIZACION: (1:50 min) La República Árabe Unida (RAU) nacionaliza las empresas belgas del comercio, la industria y el transporte.

**n. 29, 19.12.1960, Santiago Álvarez:** BARBARIES: (1:20 min) El pueblo de Cuba exige la libertad del Primer Ministro del Congo, Patricio Lumumba. Reproducción del asesinato del líder socialista japonés Inejiro Asanuma.

## 1961

**n. 34, 23.01.1961, Santiago Álvarez:** LUMUMBA HEROE PRISIONERO: (1:10 min) Patricio Lumumba, Primer Ministro del Congo, es hecho prisionero y luego torturado por el gobernante títere que se apoderó ilegalmente del poder en ese país.

**n. 38, 20.02.1961, Santiago Álvarez:** IMPERIALISMO-COLONIALISMO-SALVAJISMO: (3 min) Concentración popular en la Colina Universitaria de La Habana para condenar el asesinato del Primer Ministro del Congo, Patricio Lumumba.

**n. 43, 27.03.1961, Santiago Álvarez:** MUERE MOHAMED V: (50 segs) A consecuencia de una intervención quirúrgica muere, en Marruecos, el Rey Mohamed V

**n. 48, 07.05.1961, Santiago Álvarez:** PRIMERO DE MAYO EN CUBA SOCIALISTA: (11:10 min) Con inmenso júbilo y patriotismo, el pueblo cubano y sus líderes celebran el Primero de Mayo en la primera república socialista del continente americano [visita de delegações africanas não identificadas].

n. 59, 24.07.1961, Santiago Álvarez: SOLIDARIDAD: (1:10 min) El pueblo de la República Árabe Unida realiza masivas demostraciones de solidaridad con Cuba, a raíz de la agresión mercenaria de los Estados Unidos a este país.

n. 62, 14.08.1961, Santiago Álvarez: BIZERTA: CAIMANERA DE TUNEZ: (50 segs) Reportaje sobre base militar francesa en Túnez.

n. 66, 11.08.1961, Santiago Álvarez: DORTICOS EN BELGRADO: (2 min) El Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, llega a Yugoslavia para participar en la Conferencia de países no comprometidos en pactos militares. El Mariscal Tito, Presidente de Yugoslavia, da inicio a la conferencia. Hacen uso de la palabra Mohamed Daud, Primer Ministro de Afganistán y Louis Lansana, Ministro de Relaciones Exteriores de Guinea.

## 1962

n. 94, 26.03.1962, Santiago Álvarez: HOMENAJE (Rápida): (20 segs) Los Escritores y Artistas cubanos rinden homenaje a la II Conferencia Afroasiática celebrada en el Cairo.

FASCISMO EN FRANCIA (Internacionales): (45 segs) Actos terroristas y desmanes cometidos por la organización fascista OAS, con motivo del triunfo del pueblo argelino.

n. 96, 09.04.1962, Santiago Álvarez: EL PUEBLO FRANCES CON ARGELIA (Internacionales): (1:20 min) Comparecencia del Presidente francés Charles De Gaulle en televisión para informar sobre los acuerdos de Evían. Actos terroristas de la organización fascista OAS.

n. 101, 14.05.1962, Santiago Álvarez: EL BOSQUE DE LA AMISTAD: (1:15 min) Representantes de todos los continentes, que visitan nuestro país con motivo de la celebración del Primero de Mayo, plantan árboles en el Bosque de la Amistad, en Santa María del Mar. El Primer Ministro Comandante Fidel Castro y otros líderes de la Revolución se reúnen con los delegados extranjeros en el Hotel Habana Libre.

n. 105, 11.06.1962, Santiago Álvarez: GIZENGA: (1:40 min) Participación del líder congoleño Antonio Gizenga en la Conferencia de Países No Alineados en Pactos Militares, de Belgrado. Entrevistas de Gizenga, en su actual prisión de la Isla de Bolabemba, con representantes de la Organización de Naciones Unidas (ONU).

**n. 109, 09.07.1962, Santiago Álvarez:** ARGELIA LIBRE: (1:15 min) Manifestaciones y reuniones del pueblo argelino con motivo del plebiscito efectuado en ese país. Argelinos residentes en Cuba también se reúnen para expresar su entusiasmo.

**n. 123, 15.10.1962, Santiago Álvarez:** BEN BELLA: (1 min) El Primer Ministro de Argelia, Ahmed Ben Bella, regresa a su país al finalizar la crisis política que siguió a la liberación.

ENTREVISTA: (35 segs) Entrevista del Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, y el Primer Ministro de Argelia, Ahmed Ben Bella, en Estados Unidos, cuando participaron en la XVII Sesión de la Asamblea General de la Organización de Naciones Unidas (ONU).

**n. 124, 22.10.1962, Santiago Álvarez:** AHMED BEN BELLA: (7 min) El pueblo cubano y sus líderes reciben calurosamente al Primer Ministro de la República Democrática Popular de Argelia, Ahmed Ben Bella, que llega a nuestro país invitado por el gobierno revolucionario.

**n. 125, 29.10.1962, Santiago Álvarez:** FIDEL EN TV: (7:40 min) Comparecencia en televisión del Primer Ministro Comandante Fidel Castro el día 23 de octubre con motivo del bloqueo naval y otros actos agresivos del imperialismo yanqui [exclamação de Fidel no discurso: “*Cuba no es el Congo!*”]. Varias escenas sobre el comienzo de la Segunda Guerra Mundial y agresiones del imperialismo en el mundo.

**n. 128, 19.11.1962, Santiago Álvarez:** SOLIDARIDAD MUNDIAL: (4:15 min) Manifestaciones populares de solidaridad con Cuba frente al bloqueo naval de Estados Unidos [Argélia, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e URSS].

## 1963

**n. 137, 21.01.1963, Santiago Álvarez:** ANGOLA: (40 segs) Revista militar y adiestramiento de guerrillas del ejército rebelde de Angola. (Escenas inéditas)

CONGRESO: (5:15 min) Clausura del Primer Congreso de Mujeres de toda América. Baila Alicia Alonso y el Primer Ministro, Comandante Fidel Castro hace uso de la palabra [imagens de arquivo da guerrilha na Argélia].

**n. 140, 11.02.1963, Santiago Álvarez:** KATANGA: (1:20 min) Tres ciudadanos belgas que viajaban en un auto son balaceados por tropas de las Naciones Unidas que tomaron Yadtoville, en Katanga [Congo-Leopoldville].

COROS Y DANZAS: (1:10 min) Presentación del Conjunto de Coros y Danzas de Guinea en el Gran Circo de Budapest. (Sonido directo)

**n. 161, 08.07.1963, Santiago Álvarez:** KENYA: (40 segs) Elecciones en Kenia.

**n. 164, 29.07.1963, Santiago Álvarez:** X ANIVERSARIO 26 DE JULIO: Reportaje especial sobre la conmemoración del X aniversario del heroico asalto al cuartel Moncada [presença do argelino Houari Boumédiène].

**n. 165, 05.08.1963, Santiago Álvarez:** DELEGACIONES EXTRANJERAS CON FIDEL: El Comandante Fidel Castro recibiendo delegados extranjeros para la celebración del 26 de Julio [Mali, Senegal, Líbia e Iraque].

**n. 176, 21.10.1963, Santiago Álvarez:** ARGELIA (1:20 min) El Presidente de Argelia, Ahmed Ben Bella, de visita en Cuba. El Rey Hassan II, de Marruecos ataca la frontera argelina. Médicos cubanos en Argelia, dispuestos a combatir junto al pueblo argelino.

**n. 178, 04.11.1963, Santiago Álvarez:** ARGELIA: (45 segs) Argelia conmemora el IX aniversario del inicio de la lucha por su liberación.

**n. 183, 09.12.1963, Santiago Álvarez:** ARGELIA: (1:35 min) Entrega oficial del azúcar donada por Cuba a la República Democrática de Argelia en el puerto de Orán. Embarque hacia Cuba del primer envío producto del acuerdo comercial entre ambos países.

**n. 184, 16.12.1963, Santiago Álvarez:** ARGELIA: (2:45 min) Algunas vistas de Argelia y actividades de la delegación médica cubana en ese país.

**n. 185, 23.12.1963, Santiago Álvarez:** FIESTAS PASCUALES: (2 min) Descarga de productos procedentes del extranjero [Argelia e España] y matanza de ganado porcino para las fiestas pascuales.

## 1964

**n. 192, 10.02.1964, Santiago Álvarez:** GHANA: (40 segs) Algunas

vistas de la República de Ghana, con alusión a la intromisión de Estados Unidos en los asuntos internos de ese país.

**n. 205, 11.05.1964, Santiago Álvarez:** PRIMERO DE MAYO: (2:40 min) Desfile y concentración en Santiago de Cuba. Celebración del Día Internacional de los Trabajadores en la Plaza Roja de Moscú [com Ahmed Ben Bella].

**n. 207, 25.05.1964, Santiago Álvarez:** JRUSCHOVEN LA RAU: (45 segs) Visita del Primer Ministro soviético Nikita S. Jruschov a la República Árabe Unida.

**n. 209, 08.06.1964, Santiago Álvarez:** PRESA: (2:25 min) Inauguración de la primera etapa de las obras de la presa de Asuán, en el Nilo, Egipto.

**n. 218, 10.08.1964, Santiago Álvarez:** DISCRIMINACION RACIAL: [abertura com referência ao Tarzan] Escenas de la represión racial en Estados Unidos.

**n. 220, 24.08.1964, Santiago Álvarez:** EXPLOSION: (1:55 min) Explosión del buque egipcio “Estrella de Alejandría” en el puerto de Hanaba, en Argelia.

**n. 224, 21.09.1964, Santiago Álvarez:** CAMIONES FRANCESES: (35 seg) Llegan a Cuba los primeros 18 camiones adquiridos en Francia [e productos argelinos].

**n. 225, 28.09.1964, Santiago Álvarez:** PAISES NO ALINEADOS: (40 segs) Retrospectiva de la [1ª Cumbre] Conferencia de Países No Alineados celebrada en Belgrado, en 1961.

**n. 227, 12.10.1964, Santiago Álvarez:** CONFERENCIA: (1:18 min) Llega al Cairo el Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, para participar en la II Conferencia Cumbre de los Países No Alineados.

**n. 228, 19.10.1964, Santiago Álvarez:** DORTICOS EN ARGELIA: (35 segs) Algunas fotos sobre la visita del Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós, a la República Democrática de Argelia.

**n. 229, 26.10.1964, Santiago Álvarez:** REGRESO: (3:19 min) Regresa a Cuba, después de participar en la II Conferencia de Países No Alineados y de visitar Argelia y la Unión Soviética, el Presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós.

**n. 231, 09.11.1964, Santiago Álvarez:** ARTE POPULAR ARGELINO: (50 segs) Exposición de Arte Popular de Argelia en conmemoración del X aniversario de la Revolución Argelina.

**n. 234, 30.11.1964, Santiago Álvarez:** EL CONGO: (2 min) Reportaje sobre las agresiones imperialistas contra el pueblo congolés [Leopoldville].

**n. 236, 14.12.1964, Santiago Álvarez:** XIX ASAMBLEA: (2:15 min) Comparecencia televisada del Comandante Ernesto Guevara en la XIX Asamblea General de las Naciones Unidas [omissão do trecho referente à denúncia ao Congo].

## 1965

**n. 240, 11.01.1965, Santiago Álvarez:** GUERRILLEROS CONGOLESES: (0:39 segs) Conferencia de Prensa a los guerrilleros congolese [Leopoldville] que visitan nuestro país.

**n. 243, 01.02.1965, Santiago Álvarez:** DELEGACION MARROQUI: (0:29 segs) Estancia de la Delegación Comercial del Reino de Marruecos en Cuba.

**n. 246, 22.02.1965, Santiago Álvarez:** COMERCIO INTERNACIONAL: (1:24 min) Convenios de Cuba con la República Democrática Alemana, Marruecos y la Unión Soviética.

ESTRELLA DEL CARNAVAL: (1:56 min) Elección de la Estrella del Carnaval 1965. Resulta triunfadora la joven María de los Ángeles Vega [seleccionada para o IX Festival Mundial de la Juventud, Argélia].

**n. 247, 01.03.1965, Santiago Álvarez:** PRO-FESTIVAL: (3:11 min) Actuación artística de Meme Solís y su Cuarteto, Los Zafiros y el Grupo Musical de “Vals para un Millón” en un acto organizado por la Federación de Estudiantes Universitarios (FEU) y la Unión de Jóvenes Comunistas (UJC), como saludo al IX Festival Mundial de la Juventud próximo a celebrarse en Argelia.

**n. 253, 12.04.1965, Santiago Álvarez:** PRO IX FESTIVAL: (3:44 min) Actividades del pueblo cubano en saludo al IX Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes. Acto artístico organizado por la Unión de Jóvenes Comunistas (UJC) en el teatro “Mella”. Hace uso de la pala-

bra el Embajador de Argelia. Desfile de la Unión de Jóvenes Comunistas (UJC) y la Unión de Pioneros de Cuba (UPC) al conmemorarse un aniversario más de su fundación.

**n. 258, 17.05.1965, Santiago Álvarez:** PEINADOS: (1:13 min) Exhibición de peinados presentados por la Empresa de Barberías y Peluquerías como saludo al XI Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes [Argélia].

**n. 260, 31.05.1965, Santiago Álvarez:** MACHETEROS INFANTILES: (1:03 min) Competencia de niños macheteros en Oriente en saludo al IX Festival de la Juventud y los Estudiantes [Argélia].

**n. 261, 07.06.1965, Santiago Álvarez:** DESFILE DE MODAS: (1:12 min) Jóvenes estudiantes de la Universidad de la Habana presentan un desfile de modas en saludo al IX Festival de la Juventud y los Estudiantes [Argélia].

**n. 264, 29.06.1965, Santiago Álvarez (monotemático):** FIDEL IN-FORMA SOBRE ARGELIA: El Comandante Fidel Castro informa a los delegados al IX Festival de la Juventud y los Estudiantes sobre la situación política en Argelia. Inserción de tomas de la visita del presidente de Argelia, Ahmed Ben Bella, a Cuba y del derrocamiento del Rey Farouk de Egipto.

**n. 266, 12.07.1965, Santiago Álvarez:** SIEMBRAS DE PINOS: (2:55 min) Por no celebrarse el IX Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes en Argelia, debido al derrocamiento del Presidente Ahmed Ben Bella, parte la delegación cubana a dicho evento para Mayarí a sembrar un millón de pinos. Escenas del Comandante Fidel Castro y los delegados sembrando pinos.

**n. 267, 17.09.1965, Santiago Álvarez:** DELEGACION EJEMPLAR A BULGARIA: (1:35 min) A bordo del buque "Gruzia", parte rumbo a Bulgaria la delegación cubana al IX Festival de la Juventud y los Estudiantes. Escenas de Mayarí, donde los delegados sembraron un millón de pinos.

**n. 274, 06.09.1965, Santiago Álvarez:** LLEGADA LIDER CONGOLES: (0:36 segs) Bienvenida en Cuba al líder congolés [Leopoldville] Gastón Soumialot, quien es recibido por el presidente de Cuba Dr. Osvaldo Dorticós.

**n. 276, 20.09.1965, Santiago Álvarez:** JUEGOS OLIMPICOS AFRI-

CANOS: (1:10 min) Primeros Juegos Olímpicos Africanos, inaugurados en Brazzaville por el presidente congolés Massemba Debat.

**n. 278, 11.10.1965, Santiago Álvarez (monotemático):** FIDEL - V ANIVERSARIO DE LOS CDR. PRESENTACION DEL COMITE CENTRAL DEL PCC: [Ben Barka aparece brevemente] Acto conmemorativo del V aniversario de los Comités de Defensa de la Revolución (CDR) en la Plaza de la Revolución. Hace uso de la palabra el Primer Ministro, Comandante Fidel Castro. Acto de presentación del Comité Central del Partido Comunista de Cuba. El Primer Ministro de Cuba, Comandante Fidel Castro lee la histórica carta del Cmdte. Ernesto Guevara. Escenas del Comandante Ernesto Guevara, en la Sierra y realizando trabajo voluntario. Escenas del puerto de Camarioca en la provincia de Matanzas. Dicho lugar fue acondicionado para facilitar el traslado a Estados Unidos de los que quisieron abandonar el país según lo planteado por el Primer Ministro, Comandante Fidel Castro el 28 de septiembre y el 3 de octubre pasados.

**n. 282, 08.11.1965, Santiago Álvarez:** BEN BARKA: (0:53 segs) Conferencia de prensa ofrecida en La Habana por Ben Barka, presidente del Comité Preparatorio de la Conferencia Tricontinental, que ha sido secuestrado por los enemigos de la lucha contra el colonialismo en África, Asia y América Latina.

**n. 285, 29.11.1965, Santiago Álvarez:** SOLIDARIDAD CON VENEZUELA: (1:05 min) En la Jornada de Solidaridad con Venezuela, Cuba junto con Vietnam y El Congo patentizan su hermandad y saludan la Conferencia Tricontinental.

LLEGADA DE EL SEBAI: (0:34 segs) Arriba a La Habana Youssef El Sebai [Egito], Secretario General del Comité Preparatorio de la Conferencia Tricontinental.

**n. 287, 13.12.1965, Santiago Álvarez:** V ANIVERSARIO FLN (VIETNAM): (2:03 min) V aniversario del Frente Nacional de Liberación de Vietnam del Sur. Escenas del continente africano con palabras en sonido directo del Primer Ministro, Comandante Fidel Castro.

1966

**n. 290, 03.01.1966, Santiago Álvarez (monotemático):** DOCUMENTAL “AÑO 7”: Gigante cena popular en la Plaza de la Revolución el 31 de diciembre de 1965. Recepción en el Palacio Presidencial a los invitados por los festejos del VII aniversario de la Revolución y a los delegados a la Conferencia Tricontinental. Desfile militar el 2 de enero. Discurso del Comandante en Jefe Fidel Castro. Retrospectiva de las noticias nacionales más importantes de 1965.

**n. 291, 17.01.1966, Santiago Álvarez (monotemático):** CONFERENCIA TRICONTINENTAL: Primera Conferencia Tricontinental de Solidaridad de los pueblos de Asia, África y América Latina. El Comandante Fidel Castro clausura el evento.

**n. 292, 22.01.1966, Santiago Álvarez:** FIDEL EN EL ESCAMBRAY Y TOPES DE COLLANTES CON DELEGADOS A LA TRICONTINENTAL: (2:08 min) El Primer Ministro, Cmdte. Fidel Castro, asciende el Pico Potrerillo en el Escambray y visita Topes de Collantes acompañado por delegados a la Conferencia Tricontinental.

**n. 293, 31.01.1966, Santiago Álvarez:** BASES MILITARES YANQUIS CONTRA LOS PUEBLOS DEL MUNDO: (3:26 min) Reportaje sobre las bases militares norteamericanas en Europa, Asia, Oceanía, África y América Latina.

**n. 298, 07.03.1966, Santiago Álvarez:** GHANA: (2:10 min) Mami Kouyate, representante diplomático de Guinea en Cuba, condena el cuartelazo de la Agencia Central de Inteligencia (CIA) en Ghana. Escenas retrospectivas de Kwame Nkrumah en 1960 con el Comandante en Jefe Fidel Castro en la Organización de Naciones Unidas (ONU) y la visita a Cuba de Sékou Touré en 1960.

**n. 312, 13.06.1966, Santiago Álvarez:** SECRETARIADO EJECUTIVO DE LA OSPAAAL: (1:17 min) Representantes de los pueblos de trece países de Asia, África y América Latina constituyen en La Habana el Secretariado Ejecutivo de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina (OSPAAAL). El Capitán Osmany Cienfuegos, de Cuba, Secretario General, pronuncia un discurso en la sesión plenaria.

**n. 317, 18.07.1966, Santiago Álvarez:** FESTIVAL DE ARTE NE-

GRO EN DAKAR (FRANCIA): (59 segs) El presidente de Senegal, Leopold Sedar Senghor, inaugura en Dakar el Primer Festival de Arte Negro.

**n. 330, 17.10.1966, Santiago Álvarez:** BEN BARKA: (1:42 min) Escenas del juicio en París por el secuestro y la desaparición del dirigente revolucionario marroquí El Mehdi Ben Barka. Retrospectivas del discurso del Comandante Fidel Castro en la Conferencia Tricontinental de La Habana, pidiendo el esclarecimiento del hecho y la condena de los autores intelectuales y materiales del crimen.

## 1967

**n. 362, 29.05.1967, Santiago Álvarez:** TENSION EN EL MEDIO ORIENTE: (1:30 min) Reportaje sobre enfrentamientos sirio-israelitas y focos de tensión en las fronteras de los países árabes con Israel. Buques de guerra árabes patrullan el Golfo de Akaba en tanto las tropas de la ONU se retiran de Gaza [contexto egipcio presumido; Gaza: “segurança” no Egipto]

**n. 363, 05.06.1967, Santiago Álvarez:** MEDIO ORIENTE: (0:47 segs) Tensiones en el Medio Oriente entre Israel y los países árabes [Egipto].

“LA BATALLA DE ARGEL”: (4:13 min) Avances sobre la película de Gillo Pontecorvo, “La Batalla de Argel”, premiada en el festival de Venecia.

**n. 364, 12.06.1967, Santiago Álvarez:** CONFLICTO EN EL MEDIO ORIENTE: (1:42 min) Conflictos entre Siria, Egipto e Israel. Los países socialistas apoyan al mundo árabe en tanto Estados Unidos e Inglaterra apoyan a Israel. Renuncia el presidente de Egipto Gamal Abdel Nasser, pero no es aceptada su renuncia.

REPORTAJE ESPECIAL SOBRE LA JORNADA MUNDIAL DE SOLIDARIDAD CON AFRICA: (7:11 min) El reportaje incluye una entrevista con el secretario general del PAIGC, Amílcar Cabral, durante su participación en la Conferencia Tricontinental celebrada en La Habana a fines de 1965 y principios del 66, así como retrospectivas de la lucha en Guinea llamada Portuguesa, Mozambique, Angola, Congo (Leopoldville), Rhodesia, África del Sur y Adén. Párrafos con sonido directo del discurso pronunciado por el Primer Ministro Fidel Castro sobre la lucha de liberación en África, en la propia conferencia Tricontinental [no docu-

mento consultado, a reportagem constava na edição n. 361, 22.05.1967, Santiago Álvarez].

**n. 365, 19.06.1967, Santiago Álvarez:** DEMOSTRACIONES POPULARES EN ARGELIA: (0:23 segs) En demostraciones populares el pueblo argelino reitera que sólo cuando el agresor sionista sea arrojado de territorio árabe cesará el fuego de las armas.

**n. 375, 28.08.1967, Santiago Álvarez:** MIRIAM MAKEBA EN EL PABELLON DE CUBA EN EXPO '67: (1:30 min) Visita la cantante sudafricana, Miriam Makeba, el Pabellón de Cuba en la Exposición Mundial de Montreal, Canadá.

**n. 389, 18.12.1967, Santiago Álvarez:** TRASPLANTE DE CORAZON: (1:12 min) En Ciudad del Cabo, África del Sur, un impresionante trasplante del corazón es efectuado por el cirujano Chris Barnard, asistido por un equipo de 30 auxiliares entre cardiólogos y neurólogos.

1968

**n. 393, 15.01.1968, Santiago Álvarez (monotemático):** LA HORA DE LOS HORNOS: Un collage que muestra la atmósfera del Congreso Cultural celebrado en La Habana en enero de 1968, y un resumen de los planteamientos que en él se discutieron.

**n. 409, 30.05.1968, Santiago Álvarez (monotemático):** SEMANA DE SOLIDARIDAD CON LOS PUEBLOS DE AFRICA: En apoyo a la lucha del pueblo africano, se celebró la Semana de Solidaridad con los Pueblos de África.

**n. 429, 07.11.1968, Santiago Álvarez:** LLEGA A LA HABANA EL MINISTRO DE RELACIONES EXTERIORES DE ARGELIA ABDELAZIZ BOUTEFLIKA: (1:50 min) Llega al aeropuerto Internacional "José Martí" el Ministro de Relaciones Exteriores de Argelia. Abdelaziz Bouteflika, el que fue recibido por los Ministros Raúl Roa y Armando Hart Dávalos.

**n. 435, 28.12.1968, Santiago Álvarez (monotemático):** II COLOQUIO SOBRE LA CULTURA AFRICANA EN LA AMERICA LATINA Y EL CARIBE: En la Academia de Ciencias de La Habana se llevó a cabo el II Coloquio sobre la Cultura Africana en la América Latina y zona del Caribe.

**1969 - NENHUM**

## 1970

**n. 481, 16.01.1970, Santiago Álvarez:** EL PARTIDO IMPERANTE SE REUNE EN BRAZZAVILLE: (1:04 min) El Congo (Brazzaville) se transforma en la República Popular del Congo, donde habrá un solo partido: el Partido Congoleño del Trabajo.

**n. 514, 10.12.1970, Pastor Vega:** INVASION A GUINEA: (3:47 min) Fuerzas mercenarias armadas y entrenadas por los colonialistas portugueses, intentaron en los últimos días varios ataques para invadir a la República africana de Guinea.

## 1971

**n. 519, 26.02.1971, Santiago Álvarez:** QUEMANDO TRADICIONES: Noticiero sobre las tradiciones positivas y negativas [religiões de matriz africana] con secuencias didácticas sobre la quema de caña y el corte australiano.

## 1972

**n. 557, 18.05.1972, Jorge Fraga:** FIDEL EN GUINEA Y ARGELIA: (8:59 min) El Comandante Fidel Castro y la delegación de alto nivel que lo acompaña, llegan a Guinea y Argelia donde son recibidos por los presidentes de ambos países.

**n. 558, 25.05.1972, Jorge Fraga (monotemático):** RECORRIDO DE FIDEL POR ARGELIA: Reportaje sobre el recorrido del Comandante Fidel Castro por Argelia.

**n. 568, 03.08.1972, Octavio Cortázar:** XIX ANIVERSARIO DEL 26 DE JULIO: Acto masivo efectuado en la Plaza de la Revolución “José Martí” con motivo del XIX aniversario del asalto al cuartel Moncada. Pronuncia discurso el Comandante Fidel Castro.

**n. 572, 31.08.1972, Miguel Torres:** CONJUNTO FOLKLORICO DE GUINEA: (2:03 min) Actuación del Grupo Federal de Gegkerou, de la Guinea Federal. Premio del último Festival Cultural Nacional de la República Democrática de Guinea en el teatro “Mella”.

**n. 573, 07.09.1972, Miguel Torres:** VISITA DEL CANCELLER DE

SIERRA LEONA: (0:20 segs) También fue visita oficial de Cuba el Canciller de Sierra Leona, S.A. James Pratt.

ACTUACION DE MIRIAM MAKEBA: (4:06 min) Llegada a Cuba y actuación en el teatro "Amadeo Roldán" de la cantante africana Miriam Makeba. Encuentro con el Grupo de Experimentación Sonora del ICAIC.

## 1973

**n. 594, 09.02.1973, Miguel Torres:** ASESINATO DE AMILCAR CABRAL (2:29 min) Nota por el asesinato de Amílcar Cabral, secretario del Partido Africano de la Independencia de Guinea Bissau y Cabo Verde.

**n. 601, 29.03.1973, Miguel Torres:** ESTRENO DE "Y EL CIELO FUE TOMADO POR ASALTO" (0:47 min) Estreno de este documental de Santiago Álvarez sobre la visita del Comandante Fidel Castro en 1972 al África y países socialistas.

**n. 624, 13.09.1973, Miguel Torres:** DISCURSO PRONUNCIADO POR FIDEL CASTRO EN LA IV CONFERENCIA DE PAISES NO ALINEADOS: (5:43 min) El Primer Ministro del gobierno revolucionario Fidel Castro parte por vía aérea hacia Argelia, donde participará en la IV Conferencia Cumbre de Países No Alineados. Escala técnica en Guinea, donde es recibido por Sékou Touré. Acto en su honor. Llegada a Argelia y escenas de la conferencia.

**n. 628, 03.10.1973, Santiago Álvarez:** AGRESION ISRAELI EN EL MEDIO ORIENTE AÑOS DE 1967-73: (6:30 min) 6 de Octubre de 1973. Los ejércitos de Siria y Egipto combaten contra las posiciones ilegalmente ocupadas por los israelitas. Guerra de junio de 1967.

**n. 636, 20.12.1973, Miguel Torres:** SITUACION EN EL MEDIO ORIENTE: (4 min) El imperio sionista solicita la ayuda del gobierno de Estados Unidos. Moshé Dayan, ministro de Defensa, y Golda Meir, primer ministro en visita a Washington. Reunión de la OTAN. Reunión de los pueblos árabes en Argel.

## 1974

**n. 641, 24.01.1974, Miguel Torres:** AMILCAR CABRAL: (2:45 min)

Recordatorio al fundador del PAIGC y principal inspirador de las luchas armadas contra el imperialismo portugués, Amílcar Cabral.

**n. 653, 18.04.1974, Miguel Torres (monotemático):** LLEGA A CUBA HOUARI BOUMÉDIÈNE: 12 de abril. Houari Boumédiène, presidente del Consejo de la Revolución y del Consejo de Ministros de la República Argelina Democrática y Popular, arriba a La Habana en visita oficial. Imposición de la Orden Nacional “José Martí” a Boumédiène en el Palacio de la Revolución. 15 de abril: acto de amistad cubano-argelina en la Ciudad Escolar “26 de Julio”, en Santiago de Cuba. Discursos del Comandante en Jefe Fidel Castro y de Houari Boumédiène.

**n. 657, 16.05.1974, Miguel Torres:** GOLPE DE ESTADO EN PORTUGAL: (3:29 min) Luego de treinta años de dictadura fascista el pueblo portugués recobra su libertad tras el golpe militar que arrojara del poder al gobierno del dictador Marcelo Caetano.

**n. 663, 27.06.1974, Santiago Álvarez (monotemático):** GOLPE MILITAR EN PORTUGAL: Reportaje [“El milagro de la tierra morena”] sobre el golpe militar perpetrado en Portugal el 25 de abril de 1974 por un grupo de jóvenes oficiales del ejército y que puso fin a casi 50 años de dictadura fascista. Planos de: Santiago Álvarez entrevista al Mayor Nuno Rubiera; sucesos callejeros; regreso de exiliados políticos; el General Antonio D’Spínola; toma de posesión en el Palacio de Gobierno; combatientes africanos; Amílcar Cabral.

**n. 675, 19.09.1974, Miguel Torres:** GUINEA-BISSAU: (1:22 min) En el Palacio del Pueblo de Argel, se firma la independencia de la República de Guinea Bissau por el Ministro de Relaciones Exteriores de Portugal, Mario Soares, y el Comandante y Viceministro de Defensa de Guinea-Bissau, Pedro Pires.

**n. 676, 26.09.1974, Miguel Torres (monotemático):** DE VISITA EN CUBA JULIUS NYERERE: 18 de septiembre. Julius K. Nyerere, presidente de la República Unida de Tanzania, arriba a La Habana al frente de una delegación de alto nivel. Imposición de la Orden Nacional “José Martí” a Nyerere en el Palacio de la Revolución. Acto de amistad cubano-tanzania, efectuado en la escuela “Presidente Salvador Allende”, del plan de construcciones de Alamar. Pronuncian discursos los compañeros Osvaldo Dorticós y Julius K. Nyerere. Recorrido por Santiago de Cuba. Despedida en el aeropuerto “José Martí”.

**n. 677, 03.10.1974, Santiago Álvarez:** COMITES DE DEFENSA DE LA REVOLUCION (CDR): Acto celebrado en la Plaza de la Revolución “José Martí”, con motivo del XIV aniversario de los Comités de Defensa de la Revolución. Pronuncia discurso el Comandante en Jefe Fidel Castro. Asiste al acto Pedro Rodríguez Peralta, combatiente internacionalista detenido en las cárceles portuguesas.

**n. 678, 10.10.1974, Miguel Torres:** LIBERADA GUINEA-BISSAU: (1:20 min) Tropas mercenarias portuguesas abandonan Guinea Bissau después que fuerzas del PAIGC ocuparan el último reducto del ejército portugués en una de las más antiguas de sus colonias.

**n. 685, 28.11.1974, Miguel Torres:** CANAL DE SUEZ: (1:20 min) Unidades de la marina soviética, usando la más moderna técnica, realizan el desminado del Canal de Suez [Egito].

## 1975

**n. 702, 29.03.1975, Miguel Torres (monotemático):** REUNION DE NO ALINEADOS: 17 al 19 de marzo. Se efectúa en La Habana la III Reunión del Buró de Coordinación de los Países No Alineados. Pronuncia el discurso de apertura el canciller Raúl Roa. El Comandante en Jefe Fidel Castro clausura la reunión.

**n. 707, 29.04.1975, Pastor Vega:** KENNETH KAUNDA EN CUBA: (2:04 min) 21 de abril. Kenneth D. Kaunda, presidente de Zambia, llega a Cuba al frente de una delegación de alto nivel. Es recibido en el aeropuerto “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Imágenes de la visita a la provincia de Oriente.

**n. 727, 18.09.1975, Miguel Torres:** MARIEN NGOUABI EN CUBA: (5:25 min) 13 de septiembre. Marien Ngouabi, presidente de la República Popular del Congo, presidente del Comité Central del Partido Congolés del Trabajo y Jefe de las Fuerzas Armadas de ese país, arriba a Cuba al frente de una delegación de alto nivel. Es recibido por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Imposición a Ngouabi de la Orden Nacional “José Martí”.

**n. 733, 30.10.1975, Miguel Torres:** DESCOLONIZACION EN AFRICA: (4:33 min) Reportaje sobre la descolonización de los territorios africanos de Guinea-Bissau, Mozambique y Angola. Planos de: salida

de soldados; armamento; Costa Gómez, presidente de Portugal; Agostinho Neto hablando.

**n. 736, 20.11.1975, Daniel Díaz Torres:** ANGOLA: (2:43 min) El 11 de noviembre de 1975 la última posesión portuguesa en África se convirtió en la República Popular de Angola, con Agostinho Neto como presidente. Planos de: retrospectivas sobre Lumumba prisionero; entrenamiento de combatientes; bandera del MPLA.

**n. 739, 11.12.1975, Miguel Torres:** ANGOLA: (2:26 min) Breve reportaje sobre la agresión a la República Popular de Angola. Planos de: desembarco de tropas mercenarias helitransportadas en África; fundición de lingotes de oro.

## 1976

**n. 744, 15.01.1976, Miguel Torres:** RAICES AFRICANAS DE CUBA: (2:35 min) Desde los primeros años del descubrimiento de Cuba comenzaron a llegar negros esclavos provenientes del continente africano.

**n. 746, 29.01.1976, Miguel Torres:** EDITORIAL DE GRANMA “A LA LUZ DE ANGOLA”: (2:07 min) El 27 de enero de 1976, el periódico “Granma” órgano oficial del Comité Central del Partido, publicó en primera plana un editorial titulado “A la luz de Angola” donde pone en evidencia la ayuda maoísta a los grupos secesionistas FNLA y UNITA.

**n. 748, 12.02.1976, Miguel Torres (monotemático):** MONOTEMATICO SOBRE ANGOLA: La República Popular de Angola es invadida desde 1975 por los grupos secesionistas UNITA y FNLA, apoyados por la Agencia Central de Inteligencia (CIA), los racistas sudafricanos y los maoístas. El pueblo angolano en decidida lucha aplastará a los traidores y reaccionarios.

**n. 751, 04.03.1976, Miguel Torres:** PROCLAMACION DE LA CONSTITUCION SOCIALISTA DE LA REPUBLICA DE CUBA: Pronuncia discurso de clausura el General de División Raúl Castro, segundo secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer vice primer ministro del Gobierno Revolucionario [menções a Angola].

**n. 753, 18.03.1976, Miguel Torres (monotemático):** II REUNION

DEL C.I.P: 11 de marzo de 1976. Inaugurada en La Habana la II Reunión del Comité Internacional Preparatorio del XI Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes [discurso de joven angolano]. Resumen de clausura por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 754, 26.03.1976, Miguel Torres (monotemático):** ENCUENTRO FRATERNAL EN CONAKRY (GUINEA): Marzo 14 de 1976. Conakry, un histórico y fraternal encuentro tiene lugar en la capital de Guinea. Cuatro dirigentes revolucionarios procedentes de África y América Latina se encuentran en esa capital, el Comandante en Jefe Fidel Castro, Agostinho Neto, presidente de la República de Angola, Sékou Touré, presidente de la República de Guinea, y Luis Cabral, presidente de Guinea Bissau.

**n. 758, 24.04.1976, Miguel Torres (monotemático):** XV ANIVERSARIO DE LA VICTORIA DE PLAYA GIRON (2 ROLLOS): Acto central con motivo del XV aniversario de la victoria de Playa Girón en el teatro "Karl Marx". El Comandante en Jefe Fidel Castro pronuncia el discurso de clausura.

**n. 760, 06.05.1976, Miguel Torres (monotemático):** PRIMERO DE MAYO DE 1976: Se celebra en la Plaza de la Revolución "José Martí" el Día Internacional de los Trabajadores. Resume el acto Roberto Veiga, Secretario General de la Central de Trabajadores de Cuba (CTC).

**n. 762, 20.05.1976, Miguel Torres:** PRIMERO DE MAYO EN ANGOLA: (1:24 min) La recién liberada República Popular de Angola celebra el Día Internacional de los Trabajadores con un gran acto encabezado por su presidente Agostinho Neto.

**n. 763, 28.05.1976, Miguel Torres:** APERTURA SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE EL APARTHEID: (7 min) La Habana, 24 de mayo de 1976. Se inicia el Seminario Internacional sobre el Apartheid y la lucha por la liberación de Sudáfrica en el hotel "Habana Libre". Raúl Roa, Ministro de Relaciones Exteriores de Cuba, hace el discurso de apertura.

**n. 764, 03.06.1976, Miguel Torres (monotemático):** SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE EL APARTHEID: La Habana, 24 al 28 de mayo. Seminario Internacional sobre la erradicación del Apartheid. Acto clausura en el teatro "Karl Marx". Discurso de Armando Hart, miembro del Buró Político.

**n. 766, 17.06.1976, Santiago Álvarez:** CONTINUAN ENFRENTAMIENTOS EN EL LIBANO: (4:00 min) El imperialismo norteamericano pretende llevar adelante en el Líbano su estrategia de intentar dividir al mundo árabe [acusações contra presidente do Egipto, Anwar el Sadat].

**n. 767, 24.06.1976, Santiago Álvarez:** SUDAFRICA Y LA DISCRIMINACION RACIAL: (2:42 min) El régimen del apartheid implantado en África del Sur permite que cuatro millones de blancos sojuzguen a 16 millones de negros.

KISSINGER VISITA ALEMANIA FEDERAL: (1:05 min) Llegada de Henry Kissinger, Secretario de Estado norteamericano, a la República Federal Alemana. Encuentro con John Vorster, Primer Ministro de África del Sur.

**n. 768, 01.07.1976, Santiago Álvarez:** SUDAFRICA Y EL APARTHEID: (1:29 min) La canibalesca represión de la policía racista de África del Sur contra la población negra de varias ciudades del país, levanta la más enérgica protesta mundial.

**n. 772, 31.07.1976, Miguel Torres:** VISITA A CUBA EL PRESIDENTE DE ANGOLA. ACTO CENTRAL POR EL XXIII ANIVERSARIO DEL ASALTO AL CUARTEL MONCADA: 22 de julio. Agostinho Neto, presidente del MPLA y de la República Popular de Angola, arriba a Cuba al frente de una delegación. Acto central en conmemoración del XXIII Aniversario del asalto al cuartel Moncada, efectuado en Pinar del Río. Agostinho Neto y el Comandante en Jefe Fidel Castro hacen uso de la palabra.

n. 776, 26.08.1976, Miguel Torres: SUDAFRICA: (2:53 min) África del Sur, uno de los países más ricos y desarrollados del llamado Mundo Occidental y centro del más despiadado racismo.

**n. 779, 17.09.1976, Miguel Torres:** FASCISMO EN RHODESIA: (50 segs) Canibalesca represión contra la mayoría negra de Rhodesia, captadas por una agencia occidental de noticias.

n. 780, 23.09.1973, Miguel Torres: MANIOBRAS POLITICAS DEL IMPERIALISMO EN AFRICA: (1:50 min) Gira de Henry Kissinger por África con el fin de hallar una solución mediatizada al conflicto de Rhodesia, Namibia y Sudáfrica.

**n. 781, 30.09.1976, Miguel Torres:** LLEGA A CUBA MIGUEL ANJOS TROVOADA: (1:45 min) Recibimiento de Miguel Anjos Trovoada, miembro del Buró Político del Movimiento de Liberación y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Sao Tomé y Príncipe por el Comandante en Jefe Fidel Castro y otros miembros del Buró Político.

AFRICALUCHA PORSU LIBERACION: (1:14 min) Diferentes imágenes de las luchas sudafricanas. Agostinho Neto, Presidente de Angola.

n. 782, 07.10.1976, Miguel Torres (monotemático): XVI ANIVERSARIO DE LOS CDR: Llega a Cuba Miguel Anjos Trovoada, miembro del Buró Político del Movimiento de Liberación de Sao Tomé y Príncipe y Primer Ministro del Gobierno de esa nación. Acto en la Plaza de la Revolución “José Martí” por el XVI aniversario de los Comités de Defensa de la Revolución (CDR). Intervienen en el mismo el Comandante en Jefe Fidel Castro y Miguel Anjos Trovoada.

**n. 784, 20.10.1976, Santiago Álvarez (versão internacional com trecho de *Maputo, meridiano novo no meio da narrativa*):** MORIR POR LA PATRIA ES VIVIR: 6 de octubre. Perecen 73 personas al producirse una explosión e incendiarse un avión de Cubana de Aviación en viaje de Barbados hacia Cuba. El hecho fue provocado por contrarrevolucionarios, agentes de la Agencia Central de Inteligencia (CIA) que operan en América y el Caribe contra Cuba. En la catástrofe pereció el equipo cubano de esgrima que regresaba de un torneo en Venezuela. De las 73 personas a bordo, 57 eran cubanos. 15 de octubre. Acto en la Plaza de la Revolución “José Martí” de despedida de duelo de las víctimas de la agresión aérea. Discurso del Comandante en Jefe Fidel Castro [menções ao contexto africano].

**n. 785, 28.10.1976, Miguel Torres:** LUIS CABRAL VISITA A CUBA: (54 segs) Invitado por el Comité Central del Partido Comunista de Cuba y el Gobierno Revolucionario, visita a Cuba del 13 al 21 de octubre, Luis Cabral, Presidente de la República de Guinea Bissau y Secretario General adjunto del PAIG. Imposición de la orden nacional “José Martí” a Luis Cabral por el presidente de Cuba, Dr. Osvaldo Dorticós.

LUIS CABRAL VISITA SANTIAGO DE CUBA: (3:41 min) Llegada de Luis Cabral, presidente de la República de Guinea Bissau y Secretario adjunto del PAIG, a Santiago de Cuba. Acto de amistad Cuba-Guinea Bissau en la escuela “Amílcar Cabral” de San Nicolás de Bari. Pronuncian discursos el General de División Raúl Castro y Luis Cabral.

**n. 792, 14.12.1976, Miguel Torres (monotemático):** XX ANIVERSARIO DE LAS FAR: 4 de diciembre. Se efectúa en la Plaza de la Revolución “José Martí” la revista militar XX Aniversario de las Fuerzas Armadas Revolucionarias. Pronuncia el discurso central el General de Ejército Raúl Castro. Asiste Lopo Do Nascimento, Primer Ministro de la República Popular de Angola y miembro del Buró Político del MPLA.

**n. 794, 28.12.1976, Miguel Torres:** PELICULA “LA GUERRA EN ANGOLA”: (1:35 min) Con la asistencia de Armando Hart, Ministro de Cultura y miembro del Consejo de Estado y Blas Roca, Presidente de la Asamblea Nacional del Poder Popular, ambos miembros del Buró Político, se efectúa en el cine de Arte ICAIC la premier de la película cubana “La Guerra en Angola” de Miguel Fleitas, una coproducción ICAIC-E-CITVFAR (sic). Alfredo Guevara, Presidente del Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), presenta el largometraje.

## 1977

**n. 798, 25.01.1977, Santiago Álvarez:** FASCISMO EN AFRICA: (4:20 min) Para los imperialistas, África es el continente de las materias primas. Las inversiones norteamericanas en África Austral ascienden a más de mil millones de dólares. En esta nota del *Noticiero ICAIC Latinoamericano* se pueden ver imágenes de la cantante negra sudafricana Miriam Makeba, antes de ser expulsada de su país por el régimen racista. Planos de Sudáfrica.

**n. 807, 30.03.1977, Daniel Díaz Torres, Rolando Díaz:** FIDEL EN AFRICA: (5:42 min) El África y la lucha por su liberación. Retrospectiva de la amistad afro-cubana. Análisis de la situación actual en el Continente Africano y los intentos del imperialismo por frenar el movimiento revolucionario. Recorrido del Comandante en Jefe Fidel Castro por países africanos.

**n. 816, 01.06.1977, Daniel Díaz Torres:** SITUACION EN ZAIRE: (2:41 min) En Zaire se ha desarrollado una operación militar internacional con el fin de retener una cabeza de puente para atacar a Angola y a otros países independientes.

MANIOBRAS IMPERIALISTAS EN RHODESIA Y NAMIBIA: (2:47 min) Actualmente los imperialista se afanan en proponer reformas neocoloniales delatorias para mantener su sistema en Namibia. Preten-

den formar allí un gobierno puente integrado por racistas blancos y jefes tribales.

**n. 828, 23.08.1977, Rolando Díaz:** “SOMOS INTERNACIONALISTAS”: (1:14 min) En el Pabellón Cuba de La Habana, se encuentra abierta al público la exposición “Somos Internacionalistas”, donde se pueden apreciar los obsequios recibidos por el Comandante en Jefe Fidel Castro en su reciente gira por países africanos, la República Democrática Alemana y la Unión Soviética.

**n. 835, 11.10.1977, Rolando Díaz:** LLEGADA DE SAMORA MACHEL A CUBA: (2:38 min) 9 de octubre. Al frente de una delegación de alto nivel, llega a Cuba Samora Moisés Machel, presidente de la República Popular de Mozambique y del FRELIMO.

**n. 836, 20.10.1977, Rolando Díaz:** SAMORA MACHEL VISITA A CUBA: (8:02 min) 11 de octubre. Se celebra acto de amistad cubano-mozambicano en Santiago de Cuba. Pronuncia discursos el Comandante Fidel Castro y Samora Machel, presidente de la República Popular de Mozambique y del FRELIMO. Machel visita las ESPEC de Isla de Pinos.

**n. 841, 24.11.1977, Rolando Díaz:** FRENTE POLISARIO: (2:29 min) La opinión pública mundial ha conocido las decisiones del gobierno francés de movilizar sus tropas de choque y enviar unidades de combate a sus bases de África para “proteger” ciudadanos franceses capturados en el curso de las operaciones militares desarrolladas por el Frente POLISARIO.

**n. 842, 29.11.1977, Rolando Díaz:** CRISIS MEDIO ORIENTE: (5:13 min) La reciente visita unilateral del presidente Anuar el Sadat a Israel profundizó la crisis del Medio Oriente y desencadenó una ola de protestas en la mayoría de los países árabes, quienes calificaron el hecho de traición a la causa palestina.

## 1978

**n. 852, 07.02.1978, Daniel Díaz Torres (monotemático):** REVOLUCION ETIOPE: En Etiopía se desarrolla una revolución que ha dictado medidas radicales que benefician a las amplias masas frente a las agresiones del imperialismo y un gran número de dificultades.

**n. 857, 15.03.1978, Rolando Díaz:** DESTACAMENTO PEDAGO-

GICO CHE GUEVARA: (2:47 min) 9 de marzo. Sostiene encuentro de despedida el Comandante en Jefe Fidel Castro con los integrantes del primer contingente del Destacamento Pedagógico Internacionalista “Ché Guevara”, que partirá rumbo a la República Popular de Angola.

**n. 858, 22.03.1978, Daniel Díaz Torres (monotemático):** CENTENARIO DE LA PROTESTA DE BARAGUA: 15 de marzo. Revista Militar por el centenario de la Protesta de Baraguá, en Santiago de Cuba. Hace el resumen del acto el Comandante en Jefe Fidel Castro. Planos de la guerra en Ogaden, Etiopía.

**n. 863, 28.04.1978, Rolando Díaz (monotemático):** VISITA DE MENGISTU HAILE MARIAM: 21 de abril. Mengistu Haile Mariam, presidente del Consejo Administrativo Militar de Etiopía Socialista, arriba a Cuba en visita oficial. Es recibido en el aeropuerto internacional “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Planos: Imposición de la Orden Nacional “Playa Girón” a Haile Mariam. Recorrido por Isla de Pinos y Santiago de Cuba. Acto de amistad cubano-etíope en la Plaza de la Revolución “José Martí”.

**n. 866, 16.05.1978, Daniel Díaz Torres (monotemático):** SUDAFRICA Y VISITA DE JOACHIM YHOMBY OPANGO: Reportaje sobre la situación existente en la República Sudafricana, centro de la contrarrevolución, del racismo y el apartheid en el Continente Africano. 8 de mayo: Joachim Yhomby Opango, general de brigada, presidente del Comité Militar del Partido Congolés del Trabajo y presidente del Consejo de Ministros de la República Popular del Congo, arriba a Cuba en visita oficial. Es recibido en el aeropuerto internacional “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 867, 24.05.1978, Daniel Díaz Torres:** NO ALINEADOS: (2:23 min) Se inicia la VI Reunión del Buró de Coordinación del Movimiento de Países No Alineados a nivel de embajadores y expertos, en los salones de conferencias del hotel “Habana Libre”. El canciller Isidoro Malmierca preside la delegación cubana.

**n. 872, 27.06.1978, Rolando Díaz (completo):** INTERVENCION EN ZAIRE: (2:17 min) Manifestación en Francia contra la intervención francesa en Zaire y otros países africanos.

ENTREVISTA A FIDEL: (7:03 min) 16 de junio. Fragmentos de la entrevista concedida por el Comandante en Jefe Fidel Castro a periodistas

norteamericanos de NBC, CBS y ABC en la sede del Consejo de Estado. Planos sobre la situación en África.

**n. 874, 13.07.1978, Fernando Pérez:** ESTUDIANTES ETIOPESES: (1:08 min) Más de mil estudiantes etíopes entre 9 y 17 años arriban a Cuba para estudiar en la Isla de la Juventud.

**n. 877, 02.08.1978, Daniel Díaz Torres (monotemático):** INAUGURACION XI FESTIVAL Y ACTO 26 DE JULIO EN SANTIAGO DE CUBA: (10 min) Acto Central con motivo del XXV aniversario del asalto al cuartel Moncada en la Ciudad Escolar 26 de Julio, Santiago de Cuba. Hace el resumen el Comandante en Jefe Fidel Castro. 28 de julio. Se inaugura el XI Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes en el Estadio Latinoamericano. La ceremonia es presidida por Fidel. El discurso de apertura es pronunciado por el general de ejército Raúl Castro.

**n. 878, 08.08.1978, Daniel Díaz Torres (monotemático):** XI FESTIVAL: Reportaje sobre la celebración del XI Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes. 2 de agosto. Se celebra el acto de proclamación oficial de la Isla de la Juventud, frente al antiguo Presidio Modelo de Isla de Pinos. Es presidido por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Pronuncia el discurso resumen Raúl Roa García, vicepresidente de la Asamblea Nacional del Poder Popular [...].

**n. 885, 22.09.1978, Rolando Díaz:** ACUERDOS DE CAMP DAVIS: (2:16 min) La reunión de Camp Davis significó la traición del presidente de Egipto, Anuar el Sadat, a los intereses árabes.

**n. 892, 23.11.1978, Daniel Díaz Torres:** MANUEL PINTO DA COSTA: (2:20 min) Manuel Pinto Da Costa, presidente del Movimiento de Liberación y de la República Democrática de Sao Tomé y Príncipe, arriba a Cuba, al frente de una delegación de alto nivel. Es recibido en el aeropuerto "José Martí" por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Recorrido por el país.

**n. 898, 28.11.1978, Daniel Díaz Torres:** MUERTE DE HOUARI BOUMÉDIÈNE: (5:32 min) Nota por el fallecimiento de Houari Boumédiène, líder del pueblo argelino. Retrospectivas del mismo.

## 1979

**n. 908, 07.03.1979, Fernando Pérez:** REGRESO PRIMER DESTA-

CAMENTO PEDAGOGICO CHE GUEVARA: (3:55 min) Llegan a La Habana los primeros integrantes del Destacamento Pedagógico “Ché Guevara”, que permanecieron diez meses en Angola. Despedida del segundo destacamento en el teatro “Lázaro Peña”. Habla el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 934, 09.09.1979, Daniel Díaz Torres: SEXTA CUMBRE:** 3 de septiembre. Es inaugurada la VI Conferencia Cumbre del Movimiento de Países No Alineados en el Palacio de las Convenciones, Ciudad de La Habana. Pronuncia el discurso el Comandante en Jefe Fidel Castro, presidente de ese organismo.

**n. 935, 14.09.1979, Rolando Díaz: MUERTE DE NETO:** (6:28 min) Breve recuento en homenaje al presidente de Angola, Agostinho Neto, fallecido en Moscú, tras dolorosa enfermedad, el 10 de septiembre de 1979.

**n. 939, 11.10.1979, Fernando Pérez: RODESIA:** El 8 de noviembre de 1965, Ian Smith declaraba unilateralmente la independencia del gobierno británico. En respuesta a esta situación el pueblo negro de Zimbabue se agrupa en El Frente Patriótico que lucha por la mayoría negra. Conferencia de Londres sobre el futuro de Rodesia.

**n. 944, 17.11.1979, Francisco Puñal (monotemático): ANWAR EL SADAT:** Recuento de la traición del Anwar El Sadat, presidente de Egipto, a su pueblo y al resto de los pueblos árabes. Acuerdos de Camp Davis.

## 1980

**n. 962, 22.03.1980, Daniel Díaz Torres: VISITA DE DOS SANTOS (ANGOLA):** 17 de marzo. José Eduardo Dos Santos, presidente del MPLA-Partido del Trabajo y de la República popular de Angola, arriba a Cuba al frente de una delegación. Es recibido en el aeropuerto “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro y el General de ejército Raúl Castro.

## 1981

**n. 1024, 06.06.1981, Fernando Pérez: REUNION EXPERTOS PAISES NO ALINEADOS:** En el Palacio de las Convenciones tuvo lugar

del 25 al 27 de mayo la reunión de expertos de alto nivel de los países no alineados acerca del tema “El papel de la mujer en el desarrollo”. Vilma Espín, presidenta de la Federación de Mujeres Cubanas, inaugura la reunión.

**n. 1044, 21.10.1981, Francisco Puñal:** MUERTO EL SADAT: Escenas del ajusticiamiento del presidente de Egipto Anuar El Sadat, traidor a la causa árabe y al pueblo egipcio.

## 1982

**n. 1064, 13.03.1982, Francisco Puñal:** SAHARA OCCIDENTAL: Nota por la admisión de la República Árabe Saharaui Democrática, fundada en 1976, como miembro pleno de la Organización de la Unidad Africana (OUA).

**n. 1065, 20.03.1982, Francisco Puñal:** VISITA DE VIERA: 10 de marzo. Joao Bernardo Vieira Nino, secretario general del Partido Africano de la Independencia de Guinea Bissau y presidente del Consejo de la Revolución de la República de Guinea Bissau, arriba a Cuba al frente de una delegación de alto nivel. Es recibido en el aeropuerto internacional “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

DESTACAMENTO “CARLOS J.FINLAY”: 12 de marzo. Se constituyó el destacamento de ciencias médicas “Carlos J.Finlay” en acto celebrado en el teatro “Karl Marx”. Pronuncia el discurso de clausura el Comandante en Jefe Fidel Castro [menções à cooperação médica em África].

**n. 1072, 07.05.1982, Lázaro Buría:** NO ALINEADOS: 29 de abril. Se inaugura la I Reunión de Expertos y Altos Funcionarios de la Educación y la Cultura del Movimiento de Países No Alineados y otros en desarrollo, en el Palacio de las Convenciones. Pronuncia las palabras de apertura Armando Hart - placa de Moçambique e alguns negros no público.

MOHAMED ABDELAZIZ: 29 de abril. Mohamed Abdelaziz, secretario general del Frente Popular para la Liberación de Saguia el Hanra y Río de Oro (FPOLISARIO), jefe de Estado y presidente del Consejo de Mando de la Revolución de la República Árabe Saharaui Democrática, arriba a Cuba al frente de una delegación de alto nivel. Es recibido en el aeropuerto internacional “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro. Detalles de su visita.

**n. 1075, 29.05.1982, Francisco Puñal:** VISITA DE SAMORA MACHEL: 24 de mayo. Samora Moisés Machel, presidente del FRELIMO y de la República Popular de Mozambique, arriba a La Habana al frente de una delegación de alto nivel. Lo recibe en el aeropuerto internacional “José Martí” el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 1077, 12.06.1982, Lázaro Buría:** PAISES NO ALINEADOS: 2 de junio. Presidida por el Comandante en Jefe Fidel Castro, quedó inaugurada en el Palacio de las Convenciones la Reunión Ministerial del Buró de Coordinación de los Países No Alineados

**n. 1082, 17.07.1982, Francisco Puñal:** VISITA DE DENIS SASSOU NGUESSO: 9 de julio. Reportaje sobre la visita a Cuba del Coronel Denis Sassou Nguesso, presidente del Comité Central del Partido Congolés del Trabajo y de la República Popular del Congo, jefe de Estado y Presidente del Consejo de Ministro. Es recibido en el aeropuerto “José Martí” por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 1090, 11.09.1982, Lázaro Buría:** ANIVERSARIO REVOLUCION ETIOPE: Nota por el VIII aniversario del triunfo de la Revolución Etíope, que tuvo lugar en septiembre de 1974 con el derrocamiento del emperador Haile Selassie.

## 1983

**n. 1116, 12.03.1983, Melchor Casals (monotemático):** SEPTIMA CUMBRE DEL MOVIMIENTO DE PAISES NO ALINEADOS: Interviene el Comandante en Jefe Fidel Castro en la primera jornada de trabajo de la VII Cumbre, en el Palacio de la Cultura de Nueva Delhi, India. Indira Ghandi, hace el discurso de apertura.

## 1984

**n. 1174, 28.04.1984, José Padrón:** ATENTADO DINAMITERO EN ANGOLA: 19 de abril. Criminal atentado dinamitero contra un edificio de viviendas donde se alojan exclusivamente trabajadores civiles cubanos en Huambo. Resultaron asesinados 14 constructores cubanos.

**n. 1197, 06.10.1984, Lázaro Buría:** VISITA DE THOMAS SANKARA: 25 de septiembre. Visita oficial a Cuba del Capitán Thomas Sanka-

ra, presidente del Consejo Nacional de la Revolución y Jefe de Estado y gobierno de Burkina Faso. El Comandante en Jefe Fidel Castro le da la bienvenida en el aeropuerto internacional “José Martí”. Imposición de la Orden “José Martí”.

**n. 1208, 22.12.1984, José Padrón:** VISITA DE MENGISTU HAI-LE MARIAM: 13 de diciembre. Mengistu Haile Mariam, secretario general del Partido de los trabajadores de Etiopía, presidente del Consejo Administrativo Militar Provisional y Comandante en Jefe de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, arriba a Cuba en visita amistosa y de trabajo. Es recibido en el aeropuerto Internacional “José Martí” el Comandante en Jefe Fidel Castro.

## 1985

**n. 1229, 20.05.1985, Lázaro Buría:** VISITA DEL PRESIDENTE DE ARGELIA: 10 de mayo. En visita oficial y amistosa llega a Cuba Chadli Bendjedid, presidente de la República Argelina Democrática y Popular y secretario general del Partido Frente de Liberación Nacional. Ceremonia de imposición de la orden “José Martí”.

**n. 1232, 10.06.1985, Francisco Puñal:** AFRICA: Reportaje sobre el apartheid en Sudáfrica y Namibia. Agresiones a Angola.

**n. 1249, 30.09.1985, Melchor Casals:** VISITA DE NYERERE: Visita nuestro país el presidente de la República Unida de Tanzania, Julius Nyerere. El dirigente tanzano recibió el título de Doctor Honoris Causa en Ciencias Políticas de la Universidad de La Habana.

**n. 1250, 09.10.1985, Francisco Puñal:** VISITA DE MUGABE: 7 de octubre. Robert Mugabe, presidente de la Unión Nacional Africana de Zimbabue (ZANU-PF) y primer ministro de la República de Zimbabue, arriba a Cuba en visita oficial. Lo recibe en el aeropuerto internacional “José Martí” el Comandante en Jefe Fidel Castro. Imposición de la orden “José Martí”.

**n. 1251, 14.10.1985, Lázaro Buría:** VISITA DE KENNETH KAUNDA: 13 de octubre. Visita del doctor Kenneth Kaunda, presidente del Partido Unido de la Independencia Nacional y presidente de la República de Zambia. Es recibido por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

## 1986

**n. 1275, 02.04.1986, Héctor Veitía:** VISITA DE OLIVER TAMBO: Oliver Tambo, presidente del Comité Ejecutivo del Congreso Nacional Africano, arriba a Cuba en visita oficial. El Comandante en Jefe Fidel Castro le impone la orden “Playa Girón”.

**n. 1304, 22.10.1986, Melchor Casals:** MUERE SAMORA MACHEL: Nota por la desaparición física de Samora Machel, presidente de Mozambique. Retrospectivas.

**n. 1312, 18.12.1986, Héctor Veitía:** ACTIVIDADES DEL VIII FESTIVAL DEL NUEVO CINE LATINOAMERICANO: Seminario “La Mujer y el mundo audiovisual” en el Palacio de las Convenciones y que fue presidido por Vilma Espín. Mesa redonda sobre cine africano en la sala Charles Chaplin. Entrevista al realizador soviético Vladimir Menshov. Entrevista Sidney Pollack. Entrevista a Gregory Peck. Entrevista a Graciela Dufau.

## 1987

**n. 1333, 09.05.1987, Melchor Casals (monotemático):** BRIGADA VENCEREMOS: Una muestra más de la solidaridad entre los pueblos del mundo es el XVIII Contingente de la Brigada Venceremos, cuyo nombre este año fue Winnie y Nelson Mandela. Visitan nuestro país en ocasión de la celebración del Primero de Mayo.

**n. 1339, 21.06.1987, Héctor Veitía:** REY DE LOS YORUBAS: Invitado por el Instituto Cubano de Amistad con los Pueblos (ICAP), visita nuestro país el Oni de Ifé, Orunade Sijuwade Olobuse II, de la República Federal de Nigeria, rey supremo de los Yorubás. Recibe la insignia de “Huésped Ilustre de la Ciudad de la Habana”.

**n. 1346, 12.08.1987, Héctor Veitía:** LLEGADA PRESIDENTE DE ANGOLA: 30 de julio. Arriba a Cuba José Eduardo dos Santos, presidente del MPLA, Partido del Trabajo y de la República Popular de Angola. Lo recibe el Comandante en Jefe Fidel Castro.

## 1988

**n. 1370, 23.01.1988, Melchor Casals:** PRESIDENTE DE UGANDA: El presidente de Uganda, Yoweri K. Museveni, realizó una visita oficial y amistosa a Cuba. El Comandante en Jefe Fidel Castro lo recibe. Imposición de la orden “Playa Girón”. Despedida.

**n. 1381, 08.04.1988, Héctor Veitía:** VISITA DE PRESIDENTE DE MOZAMBIQUE: Llega a Cuba Joaquim Alberto Chissano, Presidente del Partido FRELIMO y de la República Popular de Mozambique. Lo recibe el Comandante en Jefe Fidel Castro. Acto de Condecoración con la orden José Martí: Visita al cardiocentro “William Soler”.

**n. 1390, 10.06.1988, Héctor Veitía (monotemático):** PAISES NO ALINEADOS: Fase ministerial de la Reunión Extraordinaria del Buró de Coordinación del Movimiento de Países No Alineados en el Palacio de las Convenciones de La Habana. Asiste el Comandante en Jefe Fidel Castro. Esta reunión está dedicada al desarme. Carlos Rafael Rodríguez hace uso de la palabra.

**n. 1404, 16.09.1988, Héctor Veitía:** REGRESO DE ORLANDO CARDOSO VILLAVICENCIO: Después de permanecer durante más de diez años en cárceles somalíes, el combatiente internacionalista Orlando Cardoso Villavicencio regresa a su patria, al ser puesto en libertad mediante un canje de prisioneros entre Somalia y Etiopía. Es recibido por el General de Ejército Raúl Castro.

## 1989

**n. 1422, 20.01.1989, Francisco Puñal:** CORRESPONSAL DE GUERRA: El corresponsal de guerra cubano, Dervis Pastor Espinosa, quien fuera destinado a Angola en 1975, habla de sus experiencias de aquel momento.

LLEGADA DE INTERNACIONALISTAS: 10 y 11 de enero. Cuba cumple con anticipación su compromiso inicial sobre el regreso de combatientes internacionalistas procedentes de Angola, al arribar el primer contingente. La ceremonia de bienvenida se efectúa en el Cacahual, presidida por el Comandante en Jefe Fidel Castro.

**n. 1424, 03.02.1989, Vivian Argilagos:** LLEGADA BUQUE: El 30

de enero arribaron al puerto de La Habana a bordo del buque soviético “Fiodor Shaliapin”, mil jóvenes cubanos, combatientes internacionalistas procedentes de la República Popular de Angola.

**n. 1427, 24.02.1989, Vivian Argilagos:** VISITA DEL PRESIDENTE DE MALI: Con motivo de la visita a Cuba del General de Ejército Mousa Traore, presidente de la República de Mali, el Noticiero elaboró una breve reseña sobre este país del África Occidental. En Cuba, Mouse Traore, quien además es el presidente en ejercicio de la OUA, fue condecorado con la Orden “José Martí”.

**n. 1468, 08.12.1989, Lázaro Buría (monotemático):** CEREMONIA NACIONAL DE DESPEDIDA DE DUELO A LOS COMBATIENTES INTERNACIONALISTAS CUBANOS CAIDOS EN AFRICA: El Comandante en Jefe Fidel Castro Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros de Cuba, pronunció el discurso de despedida de duelo en las honras fúnebres de los combatientes internacionalistas cubanos caídos en África, las cuales tuvieron lugar el 7 de diciembre a lo largo de todo el país.

## 2. DOCUMENTÁRIOS, FICÇÕES E SÉRIES PARA TELEVISÃO REALIZADOS EM CUBA, POR NOME DE DIRETOR/DIRETORA<sup>2</sup>

### SEM AUTORIA IDENTIFICADA

- *Aniversario siete*, documentário, 35 mm, col., 10 min., 1966, ECIFAR. Sinopse: aniversário da Revolução de 1959. Sinopse: “*Llegada de delegados a la Conferencia Tricontinental*”.<sup>3</sup>

### ANTONIO RUIZ

- *Comandante en Jefe, ordene*, documentário, 35 mm, col., 18 min., 1963, ECIFAR. Sinopse: Fidel Castro na companhia do visitante argelino Houari Boumediène.

<sup>2</sup> Os títulos em negrito correspondem aos visualizados para a pesquisa.

<sup>3</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 43.

## BELKIS VEGA

- *Angola, una victoria cierta*, (co-direção com Francisco Díaz e Roberto Velázquez) documentário, 35 mm, B/N, 72 min., 1976, ECIFAR. Sinopse: conflitos no país africanos e a cooperação cubana ao MPLA;
- *Fidelito*, documentário, 35 mm, color., 09 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: colaboração a Angola no campo da saúde pela história de um menino;
- *Mayombe*, documentário, 35 mm, color., 25 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: ajuda técnica cubana a Angola nas florestas;
- *Recuento*, documentário, 16 mm, color., 36 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: colaborações civis a Angola desde 1965;
- *Huambo, crónica de un crimen*, documentário, 16 mm, color., 18 min., 1986, ECITVFAR. Sinopse: atentado contra cubanos em 19.04.1981, em Huambo, Angola;
- *Operación Carlota*, documentário, 16 mm, color., 38 min., 1986, ECITVFAR. Sinopse: histórico de cooperação cubana com Angola desde 1965 e defesa da permanência no país;
- *Corresponsales de guerra*, teleserie, 35 mm, color., 4 capítulos de 27 min. cada; documentário, 35 mm, color, 53 min. 1986, Granma Producciones [ECITVFAR], ICAIC. Sinopse: homenagem aos “cineastas uniformizados” que filmaram em Cuba e países estrangeiros, incluindo Guiné-Bissau e Angola;
- *Siempre la esperanza*, documentário, video, color., 15 min., 1991, Trimagen [ECITVFAR]. Sinopse: “Este documentário acompanha a experiência de Rodolfo Estévez, um caminhoneiro que foi enviado para integrar o Exército cubano que estava na guerra em Angola. Estévez foi feito prisioneiro e passou muitos meses em um verdadeiro inferno, muito tempo na solitária. Depois de um tempo, ele perdeu a vontade de viver, esperando a primavera eterna” (tradução nossa).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> GARCÍA OSUNA, Alfonso J. *The Cuban Filmography, 1897 through 2001*. Jefferson, North Carolina, London: McFarland & Company, Inc., 2003, p. 167. Excerto no original: “*This documentary follows the experiences of one Rodolfo Estévez, a truck driver who was sent as part of the Cuban army that fought the war in Angola. Estévez was made prisoner and spent many months in hell, much of the time in solitary confinement. After a time, he loses*”

**BERNABÉ HERNÁNDEZ**

- *Angola construye*, documentário, 35 mm, color., 27 min., 1978, ICAIC. Sinopse: “*Resume el desarrollo del sector de la construcción en Angola y su lucha por vencer el sub desarrollo*”<sup>5</sup>

**CONSTANTE DIEGO**

- *El corazón sobre la tierra* ou *Con el corazón sobre la tierra*, documentário, 35 mm, color., 18 min., 1982, ICAIC. Sinopse: camponeses discutem criar cooperativa agrícola, com menção ao militar Carlos Rafael Almenares, morto em Etiópia;
- *El corazón sobre la tierra*, ficção, 35 mm, color., 102 min., 1985, ICAIC. Sinopse: “*Un campesino, marcado profundamente por la muerte de su hijo internacionalista, decide fundar una cooperativa campesina en el corazón de la sierra: una verdadera revolución en la zona. Pero sólo después de un difícil proceso de enfrentamientos, con su familia y los que le rodean, comprenderá que no basta con cambiar las formas de vida en la montaña si al mismo tiempo no se aspira a transformar a los hombres que vivirán en ella*” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 101-102).

**DANILO LEJARDI**

- *Unidos en la lucha y en la paz*, documentário, 35mm, B/N, 27 min., 1974, ECIFAR. Sinopse: visita de Fidel à Guiné-Conacry em 1972 e trabalho de construtores militares cubanos no país; histórico nacional e invasão de mercenários em 1970.

**EDUARDO DE LA TORRE**

- *Visitante del cosmos*, documentário, 35 mm, color., 29 min., 1983, ECITV FAR. Sinopse: visita de primeiro astronauta cubano Arnaldo Tamayo Méndez a região de Angola em 1981.

*his will to live, yet hope springs eternal*”.

<sup>5</sup> CINEMATECA DE CUBA. *Bitácora de cine cubano*: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 197.

## EDUARDO HERNÁNDEZ PAREDES

- *Vuestras victorias serán las nuestras*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: visitas oficiais Cuba e Argélia; histórico do país islâmico;
- *Hacia la sexta cumbre*, “documentário de propaganda”, 35 mm, B/N, 15 min., 1979, ECIFAR. Sinopse: histórico do Movimento de Países Não Alinhados, com imagens de arquivo.

## EDUARDO MOYA

- *Algo más que soñar*, teleserie, 35 mm, color., 9 capítulos de 60’ cada (aproximadamente), 1985, Producciones Granma [ECITV FAR]. Sinopse: “*Antonio, Carlos Manuel e Ignacio son tres estudiantes de preuniversitario que por distintos motivos se inscriben en la Escuela de Artillería de las Fuerzas Armadas Revolucionarias. Amalia, la compañera de Ignacio, no sabe si el amor le alcanzará para esperar a su novio; Marina, amiga de Amalia, está enamorada de Carlos Manuel, pero éste, a su vez, lo está de Ana, una joven gimnasta negra, amiga de su hermana Gilda. Tras no pocas peripecias sentimentales que marcarán para siempre sus vidas, los amigos marcharán a África, para cumplir una misión. Conocerán el peligro, y alguno de ellos, la muerte*” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 42-43).

## EMILIO OSCAR ALCALDE

- *El encanto del regreso*, ficção, 65 min., 1989, ECITV FAR. Sinopse: “*Al retornar de una misión en el extranjero, un militar encuentra inesperados conflictos en su casa [...]*” (*ibidem*, p. 130).

## ESTELA BRAVO

- *La última colonia*, documentário, vídeo, color., 24 min., 1990, Bravo Films. Sinopse: registros da efeméride que celebra a independência em Namíbia, ocorrida no dia 21 de março de 1990.

- *Mandela visits Cuba*, documentário, vídeo, color., 59 min., 1991, TVC, TV Latina, JBC. Sinopse: viagem de três dias do recém-liberto líder sul-africano a Cuba, ao lado de Winnie Mandela e comitiva sul-africana.
- *Cuba/Sudáfrica después de la Batalla*, documentário, 16 mm e vídeo, color., 58 min., 1990, Granma [ECITV FAR], Nexus, Canal 4 (Grã-Bretanha). Sinopse: desdobramentos sociais e políticos, em Cuba e África do Sul, do fim da Batalha de Cuito Cuanavale, Angola.

#### FAUSTO CANEL

- *El Congo, 1960 (Estos fueron los hechos)*, documentário de arquivo, 35 mm, B/N, 10 min., 1961, ICAIC. Sinopse: histórico da independência do Congo-Leopoldville e do assassinato de Patrice Lumumba.

#### FERNANDO PÉREZ

- *Cabinda*, documentário, 35 mm, B/N, 30 min., 1977, ICAIC, ECIFAR. Sinopse: filmagens de conflitos armados contra o FLNA, na província de Angola.

#### FRANCISCO DÍAZ FERRER

- *Angola de puño erguido*, documentário, 35 mm, B/N, 54 min., 1977, ECIFAR. Sinopse: “*Se presentan los sucesos fraccionalistas ocurridos en Luanda cuando los enemigos de la Revolución quisieron dar un golpe de Estado en Angola en mayo de 1977*”;<sup>6</sup>
- *Sudáfrica por su independencia...*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: “*Sobre la lucha del pueblo sudafricano por alcanzar su libertad y las maniobras imperialistas que tratan de impedirlo*”;<sup>7</sup>
- *On to Zimbabwe*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1979,

<sup>6</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 231.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 266

ECIFAR. Sinopse: “*Sobre la lucha del pueblo de Zimbabwe por alcanzar su independencia*”;<sup>8</sup>

- *Y un nuevo camino se emprendió*, documentário, 35 mm, B/N, 45 min., 1979, ECIFAR. Sinopse: sobre a situação política de Angola.

## ISAMEL VUVO

- *Educación sem fronteiras (Educación sin fronteras)*, documentário, 35 mm, color., 19 min., 1989, ICAIC, Instituto Nacional de Cinema de Moçambique. Sinopse: “*Reportaje sobre la escuela donde estudian los jóvenes mozambicanos en la Isla de la Juventud*”.<sup>9</sup>

## JESUS DÍAZ

- *Reportaje en Lagos*, documentário, 35 mm, color., 17 min., 1977, ICAIC. Sinopse: “*Reportaje sobre el Segundo Festival Mundial de Arte y Cultura Negros y Africanos, realizado en Lagos, capital de Nigeria, en 1977, que incluye actuaciones de Argelia, Congo, Cuba, Guinea y Guyana*”;<sup>10</sup>
- *Benin: una nación africana*, documentário, 35 mm, color., 17 min., 1977, ICAIC. Sinopse: “*Relata la historia de Benin, el antiguo Dahomey, con la lucha de su pueblo hasta liquidar el colonialismo*”.<sup>11</sup>

## JORGE ALONSO PADILLA

- *Bienvenido Camarada Okongo*, documentário 35 mm, B/N, 18 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: visita de delegação militar da República do Congo, presidida pelo capitão Nicolás Okongo,

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 289.

<sup>9</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 332.

<sup>10</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 195.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 187.

“*Presidente del Partido Congolés del Trabajo*”, de 13 a 19 setembro 1978.

## JORGE FUENTES

- *República en armas*, documentário, 35 mm, B/N, 45 min., 1974, ECIFAR. Sinopse: sobre os últimos confrontos do PAIGC contra os portugueses em Guiné-Bissau;
- *Archivo Guinea Bissau*, documentário, 27 min., 1975, ICAIC;
- *Badenya*, documentário, 35 mm, color., 27 min., 1975, ECIFAR. Sinopse: sobre construtores cubanos na região de Kan-Kan, Guiné-Conacri, em 1974;
- *Una Guinea que llamaron española*, documentário, 35 mm, B/N, 27 min., 1976, ECIFAR. Sinopse: presença cubana no país e cooperações civis no país;
- *La lucha continua*, documentário, 35 mm, B/N, 72 min., 1977, ECIFAR. Sinopse: sobre Angola, com trilha musical do Grupo de Experimentación Sonora del ICAIC, e com o Grupo de Teatro Escambay;
- *La gran rebelión*, série de televisão, 16 mm, color., 9 capítulos de 60' cada (aproximadamente), 1982, ECITV FAR, ICRT. Sinopse: “*Nacimiento, desarrollo y consolidación del Ejército Rebelde, a través de un personaje real de la historia de Cuba, desde su incorporación a las luchas guerrilleras en la Sierra Maestra, hasta su participación como internacionalista en Angola y Etiopía*” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 157-158);
- *Cabinda*, série de televisão, 06 episódios de 60' cada (aproximadamente), 1988, ECITV FAR. Sinopse: “*Una directora de cine busca argumento para su próxima película. Por su parte, la CIA prepara una invasión en gran escala a Cabinda...*” (*ibidem*, p. 79-80).

## JORGE GIANNONI

- *De Rhodesia a Zimbabwe*, documentário de arquivo, 35 mm, color., 14 min., 1979, ICAIC. Sinopse: sobre a proximidade explosiva dos combates pela independência no país africano.

## JORGE LUIS SÁNCHEZ

- *Amigos*, ficção, 16 mm, B/N, 30 min., 1987, Taller de Cine de la Asociación Hermanos Saíz. Sinopse: “*Dos amigos quieren hacer cine, pero cada uno muestra intereses distintos. Sus vidas se reencuentran en Angola*” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 51-52).

## JOSÉ MASSIP

- *Historia de un ballet*, documentário, 35 mm, color., 30 min., 1962, ICAIC. Sinopse: “*El coreógrafo Ramiro Guerra y los bailarines del Teatro Nacional montan un wemilere em honor a un santo pagano y van a aprender este arte com los anónimos del pueblo. En el filme se mesclan los ensayos con la representación teatral*”.<sup>12</sup>
- *Impressions sur Conakry*, documentário, 71 min., 1967, ICAIC;
- *Madina Boé*, documentário, 35 mm, B/N, 38 min., 1968, ICAIC, ONSPAAAL. Sinopse: imagens da organização do PAIGC ao ataque a uma base militar colonialista na Guiné portuguesa;
- *Guinea '71*, documentário, 15 min., 1971, ICAIC;
- *Cuando los tugas regresaron a Kubukaré*, documentário, 70 min., 1973, ICAIC;
- *Angola: victoria de la esperanza*, (Codireção com Fernando Pérez e Rolando Díaz, e a colaboração de Santiago Álvarez), documentário, 35 mm, color., 72 min., 1976, ICAIC, ECIFAR, LNC. Sinopse: durante o julgamento dos mercenários em Angola, o filme traça o longo histórico de opressão até as recentes guerras de independência;
- *Homenaje a Amílcar Cabral*, 35 mm, B/N e color., 39 min., 1980, ICAIC. Sinopse: imagens de *Cuando los tugas regresaron a Kubukaré*, *República en armas* (Jorge Fuentes, 1974, ECIFAR) e da saída das últimas tropas portuguesas de Guiné-Bissau em 1974.

<sup>12</sup> CINEMATECA DE CUBA. *Bitácora de cine cubano*: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 55, 57.

## JUAN CARLOS TABÍO

- *Miriam Makeba*, documentário, 35 mm, color., 30 min., 1973, ICAIC. Sinopse: “*Crónica de la visita a Cuba de la cantante Miriam Makeba, sus actuaciones y encuentros con músicos y conjuntos de la isla*”.<sup>13</sup>

## JUAN PADRÓN

- *N’Vula*, animação, 35 mm, color., 15 min., 1982, ICAIC. Sinopse: fábula sobre o pequeno N’Vula e seus amigos contra os colonialistas brancos em um povoado africano.

## LUIS FELIPE BERNAZA

- *Médico de campaña*, documentário, 35 mm, color., 11 min., 1983. Sinopse: trabalhos de médico cubano em Angola.

## LAURA LÓPEZ

- *Cazador de imágenes*, ficção, 1989.<sup>14</sup>

## MANUEL HERRERA

- *¡Bienvenidos!*, documentário, 14 min., 1977, ICAIC. Sinopse: estudantes moçambicanos em Cuba.

## MAYRA VILASIS

- *Con luz propia*, documentário, 19 min., 1988, ICAIC. Sinopse: biografia de Winnie Mandela.

<sup>13</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 148.

<sup>14</sup> Filme mencionado por Juan António García Borrero em: *El encanto del regreso* (1990), de Emilio Oscar Alcalde. **Cine cubano, la pupila insomne**, 31 may. 2009. Disponível em: <https://cinecubanolapupilainsomne.wordpress.com/2009/05/31/el-encanto-del-regreso-1990-de-emilio-oscar-alcalde/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

## MELCHOR CASALS

- **Sulkary**, documentário, 35 mm, color., 20 min, 1974, ICAIC. Sinopse: “*Tres parejas del Conjunto Nacional de Danza Moderna interpretan Sulkary, la danza de la fecundidad, del amor pleno, en coreografía de Eduardo Rivero inspirada en el folclore afrocubano*”.<sup>15</sup>
- **Okantomi**, documentário, 35 mm, color., 14 min, 1974, ICAIC. Sinopse: “*Una pareja se busca, se encuentra y se une en la plenitud del amor en esta coreografía con características rituales de Eduardo Rivero, interpretada por Ernestina Quintana y Pablo Trujillo*”.<sup>16</sup>
- **Panorama**, documentário, 35 mm, color., 30 min, 1975, ICAIC. Sinopse: “*Selección de escenas [del] espectáculo Panorama de la música y la danza cubanas (1972), con coreografía de Víctor Cuéllar, interpretada por Danza Nacional de Cuba sobre las manifestaciones musicales y danzarias cubanas*”.<sup>17</sup>
- *Lejos de la patria (Destacamento Pedagógico)*, documentário, 35 mm, color., 19 min., 1982, ICAIC, IAC. Sinopse: atuação dos professores cubanos em Angola.

## MIGUEL ÁNGEL ORO

- *FAPLA-FAR. Maniobra*, documentário, 35 mm, B/N, 27 min., 1981, ECITVFAR. Sinopse: manobra conjunta entre os exércitos angolano e cubano;
- *Responde tú que llamo yo*, documentário, 16 mm, color., 41 min., 1983, ECITVFAR. Sinopse: sobre o III Festival de Estudiantes Africanos em Cuba.

<sup>15</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 163.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 171.

## MIGUEL FLEITAS

- *La guerra en Angola*, documentário, 35 mm, color., 90 min., 1976, ICAIC, ECIFAR. Sinopse: histórico do início da intervenção militar cubana em Angola;
- *Etiópia, diario de una victoria*, (co-direção com Roberto Velásquez) documentário, 35 mm, color., 77 min., 1979, ICAIC, ECIFAR. Sinopse: cronologia da atuação cubana e etiope na Guerra do Ogadén, na Etiópia, contra forças militares da Somália;
- *Volverán a reir*, documentário, col., 35 mm, 14 min, 1981, ICAIC, sinopse: “*Un grupo de jóvenes de diversos países de Africa y América Latina que estudian en Cuba, en la Isla de la Juventud, y han sido testigos de momentos dramáticos en las luchas de liberación de sus pueblos, hablan sobre sus experiencias y sus planes futuros*”;<sup>18</sup> (Bitácora, 2019, p. 255).
- *Aquí no se rinde nadie*, documentário, 35 mm, B/N, 63 min., 1983, ECITV FAR. Sinopse: sobre Cangamba, Angola, entre 02 e 09 agosto 1983, quando civis cubanos foram cercados pela UNITA; dados técnicos se confundem com documentário *Cangamba*, 49 min., 1983;<sup>19</sup>
- *La flor del desierto*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1983, ECITV FAR. Sinopse: atuação de cubanos no sul de Angola;
- *Namibe*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1983, ECITV FAR. Sinopse: cubanos em Angola;
- *Un sábado y un domingo*, documentário, 35 mm, B/N, 18 min., 1983, ECITV FAR. Sinopse: final de semana de combatentes de uma Unidade Militar cubana em Angola;
- *En tierras de Etiópia*, documentário, 35 mm, color., 27 min., 1984, ECITV FAR. Sinopse: cubanos em Etiópia ajudam a lidar com seca em Jijiga;
- *Nace una industria*, documentário, 35 mm, B/N, 12 min., 1984, ECITV FAR. Sinopse: cubanos em Etiópia ajudam a construir fábrica de cimento;

<sup>18</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 255.

<sup>19</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 360, 362.

- *Los pozos de Jiriga*, documentário, 35 mm, color., 09 min., 1984, ECITVFAR. Sinopse: importância dos poços para povos nos países ao norte do continente africano;
- *Tenasteli*, documentário, 35 mm, B/N, 14 min., 1984, ECITVFAR. Sinopse: jovens cubanos em Etiópia;
- *Hacia la vida*, documentário, 35 mm, color., 30 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: ajuda cubana para combater seca na Etiópia;
- *Pablo canta a Etiópia*, documentário, 35 mm, color., 03 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: cantor cubano Pablo Milanés canta sobre a seca no país africano;
- *Los recuerdos no se alejan de mí*, documentário, 35 mm, color., 10 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: vivências de militar cubano em Etiópia através de cartas;
- *Días que no se olvidan*, documentário, 35 mm, B/N, 22 min., 1986, ECITVFAR. Sinopse: cubanos em Etiópia.

#### ORLANDO ROJAS

- *Manemee*, documentário, 35 mm, color., 15 min., 1981, ICAIC. Sinopse: relato da repressão contra negros na África do Sul pela atuação da cantora Letta Mbulu.

#### OSCAR VALDÉS

- *Grupo danzario Universidad Amahadou Bello, de Nigeria*, documentário, 35 mm, color., 15 min., 1977, ICAIC. Sinopse: apresentação do grupo nigeriano em Havana.

#### PASTOR VEGA

- *Los mejores*, documentário, 35 mm, B/N, 08 min., 1966, ICAIC. Sinopse: “*Crónica en torno a la delegación de jóvenes cubanos al frustrado IX Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes, previsto originalmente para celebrarse en Argelia, que ejecuta la tarea de sembrar un millón de pinos en las montañas orientales*”.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-

## RIGOBERTO LÓPEZ PEGO

- *La lanza de la nación*, documentário, 35 mm, color., 55 min., 1977, ICAIC. Sinopse: refere-se ao Congresso Nacional Africano e ao histórico do apartheid, seu funcionamento e em quais regimes vigoram o segregacionismo;
- *Roja es la tierra*, documentário, 16 mm, color., 50 min., 1985, ECITVFAR. Sinopse: homenagem aos internacionalistas cubanos em Angola;
- *África: círculo del infierno*, documentário, 50 min., 1986, ICRT, ICAIC, ECITVFAR. Sinopse: retrato da seca devastadora no Mali, Burkina Fasso, Tanzânia e Etiópia;
- *Breve carta de Namibia*, documentário, 35 mm, color., 9 min., 1987, ICAIC. Sinopse: breve histórico das lutas sociais no país africano;
- *Los hijos de Namibia*, documentário, 35 mm, color., 30 min., 1987, ICAIC. Sinopse: jovens namíbios na Ilha da Juventude, em Cuba.

## ROBERTO FADIÑO

- *Tiempo de pioneros*, documentário, 35 mm, B/N, 21 min., 1962, ICAIC. Sinopse: “*Crónica del encuentro de los pioneros cubanos con cinco niños argelinos becados en Cuba por el gobierno revolucionario a quienes invitan para que conozcan su organización y a realizar juntos un viaje por la Isla*”.<sup>21</sup>

## ROBERTO VELÁZQUEZ

- *Cuatro continentes en el XV aniversario*, (co-direção com Enrique A. Jané) documentário, 35 mm, B/N, 36 min., 1974, ECIFAR. Sinopse: delegado de Guiné-Bissau entre os representantes internacionais no evento cubano;
- *Vanguardias 75 de las FAR*, documentário, 35 mm, B/N, 90

2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 91.

<sup>21</sup> CINEMATECA DE CUBA. *Bitácora de cine cubano*: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019, p. 60.

min., 1976, ECIFAR. Sinopse: “*Aborda la situación de guerra existente en Angola, la ayuda que prestan nuestras tropas. Los momentos cruciales, etc.*”;<sup>22</sup>

- *Angola año I*, reportaje, 35 mm, color., 10 min., 1977, ECIFAR. Sinopse: atividades políticas e culturais em Luanda para celebrar o primeiro ano de independência; histórico das vitórias desde esse feito;
- *Una victoria para toda la humanidad*, (co-direção com José Grisolia, Victor Rodríguez e Francisco Díaz) NOTIFAR Especial, 35 mm, B/N, 32 min., 1977, ECIFAR. Sinopse: visita de Fidel Castro a Angola em março de 1977;
- *Verdaderos amigos*, reportaje, 35 mm, color., 18 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: visita de Fidel Castro a Etiópia na comemoração do IV aniversário do “*triunfo de la Revolución del hermano país*”;<sup>23</sup>
- *Cumpliremos*, documentário, 35 mm, color., 18 min., 1980, ECIFAR. Sinopse: sobre pós-guerra na Etiópia;
- *Símbolo del deber*, documentário, 35 mm, color., 15 min., 1980, ECIFAR. Sinopse: sobre cubanos em Etiópia.

#### ROGELIO PARÍS E JULIO CESAR RODRÍGUEZ

- *Caravana*, ficção, 35 mm, color. 100 min., 1990, ICAIC, ECITVFAR, LNC. Sinopse: “África. República Popular de Angola. Hasta un lejano y aislado puente protegido por tropas cubanas debe llegar la caravana encargada de abastecerlas. África del Sur y UNITA envían a su encuentro el destacamento especial ‘Cobra’, con el precioso objetivo de destruirla. Mientras los exploradores y zapadores de la caravana avanzan desactivando decenas de minas, el enemigo se acecha. Un fuerte combate se desencadena a mitad de camino” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 83-84).

<sup>22</sup> ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISION DE LAS FAR. *Catálogo de filmes, 1962-1986*. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986, p. 225.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 267.

## ROLANDO DÍAZ

- *La respuesta del pueblo*, documentário, 35 mm, color., 14 min., 1976, ICAIC. Sinopse: visita de Agostinho Neto a Cuba.

## ROMANO SPLINTER

- *Victoria en Ogaden*, “reportaje”, 35 mm, B/N, 18 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: “*Muestra las acciones militares allí desarrolladas basadas en el resumen informativo del periódico ‘Granma’*”;<sup>24</sup>
- *Misión cumplida*, “documentário ficção”, 35 mm, color., s/t. (890 m de metragem), 1984, ECITVFAR. Sinopse: formação de estudantes etíopes em Cuba.

## SANTIAGO ÁLVAREZ

- *... Y el cielo fue tomado por asalto...*, documentário, 35 mm, color., 248 min., 1973, ICAIC. Sinopse: viagem de Fidel Castro por Guiné-Conacri, Serra Leoa, Argélia, países do Leste Europeu e URSS;
- *Los cuatro puentes*, documentário, 35 mm, color. 88 min., 1974, ICAIC. Sinopse: Fidel na V Conferencia de los Países No Alineados na Argélia, além de breves visitas à Guyana, Guiné-Conacri, Vietnã do Norte e zonas liberadas do Vietnã do Sul;
- *El tiempo es viento*, documentário, 35 mm, color., 60 min., 1976, ICAIC. Sinopse: 1º Congreso del PCC com menção a Angola;
- *Maputo, meridiano novo*, documentário, 35 mm, color., 16 min. 1976, ICAIC. Sinopse: histórico da FRELIMO, da independencia de Moçambique e os novos desafios que o país enfrentou;
- *Luanda ya no es de San Pablo*, documentário, 35 mm, color., 19 min., 1976, ICAIC. Sinopse: histórico da independencia de Angola;

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 270.

- *El octubre de todos*, documentário, 35 mm, color., 80 min., 1977, ICAIC. Sinopse: Fidel Castro na Líbia, Yemen, Etiópia, Congo, Tanzânia, Moçambique e Angola;
- *Y la noche se hizo arcoíris*, documentário, 35 mm, color., 41 min., 1978, ICAIC. Sinopse: viagem de Fidel Castro à Etiópia;
- *La cumbre que nos une*, documentário, 35 mm, color., 49 min., 1979. Sinopse: sobre VI Cumbre de los No Alineados, em Havana;
- *El desafío*, documentário, 35 mm, color., 40 min., 1979. Sinopse: discurso de Fidel Castro na ONU, com breve menção ao contexto africano;
- *Nova sinfonia*, documentário, 35 mm, color., 39 min., 1982, ICAIC. Sinopse: discursos de Samora Machel em eventos por Moçambique.

#### VICENTE TORRES

- *Crónicas MMCA*, “crónica”, 35 mm, B/N, 90 min., 1978, ECIFAR. Sinopse: atividades da Misión Militar Cubana em Angola; discurso de Jorge Risquet.

#### VICTOR MARTÍN

- *Cuba y Angola: respuesta a la escalada sudafricana*, teleserie, vídeo, color., 172 min., 1988, ECITVFAR. Sinopse: cronologia da atuação militar cubana na Batalha de Cuito Cuanavale, Angola.

### 3. FONTES CINEMATOGRAFICAS AFRICANAS E CO-PRODUÇÕES COM CUBA, LISTADAS POR TÍTULO

*Commandant Fidel Castro en République de Guinée*, dir. Moussa Kémoko Diakité, 18 min., 1972, Sily-Film, Guiné-Conacri. Sinopse : detalhes da viagem de Fidel Castro ao país africano em 1972.

*Conférence des Pays Non-Alignés*, dir. Y. Bouchouchi et Mahmoud Tiemçani, 35 mm, col., 30 min., 1973, ONCIC, MIC.

*Conférence des Pays Non-Alignés*, dir. Ali Marok et Larbi Lakhdar Hamina, 35 mm, col., 45 min., 1973, OAA.

*Cuba sí*, dir. Collectif C.A.V., 16 mm, P&B, 15 min., [1964]. Sinopse : “Imagens constituídas por fotos fixas [...] A luta heroica do povo cubano e a solidariedade argelino-cubana” (tradução nossa).<sup>25</sup>

*El último salario (Desagabato)*, dir. Emmanuel Kalifa D. Sanon, ficção, 95 min., 1987, ICAIC, Burkina Fasso. Sinopse: “*Vida de un grupo de obreros de la construcción explotados por una empresa capitalista de Europa Occidental. El protagonista toma conciencia de la difícil situación en que se encuentra y trata de unir a los trabajadores en la lucha contra esa explotación. Paralelamente se desarrolla una historia de amor*” (GARCÍA BORRERO, 2001, p. 345-346).

*Fidel Castro en Algérie*, dir. collectif, 35 mm, col., 15 min., 1972, OAA, MIC.

*Fidel Castro em Kifangondo*, de Carlos Sousa e Costa, 35 mm, P&B, 11 min., 1977, Promocine.

*Fidel Castro em Luanda*, de Carlos Sousa e Costa, 35 mm, P&B, 22 min., 1977, Promocine.

*Jornal de Actualidades n. 18 – Chefe de Estado recebe estudantes angolanos em Cuba*, dir. Raimundo Sotto Mayor, 35 mm, P&B, 10 min., 1979, LNC.

*O golpe*, de Francisco Henriques, 16 mm, P&B, 120 min, 1977, TPA. Sinopse: crônica e testemunhos de alguns fatos ocorridos no 27 de maio em Angola, com as justificativas de Agostinho Neto para a repressão.

*Quem faz correr Quim?*, dir. Mariano Bartolomeu, ficção, 35 mm, color., 22 min., 1991, EICTV, LNC. Sinopse: diante do anúncio da operação médica para salvar a filha recém-nascida, piloto das FAPLA tenta reviver antigo caso amoroso.

*Vento de Esperança*, dir. Asdrúbal Rebelo, documentário, 16 mm, col., 22

<sup>25</sup> **Cinéma** : production cinématographique, 1957-1973. Alger : Ministère de l'Information et la Culture, 1973, p. 108. Excerto no original : “*Images constituées par des photos fixes [...] La lutte héroïque du peuple cubain et la solidarité algéro-cubaine*”.

min., 1982, LNC, ICAIC. Sinopse: estudantes angolanos em Cuba.<sup>26</sup>  
*Vermelho, é o sangue que nos une*, dir. Simon Escobar, documentário, 16 mm, col., 55 min., 1977, TPA, ICRT. Sinopse: visita de Agostinho Neto a Cuba em 1976.  
*Visita a Angola de Fidel de Castro*, de Álvaro Correia, 35 mm, P&B, 22 min., 1977, Promocine.

## FONTES IMPRESSAS

**Afrique-Asie, luttés et combats**, Paris, 1972-1983.

AMPUERO, Roberto. **Nuestros años verde-olivo**. Santiago de Chile: Edisur, 2010.

**Boletines Tricontinental**, OSPAAAL, La Habana, 1967-1980.

BOUMAZA, Bachir (ed.). **La gangrène**. Paris: Éditions de Minuit, 1958.

BRACERO TORRES, Josefa. **La televisión: ¿ángel o demonio?** La Habana: Ediciones EnVivo, Instituto Cubano de Radio y Televisión, 2015.

**Casa de las Américas**, La Habana, 1960-1991.

**Cine Cubano**, ICAIC, La Habana, 1960-1991.

**Cinéma**: production cinématographique, 1957-1973. Alger: Ministère de l'Information et la Culture, 1973.

CINEMATECA DE CUBA. **Bitácora de cine cubano**: producciones ICAIC 1959-2017. Tomo II, vol. II. La Palma: Hurón Azul, 2019.

CINEMATECA NACIONAL DE ANGOLA. **Santiago Álvarez: retrospectiva**. Luanda: Cinemateca Nacional, ICAIC, Embaixada de Cuba na República Popular de Angola, abr.1984.

CONCEPCIÓN, Eloy. **Por que somos internacionalistas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

DE LA RIVA, Juan Pérez. **¿Cuántos africanos fueron traídos a Cuba?** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977.

<sup>26</sup> Segundo D'ALMEIDA, Luísa (coord.). *10 anos Cinema angolano*: filmografia 1975/1985. Luanda: Cinemateca Nacional, nov. 1985, p. 28.

**Diário de Luanda**, Luanda, 1974-1975.

Estados Generales del Tercer Cine. Los documentos de Montreal, 1974.

**Rehime, Cuadernos de la Red de Historia de los Medios**, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, año 03, n. 03, verano 2013-2014.

ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS Y DE TELEVISIÓN DE LAS FAR. **Catálogo de filmes, 1962-1986**. La Habana: Imprenta Central FAR, 1986.

**Estudos Moçambicanos**, Maputo, 1980-1981.

FUNDACIÓN DEL NUEVO CINE LATINOAMERICANO. **Escuela Internacional de Cine y Televisión**. La Habana: FNCL, 2001.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Operación Carlota. **Tricontinental**, La Habana, n. 53, 1977, p. 04-25.

GUEVARA, Alfredo. **Tiempo de fundación**. Madrid: Iberautor Promociones Culturales S.L., 2003.

\_\_\_\_\_. ¿Y si fuera una huella? Epistolario. Madrid: Ediciones Autor S.R.L., 2008.

GUEVARA, Ernesto Che. **Pasajes de la guerra revolucionaria: Congo**. Prólogo: Aleida Guevara March. México, D.F.: Ocean Sur, 2009.

**Jeune Afrique**, Paris, 1972-1980.

**Lavra & Oficina**, Luanda, 1981-1985.

**Libertação**, Conacri, 1966-1969.

MARTÍ, José. **Nossa América**: antologia. Apresentação: Fernando Peixoto. Seleção de textos e Introdução: Roberto Fernández Retamar. Tradução: Maria Angélica de Almeida Trajber. Revisão: Salvador Obiol de Freitas. São Paulo: Editora Hucitec, 1991 (Nossa América 2).

MASSIP, José. **Los días de Kankouran**. La Habana: UNEAC, 1984.

MOORE, Carlos. **Castro, the Blacks and Africa**. Los Angeles: Center of Afro-American Studies, University of California, 1988.

MOREIRA, Neiva; BISSO, Beatriz. **Os cubanos na África**. São Paulo: Global Editora, 1979 (Coleção Passado e Presente n. 09).

**Novembro**, Luanda, 1975-1991.

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE. **Retrospectiva de Santiago Álvarez**. Maputo: Instituto Nacional de Cinema, Instituto

Cubano de Arte e Industria Cinematográficos, 1984.

**Revista de África y Medio Oriente**, La Habana, 1985-1992.

**Revolución y Cultura**, La Habana, 1974-1991.

RISQUET VALDÉS, Jorge. **Isla de la Juventud** : diez años de internacionalismo. La Habana: Editora Política, 1987.

RIUS, Hugo. **Angola**: Crónicas de la esperanza y la victoria. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1982.

ROCHA, Glauber. **Rocha que voa**. Organização e introdução: Eryk Rocha. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ROLLAND, Béatrice. Alger, juillet 1969: 1er. Festival Panafricain. **Positif**, Paris, n. 113, pag. 87-92, fév. 1970.

**Semanario Angolense**, Luanda, 1976.

**Soronda**, Bissau, 1986-1987.

**Tempo**, Maputo, 1975-1991.

**Tricontinental**, OSPAAAL, La Habana, 1967-1990.

VALDES VIVO, Raúl. **Angola**: fin del mito de los mercenarios. La Habana: Empresa de Medios de Propaganda, 1976.

**Verde Olivo**, FAR, La Habana, 1960-1990.

VIEYRA, Paulin Soumanou. Responsabilités du cinema dans la formation d'une conscience nationale africaine. **Présence Africaine**, Nouvelle série, Paris, n. 27-28, p. 303-313, août-nov. 1959;

\_\_\_\_\_. Le Cinéma et la Révolution Africaine. **Présence Africaine**, Nouvelle série, Paris, n. 34-35, p. 92-103, oct. 1960-jan. 1961.

\_\_\_\_\_. Le cinéma au 1<sup>er</sup> Festival culturel panafricain d'Alger. **Présence Africaine**, Nouvelle série, Paris, n. 72, p. 190-201, 4<sup>e</sup> trimestre 1969.

\_\_\_\_\_. Aperçus du cinema africain. **VII Festival del Nuevo Cine Latinoamericano**, La Habana, dic. 1986.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, José Mena. **Cinema Angolano**: um passado a merecer melhor presente. Luanda: Cinemateca Nacional, 1986.

\_\_\_\_\_. Cinema angolano: um passado com o futuro sempre adiado. In: PIÇARRA, Maria do Carmo; ANTÓNIO, Jorge (coord.). **Angola: o nascimento de uma nação**. Volume III: o cinema da independência. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A., 2015, p. 15-46.

Angola: Forgotten Fighters: Child Soldiers in Angola. **Human Rights Watch**, A1510, 29 apr. 2003. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2003/04/29/forgotten-fighters/child-soldiers-angola>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ARAÚJO, Kelly Cristina. O envolvimento de Moscovo na política de estado e na guerra de contra-insurgência em Angola (1975-1987). In: ARAÚJO, Caio Simões de (org.). **A luta continua, 40 anos depois**: Histórias entrelaçadas da África Austral. Maputo: Alcance Editores, 2017, p. 155-172.

ARCHANGELO, Rodrigo. “O *Bandeirante da Tela*: cenas políticas do adhemarismo em São Paulo (1947-1956)”. In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica Almeida (org.). **História e documentário**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 89-117.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução: Eloísa Araújo Barbosa. Campinas: Papirus, 2001.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Direção [da coleção]: Emília Viotti da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2004 (Coleção Revoluções do século XX).

AZÉMA, Jean-Pierre. A guerra. In: RÉMOND, René (dir.). **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 401-439 (1ª ed.: Édition Du Seuil, Paris, 1988).

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-331.

BALANDIER, George. **O poder em cena**. Tradução: Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília, D.F.: Editora Universidade de Brasília, 1980 (Pensamento Político, 46).

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro : arrêts sur images**. Paris : Ophrys, 2010 ( Collection Imágenes ).

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. **Ruy Guerra: paixão escancarada**. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRITO, Luís de. **A Frelimo, o marxismo e a construção do Estado Nacional, 1962-1983**. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, 2019.

BYRNE, Jeffrey James. **Mecca of Revolution: Algeria, Decolonization, and the Third World Order**. Sheridan: Oxford University Press, 2016.

CALUETO, Fernando. Estudantes angolanos em Cuba sofreram cortes nas bolsas há seis meses sem explicação do INAGBE. *Novo Jornal*, Luanda, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://novojournal.co.ao/sociedade/interior/estudantes-angolanos-em-cuba-sofrem-cortes-nas-bolsas-ha-seis-meses-sem-explicacao-do-inagbe-84902.html>. Acesso em: 25 mai. 2021

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_ et al. (org.). **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2011 (1ª ed.: 2008).

CARDOSO, Mauricio. **O cinema tricontinental de Glauber Rocha: política, estética e revolução (1969-1975)**. Tradução dos textos em francês: Beatriz Tavares Alves. São Paulo: LiberArs, 2017.

CÉSAR, Filipa; HERING, Tobias; RITO, Carolina (ed.). **Luta ca caba inda**. Berlin: Archive Books, 2017.

COELHO, João Paulo Borges. Política e História Contemporânea em Moçambique: dez notas epistemológicas. *Revista de História*, São Paulo, n. 178, p. 01-19, 2019.

CONVENTS, Guido. **Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à**

República de Moçambique (1896-2010). Leuven, Maputo: Afrika Film-festival, Dockanema, 2011.

COOPER, Frederick. Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 21-73, jul. 2008.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013.

COUTINHO, Ângela Beloniel. Criação, em Cuba, das Forças Armadas de Cabo Verde. In: CARDINA, Miguel; MARTINS, Bruno Sena (Org.). **As voltas do passado**: a guerra colonial e as lutas de libertação. Lisboa: Tinta da China, 2018.

\_\_\_\_\_. **Os dirigentes do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde)**: da fundação à rutura, 1956-1980. Lisboa: Universidade de Coimbra, 2019.

CUNHA, Paulo. Guiné-Bissau: uma nação africana forjada no cinema? **Cinema & Território**, Madeira, n. 02, p. 27-34, 2017.

DE LA FUENTE, Alejandro. **A Nation for All**: Race, Inequality and Politics in Twentieth-Century Cuba. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 2001.

DEL VALLE DÁVILA, Ignacio. **Cámaras en trance**: el Nuevo Cine Latinoamericano, un proyecto cinematográfico subcontinental. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, 2014.

\_\_\_\_\_; AGUIAR, Carolina Amaral de. A via chilena em debate: análise de *Compañero Presidente* (1971) e *El diálogo de América* (1972). **Significação, Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 40, p. 153, 2013.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

DIAWARA, Manthia. **African Cinema**: Politics & Culture. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. **Cuba**: Order and Revolution. Cambridge, Massachusetts, London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução: Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FILA-BAKABADIO, Sarah. Against the empire: the Black Panthers in Congo, insurgente cosmopolitanism and the fluidity of revolutions. **African Identities**, vol. 16, n. 02, p. 146-160, 2018.

FONSECA, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi contra a colonização portuguesa de Angola. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 113-124, jan./abr. 2014.

FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. **Cinema e política**. Tradução: Júlio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (Coleção Cinema; v. 2; 1ª ed.: 1968, 1971).

GARCÍA BORRERO, Juan Antonio. **Guía crítica del cine cubano de ficción**. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 2001.

\_\_\_\_\_. El encanto del regreso (1990), de Emilio Oscar Alcalde. **Cine cubano, la pupila insomne**, 31 may. 2009. Disponível em: <https://cinecubanolapupilainsomne.wordpress.com/2009/05/31/el-encanto-del-regreso-1990-de-emilio-oscar-alcalde/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GEMMAL, Maria Elisabeth Carrilho Santoro. **Política externa da Espanha**: diferentes interpretações sobre as relações da Espanha Franquista com Cuba de Fidel Castro. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo, Rio de Janeiro: Ed. 34, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLEIJESES, Piero. **Misiones en conflicto**: La Habana, Washington y África, 1959-1976. La Habana: Ciencias Sociales, 2007 (1ª ed.: Universidad de Carolina del Norte, 2002).

\_\_\_\_\_. **Visiones de libertad**: La Habana, Washington, Pretoria y la lucha por el sur de África (1976-1991). La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2015a (Tomo I), 2015b (Tomo II) (1ª ed.: Universidad de Carolina del Norte, 2013).

GONÇALVES, Thaísa Antunes. A trajetória do cinejornal *Kuxa Kane* e seu papel na independência de Moçambique. **Temática**, João Pessoa, ano XIII, n. 01, p. 64-79, jan. 2017.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (1ª ed.: Yale University Press, 2004).

GRAY, Ros. Linhas claras num mapa internacionalista: cineastas estrangeiros em Angola durante a independência. In: PIÇARRA, Maria do Carmo; ANTÓNIO, Jorge (coord.). **Angola**: o nascimento de uma nação. Volume III: o cinema da independência. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A., 2015, p. 47-73.

\_\_\_\_\_. Já ouviu falar de internacionalismo? As amigadas socialistas do cinema moçambicano. In: MONTEIRO, Lúcia Ramos (org.). **África(s): cinema e revolução**. São Paulo: Buena Onda Produções Artísticas e Culturais, 2016, p. 35-65.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução: Federico Canotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

HADOUCHI, Olivier. **Le cinéma dans les luttes de libération : genèses, initiatives pratiques et inventions formelles autour de la Tri-continentale (1966-1975)**. 2012. 382 f. Thèse (Doctorat en Études cinématographiques et audiovisuelles) – École doctorale Arts et médias, Institut de recherche sur le cinéma et l'audiovisuel, ParWilis, 2012.

HATZKY, Christine. **Cubans in Angola**: South-South Cooperation and Transfer of Knowledge, 1976-1991. Madison: The University of Wisconsin Press, 2015.

HEIMER, Franz-Wilhelm. **O processo de descolonização em Angola, 1974-1976**. Prefácio: Eduardo de Sousa Ferreira. Tradução: Maria João Carrilho, Adelino Torres. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol**: a formação do Estado-nação em Cabo Verde. São Paulo: Selo Negro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HORMILLA, Helen H. Mariano Bartolomeu, realizador angolano: cine africano, registro de la pluralidad. **La Jiribilla, revista de cultura cubana**, La Habana, año X, 17 al 23 de septiembre 2011. Disponível em: [http://www.lajiribilla.co.cu/2011/n541\\_09/541\\_28.html](http://www.lajiribilla.co.cu/2011/n541_09/541_28.html). Acesso em: 25 mai. 2021.

KATSAKIORIS, Constantin. Creating a Socialist Intelligentsia. Soviet Educational Ais and its Impact on Africa (1960-1991). **Cahiers d'Études africaines**, v. LVII (2), n. 226, p. 259-287, 2017.

KOIVUNEN, Pia. The 1957 Moscow Youth Festival: Propaganda a new, peaceful image of the Soviet Union. In: ILIC, Melanie; SMITH, Jeremy (Ed.). **Soviet State and Society Under Nikita Khrushchev**. London: New York: Routledge, 2009, p. 46-65.

LANÇA, Marta. Mariano Bartolomeu: revisitar os filmes do cineasta que apela a apoios e a uma política coerente para o cinema nacional. **Rede Angola**, Encontro com a cultura, Luanda, 02 julho 2014. Disponível em: <http://m.redeangola.info/especiais/mariano-bartolomeu/>. Acesso em 25 mai. 2021.

LARANJEIRO, Catarina. The Cuban Revolution and the Liberation Struggle in Guinea-Bissau: Images, Imaginings, Expectations and Experiences. **The International History Review**, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07075332.2019.1706185?journalCode=rinh20>. Acesso em: 25 mai. 2021.

LE GOFF, Jacques. "Documento/monumento". In: **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2003, p. 525-541.

LÓPEZ BLANCH, Hedelberto. **Historias secretas de médicos cubanos**. Prólogo: Piero Gleijeses. La Habana: Ediciones La Memoria, Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau, 2005.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução: Manuel Resende. Salvador: EDUFBA; S. P: Casa das Áfricas, 2011 [1ª ed.: 1995].

MABEKO-TALI, Jean-Michel. **Guerrilhas e lutas sociais: o MPLA perante si próprio (1960-1977)**. Ensaio de História Política. Prefácios: Catherine Coquery-Vidrovitch, Pepetela. Posfácio: Alberto Oliveira Pinto. Lisboa: Mercado de Letras, 2018.

MANSFIELD, Peter. **Nasser e a revolução egípcia**. Tradução: Mari Cecília Ribas Carneiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. **Memórias de um golpe: o 27 de maio em Angola**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MATTERLART, Armand. Mozambique : communication et transition

au socialism. **Revue Tiers Monde**, vol. 20, n. 79, p. 487-502, jui.-sep. 1979.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MESTMAN, Mariano. Estados Generales del Tercer Cine. Los documentos de Montreal, 1974. **Rehime, Cuadernos de la Red de Historia de los Medios**, Facultad de Ciencias Sociales, UBA, Buenos Aires, n. 03, p. 18-79, verano 2013-2014.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

MORAIS, Fernando. **A Ilha** (Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena Rolim et al. (org.). **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2011, p. 39-64 (1ª ed.: 2008).

MUÑOZ-MALLÉN, Beatriz. **Becoming a retounee Cubarawi: Politics, Personhood and Memory in 'Africa's last colony'**. 2014. 139 f. Master (Philosophy in Anthropology of Development) – Faculty of Social Sciences, University of Bergen, Bergen [Norway], 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 235-290.

NEDIAN, Christian. "Camera Q&A: Alexander Markov on Soviet African films". **Camera in the sun**, s;l. [2012]. Disponível em: <http://camerainthesun.com/?p=17122>. Acesso em: 25 mai. 2021.

NOA ROMERO, Pedro. José Massip, la autenticidad y su época. In: NAITO LÓPEZ, Mario (Coord.). **Coordenadas del cine cubano 3**. Cinemateca de Cuba. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2014, p. 229-245.

NOGUER, Eduardo G. **Historia del cine cubano: cien años, 1897-1998**. Miami: Ediciones Universal, 1999.

NÚÑEZ GONZÁLEZ, Niurka *et al.* **Las relaciones raciales en Cuba: Estudios contemporáneos**. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2010.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A Revolução Sul-Africana**. São Paulo: Unesp, 2012.

PETERS, Christabelle. **Cuban Identity and the Angolan Experience**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução: Jézui Hernani Bomfim Gutierrez. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIVIÈRE, Claude. **As liturgias políticas**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

RIVEROS, Clara. Cuba y los becarios de la Isla de la Juventud: ¿emancipación o explotación de menores? **CPLATAM, Análisis Político en América Latina**, s/l., mar. 2018. Disponível em: <http://cplatam.net/cuba-y-los-becarios-de-la-isla-de-la-juventud-emancipacion-o-explotacion-de-menores/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ROFF, María. African and Latin American Cinemas: Contexts and Contacts. In: PFAFF, Françoise (Ed.). **Focus on African Films**. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 2004, p. 241-272.

SAWYER, Mark Q. **Racial Politics in Post-Revolutionary Cuba**. Cambridge: Cambridge University, 2006.

SCHEFER, Raquel. O nascimento da ficção. **Poésis**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Tubarão, v. 5, n. 09, p. 260-279, jan.-jun. 2012.

SHAFIK, Viola. O Cinema Nacional Egípcio. In: FERREIRA, Carolin Overhoff (org.). **África: um continente no cinema**. Tradução: Carolin Overhoff Ferreira. São Paulo: Unifesp, 2014, p. 143-169.

SILVA, Alexsandro de Sousa e. Cinema e transterritorialidade: uma entrevista com Suleimane Biai (Guiné-Bissau). **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 160-172, 2020.

\_\_\_\_\_. Os esboços da nação guineense em *Madina Boé* (1968), de José Massip. **Significação, Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 45, n. 50, p. 1-20, jul-dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Imagens cromáticas e sonoridades conflitantes em Maputo, Meridiano Novo (1976) de Santiago Álvarez. **Revista de História**, São Paulo, v. 178, p. 01-38, 2019.

SORLIN, Pierre. **Sociología del cine**: la apertura para la historia de mañana. Traducción: Juan José Utrilla. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, c1985.

SOUSA, Julião Soares. **Amílcar Cabral (1924-1973)**: vida e morte de um revolucionário africano. Coimbra: Edição de Autor, 2016.

VECCHI, Roberto. **Exceção Atlântica**: pensar a Literatura da Guerra Colonial. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

VICENTE, Filipa Lawndes. Black's Womens Bodies in the Portuguese Colonial Visual Archives (1900-1975). **Portuguese Literacy and Cultural Studies**, n. 30-31, p. 16-67, 2017.

VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema cubano**: revolução e política cultural. São Paulo: Alameda, 2010.

\_\_\_\_\_. O “cine de combate” da Cinemateca del Tercer Mundo (1969-1973). In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica (org.). **História e documentário**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 237-271.

VINCENOT, Emmanuel. « Figures Du guérillero dans le premier cinéma révolutionnaire cubain » . **HispanismeS**, Société des Hispanistes Français de l'Enseignement Supérieur, n. 07, p. 93-106, 2016.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. Direção [da coleção]: Emília Viotti da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2012 (Coleção Revoluções do século XX).

VOYNOVA, Vella. **Documenting Internacionalism: The Insituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos as a Cultural Extension of Cuban Foreign Policy**. 2016. 118 f. Thesis (Master of Arts in History) – Hunter College, The City University of New York, New York, 2016.

YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. Direção [da coleção]: Emília Viotti da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2010 (Coleção Revoluções do século XX).

ZEIYESUS, Aboneh Ashagrie. Ethiopian Cinema in the Era of Barrack

Socialism (1974-1991). **Cultural and Religious Studies**, vol. 8, n. 1, p. 14-27, jan. 2020.

## APÊNDICE

### FILMOGRAFIA CUBA-ÁFRICA 1960-1991

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1960	n. 05, 04.07.1960			
	n. 10, 14.08.1960			
	n. 18, 03.10.1960			
	n. 20, 17.10.1960			
	n. 22, 31.10.1960			
	n. 25, 21.11.1960			
	n. 27, 05.12.1960			
	n. 28, 12.12.1960			
n. 29, 19.12.1960				
1961	n. 34, 23.01.1961		El congo 1960 (ICAIC)	
	n. 38, 20.02.1961			
	n. 43, 27.03.1961			
	n. 48, 07.05.1961			
	n. 59, 24.07.1961			
	n. 62, 14.08.1961			
	n. 66, 11.08.1961			
1962	n. 94, 26.03.1962		Tiempo de pioneros (ICAIC)	
	n. 96, 09.04.1962			
	n. 101, 14.05.1962			
	n. 105, 11.06.1962			
	n. 109, 09.07.1962		Historia de un ballet (ICAIC)	
	n. 123, 15.10.1962			
	n. 124, 22.10.1962			
	n. 125, 29.10.1962			
n. 128, 19.11.1962				

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1963	n. 137, 21.01.1963		Comandante en Jefe, ordene (Sección Fílmica de las FAR)	
	n. 140, 11.02.1963			
	n. 161, 08.07.1963			
	n. 164, 29.07.1963			
	n. 165, 05.08.1963			
	n. 176, 21.10.1963			
	n. 178, 04.11.1963			
	n. 183, 09.12.1963			
	n. 184, 16.12.1963			
	n. 185, 23.12.1963			
1964	n. 192, 10.02.1964	Cuba sí (CAV)		
	n. 205, 11.05.1964			
	n. 207, 25.05.1964			
	n. 209, 08.06.1964			
	n. 218, 10.08.1964			
	n. 220, 24.08.1964			
	n. 224, 21.09.1964			
	n. 225, 28.09.1964			
	n. 227, 12.10.1964			
	n. 228, 19.10.1964			
	n. 229, 26.10.1964			
	n. 231, 09.11.1964			
	n. 234, 30.11.1964			
n. 236, 14.12.1964				

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1965	n. 240, 11.01.1965			
	n. 243, 01.02.1965			
	n. 246, 22.02.1965			
	n. 247, 01.03.1965			
	n. 253, 12.04.1965			
	n. 258, 17.05.1965			
	n. 260, 31.05.1965			
	n. 261, 07.06.1965			
	n. 264, 29.06.1965 (monotemático)			
	n. 266, 12.07.1965			
	n. 267, 19.07.1965			
	n. 274, 06.09.1965			
	n. 276, 20.09.1965			
	n. 278, 11.10.1965 (monotemático)			
	n. 282, 08.11.1965			
	n. 285, 29.11.1965			
n. 287, 13.12.1965				
1966	n. 290, 03.01.1966 (monotemático)		Aniversario siete (Sección Fílmica de las FAR)	
	n. 291, 17.01.1966 (monotemático)			
	n. 292, 24.01.1966			
	n. 293, 31.01.1966			
	n. 298, 07.03.1966		Los mejores (ICAIC)	
	n. 312, 13.06.1966			
	n. 317, 18.07.1966			
	n. 330, 17.10.1966			
1967	n. 362, 29.05.1967	Impres- sions sur Conacry (Guinee)		
	n. 363, 05.06.1967			
	n. 364, 12.06.1967			
	n. 365, 19.06.1967			
	n. 375, 28.08.1967			
	n. 389, 18.12.1967			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1968	n. 393, 15.01.1968 (monotemático)		Madina Boé (ICAIC/OS-PAAAL)	
	n. 409, 30.05.1968 (monotemático)			
	n. 429, 07.11.1968			
	n. 435, 28.12.1968 (monotemático)			
1969				
1970	n. 481, 16.01.1970			
	n. 514, 10.12.1970			
1971	n. 519, 26.02.1971		Guinea'71 (ICAIC)	
1972	n. 557, 18.05.1972	Comman- dant Fidel Castro en Répu- blique de Guinée (Sily-Film)		
	n. 558, 25.05.1972 (monotemático)			
	n. 568, 03.08.1972			
	n. 572, 31.08.1972			
	n. 573, 07.09.1972			
1973	n. 594, 09.02.1973	Confé- rence des Pays Non- -Alignés (ONCIC/ MIC)	Cuando los tugas regresaron a Ku- bukaré (ICAIC)	
	n. 601, 29.03.1973			
	n. 624, 13.09.1973	Conféren- ce des Pays Non-Alig- nés (OAA)	... Y el cielo fue tomado por asal- to... (ICAIC)	Miriam Makeba (ICAIC)
	n. 628, 03.10.1973			
	n. 636, 20.12.1973			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1974	n. 641, 24.01.1974		Cuatro continentes en el XV aniversario (ECIFAR)	
	n. 653, 18.04.1974 (monotemático)		Los cuatro puentes (ICAIC)	
	n. 657, 16.05.1974		República en armas (ECIFAR)	
	n. 663, 27.06.1974 (monotemático)		Unidos en la lucha y en la paz (ECIFAR)	
	n. 675, 19.09.1974		Sulkary (ICAIC)	
	n. 676, 26.09.1974 (monotemático)		Okantomi (ICAIC)	
	n. 685, 28.11.1974			
1975	n. 702, 29.03.1975 (monotemático)		Badenya (ECIFAR)	
	n. 707, 29.04.1975		Panorama (ICAIC)	
	n. 727, 18.09.1975		Una Guinea llamada española (ECIFAR)	
	n. 733, 30.10.1975			
	n. 736, 20.11.1975			
	n. 739, 11.12.1975			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1976	n. 744, 15.01.1976		Angola, una victoria cierta (ECIFAR)	
	n. 746, 29.01.1976		Angola, victoria de la esperanza (ICAIC, ECIFAR, LNC)	
	n. 748, 12.02.1976 (monotemático)		La guerra en Angola (ICAIC/ECIFAR)	
	n. 751, 04.03.1976			
	n. 753, 18.03.1978 (monotemático)		La respuesta del pueblo (ICAIC)	
	n. 754, 26.03.1976 (monotemático)			
	n. 758, 24.04.1976 (monotemático)		Luanda ya no es de San Pablo (ICAIC)	
	n. 760, 06.05.1976 (monotemático)			
	n. 762, 20.05.1976		El tiempo es viento (ICAIC)	
	n. 763, 28.05.1976			
	n. 764, 03.06.1976 (monotemático)		Maputo, meridiano novo (ICAIC)	
	n. 766, 17.06.1976			
	n. 767, 24.06.1976		Vanguardias 75 de las ECIFAR (ECIFAR)	
	n. 768, 01.07.1976			
	n. 772, 31.07.1976			
	n. 776, 26.08.1976			
	n. 779, 17.09.1976			
	n. 780, 23.09.1973			
	n. 781, 30.09.1976			
	n. 782, 07.10.1976 (monotemático)			
n. 784, 20.10.1976				
n. 785, 28.10.1976				
n. 792, 14.12.1976 (monotemático)				
n. 794, 28.12.1976				

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1977	n. 798, 25.01.1977	Fidel Castro em Kifangondo (Promocine)	Angola año I (ECIFAR)	
	n. 807, 30.03.1977	Fidel Castro em Luanda (Promocine)	Angola de puño erguido (ECIFAR)	
			Benin: una nación africana (ICAIC)	
	n. 816, 01.06.1977	O golpe (TPA)	Cabinda (ICAIC/ECIFAR)	
			El octubre de todos (ICAIC)	
			¡Bienvenidos! (ICAIC)	
	n. 828, 23.08.1977	Vermelho é o sangue que nos une (TPA, ICRT)	Grupo danzario Universidad Amahadou Bello, de Nigeria (ICAIC)	
	n. 835, 11.10.1977		La lanza de la nación (ICAIC)	
	n. 836, 20.10.1977	Visita a Angola de Fidel de Castro (Promocine)	La lucha continua (ECIFAR)	
	n. 841, 24.11.1977		Reportaje en Lagos (ICAIC)	
n. 842, 29.11.1977	Una victoria para toda la humanidad (ECIFAR)			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1978	n. 852, 07.02.1978 (monotemático)		Angola construye (ICAIC)	
	n. 857, 15.03.1978			
	n. 858, 22.03.1978 (monotemático)		Bienvenido Camarada Okongo (ECIFAR)	
	n. 863, 28.04.1978 (monotemático)		Crónicas MMCA (ECIFAR)	
	n. 866, 16.05.1978 (monotemático)		Sudáfrica por su independencia... (ECIFAR)	
	n. 867, 24.05.1978		Victoria en Ogaden (ECIFAR)	
	n. 872, 27.06.1978 (completo)			
	n. 874, 13.07.1978		Vuestras victorias serán las nuestras (ECIFAR)	
	n. 877, 02.08.1978 (monotemático)		Y la noche se hizo arco-íris (ICAIC)	
	n. 878, 08.08.1978			
	n. 885, 22.09.1978		Verdaderos amigos (ECIFAR)	
	n. 892, 23.11.1978			
	n. 898, 28.11.1978			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1979	n. 908, 07.03.1979	Jornal de Actualidades n. 18 - Chefe de Estado recebe estudantes em Cuba (LNC)	De Rhodesia a Zimbabwe (ICAIC/ECIFAR)	
	n. 934, 09.09.1979		Etiópia, diario de una victoria (ICAIC/ECIFAR)	
	n. 935, 14.09.1979		El desafío (ICAIC)	
			Hacia la sexta cumbre (ECIFAR)	
	n. 939, 11.10.1979		La cumbre que nos une (ICAIC)	
			On to Zimbabwe (ECIFAR)	
n. 944, 17.11.1979 (monotemático)	Y un nuevo camino se emprendió (ECIFAR)			
1980	n. 962, 22.03.1980		Cumpliremos (ECIFAR)	
			Homenaje a Amilcar Cabral (ICAIC)	
			Símbolo del deber (ECIFAR)	
1981	n. 1024, 06.06.1981		FAPLA-FAR. Maniobra (ECIFAR)	
	n. 1044, 21.10.1981		Volverán a reir (ICAIC)	
			Mamanee (ICAIC)	

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1982	n. 1064, 13.03.1982	Vento de esperança (ICAIC, LNC)	El corazón sobre la tierra (ICAIC)	La gran rebelión (ECITV-FAR/ ICRT, série)
	n. 1065, 20.03.1982		Lejos de la patria ou Destacamento pedagógico (ICAIC)	
	n. 1072, 07.05.1982		Nova sinfonia (ICAIC)	N'Vula (ICAIC, animação)
	n. 1075, 29.05.1982			
	n. 1077, 12.06.1982			
	n. 1082, 17.07.1982			
	n. 1090, 11.09.1982			
1983	n. 1116, 12.03.1983 (monotemático)		Aquí no se rinde nadie (ECITV-FAR)	
			La flor del desierto (ECITV-FAR)	
			Médico de campaña (ECITV-FAR)	
			Namibe (ECITV-FAR)	
			Responde tú que llamo yo (ECITV-FAR)	
			Un sábado y un domingo (ECITV-FAR)	
			Visitante del cosmos (ECITV-FAR)	

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1984	n. 1174, 28.04.1984		En tierras de Etiopía (ECITV-FAR)	
			Los pozos de Jiriga (ECITV-FAR)	
			Misión cumplida (ECITV-FAR)	
	n. 1197, 06.10.1984		Nace una industria (ECITV-FAR)	
	n. 1208, 22.12.1984		Tenasteli (ECITV-FAR)	
1985	n. 1229, 20.05.1985		Fidelito (ECITV-FAR)	El corazón sobre la tierra (ICAIC)
	n. 1232, 10.06.1985		Hacia la vida (ECITV-FAR)	
	n. 1249, 30.09.1985		Los recuerdos no se alejan de mí (ECITV-FAR)	
			Mayombe (ECITV-FAR)	
	n. 1250, 09.10.1985		Pablo canta a Etiopía (ECITV-FAR)	Algo más que soñar (ECITV-FAR, série)
	n. 1251, 14.10.1985		Recuento (ECITV-FAR)	
			Roja es la tierra (ECITV-FAR)	

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1986	n. 1275, 02.04.1986		Circulo del infierno (ICRT/ICAIC/ECITV-FAR)	
			Corresponsales de guerra (ICAIC/ECITV-FAR)	
	n. 1304, 22.10.1986		Días que no se olvidan (ECITV-FAR)	
	n. 1312, 18.12.1986		Huambo, crónica de un crimen (ECITV-FAR)	
Operación Carlota (ECITV-FAR)				
1987	n. 1333, 09.05.1987 (monotemático)	El último salario (Desagabato, ICAIC, B. Fasso)	Breve carta de Namibia (ICAIC)	Amigos (Taller de Cine de la Asociación Hermanos Saíz)
	n. 1339, 21.06.1987		Los hijos de Namibia (ICAIC)	
	n. 1346, 12.08.1987			
1988	n. 1370, 23.01.1988		Cuba y Angola: respuesta a la escadalada sudáfricana (ECITV-FAR)	Cabinda (ECITV-FAR, série)
	n. 1381, 08.04.1988			
	n. 1390, 10.06.1988 (monotemático)		Con luz propia (ICAIC)	
	n. 1404, 16.09.1988			
1989	n. 1422, 20.01.1989		Educação sem fronteiras (ICAIC, INC)	El encanto del regreso (ECITV-FAR)
	n. 1424, 03.02.1989			Cazador de imágenes
	n. 1427, 24.02.1989			
	n. 1468, 08.12.1989 (monotemático)			

Ano	<i>Noticiero ICAIC Latinoamericano</i>	Fontes africanas	Documentários cubanos	Ficções cubanas
1990			La última colonia (Bravo Films)	Caravana (ICAIC/ ECITVFAR/ LNC)
			Cuba-Sudáfrica, después de la batalla (ECIT- VFAR/Nexus/ Canal 4 Grã-Bre- tanha)	
1991		Quem faz correr Quim? (EICTV/ LNC)	Siempre la espe- ranza (ECITV- FAR)	
			Mandela visits Cuba (TVC, TV Lati- na, JBC)	

## **SOBRE O AUTOR**

Alexsandro de Sousa e Silva é Mestre (2015) e Doutor (2020) em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor de Educação Superior na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Passos. Pesquisador das relações entre cinema e história na América Latina e África.



Contato com o autor:

E-mail: [alexsandro.ds@gmail.com](mailto:alexsandro.ds@gmail.com).

0 LIVRO DISCUTE UMA SÉRIE DE ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE OS REGIMES POLÍTICOS DE CUBA E DO CONTINENTE AFRICAÑO, MEDIADOS PELA CÂMERA CINEMATOGRAFICA E AS GUERRAS-PRÉ E PÓS-INDEPENDÊNCIA EM ÁFRICA. O REPERTÓRIO DE IMAGENS, SONS E DEBATES FOI PESQUISADO, VIRTUAL E PRESENCIALMENTE, NOS DOIS LADOS DO OCEANO ATLÂNTICO, E CONSTITUI UMA SÉRIE DE FÖNTES DOCUMENTAIS INÉDITAS NA HISTORIOGRAFIA. TRATA-SE DE UMA OUTRA FORMA DE COMPREENDER O ATLÂNTICO NEGRO (PAUL GILROY), DESCORTINANDO UMA HISTÓRIA DE REVISÖES DOS PARADIGMAS ESTÉTICOS, POLÍTICOS E ÉTNICO-CULTURAIS.

ISBN 978-658600098-6



9 786586 000986